#1 *New York Times* Bestselling Author of *Dead in the Family*

CHARLAINE HARRIS

NEVER
BEFORE
PUBLISHED

DEAD RECKONING

Don't miss
the new season of
TRUE BLOOD®
the hit series based on the
Sookie Stackhouse novels.

Only on
HBO

A SOOKIE STACKHOUSE NOVEL

Dead Reckoning

Charlaine Harris

Série Sookie Stackhouse Livro 11

Copyright © 2011 by Charlaine Harris

*Dedico este livro à memória de minha mãe.
Ela não acharia estranho ter um romance
de fantasia urbana dedicado a ela.
Ela era minha maior fã e mais fiel leitora.
Havia muito o que admirar sobre minha mãe.
Sinto sua falta todo dia.*

Agradecimentos

Receio que eu vá esquecer de alguém dessa vez, porque tenho sorte suficiente por ter um bocado de grande ajuda enquanto trabalho nestes livros. Deixe-me agradecer minha assistente e melhor amiga, Paula Woldan, antes de mais nada, por me conceder a paz de espírito para trabalhar sem preocupação; minhas amigas e leitoras Toni L.P. Kelner e Dana Cameron, que ajudam a concentrar-me nos aspectos importantes do trabalho em mãos; Victoria Koski, que tenta manter o mundo enorme de Sookie em ordem; e meu agente, Joshua Bilmes, e minha editora, Ginjer Buchanan, que trabalham duro para manter meu trem profissional na linha. Para este livro, tive o excelente conselho de Ellen Dugan, escritora, mãe e bruxa.

Capítulo 1

O sótão foi mantido trancado até o dia seguinte em que minha avó morreu. Encontrei a chave dela e abri naquele dia terrível para procurar por seu vestido de casamento, com a ideia maluca de que ela devia ser enterrada com ele. Dei um passo adentro, então me virei e saí, deixando a porta destrancada para trás. Agora, dois anos depois, eu abri aquela porta novamente.

As dobradiças rangeram agourentas como se fosse a meia-noite do Dia das Bruxas, ao invés de uma manhã ensolarada de quarta-feira no fim de maio. As tábuas largas do assoalho protestaram sob meus pés quando pisei no batente. Havia formas escuras ao meu redor e um leve odor de mofo—o cheiro de coisas velhas há muito esquecidas.

Quando o segundo andar foi adicionado ao lar dos Stackhouse, décadas antes, o novo espaço foi dividido em quartos, mas talvez um terço dele tenha sido relegado para armazenamento depois que a enorme geração de Stackhouses diminuiu. Desde que Jason e eu viemos morar com meus avós, depois que nossos pais morreram, a porta do sótão foi mantida trancada. Vovó não queria limpar a confusão caso nós decidíssemos que o sótão era um lugar legal para brincar.

Agora eu era dona da casa, e a chave estava numa fita ao redor do meu pescoço. Havia apenas três descendentes dos Stackhouse—Jason, eu e o filho de minha falecida prima, um garotinho chamado Hunter.

Acenei minha mão na escuridão sombreada para procurar a corrente pendurada, agarrei e puxei. Uma lâmpada no teto iluminou décadas de entulho da família.

Primo Claude e tio-avô Dermot pararam atrás de mim. Dermot expirou tão alto que foi quase um bufar. Claude parecia infeliz. Eu tinha certeza que ele estava se arrependendo de sua oferta para me ajudar a limpar o sótão. Mas eu não ia deixar meu primo escapar, não quando havia outro homem capaz para ajudar. Por enquanto, Dermot ia aonde Claude ia, então eu tinha dois pelo preço de um. Eu não podia prever quanto tempo a situação ia durar. De repente percebi naquela manhã que logo ficaria quente demais para passar o tempo no andar de cima. O ar-condicionado de janela que minha amiga Amelia instalou num dos quartos mantinha os espaços

toleráveis, mas é claro que nós nunca desperdiçaríamos dinheiro botando um no sótão.

— Como devemos proceder com isso? — Dermot perguntou.

Ele era loiro e Claude moreno; pareciam lindos aparadores de livros. Certa vez eu perguntei a Claude quantos anos ele tinha, apenas para descobrir que ele tinha uma vaga ideia. Os fae não se dão conta do tempo do mesmo modo que nós, mas Claude era pelo menos um século mais velho do que eu. Ele era uma criança comparado a Dermot; meu tio-avô achava que era setecentos anos mais velho. Nem uma ruga, nem um fio de cabelo grisalho, nada caído em nenhum dos dois.

Já que eles eram muito mais fadas do que eu—eu era apenas um oitavo—todos nós parecíamos ter a mesma idade, vinte e poucos anos. Mas isso mudaria em alguns anos. Eu pareceria mais velha do que meus parentes anciãos. Embora Dermot se parecesse muito com meu irmão, Jason, percebi no dia anterior que Jason tinha pés-de-galinha nos cantos dos olhos. Dermot jamais mostraria esse sinal de envelhecimento.

Voltando para o aqui e agora, falei: — Sugiro que carreguemos as coisas até a sala de estar. Lá é muito mais claro; será mais fácil ver o que vale a pena guardar ou não. Depois que tirarmos tudo do sótão, eu posso limpar depois que vocês dois saírem para trabalhar.

Claude possuía um clube de strip em Monroe e viajava todos os dias, e Dermot ia para onde Claude ia. Como sempre...

— Temos três horas — disse Claude.

— Vamos começar — respondi, meus lábios se curvando num sorriso luminoso e alegre. É minha expressão de retirada.

Cerca de uma hora depois, eu estava me questionando, mas era tarde demais para me esquivar da tarefa (Observar Claude e Dermot sem as camisas tornava o trabalho muito mais interessante). Minha família viveu nesta casa desde que havia Stackhouses em Renard Parish. E nisso já se passaram mais de cento e cinquenta anos. Nós guardávamos coisas.

A sala de estar começou a ficar abarrotada rapidinho. Havia caixas de livros, malas cheias de roupas, mobília, vasos. A família Stackhouse nunca foi rica e, aparentemente, sempre achamos que poderíamos encontrar serventia em qualquer coisa, não importa o quanto esteja velha ou quebrada, se guardássemos por tempo suficiente. Até as duas fadas quiseram tirar uma folga depois de manobrar uma escrivaninha de madeira

incrivelmente pesada pela escada estreita abaixo. Nós todos nos sentamos na varanda da frente.

Os caras se sentaram no parapeito e eu desabei no balanço.

— Nós simplesmente podíamos empilhar tudo no quintal e botar fogo — Claude sugeriu. Ele não estava brincando. O senso de humor de Claude era no máximo peculiar, minúsculo no resto do tempo.

— Não! — Tentei não soar tão irritada quanto me sentia. — Sei que essas coisas não são valiosas, mas se outros Stackhouse acharam que deviam ficar guardadas lá, pelo menos eu lhes devo a cortesia de dar uma olhada em tudo.

— Querida sobrinha-neta — disse Dermot — Receio que Claude tenha razão. Dizer que esses entulhos “não são valiosos” é ser gentil. — Assim que você ouve Dermot falar, você sabe que a semelhança com Jason é estritamente superficial.

Lancei um olhar ameaçador para as fadas.

— É claro que para vocês dois a maioria disso seria lixo, mas para humanos pode ter algum valor — respondi. — Posso ligar para o grupo teatral em Shreveport para ver se eles querem algumas das roupas ou da mobília.

Claude deu de ombros.

— Isso dará cabo de alguma coisa — ele disse. — Mas a maioria dos tecidos não serviria nem para usar como trapo.

Tínhamos colocado algumas caixas na varanda quando a sala de estar começou a ficar intransitável, e ele cutucou uma com o pé. A etiqueta dizia que continha cortinas, mas eu só podia adivinhar o que tinha sido originalmente.

— Você está certo — admiti. Empurrei com o pé, bem fraco, e balancei por um minuto.

Dermot entrou na casa e voltou com um copo de chá de pêssego cheio de gelo. Ele entregou em silêncio. Agradei e olhei desalentada para todas aquelas coisas velhas que alguém valorizou um dia.

— Okay, vamos juntar uma pilha para queimar — falei, cedendo ao bom senso. — Lá atrás, onde eu costumo queimar as folhas?

Dermot e Claude me fuzilaram com o olhar.

— Okay, aqui no cascalho está bom — falei. Da última vez em que minha entrada foi cascalhada, a área do estacionamento diante da casa,

margeada pela floresta, recebeu uma camada nova também. — Não é como se eu recebesse muitas visitas.

Na hora em que Dermot e Claude foram tomar banho e se trocar para trabalhar, o estacionamento continha um monte substancial de itens inúteis esperando para ser queimado. Esposas Stackhouse tinham guardado lençóis e capas, e a maioria estava na mesma condição esfarrapada das cortinas.

Para meu profundo pesar, vários livros estavam embolorados e roídos. Suspirei e os acrescentei à pilha, embora a ideia de queimar livros me deixasse doente. Mas mobília quebrada, guarda-chuvas podres, capachos manchados, uma mala de couro antiga com buracos enormes... ninguém jamais precisaria desses itens novamente.

As fotografias que descobrimos—emolduradas, em álbuns, ou soltas—colocamos numa caixa na sala de estar. Documentos foram separados em outra caixa. Encontrei algumas bonecas velhas também. Eu sabia pela televisão que as pessoas colecionavam bonecas, e talvez estas valessem alguma coisa. Havia algumas pistolas antigas também, e uma espada. Onde estava o *Antiques Roadshow* quando você precisava?

Mais tarde naquela noite no Merlotte's, contei ao meu chefe Sam sobre meu dia. Sam, um homem compacto que na realidade era imensamente forte, tirava a poeira das garrafas atrás do balcão. Não estávamos muito ocupados naquela noite. De fato, os negócios não se mostravam bons nas últimas semanas. Eu não sabia se a baixa se devia ao fechamento da fábrica de processamento de frango ou algumas pessoas desaprovavam o fato de Sam ser um metamorfo (Os dupla-natureza tentaram imitar a transição bem-sucedida dos vampiros, mas não se saíram muito bem). E havia um novo bar, Vic's Redneck Roadhouse, a cerca de dez milhas à oeste na interestadual. Ouvi falar que a Redneck Roadhouse fazia todos os tipos de concursos de camiseta molhada, torneios de consumo de cerveja, e uma promoção chamada "Noite do Traga um Camarada" —porcarias assim.

Porcaria popular. Porcaria que varria a clientela.

Quaisquer que fossem as razões, Sam e eu tínhamos tempo para falar de sótãos e antiguidades.

— Há uma loja chama *Splendide* em Shreveport — disse Sam. — Ambos os proprietários são avaliadores. Você podia lhes dar um telefonema.

— Como você sabe disso? — Okay, talvez isso não tenha sido muito diplomático.

— Bom, eu sei algumas coisas além de cuidar de um bar — disse Sam, me dando um olhar de esguelha.

Eu tive que reabastecer uma jarra de cerveja numa de minhas mesas. Quando voltei, eu disse: — É claro que você sabe todo tipo de coisa. Eu só não sabia que você se interessava por antiguidades.

— Não me interessa. Mas Jannalynn sim. A *Splendide* é o lugar favorito dela para compras.

Eu pisquei, tentando não parecer tão desconcertada quanto me sentia. Jannalynn Hopper, que vinha saindo com Sam já há algumas semanas, era tão feroz que foi nomeada a batedora da alcateia Presas Longas—apesar de só ter vinte e um anos e não ser maior que uma estudante da sétima série. Era difícil imaginar Jannalynn restaurando uma moldura antiga ou planejando colocar um aparador de plantas em sua casa em Shreveport (Pensando nisso, eu não tinha ideia de onde ela morava. Jannalynn de fato tinha uma casa?).

— Com certeza eu não teria adivinhado — falei, me fazendo sorrir para ele. Era minha opinião pessoal que Jannalynn não era boa o bastante para Sam.

É claro, eu guardava isso para mim mesma. Teto de vidro, pedras, certo? Eu namorava um vampiro cuja lista de mortes ganharia de Jannalynn com certeza, já que Eric era uns mil anos mais velho. Percebi que todos com que saí—apesar de ser uma lista pequena, admito—eram matadores.

Assim como eu.

Livre-me do pensamento rapidinho, ou ficaria num humor melancólico a noite inteira.

— Você tem um nome e um número para essa loja? — Esperava que os negociantes de antiguidades concordassem em vir a Bon Temps. Eu teria que alugar um U-Haul para levar todo o conteúdo do sótão para Shreveport.

— Sim, tenho em meu escritório — disse Sam. — Eu estava conversando com Brenda, a metade feminina da parceria, sobre comprar algo especial para o aniversário de Jannalynn. Está chegando. Brenda—Brenda Hesterman—ligou esta manhã para dizer que tinha algumas coisas para eu dar uma olhada.

— Talvez possamos vê-la amanhã? — sugeri. — Tenho coisas empilhadas por toda a sala de estar e alguma coisa na varanda, e o tempo bom não vai durar para sempre.

— Jason vai querer alguma coisa? — Sam perguntou timidamente. — Só mencionando, coisa de família.

— Ele pegou uma mesa há um mês atrás — respondi. — Mas eu acho que devia perguntar. — Pensei a respeito. A casa e seu conteúdo eram meus, já que Vovó deixou para mim. Hmmmm. Bom, primeiro as prioridades. — Vamos perguntar à Sra. Hesterman se ela pode vir dar uma olhada. Se existem peças que valem alguma coisa, posso pensar a respeito.

— Okay — disse Sam. — Parece bom. Pego você amanhã às dez?

Aquilo era um pouco cedo para eu estar de pé e vestida, já que estava trabalhando no turno da noite, mas concordei.

Sam pareceu satisfeito.

— Você pode me dizer o que acha das coisas que Brenda me mostrar. Vai ser bom ter a opinião de uma mulher. — Ele passou a mão pelos cabelos, que (como sempre) estavam uma bagunça. Semanas atrás ele cortou bem curto, e agora estava no estágio incomodo de crescimento.

O cabelo de Sam tem uma cor bonita, meio que louro avermelhado; mas já que é naturalmente encaracolado, agora que estava crescendo parecia não estar escolhendo uma direção. Reprimi a ânsia de pegar uma escova e dar conta do negócio. Não é algo que um funcionário devia fazer na cabeça de seu chefe.

Kennedy Keyes e Danny Prideaux, que trabalhavam meio período para Sam como bartender substituta e segurança respectivamente, entraram e sentaram-se em dois bancos vazios. Kennedy é linda. Ela foi primeira colocada no Miss Louisiana alguns anos atrás, e ainda parece uma rainha de concurso de beleza. O cabelo castanho dela é todo lustroso e denso, e as pontas não ousam ficarem duplas. Sua maquiagem é meticulosa. Ela faz manicure e pedicure regularmente. Ela não compraria uma roupa no Wal-Mart mesmo que sua vida dependesse disso.

Alguns anos atrás o futuro dela, que devia ter contido um casamento de country club na paróquia local e uma grande herança do pai, saiu dos trilhos quando ela cumpriu sentença por homicídio culposo.

Assim como quase todo mundo que eu conhecia, imaginei que o namorado dela sabia o que estava por vir, depois que vi as fotografias do rosto dela inchado e roxo dos arquivos da polícia. Mas ela confessou ter atirado nele quando ligou para o 911, e a família dele tinha certa influência, então não houve como Kennedy escapar.

Ela pegou uma sentença leve e saiu por bom comportamento, já que ensinou boas maneiras e cuidado pessoal para as outras detentas. No fim, ela cumpriu sua pena. Quando saiu, alugou um pequeno apartamento em Bon Temps, onde tinha uma tia, Marcia Albanese. Sam lhe ofereceu um emprego pouco depois de conhecê-la, e ela aceitou no ato.

— Ei, cara — Danny disse para Sam. — Pode nos preparar dois mojitos?

Sam tirou a hortelã da geladeira e começou a trabalhar. Eu lhe passei as fatias de lima quando ele estava quase terminando os drinques.

— O que vocês vão fazer esta noite? — perguntei. — Você está lindíssima, Kennedy.

— Eu finalmente perdi quatro quilos! — ela disse e, quando Sam depositou seu copo diante dela, ergueu-o para brindar com Danny. — À minha antiga silhueta! Que eu esteja a caminho de tê-la de volta!

Danny sacudiu a cabeça. Disse: — Ei! Você não precisa fazer nada para parecer bonita.

Eu tive que me virar para não dizer, *Awww*. Danny era um sujeito durão que não podia ter crescido num ambiente mais diferente do de Kennedy— a única experiência que eles tinham em comum era a cadeia— mas cara, ele estava caidinho por ela. Eu podia sentir o calor de onde eu estava. Você não precisa ser telepata para ver a devoção de Danny.

Nós ainda não tínhamos baixado as cortinas da janela da frente e, quando percebi que estava escuro lá fora, me dirigi para lá. Embora estivesse olhando de dentro do bar iluminado para o estacionamento escuro, havia luzes lá fora, e algo estava se movendo... movendo rápido. Na direção do bar. Tive meio segundo para pensar *Estranho*, e então percebi o tremular de fogo.

— Se abaixem! — gritei, mas a palavra mal tinha saído de minha boca quando a janela se espatifou e uma garrafa com a boca flamejante aterrissou numa mesa vazia, quebrando o porta-guardanapos e derrubando o saleiro e pimenteira. Guardanapos em chamas voaram do ponto de impacto para pousarem no chão, nas cadeiras e nas pessoas. A mesa em si virou uma massa de fogo quase instantaneamente.

Danny se moveu mais rápido do que já vi um humano se mover. Ele arrancou Kennedy do banco, abriu a entrada do balcão e a empurrou para trás do bar. Houve um breve impasse enquanto Sam, se movendo ainda

mais rápido, agarrou o extintor de incêndio da parede e tentou pular a entrada para começar a borrifar.

Senti calor nas coxas e olhei para baixo para ver que meu avental tinha sido incendiado por um dos guardanapos. Tenho vergonha de dizer que gritei. Sam girou para me borrifar e então voltou para as labaredas. Os fregueses gritavam, esquivando-se das chamas, correndo para a passagem que conduzia aos banheiros e o escritório de Sam até o estacionamento dos fundos. Um de nossos fregueses habituais, Jane Bodehouse, sangrava profusamente, com a mão espalmada sobre o couro cabeludo lacerado. Ela esteve sentada perto da janela, que não era seu lugar habitual no bar, então imaginei que foi cortada pelos vidros que voaram.

Jane cambaleou e teria caído se eu não tivesse agarrado seu braço.

— Vá naquela direção — gritei em seu ouvido, e a empurrei na direção certa. Sam estava debelando o foco maior, mirando em sua base da maneira correta, mas os guardanapos que voaram estavam causando vários pequenos incêndios. Agarrei a jarra de água e de chá no bar e comecei a rastrear metodicamente as chamas no assoalho. As jarras estavam cheias, e as manejei para que fossem bem eficientes.

Uma das cortinas da janela estava pegando fogo e dei três passos, mirando cuidadosamente, jogando o resto do chá. A chama não se apagou totalmente. Peguei um copo de água de uma mesa e cheguei mais perto do que desejava do fogo. Encolhendo-me o tempo todo, joguei o líquido sobre a cortina esfumaçada. Senti uma estranha fagulha de calor atrás de mim e o cheiro de algo nauseante. Uma poderosa rajada química causou uma sensação estranha contra minhas costas. Girei para tentar entender o que havia acontecido e vi Sam se virando com o extintor.

Me descobri olhando através do balcão para a cozinha. Antoine, o cozinheiro, estava desligando todos os eletrodomésticos. Esperto. Pude ouvir o carro dos bombeiros à distância, mas estava ocupada demais procurando por fagulhas amarelas para sentir algum alívio. Meus olhos, cheios de lágrimas da fumaça e dos químicos, dardejavam ao redor como uma bolinha de fliperama enquanto eu tentava localizar chamas, e eu estava tossindo como louca. Sam correria para buscar o segundo extintor no escritório e retornara pronto para usá-lo. Pulávamos de um lado para o outro, prontos a entrar em ação para extinguir o próximo foco.

Nenhum de nós avistou mais nada.

Sam mirou mais uma rajada contra a garrafa que causou o incêndio e então largou o extintor. Inclinou-se para plantar as mãos sobre as coxas e inspirou irregularmente. Ele começou a tossir. Após um segundo, abaixou-se sobre a garrafa.

— Não toque — falei com urgência, e sua mão deteve-se.

— Claro que não — ele disse, repreendendo-se, e se endireitou. — Você viu quem jogou?

— Não — respondi. Éramos os únicos restantes no bar. Pude ouvir o carro de bombeiros se aproximando cada vez mais, então eu sabia que tínhamos apenas mais um minuto para conversarmos a sós. — Poderia ser o mesmo pessoal que vem protestando no estacionamento. Mas não sei se os membros da igreja são chegados em bombas incendiárias.

Nem todos na área estavam satisfeitos em saber que existiam criaturas como lobisomens e metamorfos após a Grande Revelação, e o Tabernáculo da Palavra Santa em Clarice vinha enviando seus membros para protestarem no Merlotte's de tempos em tempos.

— Sookie, — disse Sam — sinto muito por seu cabelo.

— O que tem ele? — falei, levando a mão à cabeça. O choque estava se instalando agora. Tive dificuldade em direcionar minha mão.

— A ponta do seu rabo-de-cavalo ficou chamuscada — disse Sam. E sentou-se repentinamente. Aquilo pareceu uma boa ideia.

— Então é isso que cheira tão mal — respondi, desabando no chão ao lado dele. Estávamos encostados contra a base do bar, já que os bancos ficaram espalhados na confusão da corrida para a porta dos fundos. Meu *cabelo* estava queimado. Senti lágrimas descendo pelas bochechas. Sabia que era estúpido, mas não conseguia evitar.

Sam pegou minha mão e a apertou, e ainda estávamos sentados daquele jeito quando os bombeiros entraram correndo. Apesar do Merlotte's ficar fora dos limites da cidade, nós conseguimos os bombeiros oficiais, não os voluntários.

— Não acho que vocês vão precisar da mangueira — Sam falou alto. — Acho que acabou. — Ele estava ansioso para evitar mais estragos ao bar.

Truman LaSalle, o chefe dos bombeiros, disse: — Vocês dois precisam de primeiros socorros? — Mas seus olhos estavam ocupados e as palavras eram quase distraídas.

— Estou bem — respondi, após dar uma olhada para Sam. — Mas Jane está lá nos fundos com um corte na cabeça, do vidro. Sam?

— Talvez minha mão direita tenha se queimado um pouco — ele disse e sua boca comprimiu-se como se só agora estivesse sentindo a dor. Ele soltou minha mão para esfregá-la contra a direita, e definitivamente encolheu-se dessa vez.

— Você precisa cuidar disso — aconselhei-o. — Queimaduras doem como o inferno.

— É, estou percebendo — ele disse, fechando os olhos.

Bud Dearborn entrou assim que Truman gritou, “Okay!” O xerife devia ter estado na cama, porque tinha uma aparência casual e estava sem o chapéu, uma parte fidedigna de sua vestimenta. O xerife Dearborn provavelmente estava no fim dos cinquenta anos e demonstrava cada minuto dela. Ele sempre pareceu um pequinês. Agora parecia um cinzento. Passou alguns minutos percorrendo o bar, tomando cuidado por onde pisava, quase fungando a desordem. Finalmente ficou satisfeito e veio parar na minha frente.

— O que você andou fazendo agora? — perguntou.

— Alguém jogou uma bomba incendiária na janela — respondi. — Não foi minha culpa. — Eu estava chocada demais para parecer zangada.

— Sam, eles estão visando você? — o xerife perguntou. Ele se afastou sem esperar resposta.

Sam levantou devagar e virou-se estendendo a mão esquerda para mim. Eu a agarrei e ele me puxou. Já que Sam é mais forte do que aparenta, fiquei de pé num instante.

O tempo parou por alguns minutos. Tive que achar que talvez estivesse um pouco em choque. Assim que o xerife Dearborn completou sua volta lenta e cuidadosa pelo bar, ele voltou até Sam e eu.

Até lá tínhamos outro xerife com quem lidar.

Eric Northman, meu namorado e o xerife vampiro da Área Cinco, que incluía Bon Temps, entrou pela porta tão rápido que, quando Bud e Truman perceberam que estava ali, eles pularam, e achei que Bud sacaria sua arma. Eric agarrou meu ombro e inclinou-se para perscrutar meu rosto.

— Você está ferida? — exigiu.

Foi como se sua preocupação me desse permissão para abandonar a coragem. Senti uma lágrima descer pelo rosto. Apenas uma.

— Meu avental pegou fogo, mas acho que minhas pernas estão bem — respondi, fazendo um grande esforço para soar calma. — Só perdi um

pouco de cabelo. Então não me saí tão mal. Bud, Truman, não lembro se vocês conhecem meu namorado, Eric Northman de Shreveport.

Havia vários fatos duvidosos naquela sentença.

— Como sabia que havia problemas por aqui, Sr. Northman? — Truman perguntou.

— Sookie me ligou no celular dela — disse Eric. Aquilo era mentira, mas eu não queria explicar exatamente nosso vínculo de sangue para o bombeiro-chefe e o xerife, e Eric nunca daria informações voluntárias para humanos.

Uma das coisas mais maravilhosas, e mais espantosas, sobre Eric me amar era que ele não dava a mínima para mais ninguém. Ele ignorou o bar destruído, as queimaduras de Sam, e a polícia e bombeiros (que observavam seus movimentos pelo canto dos olhos) ainda inspecionando o prédio.

Eric deu a volta para avaliar a situação do cabelo. Após um longo instante, disse: — Vou olhar suas pernas. Então vamos procurar um médico e um cabeleireiro.

Sua voz saiu absolutamente fria e firme, mas eu sabia que ele estava vulcanicamente furioso. Emanava através do vínculo entre nós, assim como meu medo e choque o alertaram do meu perigo.

— Querido, temos outras coisas no que pensar — falei, forçando um sorriso, me forçando a soar calma. Um pedaço de meu cérebro imaginou uma ambulância rosa estacionando lá fora e vomitando cabeleireiros de emergência com estojos de tesouras, escovas e spray de cabelo. — Lidar com um pouco de cabelo queimado pode esperar até amanhã. É muito mais importante descobrir quem fez isto e por quê.

Eric fuzilou Sam como se o ataque fosse responsabilidade dele.

— Sim, o bar dele é muito mais importante do que sua segurança e bem-estar — disse.

Sam pareceu espantado com a reprimenda e um início de raiva se acendeu em seu rosto.

— Se Sam não tivesse sido tão rápido com o extintor de incêndio, nós todos estaríamos numa situação ruim — respondi, mantendo a calma e sorrindo. — Na verdade, tanto o bar quanto as pessoas teriam tido muito mais problemas.

Minha falsa serenidade estava acabando e é claro que Eric percebeu.

— Vou levá-la para casa — disse.

— Não até eu conversar com ela. — Bud demonstrou coragem considerável ao se afirmar. Eric era assustador o suficiente quando estava de bom humor, quem diria quando suas presas apareciam como agora. Emoções fortes fazem isso num vampiro.

— Querido — falei, reprimindo meu próprio temperamento com esforço. Rodeei a cintura de Eric com o braço e tentei novamente. — Querido, Bud e Truman são os encarregados aqui e eles têm regras a seguir. Estou bem. — Apesar de estar tremendo, o que obviamente ele podia sentir.

— Você estava apavorada — disse Eric. Senti sua própria raiva por algo ter me acontecido e ele não ter sido capaz de evitar. Reprimi um suspiro por ter que cuidar das emoções de Eric quando eu queria ser livre para ter meu próprio colapso nervoso. Vampiros são simplesmente possessivos quando reivindicavam alguém como deles, mas também normalmente ficavam ansiosos para se misturar à população humana, não causarem quaisquer ondas desnecessárias. Isso era um exagero.

Eric estava zangado, claro, mas normalmente também era bem pragmático. Ele sabia que eu não estava seriamente ferida. Fitei-o, perplexa. Meu grande Viking não vinha sendo ele mesmo a uma ou duas semanas. Algo além da morte de seu criador o incomodava, mas eu não reuni coragem suficiente para lhe perguntar o que havia de errado. Me dei um tempo. Eu simplesmente queria aproveitar a paz que compartilhamos por algumas semanas.

Talvez aquilo tivesse sido um erro. Algo grande o pressionava, e toda essa raiva era uma consequência.

— Como chegou aqui tão rápido? — Bud perguntou a Eric.

— Eu voei — Eric respondeu casualmente, e Bud e Truman trocaram um olhar arregalado. Eric possuía a habilidade há (mais ou menos) mil anos, então não fez caso do espanto. Ele estava concentrado em mim, suas presas ainda expostas.

Eles não podiam saber que Eric sentiu minha onda de terror no minuto em que vi o que estava acontecendo. Não tive que telefonar quando o incidente terminou.

— Quanto antes terminarmos com isso — falei, mostrando os dentes para ele num sorriso terrível — mais cedo poderemos ir embora.

Eu estava tentando, não muito sutilmente, mandar uma mensagem a Eric. Ele finalmente se acalmou o bastante para entender as entrelinhas.

— Claro, minha querida — disse. — Você está absolutamente certa. — Mas ele pegou minha mão e apertou demais, e seus olhos estavam tão brilhantes que pareciam pequenas lanternas azuis.

Bud e Truman pareceram bem aliviados. A tensão diminuía um pouco. Vampiros = drama.

Enquanto Sam tratava da mão e Truman tirava fotos do que restara da garrafa, Bud me perguntou o que eu vi.

— Vi alguém de relance no estacionamento correndo na direção do prédio e então a garrafa veio pela janela — falei. — Não sei quem jogou. Depois que a janela quebrou e o fogo se espalhou com todos os guardanapos, não notei nada a não ser as pessoas tentando sair e Sam tentando apagar o incêndio.

Bud me perguntou a mesma coisa diversas vezes de vários modos diferentes, mas não pude ajudá-lo mais do que isso.

— Por que você acha que alguém faria isso ao Merlotte's, a Sam? — Bud perguntou.

— Não entendo — falei. — Sabe, tivemos aqueles manifestantes da igreja no estacionamento semanas atrás. Eles só voltaram uma vez desde então. Não consigo imaginar nenhum deles fazendo um—aquilo era um coquetel Molotov?

— Como sabe disso, Sookie?

— Bom, primeiro, eu leio livros. Segundo, Terry não fala muito sobre a guerra, mas de vez em quando fala sobre armas.

Terry Bellefleur, primo do detetive Andy Bellefleur, era um veterano do Vietnã condecorado e ferido. Ele limpava o bar quando todo mundo ia embora e vinha ocasionalmente para substituir Sam. Às vezes ele só perambulava pelo bar, observando as pessoas entrarem e saírem. Terry não tem muita vida social.

Assim que Bud se declarou satisfeito, Eric e eu fomos para meu carro. Ele tirou as chaves da minha mão trêmula. Sentei no banco do passageiro. Ele tinha razão. Eu não devia dirigir até que estivesse recuperada do choque.

Eric andou ocupado com seu celular enquanto eu conversava com Bud, e não fiquei totalmente surpresa ao ver um carro estacionado diante da minha casa. Era Pam, e ela tinha um passageiro.

Eric seguiu para os fundos onde eu sempre estaciono, e eu saí correndo do carro e através da casa para destrancar a porta da frente. Eric me seguiu

calmamente. Não tínhamos trocado uma palavra durante a curta viagem. Ele estava preocupado e ainda lidando com seu temperamento. Eu estava chocada com todo o incidente. Agora me sentia mais como eu mesma ao ir até a varanda para gritar, “Entrem!”

Pam e seu passageiro desceram. Ele era um humano jovem, talvez vinte e um, e magro a ponto de ser macilento. Os cabelos eram tingidos de azul e cortados de modo extremamente geométrico, como se tivesse colocado uma caixa na cabeça, enfiado bem fundo, então cortado as beiradas. O que não coube nas beiradas foi tosado.

Chamava a atenção, eu diria.

Pam sorriu ao ver a expressão em meu rosto, o que rapidamente transformei em algo mais acolhedor. Pam era vampira desde que Vitoria ocupou o trono inglês, e era braço direito de Eric desde que ele a chamou após suas perambulações pela América do Norte. Ele é seu criador.

— Olá — falei para o rapaz quando ele entrou pela porta. Ele estava extremamente nervoso. Seus olhos pousaram em mim, desviaram-se, perceberam Eric e meio que bombardearam a sala para absorvê-la. Uma ponta de desprezo cruzou o rosto sem barba ao perceber a sala atravancada, que não era mais do que acolhedora mesmo quando limpa.

Pam golpeou-o na nuca.

— Fale quando se dirigem a você, Immanuel! — rosnou. Ela estava parada atrás dele, então ele não pôde ver quando ela piscou para mim.

— Olá, madame — respondeu, dando um passo a frente. Seu nariz se contraiu.

— Você fede, Sookie — disse Pam.

— Foi o incêndio — expliquei.

— Você pode me contar daqui a pouco — ela disse, arqueando as sobrancelhas. — Sookie, este homem é Immanuel Earnest — continuou. — Ele corta cabelos no *Death by Fashion* em Shreveport. É irmão de minha amante, Miriam.

Aquilo era um bocado de informação em três frases. Lutei para absorvê-las. Eric olhava o penteado de Immanuel com desgosto fascinado.

— *Este* é o sujeito que você trouxe para corrigir o cabelo de Sookie? — ele disse a Pam. Seus lábios estavam fechados numa linha rígida. Eu podia sentir o ceticismo pulsando ao longo do elo que nos unia.

— Miriam diz que ele é o melhor — disse Pam, dando de ombros. — Eu não corto o cabelo há cento e cinquenta anos. Como poderia saber?

— Olhe para ele!

Comecei a ficar um pouco preocupada. Mesmo sob aquelas circunstâncias, Eric estava num humor terrível.

— Eu gosto das tatuagens — respondi. — As cores são realmente bonitas.

Além do corte de cabelo extremo, Immanuel era coberto de tatuagens bem sofisticadas. Nada de “MAMÃE”, ou “BETTY SUE” ou mulheres peladas; desenhos elaborados e coloridos estendiam-se dos pulsos aos ombros. Ele pareceria vestido mesmo se estivesse nu. O cabeleireiro tinha uma maleta fina de couro debaixo do braço magro.

— Então você vai cortar as partes ruins? — perguntei animada.

— De seu cabelo — ele respondeu cuidadosamente (Eu não tinha certeza se precisava daquela reafirmação em particular). Ele me fitou e então o chão. — Você tem uma banqueta alta?

— Sim, na cozinha — falei. Quando reconstruí minha cozinha incendiada, o costume me fez comprar uma banqueta alta como aquela em que minha avó se pendurava enquanto conversava no telefone velho. O telefone novo era sem fio, e eu não precisava ficar na cozinha quando o usava, mas o balcão simplesmente não parecia certo sem um banco ao lado.

Meus três convidados me seguiram e eu arrastei o banco até o meio do aposento. Havia espaço suficiente para todos quando Pam e Eric se sentaram do outro lado da mesa. Eric encarava Immanuel ameaçadoramente, e Pam simplesmente estava esperando para ser entretida por nossos transtornos emocionais.

Subi no banco e me sentei com as costas retas. Minhas pernas estavam se firmando, meus olhos ardiam e a garganta coçava. Mas me forcei a sorrir para o cabeleireiro. Immanuel estava realmente nervoso. Você não quer isso numa pessoa com tesouras afiadas.

Immanuel tirou o elástico de meu rabo-de-cavalo. Houve um longo silêncio enquanto ele avaliava o estrago. Ele não estava tendo bons pensamentos. Minha vaidade me dominou.

— Está muito ruim? — perguntei, tentando evitar que minha voz saísse trêmula. Reação definitivamente estava levando a melhor agora que eu estava segura em casa.

— Vou ter que cortar uns sete centímetros — ele disse em voz baixa, como se estivesse me contando que um parente tinha uma doença terminal.

Para minha vergonha, eu reagi da mesma forma que reagiria se fosse o caso. Pude sentir lágrimas inundando meus olhos, e meus lábios tremiam.

Ridículo! Disse a mim mesma. Meus olhos deslizaram para a esquerda quando Immanuel pousou sua maleta de couro na mesa da cozinha. Ele puxou o zíper e tirou uma escova. Havia também vários pares de tesouras em formatos especiais e um aparador elétrico com o fio dobrado. Tenha cuidado com o cabelo, irá longe.

Pam teclava com velocidade incrível. Ela estava sorrindo como se sua mensagem fosse muitíssimo engraçada. Eric me encarava, com vários pensamentos sombrios. Eu não podia lê-los, mas com certeza percebia que estava imensamente infeliz.

Suspirei e voltei a olhar para frente. Eu amava Eric, mas no momento queria que ele pegasse seu mau humor e enfiasse. Senti Immanuel tocar meu cabelo quando começou a escová-lo. Parecia estranho quando ele alcançava a ponta do comprimento, e um pequeno puxão e o som estranho me fizeram perceber que um pouco do cabelo queimado tinha caído no chão.

— O estrago é irreparável — Immanuel murmurou. — Vou cortar. Então você lava. Daí eu corto de novo.

— Você deve se demitir desse emprego — Eric disse abruptamente, e a escova de Immanuel parou de se mover até ele perceber que Eric estava falando comigo.

Eu queria jogar algo pesado em meu amor. E queria acertá-lo bem no meio de sua linda e teimosa cabeça. — Conversaremos depois — falei, não olhando para ele.

— O que acontecerá a seguir? Você é vulnerável demais!

— Conversaremos *depois*.

Pelo canto do olho, vi Pam desviar o rosto para que Eric não visse o sorriso afetado.

— Ela não precisa de algo ao redor? — Eric rosnou para Immanuel. — Para cobrir as roupas?

— Eric — falei. — já que estou toda fedida, defumada e coberta de produto de extintor, não acho que evitar que minhas roupas fiquem livres de cabelo queimado seja grande coisa.

Eric não bufou, mas chegou perto. Contudo, ele pareceu entender meus sentimentos de que estava sendo um total pé no saco, e calou a boca e se segurou. O alívio foi tremendo.

Immanuel, cujas mãos eram surpreendentemente firmes para alguém confinado numa cozinha com dois vampiros (um notavelmente irritado) e uma garçonete tostada, escovou até meu cabelo ficar tão liso quanto possível. Então ele pegou as tesouras. Pude sentir o cabeleireiro se concentrar completamente em sua tarefa. Immanuel era um campeão em concentração, descobri, já que sua mente permanecia aberta para mim.

Na verdade não demorou muito. As pontas queimadas amontoaram-se no chão como tristes flocos de neve.

— Você precisa lavar agora e voltar com o cabelo limpo e molhado — disse Immanuel. — Depois disso, eu acerto as pontas. Onde fica sua vassoura e a pá?

Informei-lhe onde os encontraria, e então segui para o quarto, indo para meu próprio banheiro. Imaginei se Eric se juntaria a mim, já que sabia de experiência passada que ele gostava de meu chuveiro. Do modo como me sentia, seria muito melhor se permanecesse na cozinha.

Tirei as roupas mal-cheirosas e deixei a água tão quente quanto podia suportar. Era um alívio entrar na banheira e deixar o calor e a umidade me inundarem. Quando a água quente atingiu minhas pernas, ardeu. Por alguns instantes não apreciei ou fiquei feliz a respeito de nada. Só lembrei do quanto fiquei assustada. Mas depois que lidei com isso, tive outra coisa em mente.

A figura que avistei correndo em direção ao bar, garrafa na mão—eu não tinha completamente certeza, mas suspeitei que não fosse humana.

Capítulo 2

Enfiei minhas roupas horríveis e mal-cheirosas no cesto do banheiro. Teria que deixá-las de molho em Clorox 2 antes mesmo de tentar lavá-las, mas obviamente não podia jogá-las fora antes de estarem limpas e eu ter avaliado os estragos. Não estava muito otimista sobre o futuro das calças pretas. Não tinha notado que estavam um pouco chamuscadas até que as puxei sobre as coxas doloridas e descobri minha pele rosada. Só então lembrei que olhei meu avental pegando fogo.

Enquanto examinava minhas pernas, percebi que podia ter sido muito pior. As centelhas atingiram meu avental, não as calças, e Sam foi bem rápido com o extintor. Agora agradei por ele checar os extintores todos os anos; agradei por ele ter ido até o corpo de bombeiros para reabastecê-los; agradei pelos alarmes contra incêndio. Tive um flash do que poderia ter acontecido.

Respire fundo, disse a mim mesma enquanto secava as pernas. *Respire fundo. Pense no quanto é bom estar limpa.* Foi maravilhoso lavar o cheiro, ensaboar o cabelo, enxaguar todo o cheiro com xampu.

Eu não conseguia parar de me preocupar com o que tinha visto quando olhei pela janela do Merlotte's: uma figura baixa correndo para o prédio, segurando algo na mão. Não fui capaz de distinguir se o corredor era homem ou mulher, mas tinha certeza de uma coisa: o corredor era um sobrenatural, e suspeitava que ele—ou ela—era de dupla natureza. Esta suspeita ganhou mais peso quando acrescentei a velocidade e agilidade do corredor, e a força e precisão do arremesso—a garrafa bateu na janela com mais força do que um humano poderia ter atirado, com velocidade suficiente para quebrar a janela.

Eu não tinha cem por cento de certeza. Mas vampiros não gostam de mexer com fogo. Algo sobre a condição vampira os torna extra inflamáveis.

Era necessário um dentuço muito confiante, ou muito imprudente, para usar um coquetel Molotov como arma.

Por aquela única razão, eu estava inclinada a apostar minha grana num suspeito de duas naturezas—um metamorfo ou lobisomem de alguma espécie. É claro, havia outros tipos de criaturas sobrenaturais como elfos, fadas e duendes, e todos eles eram mais rápidos do que humanos. Para meu pesar, todo o incidente aconteceu rápido demais para que eu verificasse a

mente do criminoso. Aquilo teria sido decisivo, porque vampiros são um grande vazio para mim, um buraco no espaço, e também não consigo ler fadas, apesar de eles registrarem de modo diferente. Alguns de dupla-natureza eu posso ler com certa eficácia, outros não, mas vejo suas mentes como quentes e ocupadas.

Geralmente, não sou uma pessoa indecisa. Mas enquanto me secava e escovava os cabelos úmidos (sentindo o quanto era estranho que a escova completasse sua passagem muito mais rápido), fiquei preocupada sobre compartilhar minhas suspeitas com Eric. Quando um vampiro te ama—mesmo quando se sente apenas seu dono—sua ideia de proteção pode ser bem drástica. Eric amava participar da batalha; frequentemente tinha que lutar para equilibrar a decisão política de uma ação com seu instinto de saltar com uma espada em punho. Apesar de eu não achar que ele atacaria a comunidade de dupla natureza, seria mais sábio com o seu humor atual manter minhas ideias para mim mesma até que tivesse alguma prova de um jeito ou de outro.

Vesti calças de pijama e uma camiseta das Lady Falcon de Bon Temps. Olhei para a cama com anseio antes de deixar o quarto para me reunir ao estranho grupo na cozinha. Eric e Pam bebiam algum sangue sintético engarrafado que eu tinha na geladeira, e Immanuel tomava uma Coca. Me senti mal porque não pensei em lhes oferecer refresco, mas Pam chamou minha atenção e lançou-me um olhar neutro. Ela cuidara daquilo. Assenti com gratidão e disse a Immanuel: — Estou pronta agora.

Ele desceu sua figura magra da cadeira e gesticulou para o banco.

Dessa vez, meu novo cabeleireiro desdobrou uma capa plástica fina de ombro e a amarrou ao redor de meu pescoço. Ele mesmo escovou meu cabelo, observando-o atentamente. Tentei sorrir para Eric para mostrar que aquilo não era tão ruim, mas meu coração não foi sincero. Pam olhou carrancuda para seu celular. Uma mensagem a aborrecera.

Aparentemente, Immanuel passou o tempo escovando o cabelo de Pam. A juba dourada pálida, lisa e fina, foi puxada para longe do rosto com uma faixa azul. Não podia parecer mais Alice. Ela não estava usando um vestido azul e avental branco, mas *estava* vestindo azul claro: vestido longo, talvez dos anos sessenta, e sapatos de salto alto. E pérolas.

— O que foi, Pam? — perguntei, apenas porque o silêncio em minha cozinha estava ficando opressivo. — Alguém está mandando uma mensagem ruim?

— Não é nada — ela rosnou, e eu tentei não me encolher. — Absolutamente nada está acontecendo. Victor ainda é nosso líder. Nossa posição não progrediu. Nossos pedidos continuam não atendidos. Onde está Felipe? Precisamos dele.

Eric a fuzilou com o olhar. Uau, problemas no paraíso. Eu nunca os vi seriamente brigados.

Pam era a única “criança” de Eric que já conheci. Ela partiu sozinha após passar seus primeiros anos como vampira com ele. Ela se saiu bem, mas me contou que ficou feliz o suficiente para voltar para Eric depois que ele a chamou para ajudá-lo na Área Cinco, quando a rainha anterior o nomeou à posição de xerife.

A atmosfera tensa estava afetando Immanuel, que perdia a concentração em seu trabalho... que era cortar *meu cabelo*.

— Acalmem-se, pessoal — falei bruscamente.

— E o que é toda aquela porcaria largada em seu estacionamento? — Pam perguntou, seu sotaque britânico original se acentuando. — Para não dizer nada de sua sala de estar e da varanda. Você está fazendo uma liquidação de garagem? — Pode-se dizer que ela estava orgulhosa de empregar a terminologia correta.

— Quase terminado — Immanuel murmurou, suas tesouras cortando freneticamente em resposta à tensão crescente.

— Pam, tudo aquilo veio do meu sótão — respondi, contente por falar sobre algo tão mundano e (eu esperava) calmante. — Claude e Dermot estão me ajudando a limpar. Vou ver um negociante de antiguidades com Sam pela manhã—bom, nós íamos. Não sei se Sam estará disponível agora.

— Aí está, veja! — Pam disse a Eric. — Ela vive com outros homens. Vai fazer compras com outros homens. Que tipo de marido você é?

E Eric lançou-se sobre a mesa, as mãos estendidas em direção à garganta de Pam.

No segundo seguinte, os dois estavam rolando pelo chão numa séria tentativa de machucar o outro. Eu não sabia se Pam podia de fato começar a ferir Eric, já que ela era sua filha, mas estava se defendendo vigorosamente; era um limite tênue.

Não consegui descer do banco rápido o bastante para escapar de algum dano colateral. Parecia inevitável que eles colidissem contra a banquetta, e é claro que o fizeram num segundo. Caí com eles no chão, batendo o ombro contra o balcão no processo. Immanuel inteligentemente pulou para trás, e

não largou a tesoura, uma benção para todos nós. Um dos vampiros poderia tê-la agarrado como arma, ou as lâminas brilhantes podiam ter se encravado em alguma parte minha.

A mão de Immanuel agarrou meu braço com força surpreendente, me puxou e afastou. Disparamos para fora da cozinha até a sala de estar.

Paramos, ofegantes, no meio da sala entulhada, olhando pelo corredor no caso da briga nos seguir. Pude ouvir coisas quebrando e batendo, e um ruído persistente que finalmente identifiquei como rosnados.

— Parecem dois pit bulls se atacando — disse Immanuel. Ele estava manejando aquilo com espantosa calma. Fiquei feliz por ter alguma companhia humana.

— Eu não sei qual é o problema deles — falei. — Nunca os vi agindo desse jeito.

— Pam está frustrada — ele respondeu com uma familiaridade que me surpreendeu. — Ela quer criar sua própria filha, mas existe alguma razão vampira que a impede.

Não consegui reprimir a surpresa.

— E você sabe disso tudo—como? Desculpe, parece grosseiro, mas conheço Pam e Eric há mais tempo, e nunca vi você antes.

— Pam está saindo com minha irmã — Immanuel não pareceu ofendido com minha franqueza, graças a Deus. — Minha irmã Miriam. Minha mãe é religiosa — explicou. — E meio maluca. O fato é que minha irmã está cada vez mais doente, e Pam realmente quer transformá-la antes que Mir piore. Ela será pele e ossos para sempre se Pam não se apressar.

Eu mal sabia o que dizer.

— Que doença sua irmã tem? — perguntei.

— Ela tem leucemia — disse Immanuel. Embora mantivesse sua fachada casual, eu pude notar a dor por baixo, e o medo e preocupação.

— Então é por isso que Pam o conhece.

— É. Mas ela estava certa. Sou o melhor cabeleireiro de Shreveport.

— Acredito em você — falei. — E sinto muito por sua irmã. Imagino que eles tenham dito o porquê Pam não foi capaz de transformar Miriam?

— Não, mas não acho que o impedimento seja Eric.

— Provavelmente não — Houve um guincho e batida na cozinha. — Me pergunto se devo intervir.

— Se eu fosse você, os deixaria em paz.

— Espero que eles planejem pagar pela bagunça na cozinha — eu disse, me esforçando para soar zangada ao invés de assustada.

— Sabe, ele podia mandá-la ficar parada e ela teria que obedecer — Immanuel soou quase casual.

Ele estava absolutamente certo. Sendo filha de Eric, Pam tinha que obedecer uma ordem direta. Mas por alguma razão, Eric não estava dizendo a palavra mágica. Nesse meio tempo, minha cozinha estava sendo varrida. Quando me dei conta de que ele podia parar a coisa toda a qualquer hora que escolhesse, eu perdi minha própria calma.

Embora Immanuel tenha agarrado meu braço inutilmente, marchei com os pés descalços até o banheiro do corredor, peguei o balde que Claude usava quando lavava o banheiro, enchi de água fria e fui para a cozinha (eu estava meio que mancando depois da queda do banco, mas dei um jeito). Eric encontrava-se em cima de Pam, socando-a. O próprio rosto estava sangrento. As mãos de Pam estavam nos ombros dele, impedindo-o de se aproximar. Talvez ela temesse que ele o mordesse.

Me posicionei, calculando a trajetória. Quando tive certeza da posição, joguei a água fria nos vampiros brigões. Estava apagando uma espécie diferente de fogo dessa vez.

Pam gritou como uma chaleira enquanto a água fria encharcava seu rosto, e Eric disse algo que soou malcriado numa língua que eu não conhecia. Por um segundo, achei que ambos pulariam em mim. Parada com os pés firmes, balde vazio na mão, lancei-lhes um olhar fuzilante em retribuição.

Então virei nos calcanhares e me afastei.

Immanuel ficou surpreso ao me ver voltar inteira. Balançou a cabeça. Obviamente, ele não sabia se devia me admirar ou achar que eu era idiota.

— Você é doida, mulher, — disse — mas pelo menos deixei seu cabelo bom. Você devia aparecer para fazer umas mechas. Vou te dar um desconto no preço. Cobro mais caro do que todo mundo em Shreveport. — Ele acrescentou aquilo de modo prático.

— Oh. Obrigada. Vou pensar nisso. — Exausta pelo longo dia e por minha explosão de raiva—raiva e medo, eles te esgotam—pousei num canto vazio do sofá e convidei Immanuel a sentar-se na poltrona, o único outro assento na sala que não estava coberto com tralhas do sótão.

Ficamos em silêncio, ouvindo a briga recomeçar na cozinha. Para meu alívio, a quebradeira não voltou. Após alguns segundos, Immanuel disse:

— Eu iria embora se Pam não fosse minha carona. — Ele pareceu apologeticamente.

— Sem problema — respondi, sufocando um bocejo. — Apenas sinto muito por não poder entrar na cozinha. Poderia lhe oferecer mais uma bebida ou algo para comer se eles saíssem de lá.

Ele sacudiu a cabeça.

— A Coca foi suficiente, obrigado. Não como muito. O que acha que eles estão fazendo? Transando?

Eu esperava que não estivesse tão chocada quanto me sentia. Era verdade que Pam e Eric foram amantes logo depois que ele a transformou. Na verdade, ela me contou o quanto gostou daquela fase do relacionamento, apesar de ao longo das décadas descobrir que preferia mulheres. Era isso; além do mais, Eric estava casado comigo agora, de um modo vampiro indireto, e eu tinha certeza que mesmo um casamento vampiro-humano excluía ter sexo com outro parceiro na cozinha da esposa?

Por outro lado...

— Pam geralmente prefere mulheres — falei, tentando parecer mais segura do que de fato estava. Quando pensei em Eric com outra pessoa, quis arrancar seus lindos cabelos louros. Pelas raízes. Aos chumços.

— Ela é meio que omnissexual — Immanuel sugeriu. — Minha irmã e Pam tiveram outro homem na cama com elas.

— Ah, okay. — Levantei a mão num gesto de “pare”. Algumas coisas eu não queria imaginar.

— Você é um pouco puritana para alguém que sai com um vampiro — Immanuel observou.

— Sim. Sim, eu sou. — Eu nunca aplicaria esse adjetivo a mim, mas comparada a Immanuel—e Pam—eu era definitivamente certinha.

Eu preferia pensar nisso como ter um sentido de privacidade mais desenvolvido.

Finalmente, Pam e Eric vieram à sala, e Immanuel e eu nos inclinamos sobre os assentos, não sabendo o que esperar. Apesar dos dois vampiros estarem inexpressivos, sua linguagem corporal defensiva me fez perceber que estavam envergonhados pela falta de controle.

Eles já tinham começado a sarar, notei com certa inveja. O cabelo de Eric estava desgrenhado e uma manga da camisa rasgada. O vestido de Pam estava despedaçado, e ela carregava um dos sapatos porque o salto se quebrara. Eric abriu a boca para falar, mas eu comecei primeiro.

— Eu não sei o que significou aquilo, — falei — mas estou cansada demais para me importar. Vocês dois são responsáveis por qualquer coisa que tenham quebrado, e eu quero que saiam dessa casa agora. Vou retirar o convite, se tiver que fazê-lo.

Eric pareceu se rebelar. Eu tinha certeza que ele planejara passar a noite em minha casa. Esta noite, porém, isso não aconteceria.

Vi luzes se aproximando da entrada e tinha certeza que Claude e Dermot estavam ali. Eu não podia ter fadas e vampiros na mesma casa ao mesmo tempo. Ambos eram fortes e ferozes, mas vampiros literalmente achavam fadas irresistíveis, como gatos e erva-de-gato. Eu não estava a fim de outra briga.

— Saíam pela porta da frente — eu disse, quando não se mexeram de imediato. — Xô! Obrigada pelo corte, Immanuel. Eric, agradeço por pensar em minhas *necessidades capilares* (Posso ter dito isso com mais do que um toque de sarcasmo). Teria sido ótimo se você tivesse pensado um pouco mais antes de destruir minha cozinha.

Sem mais cerimônias, Pam acenou para Immanuel e eles saíram pela porta juntos, Immanuel parecendo levemente divertido. Pam me lançou um longo olhar ao passar. Sabia que devia ser significativo, mas por minha vida eu não conseguia imaginar o que ela estava tentando dizer.

Eric disse: — Eu a abraçaria enquanto dorme. Você se machucou? Sinto muito. — Ele pareceu estranhamente perplexo.

Em outra circunstância, eu teria aceito essa rara desculpa, mas não esta noite. — Você precisa ir para casa agora, Eric. Conversaremos quando você conseguir se controlar.

Era uma enorme reprimenda para um vampiro, e suas costas se enrijeceram. Por um instante, achei que teria outra briga nas mãos. Mas Eric saiu pela porta, finalmente. Quando se viu na varanda, ele disse: — Conversarei com você em breve, minha esposa.

Dei de ombros. Tanto faz. Estava cansada e irritada demais para reunir qualquer tipo de expressão amorosa.

Acho que Eric entrou no carro com Pam e o cabeleireiro para viajar de volta a Shreveport. Provavelmente estava cansado demais para voar. Que diabos houve com Pam e Eric? Tentei me convencer de que não era problema meu, mas tinha a vazia sensação de que era, realmente.

Claude e Dermot entraram pelos fundos momentos depois, farejando o ar pomposamente.

— O cheiro de fumaça e vampiros — disse Claude, com um pronunciado revirar de olhos. — E parece que um urso veio procurar mel em sua cozinha.

— Eu não sei como você aguenta — disse Dermot. — Eles cheiram amargo e doce ao mesmo tempo. Não sei se gosto ou odeio. — Levou a mão ao nariz dramaticamente. — E estou detectando um traço de cabelo queimado?

— Caras, acalmem-se — falei aborrecida. Dei-lhes a versão resumida do incêndio no Merlotte's e da briga em minha cozinha. — Então só me dêem um abraço e deixem-me ir para a cama sem mais comentários sobre vampiros — respondi.

— Quer que nos deitemos com você, sobrinha? — Dermot perguntou, do jeito floreado de um *fae* velho, aqueles que não passavam muito tempo com humanos.

A proximidade de uma fada para outra é tanto curativa quanto calmante. Mesmo com tão pouco sangue como eu, achei a proximidade de Claude e Dermot reconfortante. Eu não tinha percebido isso quando conheci Claude e sua irmã Claudine, mas quanto mais tempo os conhecia e mais eles me tocavam, me sentia ainda melhor quando estavam por perto. Quando meu bisavô Niall me abraçava, eu sentia puro amor. E não importa o que Niall tenha feito, ou o quanto suas decisões tenham sido duvidosas, eu sentia todo aquele amor novamente quando estava perto dele. Tive um momento de pesar por talvez nunca mais ver Niall novamente, mas simplesmente não possuía qualquer energia emocional restante.

— Obrigada, Dermot. Mas acho melhor cair na cama sozinha esta noite. Vocês, durmam bem.

— Você também, Sookie — disse Claude. A cortesia de Dermot era um tapa na cara de meu primo rabugento.

Acordei pela manhã ao som de batidas na porta. Amarrotada e remelenta, me arrastei até a sala e olhei pelo olho mágico. Sam. Abri a porta e bocejei em seu rosto.

— Sam, o que posso fazer por você? Entre.

Seu olhar pousou sobre a sala de estar abarrotada, e pude vê-lo lutar com um sorriso.

— Nós ainda vamos para Shreveport? — ele perguntou.

— Oh, meu Deus! — De repente, me senti mais acordada. — Meu último pensamento quando fui dormir ontem à noite foi que você não poderia ir por causa do incêndio no bar. Você pode? Quer ir?

— Sim. O oficial dos bombeiros falou com minha companhia de seguros, e eles começaram a papelada. Nesse meio tempo, Danny e eu tiramos as mesas e cadeiras queimadas, Terry está trabalhando no assoalho e Antoine está verificando se a cozinha está em bom estado. Já me certifiquei para que tenhamos mais extintores de incêndio prontos para usar. — Por um longo instante, seu sorriso vacilou. — Se eu tiver algum freguês para atender. Não é provável que as pessoas queiram voltar ao Merlotte's se acham que podem ser incineradas.

Eu não podia exatamente culpar as pessoas por se preocuparem com isso. Não necessitávamos do incidente da noite anterior, nem um pouco. Pode ter apressado o declínio dos negócios de Sam.

— Então eles precisam pegar quem fez isso — respondi, tentando soar positiva. — Então as pessoas saberão que é seguro voltar, e estaremos ocupados novamente.

Claude desceu as escadas então, carrancudo.

— Barulhento aqui embaixo — murmurou ao seguir na direção do banheiro. Mesmo rastejando por aí em jeans velhos, Claude caminhava com uma graciosidade que chamava atenção para sua beleza. Sam deu um suspiro inconsciente e sacudiu a cabeça de leve enquanto seus olhos seguiam Claude, deslizando pelo corredor como se tivesse rolimãs nas juntas dos quadris.

— Ei — eu disse, depois de ouvir a porta do banheiro se fechar. — Sam! Ele não tem nada contra você.

— Sujeitos e tanto — Sam começou, parecendo envergonhado, e então parou. — Ah, esqueça.

Eu não podia, é claro, não quando captava diretamente do cérebro de Sam que ele estava — não exatamente invejoso, mas pesaroso, a respeito da atração física de Claude, embora Sam soubesse tão bem quanto qualquer um que Claude era um pé no saco.

Tenho lido a mente dos homens há anos, e eles são mais parecidos com as mulheres do que pensam, de verdade, a não ser que fale de caminhões. Comecei a dizer a Sam que ele era um bocado atraente, que as mulheres no bar o secavam mais do que ele pensava; mas no fim, mantive a boca fechada. Eu tinha que deixar Sam ter a privacidade de seus próprios

pensamentos. Por causa de sua natureza de metamorfo, a maioria do que havia na cabeça de Sam permanecia na cabeça de Sam... mais ou menos. Eu conseguia captar a ideia, o humor geral, mas raramente algo mais específico.

— Vamos, vou fazer um pouco de café — falei e, quando entrei na cozinha, Sam nos meus calcanhares, parei no ato. Eu tinha esquecido completamente da briga na noite anterior.

— O que aconteceu? — perguntou Sam. — Claude fez isso?

Ele olhou ao redor consternado.

— Não, Eric e Pam — respondi. — Oh, *zumbis*.

Sam me olhou de modo estranho, e eu ri e comecei a juntar as coisas. Eu estava abreviando um dos palavrões de Pam, porque não estava assim *tão* horrorizada.

Não conseguia evitar refletir que teria sido realmente ótimo se Claude e Dermot tivessem arrumado o lugar antes de encerrarem a noite. Só um brinde. No entanto, não era a cozinha deles.

Coloquei uma cadeira em pé e Sam arrastou a mesa na posição correta. Peguei a vassoura e a pá, e varri todo o sal, pimenta e açúcar que se esmigalhavam sob meus pés, e fiz uma anotação mental para ir ao Wal-Mart e substituir minha torradeira se Eric não me mandasse uma hoje. Meu porta-guardanapos estava quebrado também, e tinha sobrevivido ao incêndio de um ano e meio atrás. Suspirei em dose dupla.

— Pelo menos a mesa está boa — falei.

— E só uma perna quebrada numa das cadeiras — disse Sam. — Eric vai consertar ou substituir essas coisas?

— Espero que sim — respondi, e descobri que a cafeteira estava intacta, assim como as canecas penduradas no suporte; não, espere, uma delas estava quebrada. Bom, sobraram cinco. Aquilo era o bastante.

Fiz um pouco de café. Enquanto Sam carregava o saco de lixo para fora, me esgueirei até o quarto para me trocar. Tomei banho na noite anterior, então só precisava escovar o cabelo e os dentes, e vestir um jeans e camiseta “Lute Como uma Garota”. Não perdi tempo com maquiagem. Sam me viu sob todo tipo de condições.

— Como está o cabelo? — ele perguntou, quando voltei. Dermot estava na cozinha também. Aparentemente, ele fez uma rápida viagem até a cidade, já que ele e Sam compartilhavam algumas rosquinhas frescas. Julgando pelo som de água correndo, Claude estava no chuveiro.

Olhei a caixa da padaria desejava, mas estava consciente demais de que sentia o jeans apertado. Me senti uma mártir enquanto me servia de uma tigela de cereais e acrescentava um pouco de leite desnatado. Quando Sam pareceu querer fazer um comentário, estreitei os olhos. Ele sorriu para mim, mastigando um bocado cheio de geléia.

— Dermot, nós vamos para Shreveport daqui a alguns minutos. Se precisar do meu banheiro... — ofereci, já que Claude era terrível sobre monopolizar o do corredor. Enxaguei minha tigela na pia.

— Obrigado, sobrinha — disse Dermot, beijando minha mão. — E seu cabelo ainda parece glorioso, apesar de mais curto. Acho que Eric tinha razão ao trazer alguém para cortá-lo ontem à noite.

Sam sacudiu a cabeça enquanto entrávamos em sua caminhonete.

— Sook, aquele sujeito a trata como uma rainha.

— Qual sujeito você quer dizer? Eric ou Dermot?

— Eric não — disse Sam, tentando ao máximo parecer neutro. — Dermot.

— É, uma pena ser um parente! Além disso, ele se parece demais com Jason.

— Isso não é um obstáculo para uma fada — Sam disse seriamente.

— Você deve estar brincando. — Me senti séria rapidinho. Pela expressão de Sam, ele não estava brincando nem um pouco. — Ouça, Sam, Dermot nunca nem mesmo olhou para mim como mulher, e Claude é gay. Somos estritamente família.

Nós todos dormimos na mesma cama, e nunca houve nada exceto o conforto da presença deles embora, é claro, tenha me sentido um pouco estranha a respeito na primeira vez. Achei que fosse só minha cabeça humana. Por causa das palavras de Sam, agora eu estava me questionando como louca, me indagando se captaria uma vibração. Afinal, Claude gostava de andar por aí pelado, e me contou que de fato fez sexo com uma mulher antes (imaginei que houve outro homem envolvido, francamente).

— E estou dizendo de novo, coisas estranhas acontecem em famílias fae — Sam me fitou.

— Não quero parecer grosseira, mas como você sabe?

Se Sam passou um bocado de tempo com fadas, ele manteve isso em segredo.

— Eu li a respeito depois que conheci seu bisavô.

— Leu a respeito? Onde? — Seria ótimo aprender mais sobre minha gota de herança fada. Dermot e Claude, tendo decidido viver separados de seus ancestrais fada (apesar de eu não ter certeza do quanto essas decisões foram voluntárias), permaneceram calados a respeito de crenças e costumes. Exceto os comentários pejorativos sobre trolls e duendes, de vez em quando, eles não falavam a respeito da raça de jeito nenhum... pelo menos, perto de mim.

— Ah... os metamorfos possuem uma biblioteca. Temos registros de nossa história e do que observamos a respeito de outros sobrenaturais. Manter registros nos ajudou a sobreviver. Sempre houve um lugar onde podíamos ir em cada continente para ler e estudar a respeito de outras raças. Agora é tudo eletrônico. Eu jurei não mostrar a ninguém. Se pudesse, eu a deixaria ler tudo.

— Então não é legal eu ler, mas tudo bem você me contar a respeito? — Eu não estava tentando ser sarcástica; estava genuinamente curiosa.

— Dentro dos limites.

Sam corou. Eu não queria pressioná-lo. Podia notar que Sam já tinha ultrapassado aqueles limites comigo.

Cada um preocupou-se com os próprios pensamentos pelo resto da viagem. Enquanto Eric estava morto para o dia, eu me sentia sozinha na própria pele, e geralmente apreciava a sensação. Não que estar atada a Eric me fizesse sentir que era possuída ou algo assim. Era mais como se, durante as horas noturnas, pudesse sentir sua vida continuando paralela à minha — sabia que ele estava trabalhando, discutindo, estava contente ou absorvido no que estivesse fazendo. Uma pequena gota de consciência, ao invés de um livro de conhecimento.

— Então, o bandido de ontem — disse Sam abruptamente.

— É — respondi. — Acho que talvez seja um dupla-natureza de algum tipo, certo?

Ele assentiu sem olhar para mim.

— Não é um crime de ódio — falei, tentando soar resoluta.

— Não é um crime de ódio humano — disse Sam. — Mas tenho certeza que é algum tipo de ódio.

— Econômico?

— Não consigo pensar em qualquer razão econômica — ele disse. — Tenho seguro, mas sou o único beneficiário se o bar pegar fogo. Claro, eu estaria fora dos negócios por um tempo, e tenho certeza que outros bares na

área saíam ganhando, mas não consigo ver isso como incentivo. Incentivo suficiente — ele se corrigiu. — O Merlotte's sempre foi uma espécie de bar familiar, não um local da pesada. Não como o Vic's Redneck Roadhouse — acrescentou, meio amargo.

Aquilo era verdade.

— Talvez alguém não goste de você pessoalmente, Sam — falei, embora tenha soado mais severa do que pretendia. — Quero dizer, — acrescentei rapidamente — talvez alguém queira feri-lo destruindo seu negócio. Não você como metamorfo, mas como pessoa.

— Não lembro de nada assim pessoal — ele disse, genuinamente perplexo.

— Ah... Jannalynn tem um ex vingativo, alguém assim?

Sam ficou espantado com a ideia.

— Eu nunca ouvi falar de ninguém que se ressentisse por eu sair com ela — respondeu. — E Jannalynn é mais do que capaz de falar por si mesma. Não é como se eu pudesse coagi-la a sair comigo.

Foi difícil reprimir o riso.

— Só tentando pensar em todas as possibilidades — respondi, me desculpando.

— Tudo bem — ele disse. Deu de ombros. — A questão é que não consigo lembrar quando irritei alguém realmente.

Eu mesma não conseguia lembrar de tal incidente, e conheço Sam há anos.

Logo a seguir estacionamos diante da loja de antiguidades, que localizava-se numa antiga loja de tintas na antiga rua de comércio em Shreveport.

As enormes vitrines eram impecáveis, e as peças expostas lindas. A maior era o que minha avó chamaria de aparador de caça. Era pesada, decorada e tão alta quanto meu peito. A outra vitrine apresentava uma coleção de jardineiras, ou vasos, eu não tinha certeza de como chamá-las. Aquela no centro, posicionada para mostrar que era a melhor, era verde-mar, azul e tinha querubins. Achei horrenda, mas definitivamente possuía estilo.

Sam e eu olhamos a exposição por um momento num silêncio pensativo antes de entrarmos. Uma sineta—de verdade, não uma campainha eletrônica—soou quando abrimos a porta. Uma mulher sentada

num banco atrás do balcão à direita levantou a cabeça. Ela baixou os óculos sobre o nariz.

— É um prazer vê-lo novamente, Sr. Merlotte — ela disse, sorrindo com a intensidade correta. *Eu lembro de você, estou contente que tenha voltado, mas não estou pessoalmente interessada em você como homem.* Ela era boa.

— Obrigado, Sra. Hesterman — disse Sam. — Esta é minha amiga, Sookie Stackhouse.

— Bem vinda à Splendide — disse a Sra. Hesterman. — Por favor, me chame de Brenda. O que posso fazer por vocês hoje?

— Temos duas missões — disse Sam. — Estou aqui para ver as peças que você mencionou ao telefone...

— E eu acabei de limpar meu sótão e tenho algumas coisas que imaginei se você poderia dar uma olhada — falei. — Preciso me livrar de algumas coisas que encontrei. Não quero guardá-las de volta. — Sorri para mostrar boa vontade.

— Então você tem uma casa de família há muito tempo? — ela perguntou, me encorajando a lhe dar uma pista sobre o tipo de posses que minha família possa ter acumulado.

— Nós vivemos na mesma casa a cerca de cento e setenta anos — contei-lhe, e ela se animou. — Mas é uma antiga fazenda, não uma mansão. Mas pode ter algumas coisas pelas quais você se interesse.

— Eu adoraria ir dar uma olhada — ela disse, apesar do termo “adorar” claramente parecer um exagero. — Vamos marcar uma data assim que eu ajudar Sam a escolher um presente para Jannalynn. Ela é tão moderna, quem pensaria que se interessa por antiguidades? Ela é um doce!

Tive dificuldade para impedir minha boca de ficar aberta. Nós conhecíamos a mesma Jannalynn Hopper?

Sam cutucou minhas costelas quando Brenda virou de costas para buscar uma argola de chaves. Ele fez uma cara significativa e eu mudei minha expressão, piscando os cílios para ele. Ele desviou o rosto, mas não antes de eu perceber o sorriso relutante.

— Sam, eu reuni algumas coisas que Jannalynn talvez goste — disse Brenda, nos guiando até um expositor, as chaves tilintando em sua mão. O estojó estava cheio de coisinhas, lindas coisinhas. Não consegui identificar a maioria delas. Inclinei-me sobre o vidro para olhar.

— O que é aquilo? — apontei para alguns objetos pontudos e letais com pontas decoradas. Imaginei se podia matar um vampiro com um.

— Alfinetes para chapéus, lenços e gravatas.

Havia também brincos, anéis e broches, além de caixas esmaltadas, de contas e pintadas. Todos aqueles pequenos estojos estavam cuidadosamente organizados. Eram caixas de rapé? Verifiquei a etiqueta de preço discretamente debaixo de uma caixa de prata oval no formato de tartaruga, e tive que apertar os lábios para reprimir o ofego.

Enquanto ainda me espantava com os itens que examinava, Brenda e Sam comparavam os méritos de brincos de pérola em art deco e um guardador de cabelo de vidro vitoriano com uma tampa em latão esmaltado. O que diabos fosse aquilo.

— O que você acha, Sookie? — ele perguntou, olhando de um item para outro.

Examinei os brincos em art deco, pérolas no formato de gotas pendendo de uma rosa dourada. O guardador de cabelo era bonito também, apesar de não conseguir imaginar para que servia ou o que Jannalynn faria com aquilo. Alguém ainda guardava o cabelo?

— Ela usará os brincos para exibi-los — respondi. — É mais difícil se gabar de um guardador de cabelo. — Brenda me lançou um olhar velado, e entendi pelos pensamentos dela que esta opinião me marcava como uma filistéia. Então que seja.

— O guardador de cabelo é mais antigo — disse Sam, hesitante.

— Mas menos pessoal. A não ser que você seja vitoriano.

Enquanto Sam comparava os dois pequenos objetos com a formosura de um distintivo policial de setenta anos de New Bedford, eu perambulei pela loja, olhando a mobília. Descobri que não era apreciadora de antiguidades. Aquela era apenas mais uma falha em minha personalidade mundana, decidi. Ou talvez fosse porque eu estava cercada por antiguidades o dia todo? Nada em minha casa era novo, exceto a cozinha, e isso apenas porque a antiga foi destruída por um incêndio. Eu ainda estaria usando a geladeira antiga de vovó se as chamas não a tivessem consumido (aquela geladeira era uma antiguidade da qual não sentia falta, com certeza).

Abri a gaveta estreita de algo que uma etiqueta descrevia como “baú de tesouro”. Havia uma folha de papel nela.

— Vejam isso — a voz de Brenda Hesterman soou atrás de mim. — Achei que havia limpado tudo. Que isto seja uma lição, Srta. Stackhouse. Antes de irmos olhar suas coisas, certifique-se de verificar e remover todos

os papéis e outros objetos. Você não quer nos vender algo da qual não pretende se separar.

Olhei ao redor para ver Sam segurando um pacote embrulhado. Enquanto estive perdida explorando, ele fez sua compra (os brincos, para meu alívio; o guardador tinha voltado ao seu lugar no expositor).

— Ela irá adorar os brincos. São lindos — falei honestamente, e por um segundo os pensamentos de Sam ficaram nebulosos, quase... púrpuras. Estranho, pensar em cores. Efeito retardado da droga shaman que tomei para os Lobisomens? Esperava que não.

— Vou me certificar de olhar tudo com cuidado, Brenda — falei para a negociante de antiguidades.

Marcamos uma data para dali a dois dias. Ela assegurou que poderia encontrar minha casa isolada com o GPS, e eu a avisei sobre a longa entrada através da floresta, que levou vários visitantes a acreditarem que tinham se perdido.

— Não sei se eu irei, ou meu parceiro, Donald — disse Brenda. — Talvez nós dois.

— Ficarei contente em vê-los — falei. — Se tiver qualquer problema ou precisar mudar a data, por favor, me avise.

— Acha mesmo que ela vai gostar? — Sam perguntou, quando entramos na caminhonete e colocamos os cintos. Voltamos ao assunto de Jannalynn.

— Claro — respondi, surpresa. — Por que ela não gostaria?

— Não consigo me livrar da sensação de que estou no caminho errado com Jannalynn — disse Sam. — Você quer parar e comer algo no Ruby Tuesday's em Youree?

— Claro — falei. — Sam, por que pensa assim?

— Ela gosta de mim — ele disse. — Quero dizer, posso perceber. Mas ela está sempre pensando na alcatéia.

— Você acha que talvez ela esteja mais concentrada em Alcide do que em você? — Isso era o que eu estava captando da cabeça de Sam. Mas talvez estivesse sendo franca demais. Sam corou.

— É, talvez — ele admitiu.

— Ela é uma ótima batedora e estava realmente animada ao conseguir o emprego — falei. Me perguntei se isso soou neutro o suficiente.

— Ela estava — ele respondeu.

— Você parece gostar de mulheres fortes.

Ele sorriu.

— Eu gosto de mulheres fortes, e não tenho medo das diferentes. As comuns simplesmente não me interessam.

Retribuí o sorriso.

— Eu que o diga. Não sei o que dizer sobre Jannalynn, Sam. Ela seria idiota se não gostasse de você. Solteiro, independente, bonitão? E você nem palita os dentes à mesa! O que existe para não amar? — Respirei fundo, porque estava prestes a mudar de assunto e não queria ofender meu patrão.

— Ei, Sam, sobre aquele website que você visita? Acha que pode descobrir sobre por que estou me sentindo mais fada depois de andar com meus parentes fadas? Quero dizer, eu não poderia de fato me transformar numa, certo?

— Vou ver o que posso descobrir — disse Sam, após um carregado instante. — Mas vamos tentar perguntar para seus colegas de quarto. Eles devem soltar alguma informação que possa ajudá-la. Ou eu posso arrancá-la deles.

Ele falava sério.

— Eles me dirão. — Soei mais segura do que me sentia.

— Onde eles estão agora? — ele perguntou.

— A essa hora, eles foram para o clube — respondi, após lançar um olhar para o relógio. — Eles resolvem todos os negócios antes de abrir o clube.

— Então é para onde vamos — disse Sam. — Kennedy ia abrir para mim hoje, e você não está escalada até à noite, certo?

— Certo — respondi, descartando meus planos para a tarde, que não eram tão urgentes para começar. Se almoçássemos no Ruby Tuesday's, não chegaríamos em Monroe até uma e meia, mas poderia chegar em casa a tempo de me trocar para o trabalho. Depois que escolhi o prato, pedi licença. Enquanto estava no toalete das senhoras, meu celular tocou. Eu não atendo o celular enquanto estou no banheiro. Não gostaria de estar conversando com alguém e ouvir a descarga do vaso, certo?

Já que o restaurante era barulhento, saí para fora a fim de retornar a ligação depois que acenei para Sam. O número parecia levemente familiar.

— Ei, Sookie — disse Remy Savoy. — Como você está?

— Bem. Como está meu garotinho favorito?

Remy foi casado com minha prima Hadley, e eles tiveram um filho, Hunter, que começaria o jardim-de-infância no outono. Depois do Katrina,

Remy e Hunter se mudaram para a cidadezinha de Red Ditch, onde Remy conseguiu um emprego numa madeireira através dos bons serviços de um primo.

— Ele está bem. Está tentando seguir suas regras. Me pergunto se posso lhe pedir um favor?

— Vamos ouvir — respondi.

— Comecei a sair com uma moça daqui chamada Erin. Estávamos pensando em ir ao torneio de pescaria de robalo no interior de Baton Rouge, nesse fim de semana. Nós, ah, esperávamos que pudesse ficar com Hunter? Ele fica entediado se eu pesco por mais de uma hora.

Hmmm. Remy agiu bem rápido. Kristen não foi embora há tanto tempo e já foi substituída. Eu meio que previ. Remy não era feio, era um carpinteiro habilidoso e tinha apenas um filho—além disso, a mãe de Hunter estava morta, então não havia qualquer questão de custódia. Não era uma perspectiva ruim na cidade de Red Ditch.

— Remy, eu estou na estrada nesse momento — falei. — Deixe-me retornar a ligação daqui a pouco. Tenho que verificar minha escala de trabalho.

— Ótimo, muito obrigado, Sookie. Falo com você depois.

Voltei para dentro para descobrir que nossa comida foi servida.

— Era o pai de Hunter ligando — contei ao meu chefe depois que a garçonete se afastou. — Remy tem uma namorada nova e queria saber se eu podia ficar com Hunter nesse fim de semana.

Tive a impressão de que Sam acreditava que Remy estava tentando tirar vantagem de mim—mas também sentia que dificilmente poderia me dizer o que fazer a respeito.

— Se me lembro bem da escala, você vai trabalhar no sábado à noite — ele apontou.

E sábado à noite era quando eu ganhava minhas maiores gorjetas.

Assenti, para Sam e eu mesma. Enquanto comíamos, conversamos sobre as negociações de Terry com um criador de Catahoulas em Ruston. A Annie de Terry fugiu do cercado da última vez em que entrou no cio. Dessa vez, Terry tinha uma gravidez mais planejada em mente, e as conversas entre os dois homens quase alcançaram o status pré-nupcial. Uma pergunta surgiu em minha mente, e eu não tinha certeza de como expressá-la para Sam. Minha curiosidade levou a melhor.

— Você lembra de Bob, o gato? — perguntei.

— Claro. Aquele sujeito que Amelia transformou em gato por acidente? A amiga dela, Octavia, o transformou de volta.

— É. Bom, o negócio é o seguinte, enquanto ele era um gato, era preto e branco. Era um gato realmente bonito. Mas Amelia encontrou uma fêmea na floresta com uma ninhada, e havia alguns filhotes preto-e-branco entre eles, então ela ficou—okay, sei que isso é esquisito—ela ficou zangada com Bob porque achou que ele, você sabe, se tornou pai. Algo assim.

— Então sua pergunta é, isso é algo comum? — Sam pareceu enojado. — Não, Sookie. Não podemos fazer isso, e não queremos. Ninguém de dupla-natureza. Mesmo se houvesse um encontro sexual, não haveria gravidez. Acho que Amelia acusou Bob falsamente. Por outro lado, ele não é—não era—realmente de dupla natureza. Ele foi completamente transformado por magia. — Sam deu de ombros. Parecia muito embaraçado.

— Desculpe — falei, sentindo-me mortificada. — Isso foi grosseiro de minha parte.

— É algo natural se perguntar, eu acho — Sam disse, duvidoso. — Mas quando eu estou em minha outra pele, não saio por aí fazendo filhotes.

Agora eu estava *horriavelmente* embaraçada.

— Por favor, aceite minhas desculpas — eu disse.

Ele relaxou quando viu o quanto eu estava desconfortável. Deu um tapinha em meu ombro.

— Não se preocupe com isso. — Então ele perguntou quais eram meus planos para o sótão agora que o esvaziei, e conversamos sobre coisas triviais até nos sentirmos bem um com o outro novamente.

Liguei de volta para Remy quando estávamos na interestadual.

— Remy, esse fim de semana não vai dar para mim. Desculpe! — Expliquei que teria de trabalhar.

— Não se preocupe — disse Remy. Ele pareceu calmo diante de minha recusa. — Foi apenas uma ideia. Ouça, essa é a questão. Eu detesto pedir outro favor. Mas Hunter tem que visitar o jardim de infância na próxima semana, só algo que a escola faz todo ano para que as crianças tenham uma imagem mental do lugar para onde irão no outono. Eles passeiam pelas salas de aula, conhecem os professores e vêem o refeitório e os banheiros. Hunter me perguntou se você podia ir conosco.

Fiquei de boca aberta. Estava feliz por Remy não poder me ver.

— Isso é durante o dia, imagino — falei. — Que dia da semana?

— Próxima terça-feira, às duas.

A não ser que fosse escalada para o turno do almoço, eu poderia ir.

— De novo, deixe-me verificar minha escala de trabalho, mas acho que vai ser possível — respondi. — Ligo mais tarde à noite. — Desliguei o telefone e contei a Sam sobre o segundo pedido de Remy.

— Parece que ele esperou para pedir a coisa mais importante na segunda vez, então seria mais provável você ir — Sam respondeu.

Eu ri.

— Não pensei nisso até você mencionar. Meu cérebro funciona de um modo mais direto do que isso. Mas agora que me passou pela cabeça, isso parece... nada improvável. — Dei de ombros. — Não que eu me oponha, exatamente. Quero que Hunter seja feliz. E passei um tempo com ele, embora não tanto quanto devia.

Hunter e eu éramos parecidos de modo secreto; ambos éramos telepatas. Mas aquele era nosso segredo porque eu temia que Hunter pudesse estar em perigo se sua habilidade fosse descoberta. Com certeza não melhorou *minha* vida em nada.

— Então por que está preocupada? Porque posso notar que você está — disse Sam.

— Só... vai parecer estranho. As pessoas em Red Ditch vão pensar que Remy e eu estamos saindo. Que sou uma espécie de—mãe para Hunter. E Remy acabou de dizer que está saindo com uma mulher chamada Erin, e ela pode não gostar... — Minha voz se deteve. Esta visita parecia uma ideia levemente ruim. Mas se faria Hunter feliz, imagino que devia seguir adiante.

— Você tem essa sensação de ter sido tapeada? — O sorriso de Sam era irônico. Era nosso dia de falar sobre coisas embaraçosas.

— Sim — admiti. — Tenho. Quando me envolvi na vida de Hunter, nunca imaginei que ele realmente dependeria de mim para algo. Acho que nunca estive tão perto assim de crianças. Remy tem uma tia-avó e tio-avô em Red Ditch. É por isso que se mudou para lá depois do Katrina. Eles tinham uma casa vazia para alugar. Mas os tios são velhos demais para cuidar de uma criança da idade de Hunter por mais do que uma hora ou duas, e o único primo é ocupado demais para ser de alguma ajuda.

— Hunter é uma criança comportada?

— Sim, acho que sim. — Sorri. — Sabe o que é estranho? Quando Hunter ficou comigo, ele e Claude se deram muito bem. Aquilo foi uma grande surpresa.

Sam me fitou.

— Mas você não iria querer deixá-lo com Claude durante horas, iria?

Após pensar por um momento, respondi: — Não.

Sam assentiu, como se eu tivesse confirmado algo sobre a qual estava se perguntando.

— Porque, afinal de contas, Claude é uma fada? — Ele colocou inflexão suficiente na voz para certificar-se de que eu sabia que estava realmente perguntando.

As palavras soaram bem desagradáveis ditas em voz alta. Mas eram a verdade.

— Sim, porque Claude é uma fada. Mas não porque ele é de uma raça diferente da nossa. — Lutei com o modo como expressar o que queria. — Fadas, eles amam crianças. Mas eles não possuem a mesma estrutura de referência como a maioria dos humanos. Fadas farão o que acham que deixará uma criança feliz, ou beneficiarão a criança, ao invés de fazer o que um adulto cristão faria.

Me fez sentir pequena e provinciana admitir tudo aquilo, mas eram meus verdadeiros sentimentos. Senti vontade de acrescentar uma série de negativas—*Não que eu ache que sou uma ótima cristã, longe disso. Não que não-cristãos sejam pessoas ruins. Não que eu ache que Claude machucaria Hunter.* Mas Sam e eu nos conhecíamos a tanto tempo que tinha certeza que ele entenderia tudo aquilo.

— Estou feliz por estarmos na mesma página — disse Sam, e senti alívio. Mas estava longe de me sentir confortável. Podíamos estar na mesma página, mas eu não estava feliz sobre lê-la.

A primavera se transformava em verão, e o dia estava lindo. Tentei apreciar a caminho de Monroe, mas meu sucesso foi limitado.

Meu primo Claude era dono do Hooligans, um clube de strip nos limites de Monroe na interestadual. Cinco noites por semana, apresentava o entretenimento convencional oferecido em clubes de strip. O clube fechava nas segundas. Mas quinta à noite era a Noite das Mulheres, e era quando Claude tirava a roupa. Obviamente, ele não era o único homem a se apresentar. Pelo menos três outros strippers homens apareciam numa base

alternada regularmente, e geralmente havia um stripper convidado também. Havia um circuito de strip masculino, meu primo me contou.

— Você alguma vez veio aqui para assisti-lo? — Sam perguntou enquanto estacionávamos na porta dos fundos.

Ele não era a primeira pessoa a me perguntar isso. Eu estava começando a achar que havia algo de errado comigo, por não sentir a necessidade de correr até Monroe para assistir sujeitos tirarem suas roupas.

— Não. Já vi Claude pelado. Nunca apareci para assisti-lo fazer o negócio profissionalmente. Ouvi dizer que ele é bom.

— Ele fica pelado? *Em sua casa?*

— Modéstia não é uma das prioridades de Claude — respondi.

Sam pareceu descontente e surpreso, a despeito de seu próprio aviso anterior sobre o fae não pensar que parentesco fosse um empecilho sexualmente.

— E quanto a Dermot? — disse.

— Dermot? Eu não acho que ele faça strip — respondi, confusa.

— Quero dizer, ele não anda pela casa pelado, anda?

— Não — falei. — Isso parece ser coisa de Claude. Seria realmente desagradável se Dermot fizesse isso, já que se parece tanto com Jason.

— Isso simplesmente não está certo — Sam murmurou. — Claude precisa se manter com as calças.

— Eu lido com isso — respondi, o tom de minha voz lembrando a Sam que a situação não era preocupação dele.

Era dia da semana, então o lugar não abria até às quatro da tarde. Eu nunca estive no Hooligans antes, mas parecia com qualquer outro clube pequeno; com um estacionamento de porte apropriado, desvio em azul-elétrico, um letreiro rosa-choque berrante. Locais que vendiam álcool ou sexo sempre pareciam tristes durante o dia, não? O único outro negócio perto do Hooligans, agora que eu estava olhando, era uma loja de bebidas.

Claude me dissera o que fazer no caso de algum dia eu aparecer. O sinal secreto era bater quatro vezes, mantendo as batidas razoavelmente espaçadas. Depois de feito isso, olhei ao redor. O sol tocava o estacionamento com apenas uma dica do calor por vir. Sam transferia o peso de um pé para outro desconfortavelmente. Após alguns segundos, a porta se abriu.

Eu sorri e disse olá automaticamente, e comecei a entrar no vestibulo. Foi um choque perceber que o porteiro não era humano. Congelei.

Presumi que Claude e Dermot eram as únicas fadas restantes na América dos dias modernos, já que meu bisavô arrastou todas as fadas para sua própria dimensão, ou mundo, ou seja lá como chamavam, e fechou a porta. Embora *também* soubesse que Niall e Claude se comunicavam ocasionalmente, porque Niall me enviou uma carta pelas mãos de Claude. Mas eu deliberadamente me abstive de fazer muitas perguntas. Minhas experiências com meu parentesco fae, com todos os fae, foram tão agradáveis quanto horríveis... mas perto do fim, essas experiências se provaram muito mais na escala do horrível.

O porteiro estava tão surpreso por me ver quanto eu. Ele não era uma fada—mas era fae. Eu conheci fadas que lixavam os dentes para se parecerem como os que essa criatura mostrava naturalmente: uma polegada mais compridos, pontudos, levemente curvados para dentro. As orelhas do porteiro não eram pontudas, mas não achei que foram alteradas cirurgicamente para parecerem mais achatadas e redondas do que dos humanos. O efeito alienígena era suavizado pelos cabelos densos e delicados, que eram de uma rica cor castanho-avermelhada e repousavam lisos, cerca de sete centímetros, sobre a cabeça. O efeito não era de um penteado, mas de uma pele de animal.

— O que é você? — perguntamos um ao outro simultaneamente.

Teria sido engraçado... em outro universo.

— O que está acontecendo? — Sam disse atrás de mim, e eu pulei. Entrei dentro do clube com Sam nos meus calcanhares, e a pesada porta de metal bateu atrás de nós. Depois da luz do sol deslumbrante, as compridas lâmpadas fluorescentes que iluminavam o vestíbulo pareciam duplamente desoladoras.

— Sou Sookie — respondi, para romper o silêncio desconfortável.

— O que você é? — a criatura perguntou novamente. Ainda estávamos parados desajeitadamente no vestíbulo estreito.

A cabeça de Dermot surgiu no batente.

— Oi, Sookie — disse. — Vejo que conheceu Bellenos. — Ele aproximou-se do vestíbulo e notou minha expressão. — Você nunca viu um elfo antes?

— *Eu não vi*, obrigado por perguntar — murmurou Sam. Já que ele era muito mais entendido no mundo sobrenatural do que eu, me dei conta de que elfos deviam ser bem raros.

Eu tinha um bocado de perguntas sobre a presença de Bellenos, mas não tinha certeza se tinha algum direito de perguntar, especialmente depois da minha gafe com Sam.

— Desculpe, Bellenos. Certa vez conheci um meio elfo com dentes como os seus. Mas principalmente conheço fadas que afiam os dentes para parecerem assim. Prazer em conhecê-lo — falei com grande esforço. — Este é meu amigo, Sam.

Sam apertou a mão de Bellenos. Os dois tinham quase a mesma altura e físico, mas notei que os olhos oblíquos de Bellenos eram castanho-escuros, combinando com as sardas em sua pele leitosa. Aqueles olhos eram curiosamente espaçados, ou talvez seu rosto fosse mais largo do que o normal nas maçãs do rosto?

O elfo sorriu para Sam, e eu percebi um vislumbre dos dentes novamente. Estremeci e desviei o rosto.

Através de uma porta aberta avistei um enorme camarim. Havia um balcão comprido tomando toda uma parede, alinhada com um bem iluminado espelho. O balcão estava coberto de cosméticos, pincéis de maquiagem, secadores, enroladores de cabelo, pranchas, peças de fantasias, lâminas de barbear, uma ou duas revistas, perucas, celulares... a tralha variada de pessoas cujos empregos dependiam da aparência. Algumas banquetas altas espalhavam-se fortuitamente ao redor do aposento, e havia bolsas e sapatos por todo canto.

Bem longe no corredor, Dermot gritou: — Venham ao escritório.

Seguimos pelo corredor e entramos numa pequena sala. Um tanto para meu desapontamento, o exótico e belo Claude possuía um escritório completamente prosaico—apertado, abarrotado e sem janela. Claude tinha uma secretária, uma mulher vestida num terninho executivo JCPenney feminino. Ela não poderia ter parecido mais incongruente num clube de strip. Dermot, que evidentemente era o mestre de cerimônias hoje, disse: — Nella Jean, essa é nossa querida prima Sookie.

Nella Jean era morena e redonda, e os olhos de cor chocolate amargo eram quase idênticos aos de Bellenos, apesar de seus dentes serem reconfortantemente normais. Seu pequeno esconderijo ficava ao lado do escritório de Claude; na verdade, conjecturei que foi um armário convertido. Após um olhar depreciativo para mim e Sam, Nella Jean pareceu mais do que pronta para retirar-se para seu próprio espaço. Ela fechou a porta do

próprio escritório com um ar de finalidade, como se soubesse que faríamos algo vil e não quisesse ter nada a ver conosco.

Bellenos encostou a porta do escritório de Claude também, nos fechando numa sala que ficaria cheia com nós dois, quanto mais cinco. Pude ouvir música vindo do clube propriamente (ou melhor, do clube impropriamente) e imaginei o que estaria acontecendo ali. Strippers ensaiavam? O que faziam com Bellenos?

— Por que a visita surpresa? — Claude perguntou. — Não que eu não esteja encantado por vê-la.

Ele não estava encantado por me ver nem um pouco, embora tivesse me convidado para aparecer no Hooligans mais do que uma vez. Era óbvio pela expressão amuada que ele nunca acreditou que eu viria vê-lo no clube a menos que ele estivesse no palco dançando. *Claro, Claude tem certeza que todo mundo quer vê-lo tirar as roupas*, pensei. Ele apenas não apreciava visitas ou havia algo que não queria que eu soubesse?

— Você precisa nos dizer por que Sookie está se sentindo cada vez mais fae — Sam disse abruptamente.

Os três homens fae viraram-se para olhar Sam simultaneamente.

Claude disse: — Por que precisamos contar isso a ela? E por que você está se preocupando com nossos assuntos de família?

— Porque Sookie quer saber o porquê, e ela é minha amiga — disse Sam. Seu rosto era duro, a voz quase calma. — Vocês deviam educá-la sobre seu sangue misto ao invés de morarem na casa dela como parasitas.

Eu não sabia para onde olhar. Não sabia que Sam era tão contrário ao fato de meu primo e tio-avô ficarem comigo, e ele realmente não precisava dar sua opinião. E Claude e Dermot não estavam me parasitando; eles faziam compras também, e limpavam suas bagunças muito cuidadosamente. Às vezes. Era verdade que minha conta de água aumentou (e eu disse algo sobre isso a Claude), mas nada mais me custava dinheiro.

— De fato, — disse Sam, quando eles continuaram a fuzilá-lo em silêncio — vocês estão ficando com ela para certificarem-se de que será mais fae, certo? Estão encorajando esta parte nela se fortalecer. Não sei como estão fazendo isso, mas sei que estão. Minha pergunta é: vocês estão fazendo isso só pelo conforto, pela companhia, ou possuem um plano em mente para Sookie? Algum tipo de complô de fadas secreto?

As últimas palavras foram mais como um rosar ameaçador do que a voz normal de Sam.

— Claude é meu primo e Dermot é meu tio-avô — falei automaticamente. — Eles não tentariam... — E deixei o pensamento pender desolador. Se aprendi algo ao longo dos últimos anos, foi não fazer suposições estúpidas. A ideia de que família não a prejudicaria era uma suposição estúpida de primeira ordem.

— Venha ver o resto do clube — Claude disse de repente. Antes que pudéssemos pensar a respeito, ele nos arrastou para fora do escritório e pelo corredor. Abriu a porta do clube propriamente, e Sam e eu entramos.

Acho que todos os clubes e bares parecem basicamente iguais—mesas e cadeiras, alguma tentativa na decoração ou tema, um bar de fato, um palco com mastros para strippers, e algum tipo de cabine de som. Naqueles aspectos, o Hooligans não era diferente.

Mas todas as criaturas que viraram-se para a porta quando entramos... todos eles eram fae. Dei-me conta lenta e inevitavelmente enquanto olhava de um rosto para outro. Não importava o quanto se pareciam humanos (e a maioria deles poderia se “passar”), cada um possuía um traço de sangue fae de um tipo ou de outro. Uma bela moça com cabelos vermelho-fogo era parte elfo. Ela tinha os dentes afiados. Um rapaz comprido e esbelto era algo que nunca encontrei antes.

— Bem-vinda, Irmã — disse... algo baixo e louro. Não conseguia ter certeza nem do gênero. — Veio se juntar a nós aqui?

Lutei para responder.

— Eu não tinha planejado — falei. Voltei para o corredor e deixei a porta se fechar atrás de mim. Agarrei o braço de Claude. — Que diabos está acontecendo aqui? — Quando ele não respondeu, me virei para meu tio-avô. — Dermot?

— Sookie, nossa querida — disse Dermot, após um momento de silêncio. — Esta noite quando voltarmos para casa, contaremos tudo que precisa saber.

— E quanto a ele? — falei, acenando para Bellenos.

— Ele não estará conosco — disse Claude. — Bellenos dorme aqui, como nosso vigia noturno.

Você só precisava de um vigia noturno se tivesse medo de um ataque.

Mais encrenca.

Eu mal podia suportar a perspectiva.

Capítulo 3

Okay, eu fui estúpida no passado. Não consistentemente estúpida, mas ocasionalmente. E cometi erros. Pode apostar que cometi erros.

Mas durante a viagem de volta a Bon Temps, com meu melhor amigo dirigindo e concedendo o silêncio que eu precisava, pensei arduamente. Senti uma lágrima pingar de cada olho. Desviei o olhar e enxuguei meu rosto com um lenço da bolsa, não desejando que Sam oferecesse simpatia.

Quando me recompus, eu disse: — Tenho sido uma tola.

Para crédito dele, Sam pareceu espantado.

— No que está pensando? — perguntou, para que não dissesse: — Desde quando?

— Você acha que as pessoas realmente mudam, Sam?

Ele levou um instante para alinhar os pensamentos.

— É uma pergunta e tanto, Sookie. As pessoas podem se transformar até algum ponto, claro. Viciados podem ser fortes o suficiente para parar de usar o que quer que os tornem viciados. Pessoas podem fazer terapia e aprender como administrar um comportamento que está fora de controle. Mas este é um sistema... externo. Uma técnica de manejo aprendida imposta sobre a ordem natural das coisas, sobre o que a pessoa realmente é — um viciado. Isso faz sentido?

Assenti.

— Então, como um todo, — ele continuou — eu teria que dizer não, as pessoas não mudam, mas *podem* aprender a se comportar de forma diferente. Eu quero acreditar de outro modo. Se você tem um argumento que diz que estou errado, ficaria feliz em ouvi-lo. — Viramos em minha entrada e começamos a atravessar a floresta.

— As crianças mudam ao crescerem e se adaptarem à sociedade e suas próprias circunstâncias — eu disse. — Às vezes de maneiras boas, às vezes ruins. E acho que se você ama alguém, você faz um esforço para reprimir hábitos seus que os desagradam, certo? Mas aqueles hábitos ou inclinações ainda estão lá. Sam, você tem razão. Esses são outros casos de pessoas impondo uma reação aprendida sobre a original.

Ele me lançou uma expressão preocupada enquanto estacionávamos atrás da casa.

— Sookie, o que há de errado?

Sacudi a cabeça.

— Eu sou uma idiota — respondi. Não conseguia fitá-lo no rosto. Saltei da caminhonete. — Você está tirando o dia todo de folga ou o verei mais tarde no bar?

— Estou tirando o dia todo de folga. Escute, você quer que eu fique? Eu realmente não tenho certeza sobre o que está te preocupando, mas você sabe que podemos conversar a respeito. Não tenho ideia do que está acontecendo no Hooligans, mas até que as fadas queiram nos contar... Estou aqui se precisar de mim.

Ele foi sincero em sua oferta, mas eu também sabia que ele queria ir para casa, ligar para Jannalynn e fazer planos para a noite a fim de dar-lhe o presente que se deu ao trabalho de escolher.

— Não, eu estou bem — respondi tranquilizadora, sorrindo para ele. — Tenho um milhão de coisas para fazer antes de ir trabalhar, e muito no que pensar. — Para dizer o mínimo.

— Obrigado por ir comigo a Shreveport, Sookie — disse Sam. — Mas acho que estava errado sobre fazer seus parentes falarem com você. Avise-me se eles não aparecerem esta noite.

Acenei uma despedida enquanto ele dava a ré para voltar para a Rodovia Hummingbird e retornar a casa, situado logo atrás do Merlotte's. Sam nunca se afastava completamente do trabalho—mas por outro lado, era uma viagem realmente curta.

Enquanto destrancava a porta dos fundos, eu já fazia planos.

Senti vontade de tomar uma chuveirada—não, um banho de imersão. Era realmente agradável estar sozinha, ter Claude e Dermot fora de casa. Estava cheia de novas suspeitas, mas aquilo era uma sensação tristemente familiar. Pensei em ligar para Amelia, minha amiga bruxa que voltara para Nova Orleans, para sua casa reconstruída e o emprego restabelecido, a fim de pedir seu conselho sobre várias coisas. No fim, não peguei o telefone. Eu teria muito que explicar. A perspectiva deixou meu cérebro cansado, e aquele não era jeito de iniciar uma conversa. Um e-mail podia ser melhor. Eu podia explicar tudo daquele modo.

Enchi a banheira com óleos de banho, e entrei na água quente cuidadosamente, mostrando os dentes ao afundar. A parte da frente de minhas coxas ainda ardia um pouco. Raspei minhas pernas e axilas. Se cuidar sempre a faz sentir melhor. Depois que saí, o óleo de banho me deixando tão escorregadia quanto um lutador, eu pintei as unhas dos pés e

escovei os cabelos, novamente espantada com o quanto parecia curto. Ainda caía sobre meu colo, me tranquilizei.

Toda arrumada e polida, vesti meu uniforme do Merlotte's, pesarosa por cobrir minhas unhas com meias e tênis. Tentava não pensar, e estava fazendo um bom trabalho.

Eu tinha uns trinta minutos de sobra, então liguei a televisão e apertei o botão de meu DVR para assistir o *Jeopardy!* de ontem. Começamos a ligar a TV do bar nesse canal todos os dias, porque os fregueses do bar se divertiam um pouco adivinhando as respostas. Jane Bodehouse, nossa alcoólatra mais duradoura, revelou-se uma perita em filmes antigos, e Terry Bellefleur certamente sabia trivialidades sobre esportes. Eu conseguia responder a maioria das perguntas sobre escritores, já que leio um bocado, e Sam era bem confiável em história americana depois de 1900. Eu nem sempre estava no bar quando estava ligado, então comecei a gravar todos os dias. Eu gostava do mundo feliz de *Jeopardy!* Gostava de ganhar o Dobro Diário, o que consegui hoje. Quando o show acabou, era hora de partir.

Eu gostava de dirigir até o trabalho no turno da noite quando ainda estava claro do lado de fora. Liguei o rádio e cantei "Crazy" junto com Gnarl Barkley. Eu me identificava.

Jason passou por mim dirigindo na direção contrária, talvez a caminho da casa da namorada. Michele Schubert ainda estava resistindo no relacionamento. Já que Jason finalmente estava crescendo, ela poderia aceitar algo permanente com ele... se quisesse. O ponto mais forte de Michele era que ela não estava cativada pelo (aparentemente) poderoso apelo sexual de Jason. Se estava toda derretida e ciumenta da atenção dele, ela mantinha isso perfeitamente oculto. Eu tirava o chapéu para ela. Acenei para meu irmão, e ele retribuiu com um sorriso. Parecia feliz e sem conflitos. Invejei isso do fundo de meu coração. Havia enorme vantagem no modo como Jason encarava a vida.

A turma no Merlotte's estava escassa novamente. Nenhuma surpresa ali; uma bomba incendiária é publicidade bem ruim. E se o Merlotte's não conseguisse sobreviver? E se o Vic's Redneck Roadhouse continuasse roubando fregueses? O pessoal gostava do Merlotte's porque era relativamente tranquilo, relaxante, porque a comida era boa (se limitada) e os drinques eram generosos. Sam sempre foi um sujeito popular até que metamorfos fizeram seu próprio anúncio.

As pessoas que manejaram os vampiros com aceitação cautelosa pareciam considerar os dupla-natureza como a gota que fez o copo transbordar, por assim dizer.

Fui até o depósito para pegar um avental limpo e então ao escritório de Sam para guardar minha bolsa na gaveta funda de sua escrivaninha. Com certeza seria bom ter um pequeno armário. Eu poderia manter minha bolsa ali e uma muda de roupa para noites em que pequenos desastres aconteciam, como cerveja derramada ou um jato de mostarda.

Eu estava substituindo Holly, que se casaria com o melhor amigo de Jason, Hoyt, em outubro. Este seria o segundo casamento de Holly, o primeiro de Hoyt. Eles decidiram ir fundo e ter uma cerimônia religiosa com recepção no salão da igreja depois disso. Eu sabia mais a respeito do que desejava. Apesar do casamento ainda demorar meses, Holly já começara a se obcecar com os detalhes. Já que seu primeiro casamento foi uma visita ao juiz de paz, esta era (teoricamente) sua última chance de realizar o sonho. Eu podia imaginar a opinião de minha avó a respeito do vestido de casamento branco de Holly, já que ela tinha um filhinho na escola—mas, ei, tudo que fizesse a noiva feliz. Branco costumava simbolizar a pureza virginal da noiva. Agora apenas significava que ela adquiriu um vestido caro e inutilizável para pendurar no armário depois do grande dia.

Acenei para Holly para atrair sua atenção. Ela conversava com o novo pastor da Calgary Baptist, Irmão Carson. Ele vinha de vez em quando, mas nunca pedia álcool. Holly terminou sua conversa e aproximou-se para contar o que estava acontecendo em nossas mesas, o que não era muito. Estremeci quando olhei a marca chamuscada no meio do assoalho. Menos uma mesa para servir.

— Oi, Sookie — disse Holly, parando a caminho dos fundos para buscar a bolsa. — Você estará no casamento, certo?

— Claro, eu não perderia.

— Você se importaria de servir o ponche?

Isso era uma honra—não tão grande quanto ser uma dama de honra, mas ainda significativo. Eu nunca esperei algo assim.

— Ficaria feliz — respondi, sorrindo. — Vamos conversar novamente perto da data.

Holly pareceu contente.

— Okay, ótimo. Bom, vamos esperar que os negócios melhorem por aqui para que ainda tenhamos um emprego em setembro.

— Oh, você sabe que ficaremos bem — falei, mas eu estava longe de ficar convencida disso.

Fiquei acordada esperando por Dermot e Claude durante uma hora e meia, depois que cheguei em casa naquela noite, mas eles não apareceram, e não senti vontade de telefonar. Suas promessas de conversarem comigo, a conversa que supostamente devia me inteirar sobre minha herança fae não aconteceria esta noite. Embora quisesse ouvir algumas respostas, descobri mesmo assim que estava contente. O dia fora cheio demais. Disse a mim mesma que estava zangada, e tentei ouvir as fadas chegando, mas não fiquei acordada por mais do que cinco minutos.

Quando apareci na manhã seguinte, pouco depois das nove, não vi qualquer sinal habitual que indicasse que meus hóspedes haviam retornado. O banheiro do corredor parecia exatamente do mesmo jeito que no dia anterior, não havia nenhum prato na pia da cozinha, e nenhuma das luzes foi deixada acesa. Fui até a varanda cercada nos fundos. Não, nenhum carro.

Talvez eles estivessem cansados demais para fazer a viagem de volta a Bon Temps, ou talvez ambos só tivessem tido sorte. Quando Claude veio morar comigo, ele disse que se fizesse uma conquista, passaria a noite em sua casa em Monroe com o sujeito de sorte. Presumi que Dermot faria o mesmo—embora pensando bem, nunca tivesse visto Dermot com alguém, homem *ou* mulher. Também presumi que Dermot escolheria mulheres ao invés de homens, simplesmente porque ele se parecia com Jason, que era mais do que chegado em mulheres. Suposições. Burrice.

Preparei alguns ovos, torradas e frutas, e li uma cópia de biblioteca de um dos livros de Nora Roberts enquanto comia. Me senti mais como a antiga Sookie do que vinha sentindo em semanas. Exceto pela visita ao Hooligans, tive bons momentos no dia anterior, e os rapazes não estavam perambulando pela cozinha, reclamando que eu tinha pouco pão integral ou água quente (Claude) ou me oferecendo amenidades floreadas quando tudo o que eu queria fazer era ler (Dermot). Era bom descobrir que ainda podia apreciar ficar sozinha.

Cantando para mim mesma, tomei banho e me maquiei... e até lá eu tive que sair para trabalhar novamente no primeiro turno. Relanceei a sala de estar, cansada de olhá-la como uma loja de usados. Recordei-me de que amanhã os negociantes de antiguidades deviam vir.

O bar estava um pouco mais agitado do que na noite anterior, o que me deixou ainda mais animada. Um pouco para minha surpresa, Kennedy estava atrás do balcão. Ela parecia tão arrumada e perfeita quanto a rainha de beleza que fora, apesar de estar usando jeans apertados e uma camiseta listrada branca-e-cinza.

Éramos mulheres bem arrumadas hoje.

— Onde está Sam? — perguntei. — Achei que ele estaria trabalhando.

— Ele me ligou esta manhã, disse que ainda estava em Shreveport — disse Kennedy, me dando um olhar de esguelha. — Acho que o aniversário de Jannalynn foi muito bem. Preciso de tantas horas quanto puder pegar, então fiquei contente por sair da cama e trazer meu traseiro para cá.

— Como estão sua mãe e seu pai? — perguntei. — Eles têm visitado ultimamente?

Kennedy sorriu amargamente.

— Eles estão apenas seguindo com a maré, Sookie. Ainda desejam que eu fosse a Pequena Miss Concurso de Beleza e ensinasse na escola dominical, mas me mandaram um bom cheque quando saí da prisão. Tenho sorte por tê-los.

Suas mãos pararam no meio da secagem de um copo.

— Tenho imaginado — ela disse e parou. Eu esperei. Sabia o que estava vindo. — Eu estava imaginando se foi um membro da família de Casey quem incendiou o bar — disse, bem baixinho. — Quando atirei em Casey, eu só estava salvando minha própria vida. Não pensei na família dele, ou na minha, nem nada exceto viver.

Kennedy nunca falou a respeito antes, o que eu podia entender completamente.

— Quem estaria pensando em outra coisa a não ser sobreviver, Kennedy? — falei em voz baixa, mas com intensidade. Queria que ela sentisse minha absoluta sinceridade. — Ninguém certo da cabeça teria feito algo diferente. Não acho que Deus iria querer que você se deixasse ser espancada até a morte. — Embora eu não tivesse certeza do que Deus ia querer. Eu provavelmente quis dizer, *acho que teria sido uma burrice dos infernos se deixar ser morta*.

— Acho que não teria saído dessa tão leve se aquelas outras mulheres não tivessem se apresentado — disse Kennedy. — A família dele, eu acho que sabem que ele realmente batia em mulheres... mas imagino se ainda me

culpam. Se talvez eles sabiam que eu estaria no bar, e decidiram me matar aqui.

— Algum membro da família dele é de dupla natureza? — perguntei.

Kennedy pareceu chocada.

— Oh, meu Deus, não! Eles são batistas!

Tentei não sorrir, mas não consegui evitar. Após um segundo, Kennedy também começou a rir.

— Sério — disse. — Eu acho que não. Você acha que quem jogou aquela bomba era um Lobi?

— Ou alguma espécie de dupla-natureza. É, eu acho que sim, mas não conte isso a ninguém. Sam já está sentindo reações suficientes do jeito que está.

Kennedy assentiu em completa concordância, um freguês me chamou pedindo uma bisnaga de molho de pimenta, e eu tive novos pedidos de comida na qual pensar.

A garçonete que me substituiria ligou para dizer que seu carro estava com o pneu furado, e eu fiquei no Merlotte's duas horas extras. Kennedy, que ficaria até fechar, me fez pensar sobre ser indispensável, até que a chicoteei com uma toalha. Kennedy animou-se um pouco quando Danny entrou. Ele obviamente fora para casa depois do trabalho para tomar banho e barbear-se novamente, e olhou para Kennedy como se seu mundo agora estivesse completo quando sentou no banco do bar.

O que ele disse foi: — Me dê uma cerveja e seja rápida, mulher.

— Você quer que eu sirva essa cerveja em sua cabeça, Danny?

— Não faz diferença para mim como vou conseguir. — E eles sorriram um para o outro.

Pouco depois de escurecer, meu celular vibrou no bolso do avental. Assim que pude, entrei no escritório de Sam. Recebi uma mensagem de texto de Eric. “Vejo vc mais tarde”, dizia. E isso era tudo. Mas fiquei com um sorriso genuíno pelo resto da noite, e quando dirigi para casa, estava toda feliz por ver Eric sentado na varanda da frente, tendo ele destruído minha cozinha ou não. E ele tinha uma torradeira nova com ele, um laço vermelho preso à caixa.

— A que devo a honra? — perguntei rispidamente. Não dava para deixar Eric saber que estive aguardando sua visita. É claro que ele provavelmente tinha uma ideia do que estava acontecendo, através de nosso elo de sangue.

— Não temos nos divertido muito ultimamente — ele disse. Me entregou a torradeira.

— Entre eu apagar um incêndio e você atacar Pam? É, eu diria que é uma afirmação justa. Obrigada pela torradeira substituta, apesar de não classificar isso como diversão. O que tem em mente?

— Mais tarde, é claro, tenho sexo espetacular em mente — disse, levantando-se e caminhando na minha direção. — Pensei numa posição que ainda não tentamos.

Não sou tão flexível quanto Eric, e da última vez em que tentamos algo realmente aventureiro, tive dor nos quadris por três dias. Mas eu estava disposta a experimentar.

— O que tem em mente antes do sexo espetacular? — perguntei.

— Temos que visitar uma nova danceteria — ele respondeu, mas captei a sombra de preocupação em sua voz. — É como eles estão chamando, para tentar trazer o pessoal jovem que parece bonito. Como você.

— Onde é essa danceteria? — Já que estive de pé durante horas, este plano não era o mais tentador. Mas *fazia* um bom tempo desde que nos divertimos como casal—em público.

— Fica entre aqui e Shreveport — Eric disse, e hesitou. — Victor acabou de inaugurar.

— Oh. É sábio você ir até lá? — perguntei, consternada. O programa de Eric tinha zero de apelo agora.

Victor e Eric estavam engajados numa briga silenciosa. Victor Madden era o procurador da Louisiana para Felipe, Rei de Nevada, Arkansas e Louisiana.

Felipe encontrava-se baseado em Las Vegas, e imaginávamos (Eric, Pam e eu) se ele dera a Victor este osso enorme simplesmente para tirar o ambicioso Victor de seu território mais rico. Do fundo de meu coração, eu queria que Victor morresse. Victor enviara seus dois mais fiéis lacaios, Bruno e Corinna, para matar a mim e Pam, simplesmente para enfraquecer Eric, a quem Felipe conservou já que era o xerife mais produtivo no estado.

Pam e eu invertemos as posições. Bruno e Corinna viraram pilhas de pó na interestadual, e ninguém podia provar que fomos as responsáveis.

Victor espalhou a notícia de que estava oferecendo uma grande recompensa para quem quer que pudesse lhe dar informações sobre o paradeiro de seus lacaios, mas ninguém se apresentou. Somente Pam, Eric e eu sabíamos o que havia acontecido. Victor dificilmente poderia nos acusar

por completo, já que isso seria admitir que ele os mandou para nos matar. Uma espécie de impasse mexicano.

Da próxima vez, Victor poderia mandar alguém mais cauteloso e cuidadoso. Bruno e Corinna foram confiantes demais.

— Não é sábio ir a este clube, mas não temos escolha — disse Eric. — Victor ordenou que eu aparecesse com minha esposa. Ele pensará que estou com medo dele se não a trouxer.

Pensei nisso enquanto fuçava meu armário, tentando pensar em algo meu que pudesse parecer bom numa danceteria da moda. Eric estava deitado em minha cama, as mãos atrás da cabeça.

— Há algo em meu carro, eu esqueci — disse subitamente, e transformou-se num borrão saindo pela porta. Ele voltou em segundos, carregando um traje num cabide envolto em saco plástico transparente.

— O que foi? — respondi. — Não é meu aniversário.

— Um vampiro não pode dar um presente à sua amada?

Tive que sorrir para ele. — Bom, sim, ele pode — respondi. Eu adoro presentes. A torradeira foi reparação. Isso era uma surpresa. Removi cuidadosamente o saco plástico. O traje no cabide era um vestido. Provavelmente.

— Isso — isso é a coisa toda? — perguntei, levantando-o.

Havia uma gola preta em forma de U—um grande U, na frente e atrás —e o resto era cor de bronze, brilhante e pregueado, como várias fitas largas cor de bronze costuradas juntas. Bom, nem tanto assim. A vendedora deixara a etiqueta de preço. Tentei não olhar, falhei e senti meu queixo cair depois que absorvi. Eu podia comprar seis ou talvez dez peças no Wal-Mart, ou três no Dillard's, pelo preço desse vestido.

— Você ficará maravilhosa — disse Eric. Ele sorriu mostrando as presas. — Todos irão me invejar.

Quem não se sentiria bem, ouvindo aquilo?

Saí do banheiro para descobrir que meu novo amigo Immanuel havia voltado. Ele montara uma estação de cabelo e maquiagem na minha cômoda. Pareceu muito estranho ver outro homem em meu quarto. Immanuel aparentava estar num humor muito mais feliz esta noite. Até seu corte de cabelo esquisito parecia mais alegre.

Enquanto Eric observava quase como se suspeitasse que Immanuel fosse um assassino, o cabeleireiro magrelo me maquiou, penteou e produziu. Desde que Tara e eu éramos garotinhas, eu não tinha me

divertido tanto diante do espelho. Quando Immanuel terminou, eu parecia... luminosa e confiante.

— Obrigada — eu disse, me perguntando para onde tinha ido a verdadeira Sookie.

— Por nada — disse Immanuel seriamente. — Você tem uma pele ótima. Gosto de trabalhar em você.

Ninguém nunca me dissera aquilo, e tudo em que pude pensar como resposta foi: — Por favor, deixe um cartão.

Ele pescou um e apoiou-o contra a porcelana que minha avó adorara. A sobreposição me deixou sentindo um pouco triste. Trilhei uma longa estrada desde a sua morte.

— Como está sua irmã? — perguntei, já que estava pensando em coisas tristes.

— Ela teve um bom dia hoje — disse Immanuel. — Obrigado por perguntar. — Embora ele não olhasse para Eric enquanto dizia isso, vi Eric desviar o rosto, a mandíbula cerrada. Irritado.

Immanuel partiu após guardar toda sua parafernália, e eu procurei um sutiã sem alça e tanga—que eu detestava, mas quem quer a calcinha aparecendo sob um vestido como aquele?—e comecei a me aprontar. Por sorte, eu tinha bons saltos pretos. Sabia que sandálias de correia combinariam melhor com o vestido, mas os saltos teriam que servir.

Eric realmente prestara atenção enquanto eu me vestia.

— Tão macia — ele disse, deslizando a mão pela minha perna.

— Ei, continue fazendo isso, nós não chegaremos ao clube e toda essa preparação será desperdiçada. — Me chame de patética, mas eu realmente queria que alguém além de Eric visse o efeito total do vestido novo, do corte de cabelo novo e da boa maquiagem.

— Não será desperdiçado completamente — ele disse, mas se trocou para suas próprias roupas de festa. Trancei seu cabelo para que parecesse impecável e preendi a ponta com uma fita preta. Eric parecia um bucaneiro saindo pela cidade.

Nós devíamos estar felizes, entusiasmados sobre nosso encontro, ansiando por dançarmos juntos no clube. Eu não poderia saber o que Eric pensava enquanto seguíamos até seu carro, mas sabia que não estava feliz com o que estávamos fazendo e para onde íamos.

Então éramos dois.

Decidi aliviar na troca com um pouco de conversa amena.

— Como os novos vampiros estão se saindo? — perguntei.

— Eles aparecem quando devem e cumprem suas obrigações no bar — ele disse, pouco entusiasmado. Três vampiros que acabaram na área de Eric após o Katrina, pediram permissão para ficarem na Área Cinco, embora quisessem fazer um ninho em Minden, não em Shreveport propriamente.

— O que há de errado com eles? — falei. — Você não parece muito entusiasmado a respeito das aquisições para suas fileiras. — Deslizei para meu assento. Eric deu a volta no carro.

— Palomino até que se sai bem — ele admitiu mal-humorado, sentando no assento do motorista. — Mas Rubio é estúpido, e Parker é fraco.

Eu não conhecia os três bem o suficiente para debater aquilo. Palomino, que atendia só por um nome, era uma jovem vampira atraente com cores berrantes—sua pele possuía um tom bronzeado natural, enquanto o cabelo era louro pálido. Rubio Hermosa era bonitão, mas—tive que concordar com Eric—apagado e nunca tinha muito a dizer sobre si mesmo. Parker era um nerd na morte assim como foi em vida e, embora tivesse melhorado o sistema de computadores do Fangtasia, parecia ter medo da própria sombra.

— Você quer falar comigo a respeito da discussão entre você e Pam? — perguntei assim que prendi o cinto. Ao invés de seu Corvette, Eric trouxera o Lincoln Town Car do Fangtasia. Era incrivelmente confortável e, devido ao modo como ele dirigia quando estava no Vette, eu sempre ficava contente quando saíamos à noite no Lincoln.

— Não — disse Eric. Ele instantaneamente se fechou e emanou preocupação. Esperei que ele explicasse.

Esperei mais um pouco.

— Está bem — respondi, tentando arduamente recuperar a sensação de prazer por sair com um belo homem. — Tuuudo bem. Que seja do seu jeito. Mas acho que o sexo será um pouco menos espetacular se eu estiver preocupada com você e Pam.

Aquele tantinho de leviandade me garantiu um olhar sombrio.

— Eu sei que Pam quer criar outro vampiro — falei. — Acredito que haja um elemento tempo envolvido.

— Immanuel não devia ter falado — disse Eric.

— Foi bom ter alguém que de fato compartilha informação comigo, informação diretamente pertinente às pessoas com quem me importo. — Eu tinha que ser mais clara?

— Sookie, Victor disse que eu não posso dar permissão a Pam para criar uma criança. — A mandíbula de Eric se fechou como uma armadilha de aço.

Oh.

— Reis possuem controle sobre reprodução, imagino — falei cautelosamente.

— Sim. Controle absoluto. Mas você compreende que Pam está me infernizando com isso, assim como Victor.

— Victor não é um rei de verdade, é? Talvez se você fosse diretamente a Felipe?

— Toda vez que eu evito Victor, ele descobre um modo de me punir.

Não adiantava falar a respeito. Eric estava sendo pressionado de duas direções diferentes.

Então a caminho do clube de Victor, que Eric disse se chamar Beijo do Vampiro, conversamos sobre a visita dos negociantes de antiguidades no dia seguinte. Havia um bocado de coisas que eu gostaria de ter discutido, mas em vista da posição esmagadoramente difícil de Eric, eu não queria trazer à tona meus próprios problemas.

Além disso, eu ainda tinha a sensação de que não sabia tudo que havia para saber a respeito da situação de Eric.

— Eric — eu disse, e sabia que estava falando muito abruptamente e com intensidade demais. — Você não me conta tudo a respeito de seus negócios, estou certa?

— Está certa — ele respondeu, sem hesitar. — Mas isto é por várias razões, Sookie. Mais importante é que algumas coisas você pode apenas se preocupar, e o resto pode colocá-la em perigo. Conhecimento nem sempre é poder.

Apertei os lábios e recusei-me a olhar para ele. Criancice, eu sei, mas não acreditava nele completamente.

Após um momento de silêncio, ele acrescentou: — Também existe o fato de que não estou acostumado a compartilhar minhas preocupações diárias com uma humana, e é difícil romper o hábito após mil anos.

Certo. E nenhum desses segredos envolve meu futuro. Certo. Evidentemente, Eric entendeu meu frio autocontrole como aceitação mal-humorada, porque decidiu que nosso momento de tensão havia terminado.

— Mas você me conta tudo, minha amada, não? — ele perguntou, brincando.

Fuzilei-o com o olhar e não respondi. Aquilo não foi o que Eric esperara.

— Você não conta? — ele perguntou, e não consegui entender tudo que havia em sua voz. Desapontamento, preocupação, um toque de raiva... e uma pontinha de excitação. Aquilo era um bocado para resumir em poucas palavras, mas eu juro que estava tudo lá. — Isso é uma virada inesperada — murmurou. — No entanto, podemos dizer que amamos um ao outro.

— Podemos. — concordei. — E eu te amo, mas estou começando a perceber que estar apaixonada não significa compartilhar tanto quanto achei que devíamos.

Ele não tinha nada a dizer sobre isso.

Passamos pelo Vic's Redneck Roadhouse a caminho da nova danceteria, e mesmo da interestadual pude ver que o estacionamento estava lotado.

— Merda — falei. — Todo o negócio do Merlotte's está sentado lá. O que eles têm que nós não temos?

— Entretenimento. A novidade de ser o lugar novo. Garçonetes em calças apertadas e blusas decotadas — Eric começou.

— Oh, pare — respondi, desgostosa. — Com o problema de Sam ser um metamorfo e todas as outras coisas, eu não sei por quanto tempo o Merlotte's pode aguentar.

Houve uma onda de prazer por parte de Eric.

— Oh, então você não teria emprego — ele disse com falsa simpatia. — Você podia trabalhar para mim no Fangtasia.

— Não, obrigada — falei imediatamente. — Eu detestaria ver os vampirófilos virem noite após noite, sempre querendo o que não deviam ter. É simplesmente triste e ruim.

Eric me fitou, nem um pouco contente com minha resposta rápida.

— É como eu faço meu dinheiro, Sookie, com os sonhos e fantasias perversas dos humanos. A maioria desses humanos são turistas que visitam o Fangtasia uma ou duas vezes e então voltam para Minden ou Emerson, e contam a seus vizinhos sobre seus passeios pelo lado selvagem. Ou é pessoal da base da Força Aérea que gosta de mostrar o quanto são durões ao beberem num bar vampiro.

— Eu compreendo isso. E sei que se os vampirófilos não vierem ao Fangtasia, eles irão para outro lugar onde podem andar com vampiros. Mas

eu não acho que gostaria do ambiente numa base diária. — Estava meio que orgulhosa de mim mesma por ter usado a palavra “ambiente”.

— O que você faria então? Se o Merlotte’s fechasse?

Aquela era uma boa pergunta, e uma que eu teria que considerar seriamente. Falei: — Eu tentaria conseguir outro emprego como garçomete, talvez no Crawdad Diner. As gorjetas não seriam tão boas quanto as do bar, mas a irritação seria menor. E talvez eu tentasse fazer algum curso online para conseguir algum tipo de especialização. Isso seria bom, ter mais educação.

Houve um momento de silêncio.

— Você não mencionou entrar em contato com seu bisavô — disse Eric. — Ele podia se certificar para que você nunca precisasse de nada.

— Não tenho certeza se poderia — respondi surpresa. — Isto é, contatá-lo. Acho que Claude saberia como. De fato, tenho certeza que ele o faria. Mas Niall deixou bem claro que achava que manter contato não seria uma boa ideia. — Foi minha vez de pensar por um segundo. — Eric, você acha que Claude possui um motivo oculto para vir morar comigo?

— É claro que ele tem; Dermot também — disse Eric, sem hesitar. — Só fico surpreso que você precise perguntar.

Não pela primeira vez, me senti inadequada para a tarefa de enfrentar minha vida. Lutei contra uma onda de auto-piedade, de amargura, enquanto me forçava a examinar as palavras de Eric. Tinha minhas suspeitas, é claro, e foi por isso que perguntei a Sam se as pessoas realmente mudavam. Claude sempre foi o mestre do egoísmo, o duque do desinteresse. Por que ele mudaria? Oh, claro, ele sentia falta de estar com outras fadas, especialmente agora que sua irmã estava morta. Mas por que ele viria morar com alguém que tinha tão pouco sangue de fada como eu (especialmente quando fui indiretamente responsável pela morte de Claudine) a menos que tivesse outra coisa em mente?

A motivação de Dermot era tão nebulosa quanto. Seria fácil assumir que a personalidade de Dermot era como a de Jason, porque eram tão parecidos, mas aprendi (com experiências amargas) o que acontecia quando se fazia suposições. Dermot esteve enfeitado por um longo tempo, um feitiço que o deixou louco, mas mesmo através da névoa mental da magia que o dominava, Dermot tentou fazer a coisa certa. Pelo menos, foi o que ele me contou, e eu tinha uma pequena evidência de que isso era verdade.

Eu ainda meditava sobre minha credulidade quando pegamos uma rampa de saída no meio do nada. Era possível ver o brilho das luzes do Beijo do Vampiro, o que é claro era o objetivo.

— Você não teme que as pessoas que teriam viajado até Shreveport para ir ao Fangtasia simplesmente irão parar quando virem este clube? — indaguei.

— Sim.

Fiz uma pergunta idiota, então lhe dei uma folga por ter sido seco comigo. Eric deve ter meditado sobre sua perda financeira desde que Victor comprou o prédio. Mas eu não estava preparada para dar a Eric mais passes livres. Éramos um casal, e ele devia compartilhar totalmente sua vida comigo ou me deixar preocupada com meus próprios problemas. Não era fácil estar ligada a Eric. Olhei para ele, percebendo o quanto isso soaria estúpido para um dos vampirófilos do Fangtasia. Eric certamente era um dos mais belos homens que já vi. Ele era forte, inteligente e fantástico na cama.

Agora existia um silêncio glacial entre mim e aquele homem forte, inteligente e sensual, que durou até estacionarmos. Era difícil encontrar uma vaga, o que deixou Eric ainda mais zangado. *Aquilo* não foi difícil de perceber.

Já que Eric foi convocado, teria sido educado deixar uma vaga para estacionar reservada diante da porta da frente... ou lhe dado sinal verde para entrar pela entrada dos fundos. Havia também a inevitável lição em cores de que o Beijo do Vampiro estava tão movimentado que era difícil encontrar uma vaga de estacionamento.

Ai.

Lutei para afastar minhas próprias preocupações. Eu precisava me concentrar nos problemas que estávamos prestes a encarar. Victor não confiava e nem gostava de Eric, e o sentimento era mútuo. Desde que Victor ficou a cargo da Louisiana, a posição de Eric como único remanescente da era Sophie-Anne tornou-se cada vez mais precária. Eu tinha certeza que consegui continuar com minha vida sem ser molestada apenas porque fui tapeada por Eric ao casar-me sob a visão dos vampiros.

Eric, com a boca pressionada numa linha fina, deu a volta para abrir minha porta. Pude perceber que ele estava usando a manobra como uma forma de escanear o estacionamento à procura de perigo. Ele parou de modo que seu corpo ficasse entre mim e o clube, e enquanto eu deslizava

minhas pernas para fora do Town Car, ele perguntou: — Quem está no estacionamento, amada?

Fiquei de pé, lenta e cautelosamente, os olhos fechados para me concentrar. Pousei a mão sobre a dele que descansava no batente da porta. Na noite cálida, com um vento suave gentilmente embalando meus cabelos, projetei meu sentido extra.

— Um casal fazendo sexo num carro a duas fileiras de distância — sussurrei. — Um homem vomitando atrás da picape preta do outro lado do estacionamento. Dois casais acabando de estacionar, numa Escalade. Um vampiro na porta do clube. Outro vampiro se aproximando *rápido*.

Quando vampiros entram em alerta, não existe engano. As presas de Eric saltaram, seu corpo enrijeceu e ele girou na direção contrária.

— Mestre. — disse Pam. Ela saiu das sombras de uma enorme SUV. Eric relaxou; então, gradualmente, eu o fiz. O que quer que tenha causado a briga em minha casa, foi posta de lado esta noite. — Vim na frente como você ordenou — ela murmurou, o vento noturno colhendo sua voz e a espalhando. Seu rosto parecia curiosamente escurecido.

— Pam, fique sob a luz — falei.

Ela o fez, embora certamente não fosse obrigada a me obedecer.

A escuridão sob a pele branca de Pam era o resultado de uma briga. Vampiros não se machucam como nós exatamente, e eles se curam rápido—mas quando são espancados com força, pode se perceber por um tempo.

— O que aconteceu com você? — Eric perguntou. Sua voz soou completamente vazia, o que eu sabia ser algo terrivelmente ruim.

— Eu disse aos seguranças na porta que precisava entrar para assegurar Victor de sua chegada. Uma desculpa para me certificar de que o interior era seguro.

— Eles a impediram.

— Sim.

Uma leve brisa rompeu, soprando o ar noturno ao longo do estacionamento mal-cheiroso. A brisa soprou em meus cabelos, cobrindo meu rosto. Eric estava com os seus presos na nuca, mas Pam levantou a mão para segurar os dela. Eric desejara Victor morto há meses, e infelizmente eu sentia o mesmo. Não era apenas a preocupação e raiva de Eric que eu estava canalizando; eu mesma compreendia o quanto a vida seria melhor para nós se Victor desaparecesse.

Já passei por tanta coisa. Em momentos como esse, eu ficava triste e aliviada ao mesmo tempo por conseguir pensar na morte de Victor não apenas sem escrúpulos, mas com fervor positivo. Minha determinação em sobreviver, e assegurar a sobrevivência daqueles a quem eu amava, era mais forte do que a religião que sempre considerei tão cara.

— Temos que entrar ou eles enviarão alguém atrás de nós — disse Eric finalmente, e caminhamos até a entrada principal em silêncio. Tudo que precisávamos era de uma canção-tema da pesada tocando ao fundo: algo ameaçador e *cool*, com muita bateria, para indicar que “Os Vampiros Visitantes e Sua Acompanhante Humana Entram Numa Armadilha”. Contudo, a música do clube estava fora de sincronia com nosso pequeno drama—“Hips Don’t Lie” não era exatamente uma música da pesada.

Passamos por um homem de barba esguichando água de uma mangueira na calçada perto da porta. Eu ainda conseguia avistar manchas escuras de sangue. Pam fungou. — Não é meu — murmurou.

A vampira de serviço na porta era uma morena robusta usando uma coleira de couro metalizada e um bustiê de couro, com um tutu (eu juro por Deus) e botas de motoqueiro. Só a saia de babados destoava do conjunto.

— Xerife Eric — ela disse com um pesado sotaque inglês. — Sou Ana Lyudmila. Eu lhe dou as boas-vindas ao Beijo do Vampiro.

Ela sequer olhou para Pam, muito menos para mim. Eu já esperava que ela me ignorasse, mas sua desconsideração com Pam era um insulto, especialmente depois de Pam já ter se encontrado com pessoal do clube. Esse comportamento era o tipo de gatilho que podia tirar Pam do sério, e imaginei que esse fosse o plano. Se Pam agisse, os novos vampiros teriam uma razão legítima para matá-la. O alvo nas costas de Eric assumiria enormes proporções.

Naturalmente, eu sequer seria um fator em seus pensamentos, porque eles não conseguiam imaginar o que um humano poderia fazer contra a força e velocidade dos vampiros. E já que eu não era a Super-Mulher, eles podiam estar certos. Eu não tinha certeza quantos vampiros sabiam que eu não era totalmente humana, ou o quanto se importavam mesmo se soubessem que eu era uma fração fada. Não era como se alguma vez eu tivesse exibido quaisquer poderes. Meu valor consistia em meu talento telepático e minha conexão com Niall. Já que Niall deixara este mundo pelo mundo dos fae, eu imaginava que o valor tivesse diminuído de acordo. Mas Niall poderia escolher voltar para o mundo humano a qualquer momento, e

eu era esposa de Eric pelo ritual vampiro. Então Niall ficaria ao lado de Eric num conflito aberto. Pelo menos, esta era minha melhor aposta. Com fadas, quem sabe? Era hora de me afirmar.

Pousei a mão no ombro de Pam e dei um tapinha. Era como bater numa rocha. Sorri para Ana Lyudmila.

— Oi — eu disse, alegre como uma animadora de torcida. — Sou Sookie. Casada com Eric. Imagino que não sabia disso? E esta é Pam, filha de Eric e forte braço direito. Imagino que não sabia disso também? Porque, caso contrário, não nos cumprimentar apropriadamente é simplesmente grosseiro. — Abri um largo sorriso para ela.

Parecendo como se eu estivesse forçando-a a engolir um sapo vivo, Ana Lyudmila disse: — Bem-vinda, esposa humana de Eric e venerável lutadora Pam. Peço desculpas por falhar em lhes oferecer apropriadas boas-vindas.

Pam fitava Ana Lyudmila como se estivesse imaginando quanto tempo levaria para arrancar os cílios de Ana um por um. Bati com o punho no ombro de Pam, amiguinhas.

— Tudo bem, Ana Lyudmila — respondi. — Estamos todos bem aqui.

Pam transferiu seu olhar para mim, e lutei para não me encolher. Para aumentar a tensão, Eric estava fazendo uma boa imitação de uma grande rocha branca. Lancei-lhe um olhar bem carregado.

Ana Lyudmila não poderia ter surrado Pam. Ela não tinha o poder. Além disso, ela parecia bem, e eu tinha absoluta certeza de que se alguém tivesse botado a mão em Pam, o vampiro mostraria as consequências.

Após um segundo, Eric disse: — Acho que seu mestre está nos esperando. — Seu tom era de reprimenda gentil. Ele certificou-se para que seu enorme autocontrole fosse evidente.

Se Ana Lyudmila pudesse corar, acho que ela o teria feito.

— Sim, é claro — disse. — Luis! Antonio!

Dois rapazes, morenos e musculosos, materializaram-se no meio da multidão. Eles usavam calções de couro e botas. Ponto. Okay, uma aparência diferente para funcionários do Beijo do Vampiro. Presumi que Ana Lyudmila estava seguindo seu próprio gênio fashion, mas aparentemente todos os vampiros de serviço tinham que vestir trajes do tipo escravos sexuais das cavernas. Pelo menos, presumi que esse fosse o *look* que estavam seguindo.

Luis, o mais alto dos dois, disse: — Sigam-nos, por favor — em sotaque inglês. Seus mamilos eram perfurados, algo que nunca vi antes, e

naturalmente me descobri querendo dar uma olhada mais de perto. Mas em meu manual, era basicamente de mau gosto encarar os pertences de alguém, não importa o quanto estejam expostos.

Antonio não conseguia esconder o fato de que Pam o impressionara, mas isso não o impediria de nos matar se Victor lhe ordenasse.

Seguimos os escravos Gêmeos Bobbsey através da pista de dança cheia. Aqueles calções de couro eram uma aventura vistos por trás, por assim dizer. E as fotografias de Elvis decorando as paredes eram educativas também. Não era com frequência que se topava com um clube vampiro com temática escravidão/Elvis/casa de prostituição.

Pam admirava a decoração também, mas não com seu divertimento sardônico habitual. Parecia haver um bocado na cabeça de Pam.

— Como estão seus três amigos? — ela perguntou a Antonio. — Aqueles que me impediram de entrar.

Ele sorriu meio que rigidamente e tive a sensação de que os vampiros feridos não eram os favoritos dele.

— Estão recebendo sangue de doadores nos fundos — disse. — Acho que o braço de Pearl sarou.

Seguindo na minha frente através do salão barulhento, Eric avaliava o clube com uma série de olhares casuais. Era importante para ele parecer relaxado, como se tivesse certeza de que seu chefe não desejava lhe causar mal. Eu podia captar isso através de nosso vínculo. Já que ninguém se importava comigo, eu estava livre para olhar onde quisesse... embora esperasse estar fazendo isso com um ar aparentemente despreocupado.

Havia pelo menos vinte sanguessugas no Beijo do Vampiro, mais do que Eric já teve no Fangtasia de uma vez. Havia também um bocado de humanos. Eu desconhecia a capacidade do prédio, mas tinha certeza que se excedera. Eric estendeu a mão atrás dele, e eu peguei sua mão fria. Ele me puxou para frente, pousou o braço esquerdo em meus ombros, e Pam fechou a retaguarda. Estávamos em DEFCON Quatro, Alerta Laranja, ou o que quer que venha pouco antes da explosão. A tensão vibrava através de Eric como uma corda de guitarra dedilhada.

E então avistamos a fonte.

Victor encontrava-se sentado nos fundos, numa espécie de cercado para VIPs. Este possuía um enorme banco quadrado forrado de veludo vermelho, diante do qual ficava centrada a mesa baixa habitual. Estava coberta de pequenas bolsinhas de noite, copos pela metade e notas de

dólares. Victor definitivamente era a peça central do grupo, com os braços ao redor de um rapaz e de uma moça ladeando-o. O quadro vivo era um cartaz do que os humanos conservadores mais temiam: o vampiro corrupto seduzindo a juventude da América, induzindo-os a orgias bissexuais e ingestão de sangue. Olhei de um humano para o outro.

Embora um fosse masculino e outro feminino, eles eram espantosamente parecidos. Mergulhando em suas mentes, eu rapidamente descobri que ambos usavam drogas, tinham acima de vinte e um anos e eram sexualmente experientes. Senti-me um pouco triste por eles, mas sabia que não podia me responsabilizar. Apesar de ainda terem de perceber, eles eram apenas acessórios para Victor. Suas posições eram convenientes à vaidade.

Havia outro humano no cercado, uma moça sentada sozinha. Ela usava um vestido branco comprido, e seus olhos castanhos fixaram-se em Pam com desespero. A mulher claramente estava horrorizada com a companhia que mantinha. Um minuto antes, eu teria apostado que Pam não poderia ficar mais zangada ou miserável do que estava, mas eu errei.

— Miriam — Pam sussurrou.

Oh, Jesus Cristo, Pastor da Judéia. Esta era a mulher que Pam desejava transformar, a mulher que ela queria tornar sua criança. Miriam devia ser a mulher mais doente que já vi fora de um hospital. Mas seu cabelo castanho-claro foi arrumado num estilo festivo, e ela foi maquiada, apesar dos cosméticos se destacarem num rosto tão pálido que até seus lábios pareciam brancos.

O rosto de Eric não demonstrou nada, mas pude senti-lo lutar, esforçando-se para manter o rosto imóvel e os pensamentos claros.

Vários pontos a Victor por uma incrível emboscada.

Luis e Antonio, tendo nos entregado, posicionaram-se na entrada do cercado VIP. Eu não sabia se eles ficariam ali para nos manter dentro ou manter o pessoal fora. Além do mais, estávamos protegidos por figuras de papelão de Elvis em pé, em tamanho natural. Não fiquei impressionada. Já conheci o verdadeiro.

Victor nos saudou com um maravilhoso sorriso, branco e dentuço, tão brilhante quanto o de um apresentador de game show.

— Eric, que bom vê-lo em meu novo empreendimento! Gosta da decoração? — Ele acenou com a mão para indicar o clube inteiro lotado. Embora Victor não fosse um homem alto, ele claramente era o rei do

castelo, e estava devorando cada minuto disso. Inclinou-se para a frente para pegar seu drinque sobre a mesa baixa.

Até o copo era dramático—escuro, esfumaçado, acanelado. Combinava com a “decoreação” que deixava Victor tão orgulhoso. Eu teria chamado (se alguma vez tivesse a chance de descrever para alguém, o que a esta altura parecia um bocado improvável) de bordel antigo: bastante madeira escura, papel de parede decorado, couro e veludo vermelho. Parecia pesado e florido para mim; provavelmente eu estava sendo preconceituosa. O pessoal girando na pista de dança parecia estar apreciando o Beijo do Vampiro não importa como estivesse decorado. A banda era um grupo vampiro, então eram ótimos. Eles tocavam uma canção atual e então um número mais *blues rock*. Já que os membros da banda podiam ter tocado com Robert Johnson e Memphis Minnie, eles tinham várias décadas de prática.

— Estou pasmo — disse Eric, num tom de voz completamente neutro.

— Perdoe meus maus modos! Por favor, sentem-se — disse Victor. — Minhas companhias são... seu nome, queridinha? — perguntou para a garota.

— Sou Mindy Simpson — ela respondeu com um sorriso coquete. — Este é meu marido, Mark Simpson.

Eric tomou conhecimento deles com um piscar de olhos. Pam e eu nem tínhamos entrado na conversa ainda, então não tivemos que responder.

Victor não apresentou a moça pálida. Claramente estava guardando o melhor para o final.

— Vejo que sua querida esposa está com você — disse Victor enquanto nós os recém-chegados sentávamos à direita de Victor no banco comprido. Não era tão confortável quanto eu esperava, e a profundidade do assento não concordava com o comprimento de minhas pernas. O recorte em tamanho natural de Elvis à minha direita usava o famoso macacão branco. Clássico.

— É, estou aqui — respondi deprimida.

— E sua famosa tenente, Pam Ravenscroft — Victor continuou, como se estivesse nos identificando para um microfone oculto.

Apertei a mão de Eric. Ele não podia ler minha mente, o que (neste exato momento) achei uma pena. Havia muita coisa acontecendo aqui que desconhecíamos. Aos olhos vampiros, como esposa humana de Eric, eu equivalia a sua concubina número um. O título de “esposa” me dava status

e proteção, teoricamente me tornando intocável para outros vampiros e seus servos. Eu não estava exatamente orgulhosa de ser uma cidadã de segunda classe, mas uma vez que entendi por que Eric me trapaceou neste relacionamento, eu gradualmente me conformei com o título. Agora era hora de oferecer a Eric um pouco de apoio em retribuição.

— Há quanto tempo o Beijo do Vampiro está aberto? — sorri para o odioso Victor. Eu tinha anos de experiência em parecer feliz quando não estava, e era a rainha do bate-papo.

— Você não viu toda minha publicidade prévia? Apenas três semanas, mas até agora tem sido um sucesso — disse Victor, seus olhos mal me tocando. Ele não estava interessado em mim como pessoa, em absoluto. Nem mesmo estava interessado em mim sexualmente. Acredite, eu conheço os sinais. Ele estava muito mais interessado em mim como uma criatura cuja morte iria ferir Eric. Em outras palavras, minha ausência seria mais eficaz do que a presença.

Já que ele estava se dignando a falar comigo, pensei em tirar vantagem.

— Você passa muito tempo por aqui? Estou surpresa por eles não precisarem de você com mais frequência em Nova Orleans.

Bam! Esperei por sua resposta, sorrindo firmemente.

— Sophie-Anne achava adequado ficar permanentemente baseada em Nova Orleans, mas eu vejo meu governo mais como sendo flutuante — disse Victor jovialmente. — Gosto de manter um pulso firme sobre tudo que acontece na Louisiana, especialmente já que sou apenas um regente, controlando o estado para Felipe, meu querido rei. — Seu sorriso tornou-se positivamente feroz.

— Minhas felicitações por se tornar regente — disse Eric, como se nada pudesse ser mais desejável.

Havia um bocado de fingimento acontecendo neste prédio. Tantas tendências ocultas, era possível se afogar nelas, e nós podíamos.

— Muito obrigado — respondeu Victor selvagemmente. — Sim, Felipe decretou que eu deveria usar o título de “regente”. É tão incomum um rei ter acumulado tantos territórios como Felipe, e ele levou um tempo decidindo o que fazer. Ele decidiu manter todos os títulos para si mesmo.

— E você será regente do Arkansas também? — perguntou Pam. Ao som da voz de Pam, Miriam Earnest começou a chorar. Ela estava tentando ser discreta a respeito, como uma mulher pode ser, mas choro não é silencioso. Pam não olhou na direção de Miriam.

— Não — Victor disse, cuspiendo a palavra. — Red Rita recebeu a honra.

Eu não tinha ideia de quem Red Rita poderia ser, mas tanto Eric quanto Pam pareceram impressionados.

— Ela é uma grande lutadora — Eric me disse. — Uma vampira forte. É uma boa escolha para reconstruir o Arkansas.

Ótimo, talvez nós pudéssemos ir morar lá.

Embora não pudesse ler mentes vampiras, eu não precisava. Tudo que tinha de fazer era observar o rosto de Victor para compreender que Victor queria—ansiava—o título de rei, que ele esperara governar os dois novos territórios de Felipe. Seu desapontamento o fez ficar zangado, e ele estava concentrando aquela raiva em Eric, o maior alvo ao seu alcance. Provocar Eric e intrometer-se em seu território não seria suficiente para Victor.

E era por isso que Miriam encontrava-se sentada no clube esta noite. Tentei entrar em sua cabeça. Quando cuidadosamente senti as beiradas, encontrei uma espécie de névoa branca. Ela estava drogada, embora eu não soubesse que tipo de droga tomara, ou se foi por livre vontade ou coagida.

— Sim, claro — Victor disse, e voltei ao aqui e agora com um solavanco. Enquanto estive na cabeça de Miriam, os vampiros permaneceram no assunto sobre Red Rita. — Enquanto ela está se estabelecendo na vizinhança, achei que seria apropriado fortalecer a área da Louisiana que faz limites com seu território. Inaugurei o lugar humano, e este. — Victor estava praticamente ronronando.

— Você é dono do Vic's Redneck Roadhouse — falei entorpecida. É claro! Eu devia ter sabido. Victor estava *reunindo* razões para eu querê-lo morto?

Naturalmente, economia não devia ter nada a ver com vida e morte, mas com frequência demais as duas estavam definitivamente ligadas.

— Sim — disse Victor, sorrindo para mim. Ele estava tão feliz quanto um Papai Noel de shopping. — Você passou por lá? — Ele recolocou o copo na mesa.

— Não, ocupada demais — respondi.

— Mas ouvi falar que os negócios no Merlotte's andam em baixa? — Victor tentou um olhar de falsa preocupação, logo descartado. — Se precisa de um emprego, Sookie, eu posso dar uma palavrinha com meu gerente no Redneck Roadhouse... a menos que você prefira trabalhar aqui? Isso não seria divertido?!

Eu tive que respirar fundo. Houve um longo momento de silêncio. Porque naquele instante, tudo dependia de equilíbrio.

Com incrível controle, Eric depositou sua raiva atrás de uma parede, pelo menos temporariamente. Disse: — Sookie está bem adaptada onde trabalha agora, Victor. Se não estivesse, ela viria morar comigo e talvez trabalhar no Fangtasia. Ela é uma mulher americana moderna e está acostumada a se sustentar sozinha. — Eric disse isso como se estivesse orgulhoso de minha independência, embora eu soubesse que não era o caso. Ele realmente não conseguia entender por que eu insistia em manter meu emprego. — Já que estamos discutindo minhas associadas, Pam me disse que você a disciplinou. Não é costumeiro disciplinar o tenente de um xerife. Certamente isso devia ser tarefa de seu mestre. — Eric permitiu que sua voz demonstrasse um leve descontentamento.

— Você não estava aqui — Victor protestou suavemente. — E ela mostrou grande desrespeito por meus seguranças ao insistir que devia entrar antes de você para uma checagem de segurança, como se fôssemos permitir que algo em nosso clube ameaçasse nosso mais poderoso xerife.

— Você tem negócios que queria discutir? — perguntou Eric. — Não que não seja maravilhoso ver o que você fez aqui. No entanto... — Ele deixou a voz morrer, como se fosse simplesmente educado demais para dizer, “Tenho coisas mais importantes a fazer.”

— É claro, obrigado por me lembrar — disse Victor. Ele inclinou-se para pegar o copo com fumaça cinza, reabastecido por uma garçonete, cheio até a borda com um líquido vermelho escuro. — Desculpem, não lhes ofereci um drinque ainda. Um pouco de sangue para você, Eric, Pam?

Pam tirou vantagem da conversa para fitar Miriam, que parecia prestes a desmaiar a qualquer segundo... e talvez não levantar novamente. Pam afastou o olhar da moça e concentrou-se em Victor. Sacudiu a cabeça em silêncio.

— Obrigado pelo oferecimento, Victor — Eric começou —, mas...

— Sei que brindará comigo. A lei me impede de oferecer Mindy ou Mark como bebida já que não são doadores registrados, e eu sigo a lei à risca. — Ele sorriu para Mindy e Mark, que retribuíram o sorriso. Idiotas. — Sookie, o que vai querer?

Eric e Pam foram obrigados a aceitar a oferta de sangue sintético, mas porque eu era apenas humana, me foi permitido insistir que não estava com

sede. Se ele tivesse me oferecido bife à milanesa e tomates verdes fritos, eu teria dito que não estava com fome.

Luis acenou para um dos garçons, e o homem sumiu para reaparecer com TrueBlood. As garrafas estavam numa grande bandeja, junto com taças escuras e elegantes, idênticas à de Victor.

— Tenho certeza que as garrafas não agradam ao seu senso estético — disse Victor. — Elas me ofendem.

Como todos os serviçais, o homem que trouxe as bebidas era humano, um sujeito bonito numa sunga de couro (ainda menor do que o calção de couro de Luis) e botas altas. Uma espécie de alfinete preso à sunga dizia “Colton”. Seus olhos eram espantosamente cinzentos. Quando colocou a bandeja na mesa e a descarregou, ele estava pensando em alguém chamado Chic, ou Chico... e quando encontrou meus olhos diretamente, pensou, *Sangue de fada nos copos. Não deixe seus vampiros beberem.*

Olhei para ele por um longo instante. Ele sabia a meu respeito. Agora eu sabia algo sobre ele. Ele ouvira falar sobre minha habilidade, conhecimento comum na comunidade sobrenatural, e acreditara.

Colton baixou os olhos.

Eric girou a tampa para abrir a garrafa, levantou-a para colocar o conteúdo no copo.

NÃO, falei para ele. Não podíamos nos comunicar telepaticamente, mas enviei uma onda de negatividade, e rezei para que ele a captasse.

— Eu não tenho nada contra embalagem americana, como você — disse Eric calmamente, levando a garrafa diretamente aos lábios. Pam imitou-o.

Uma ponta de irritação cruzou o rosto de Victor tão rapidamente que eu poderia ter imaginado se não estivesse observando-o tão atentamente. O servo de olhos cinzentos afastou-se.

— Tem visto seu bisavô recentemente, Sookie? — Victor perguntou, como se estivesse dizendo “Te peguei!”

Não havia sentido em fingir ignorância sobre minha conexão com as fadas.

— Não nas últimas semanas — respondi cautelosamente.

— Mas você tem dois de sua espécie morando em sua casa.

Isso não era informação confidencial, e eu tinha certeza que a nova vampira de Eric, Heidi, contara a Victor. Heidi realmente não tinha escolha, a desvantagem de se ter parentes humanos vivos que ainda amava.

— Sim, meu primo e meu tio-avô estão ficando comigo por um tempo.
— Eu estava orgulhosa por ter conseguido soar quase entediada.

— Imaginei se seria possível você me dar uma idéia a respeito da política das fadas — Victor disse calmamente.

Mindy Simpson, cansada de conversas que não a incluíam, começou a fazer beicinho. Ela não era sábia.

— Eu não. Eu fico longe de política — respondi a Victor.

— Verdade? Mesmo depois de sua provação?

— Sim, mesmo depois de minha provação — respondi categórica. Eu *realmente* queria conversar sobre meu rapto e mutilação. Ótimo assunto para festas. — Simplesmente não sou um animal político.

— Mas um animal — Victor disse tranquilamente.

Houve um momento de silêncio congelante. No entanto, eu estava decidida que, se Eric morresse tentando matar esse vampiro, não seria por causa de um insulto a mim.

— Essa sou eu — respondi, retribuindo seu sorriso com interesse. — Sangue quente, respirando. Posso até mesmo lactar. O pacote mamífero completo.

Os olhos de Victor se estreitaram. Talvez eu tivesse ido longe demais.

— Temos mais alguma coisa para discutir, Regente? — Pam perguntou, adivinhando corretamente que Eric estava furioso demais para falar. — Ficarei contente em ficar por quanto tempo desejar, ou contanto que minhas palavras o agradem, mas devo trabalhar no Fangtasia esta noite, e meu mestre Eric tem uma reunião a comparecer. Aparentemente minha amiga Miriam está desgastada esta noite, e levarei-a para casa comigo para fazê-la descansar.

Victor olhou para a mulher pálida como se estivesse notando-a só agora.

— Oh, você a conhece? — ele perguntou negligentemente. — Sim, acredito que alguém tenha mencionado. Eric, esta é a mulher que você disse que Pam queria transformar? Eu sinto tanto por ter que dizer não, já que pelos meus cálculos ela pode não viver por muito tempo.

Pam não se moveu. Ela nem mesmo se contraiu.

— Vocês podem ir — disse Victor, exagerando no ar informal. — Já que lhes informei sobre minha regência, e vocês viram meu belo clube. Oh, estou pensando em abrir um estabelecimento de tatuagens e talvez um escritório de advocacia, embora meu homem para este posto tenha que

estudar lei moderna. Ele recebeu o diploma de direito em Paris, em 1800. — O sorriso indulgente de Victor desapareceu por completo. — Você sabe que, como regente, eu tenho o direito de abrir um negócio na área de qualquer xerife? Todo o dinheiro dos novos clubes virá diretamente para mim. Espero que seus rendimentos não sofram muito, Eric.

— Em absoluto — disse Eric (Não acho que isso realmente tenha tido qualquer significado). — Somos todos parte de sua gleba, Mestre. — Se a voz dele tivesse sido lavada, teria ondulado ao vento, de tão seca e vazia.

Nos levantamos, mais ou menos como uma unidade, e inclinamos as cabeças para Victor. Ele acenou a mão em despedida e inclinou-se para beijar Mindy Simpson. Mark aproximou-se do vampiro no outro lado e aconchegou-se ao ombro de Victor. Pam aproximou-se de Miriam Earnest e inclinou-se sobre a garota para colocar um braço ao redor dela e ajudá-la a levantar-se. Assim que ficou de pé, apoiada por Pam, Miriam concentrou-se em chegar até a porta. Sua mente podia estar nublada, mas os olhos gritavam.

Deixamos o clube num silêncio triste (pelo menos no que dizia respeito a nossa conversa; a música simplesmente *nunca animou*), escoltados por Luis e Antonio. Os irmãos passaram pela robusta Ana Lyudmila para nos seguir até o estacionamento, o que me surpreendeu.

Quando nos aproximamos da primeira fila de carros, Eric virou-se para encará-los. Não coincidentemente, o volume de uma Escalade bloqueou a vista entre Ana Lyudmila e nosso pequeno grupo.

— Vocês dois têm algo a me dizer? — ele perguntou suavemente. Como se de repente tivesse compreendido que havia saído do Beijo do Vampiro, Miriam ofegou e começou a chorar, e Pam tomou-a nos braços.

— Não foi nossa ideia, xerife — disse Antonio, o mais baixo dos dois. Seus abdominais reluzentes brilharam sob as luzes do estacionamento.

Luis disse: — Somos leais a Felipe, nosso verdadeiro rei, mas não é fácil atender Victor. Foi uma noite ruim para nós quando fomos despachados para a Louisiana para servi-lo. Agora que Bruno e Corinna desapareceram, ele não encontrou ninguém para tomar seus lugares. Nenhum tenente forte. Ele viaja constantemente, tentando manter um olho em cada canto da Louisiana. — Luis sacudiu a cabeça. — Estamos gravemente sobrecarregados. Ele precisa se estabelecer em Nova Orleans, construir a estrutura de apoio vampira lá. Não precisamos perambular por aí em couro que mal cobre nossos traseiros, drenando o lucro de seu clube. Cortar pela

metade o rendimento disponível não é boa economia, e os custos de abertura foram exorbitantes.

— Se estão tentando me seduzir para trair meu novo mestre, vocês escolheram o vampiro errado — disse Eric, e tentei não ficar de boca aberta.

Achei que fosse Natal em junho quando Luis e Antonio revelaram seu descontentamento, mas obviamente não andei pensando de modo indireto o suficiente... de novo.

Pam disse: — Calções de couro são atraentes comparados aos tecidos sintéticos pretos que *eu* tenho que usar. — Ela segurava Miriam, mas não olhava ou se referia a ela, como se quisesse que todos se esquecessem que a garota estava ali.

Sua queixa sobre o traje não era despropositada, mas irrelevante. Pam sempre fora nada senão diligente. Antonio lançou-lhe um olhar de desgosto desiludido.

— Você devia ser mais feroz — ele murmurou. Olhou para Eric. — E você devia ser mais audacioso. — Ele e Luis viraram-se e voltaram para o clube.

Depois disso, Pam e Eric começaram a se mover com rapidez, como se nós tivéssemos um prazo para sair da propriedade.

Pam simplesmente levantou Miriam e correu até o carro de Eric. Ele abriu a porta de trás, ela colocou a namorada e então entrou em seguida. Já que pressa era a ordem da noite, subi no banco da frente e coloquei o cinto em silêncio. Virei para trás para ver que Miriam desmaiara no minuto em que percebeu que estava segura.

Assim que o carro deixou o estacionamento, Pam começou a rir e Eric deu um largo sorriso. Eu estava espantada demais para perguntar-lhes qual era a graça.

— Victor simplesmente não consegue se conter — disse Pam. — Se exibindo às custas de minha pobre Miriam.

— E então a oferta impagável dos irmãos de couro!

— Você viu a cara de Antonio? — Pam respondeu. — Sinceramente, eu não me divertia tanto desde que mostrei minhas presas àquela velha que reclamou sobre a cor da pintura de minha casa!

— Isso lhes dará algo em que pensar — disse Eric. Ele olhou para mim, as presas cintilando. — Foi um bom momento. Não consigo acreditar que ele achou que nós cairíamos nessa.

— E se Antonio e Luis estivessem sendo sinceros? — perguntei. — E se Victor tivesse tomado o sangue de Miriam ou a transformasse ele mesmo? — Virei no banco para fitar Pam.

Ela me olhava quase com pena, como se eu fosse uma romântica incurável.

— Ele não podia — disse. — Estava com ela num local público, ela possui muitos parentes humanos, e ele tem que saber que eu o mataria se fizesse isso.

— Não se você estivesse morta primeiro — respondi. Eric e Pam não pareciam ter meu próprio respeito pelas táticas letais de Victor. Pareciam quase insanamente presunçosos. — E por que vocês dois tem tanta certeza de que Antonio e Luis estavam inventando tudo aquilo só para ver como vocês reagiam?

— Se estavam falando sério, eles se aproximarão de nós novamente — disse Eric, direto. — Eles não têm outro recurso, se tentaram Felipe e ele recusou. Suspeito que o fez. Diga-me, amada, qual era o problema com as bebidas?

— O *problema* foi que ele esfregou sangue de fada dentro dos copos — respondi. — O servo humano, o sujeito de olhos cinzentos, me deu o aviso.

E os sorrisos desapareceram como se tivessem sido desligados com um interruptor. Tive um instante de satisfação desagradável.

Sangue de fada puro é intoxicante para vampiros. Não há como saber o que Pam ou Eric teriam feito se eles tivessem bebido daqueles copos. E eles teriam engolido o mais rápido possível porque o cheiro é tão atraente quanto a substância de fato.

Como tentativa de envenenamento, esta foi sutil.

— Não acho que aquela quantidade poderia ter nos feito comportar de modo incontrolável — disse Pam. Mas ela não pareceu tão confiante.

Eric levantou as sobrancelhas louras. — Era uma experiência cautelosa — ele disse pensativamente. — Poderíamos ter atacado alguém no clube, ou ido atrás de Sookie, já que ela possui esse interessante traço de fada. Teríamos nos feito de tolos publicamente, de qualquer forma. Poderíamos ter sido presos. Foi algo excelente você ter nos impedido, Sookie.

— Eu tenho minhas utilidades — respondi, reprimindo o baque de medo que a ideia de Eric e Pam enlouquecendo com sangue de fada evidenciou.

— E você é a *esposa* de Eric — Pam observou em voz baixa.

Eric fuzilou-a através do espelho retrovisor.

O silêncio que se abateu era tão denso que eu desejei ter uma faca. Esta briga secreta de Eric-e-Pam era tão irritante quanto frustrante. A atenuação do ano.

— Há algo que vocês querem me contar? — perguntei, temerosa da resposta. Mas qualquer coisa era melhor do que não saber.

— Eric tem uma carta... — Pam começou, e antes que eu pudesse registrar o movimento, Eric virou-se, estendeu a mão sobre o assento e agarrou-lhe a garganta. Já que ele ainda estava dirigindo, eu gritei de terror.

— Olhe para frente, Eric! Não comecem a brigar de novo — eu disse. — Olhe, apenas vá em frente e me conte!

Com a mão direita, Eric ainda segurava Pam num aperto que a teria sufocado se ela estivesse viva. Ele guiou com a mão esquerda, e paramos no acostamento da estrada. Não pude ver nenhum carro vindo à frente, e tampouco havia faróis atrás de nós. Eu não sabia se o isolamento me fazia sentir bem ou mal. Eric encarou sua criança, e os olhos estavam tão brilhantes que praticamente soltavam faíscas.

Ele disse: — Pam, não fale. É uma ordem. Sookie, *esqueça isso*.

Eu poderia ter dito várias coisas. Poderia ter dito, “Eu não sou sua vassala, e digo o que eu quiser” ou “Foda-se, me deixe sair”, e chamado meu irmão para me buscar.

Mas fiquei sentada em silêncio.

Tenho vergonha de dizer que naquele momento eu estava com medo de Eric, esse vampiro desesperado e determinado que estava atacando sua melhor amiga porque não queria que eu soubesse... de algo. Através do vínculo que sentia com ele, captei um confuso feixe de emoções negativas: medo, raiva, tristeza, decisão, frustração.

— Me leve para casa — falei.

Num eco sinistro, a frouxa Miriam sussurrou: — Me leve para casa...

Após um longo instante, Eric soltou Pam, que tombou no banco de trás como um saco de arroz. Ela inclinou-se protetoramente sobre Miriam. Num silêncio gelado, Eric me levou de volta para casa. Não houve menção adicional ao sexo que havíamos programado ter após a noite “divertida”. Naquele ponto, eu teria preferido fazer sexo com Luis e Antonio. Ou Pam. Disse adeus a Pam e Miriam, desci e entrei em casa sem olhar para trás.

Acho que Eric, Pam e Miriam voltaram para Shreveport juntos, e acho que, em algum ponto, ele permitiu que Pam falasse novamente, mas não sei.

Não consegui dormir depois de lavar o rosto e pendurar o lindo vestido. Esperava poder usá-lo numa noite mais feliz, no futuro. Eu ficava bem demais nele para me sentir tão miserável. Imaginei se Eric teria tratado a noite com tal compostura se tivesse sido eu a ser capturada por Victor, drogada e colocada naquele banco para o mundo inteiro ver.

E havia outra coisa me preocupando. Isso é o que eu teria perguntado a Eric se ele não tivesse agido como um ditador. Eu teria dito, “Onde Victor conseguiu o sangue de fada?”

É o que eu teria perguntado.

Capítulo 4

Levantei no dia seguinte me sentindo bem deprimida no geral, mas me animei quando vi que Claude e Dermot tinham voltado para casa na noite anterior.

A evidência era clara. A camisa de Claude estava jogada na cadeira da cozinha, e os sapatos de Dermot no pé da escada. Além disso, depois que tomei café e banho, e saí do quarto com um shorts e uma camiseta verde, os dois estavam esperando por mim na sala.

— Bom dia, rapazes — falei. Até para os meus ouvidos, eu não soava alegre. — Vocês se lembram que hoje é o dia em que os negociantes de antiguidades vêm? Eles devem estar aqui em uma ou duas horas.

Me preparei para a conversa que devíamos ter.

— Ótimo, então esta sala não vai ficar parecendo uma loja de usados — disse Claude à sua maneira charmosa.

Eu apenas concordei. Hoje, nós tínhamos o Claude Detestável, ao contrário do mais raramente visto Claude Tolerável.

— Nós prometemos uma conversa — disse Dermot.

— E então vocês não voltaram para casa naquela noite. — Sentei numa cadeira de balanço velha do sótão. Eu não me sentia particularmente pronta para esta conversa, mas também estava ansiosa por algumas respostas.

— Coisas acontecendo no clube — disse Claude, evasivo.

— A-hã. Deixe-me adivinhar, uma das fadas está desaparecida.

Aquilo os fez se sentar e prestar atenção. — O quê? Como você sabe? — Dermot recuperou-se primeiro.

— Victor o pegou. Ou ela — acrescentei. Contei-lhes a história da noite passada.

— Não é suficiente termos que lidar com os problemas de nossa própria raça — disse Claude. — Agora somos tragados para as brigas dos malditos vampiros também.

— Não — respondi, sentindo que caminhava ladeira acima naquela conversa. — Vocês, como grupo, foram tragados para as brigas dos vampiros. Um de vocês foi levado para um propósito específico. Cenário diferente. Deixe-me apontar que, provavelmente, essa fada raptada foi sangrada, porque era disso que os vampiros precisavam, do sangue. Não estou dizendo que seu camarada desaparecido pode não estar vivo, mas

vocês sabem como os vampiros perdem o controle quando uma fada está por perto, quanto mais uma fada sangrando.

— Ela tem razão — Dermot disse a Claude. — Cait deve estar morta. Alguma das fadas no clube é parente dela? Precisamos perguntar se tiveram uma visão de morte.

— Uma fêmea — disse Claude. O lindo rosto era de pedra. — Uma que não podíamos perder. Sim, temos que descobrir.

Por um segundo, eu fiquei confusa, porque Claude não pensava muito nas mulheres em termos de vida pessoal. Então lembrei que havia cada vez menos fadas mulheres. Eu não sabia a respeito dos fae restantes, mas parecia que fadas estavam em extinção. Não que eu não me preocupasse a respeito da Cait desaparecida (embora não achasse que havia a chance de uma bola de neve no inferno de que estivesse viva), mas tinha outras perguntas egoístas a fazer, e eu não seria distraída. Assim que Dermot ligou para o Hooligans e pediu a Bellenos que reunisse os fae para perguntar sobre os parentes de Cait, eu voltei à minha própria trilha.

— Enquanto Bellenos está ocupado, vocês têm algum tempo livre, e já que os avaliadores vêm em breve, eu realmente preciso que respondam minhas perguntas — falei.

Dermot e Claude fitaram-se. Dermot pareceu ter perdido a aposta de cara-e-coroa da conversa, porque ele respirou fundo e começou: — Você sabe que, quando alguém branco de sua raça se casa com um de seus negros, às vezes os bebês ficam parecendo muito mais com uma raça do que outra, aparentemente ao acaso. Essa semelhança pode variar até entre crianças do mesmo casal.

— Sim — respondi. — Ouvi falar.

— Quando Jason era um bebê, nosso bisavô Niall examinou-o.

Senti meu queixo cair.

— Espere — falei, e aquilo saiu como um grasnado rouco. — Niall disse que não podia visitar, porque seu filho meio-humano Fintan nos protegeu dele. Que esse Fintan de fato era nosso avô.

— Foi *por isso* que Fintan os protegeu dos fae. Ele não queria que o pai interferisse na vida de vocês do modo como interferiu na dele. Mas Niall tinha seus meios e, apesar de tudo, descobriu que a centelha essencial não tocou Jason. Ele ficou... desinteressado. — disse Claude.

Esperei.

Ele continuou: — É por isso que ele demorou tantos anos para conhecê-la. Ele podia ter evitado Fintan, mas assumiu que você seria igual a Jason... atraente para humanos e sobrenaturais, mas de outro modo, essencialmente uma humana normal.

— Mas então ele ouviu que você não era — disse Dermot.

— Ouviu? De quem? — Minha avó teria ficado orgulhosa.

— De Eric. Eles tinham relações de negócios juntos, e Niall pensou em pedir a Eric que o avisasse de eventos em suas vidas. Eric contava a Niall o que você andava fazendo de tempos em tempos. Surgiu uma época em que Eric achou que você precisava da proteção de seu bisavô e, é claro, você estava *murchando*.

Hein?

— Então Avô mandou Claudine e, quando ela ficou preocupada sobre não conseguir tomar conta de você, ele decidiu conhecê-la pessoalmente. Eric arranhou isso também. Imagino que ele tenha achado que ficaria sob as boas graças de Niall como uma espécie de honorário. — Dermot deu de ombros. — Isso parece ter funcionado para Eric. Vampiros são todos mercenários e egoístas.

As palavras “roto” e “rasgado” surgiram em minha mente.

Falei: — Então Niall apareceu em minha vida e me fez conhecê-lo, através da intervenção de Eric. E isso precipitou a guerra das fadas, porque as fadas da água não queriam mais ter contato com humanos, muito menos uma realeza menor que era apenas um oitavo fada.

Obrigada, rapazes. Eu *adorei* ouvir que toda uma guerra foi culpa minha.

— Sim — disse Claude, judiciosamente. — É um resumo justo. Então veio a guerra e, após várias mortes, Niall tomou a decisão de selar Faery. — Ele suspirou pesadamente. — Eu fui deixado de fora, e Dermot também.

— E, a propósito, eu não estou *murchando* — apontei com certa rudeza. — Quero dizer, eu pareço murcha para você? — Sabia que estava ignorando a questão maior, mas estava ficando zangada. Ou talvez ainda mais zangada.

— Você tem só um pouco de sangue fada — Dermot disse gentilmente, como se aquilo fosse um lembrete esmagador. — Está envelhecendo.

Eu não podia negar aquilo.

— Então por que estou me sentindo cada vez mais como uma de vocês, se tenho tão pouco sangue de fada em mim?

— Nosso total é mais do que nossas partes — disse Dermot. — Eu sou meio-humano, mas quanto mais tempo fico com Claude, mais forte é minha magia. Claude, apesar de ser uma fada puro sangue, ficou no mundo humano por tanto tempo que estava ficando fraco. Agora está mais forte. Você só tem um traço de sangue fae, mas quanto mais tempo fica conosco, mais evidente fica um elemento em sua natureza.

— Como injetar uma bomba? — perguntei duvidosa. — Não entendo.

— Como... como... lavar um traje vermelho novo junto com os brancos — disse Dermot triunfantemente, tendo feito exatamente aquilo na semana anterior. Todos em nossa casa tinham meias cor-de-rosa agora.

— Mas isso não significaria que Claude está ficando *menos* vermelho? Quero dizer, menos fae? Se estamos absorvendo um pouco dele?

— Não — disse Claude, com certa complacência. — Estou mais vermelho do que antes.

Dermot concordou. — Eu também.

— Eu realmente não notei qualquer diferença — respondi.

— Você não está mais forte do que antes?

— Bom... sim. Alguns dias. — Não era como ingerir sangue vampiro, que lhe daria força aumentada por um período indeterminado, se não o deixasse louco de pedra. Era mais como se eu sentisse maior vigor. De fato, me sentia... mais jovem. E já que só tinha vinte e poucos anos, aquilo era simplesmente enervante.

— Você não deseja ver Niall novamente? — Claude perguntou.

— Às vezes.

Todos os dias.

— Não fica feliz quando nós dormimos na cama com você?

— Sim. Mas só para constar, acho isso meio esquisito também.

— Humanos — Claude disse para Dermot, com uma mistura de exasperação e superioridade na voz. Dermot deu de ombros. Afinal, ele era meio-humano.

— No entanto, você escolheu ficar aqui — eu disse.

— Eu me pergunto todos os dias se não cometi um erro.

— Por que vocês dois ainda estão aqui se são loucos por Niall e suas vidas em Faery? Como conseguiu a carta de Niall que você me deu um mês atrás, aquela onde ele me contou que usou toda sua influência para fazer o FBI me deixar em paz? — Fuzilei-os com suspeita. — Aquela carta era falsa?

— Não, era genuína — disse Dermot. — E nós estamos aqui porque ambos amamos e tememos nosso príncipe.

— Okay — respondi, pronta para mudar de assunto porque não podia debater os sentimentos deles. — O que é exatamente um portal?

— É um lugar delgado na membrana — disse Claude. Olhei para Claude inexpressivamente, e ele elaborou. — Existe uma espécie de membrana mágica entre o nosso mundo—o mundo sobrenatural—e o seu. Num local fino, essa membrana é permeável. O mundo fae é acessível. Assim como as partes de seu mundo que normalmente são invisíveis para vocês.

— Hein?

Claude explicou calmamente: — Portais geralmente ficam na mesma localidade, embora possam mudar um pouco. Nós os usamos para passar de seu mundo para o nosso. No local do portal em sua floresta, Niall deixou uma abertura. A fenda não é grande o suficiente para que um de nós passe de pé, mas objetos podem ser transferidos.

Como uma caixa de correio numa porta.

— Viu? Isso foi tão difícil? — falei. — Conseguem pensar em mais alguma coisa honesta para me contar?

— Como o quê?

— Como por que todos aqueles faes estão no Hooligans, agindo como strippers, seguranças e sabe-se lá mais o quê. Não são todos fadas. Eu nem sei o que são. Por que eles acabariam ficando com vocês dois?

— Porque eles não têm mais para onde ir — Dermot disse simplesmente. — Todos eles foram deixados de fora. Alguns de propósito, como Claude, e outros não... como eu.

— Então Niall fechou o acesso a Faery e deixou alguns dos seus de fora?

— Sim. Ele estava tentando manter dentro todas aquelas fadas que ainda queriam matar humanos, e estava com muita pressa — disse Claude. Notei que Dermot, alguém a quem Niall enfeitiçou de modo cruel, pareceu em dúvida sobre aquela explicação.

— Eu entendi que Niall tinha boas razões para prender os fae — respondi lentamente. — Ele disse que a experiência o ensinou que sempre há problemas quando fadas e humanos se misturam. Ele não queria mais que as fadas procriassem com humanos porque muitos fae detestavam as consequências—híbridos. — Lancei um olhar de desculpas para Dermot,

que deu de ombros. Ele estava acostumado com isso. — Niall nunca cogitou me ver de novo. Vocês dois realmente estão tão ansiosos assim para entrar no mundo fae e ficar lá?

Houve uma pausa que podia ser chamada “rica”. Era óbvio que Dermot e Claude não iam responder. Pelo menos, eles não iam mentir.

— Então, expliquem por que vocês estão morando comigo e o que querem de mim — falei, esperando que respondessem aquela.

— Estamos morando com você porque pareceu uma boa ideia estar com os parentes que pudéssemos encontrar — disse Claude. — Nós nos sentimos fracos ao sermos cortados de nossa terra natal, e não tínhamos noção de que havia tantos fae deixados aqui. Ficamos surpresos quando os outros fae abandonados na América do Norte começaram a chegar ao Hooligans, mas ficamos felizes. Como lhe dissemos, somos mais fortes quando estamos juntos.

— Você está me contando toda a verdade? — Levantei e comecei a andar de um lado para o outro. — Vocês podiam ter me dito tudo isso antes, e não o fizeram. Talvez estejam mentindo. — Levantei os braços, palmas para cima. *Bem?*

— O quê? — Claude parecia ultrajado. Bom, já era hora de lhe servir o que estava pedindo. — Fadas não mentem. Todos sabem disso.

Certo. Claro. Conhecimento comum das ruas.

— Vocês podem não mentir, mas nem sempre dizem toda a verdade — apontei. — Vocês certamente possuem isso em comum com os vampiros. Talvez tenham alguma outra razão para estarem aqui? Talvez queiram ficar por perto para ver quem vem pelo portal.

Dermot ficou de pé.

Agora todos os três estavam zangados, todos agitados. O aposento estava cheio de acusação.

— Eu quero voltar a Faery porque quero ver Niall mais uma vez — disse Claude, escolhendo as palavras. — Ele é meu avô. Estou cansado de receber uma mensagem ocasional. Quero visitar nossos locais sagrados, onde posso ficar perto dos espíritos de minhas irmãs. Eu quero ir e vir entre os mundos, como é meu direito. Esse é o portal mais próximo. Você é nossa parente mais próxima. E existe algo a respeito desta casa. Nós pertencemos a este lugar, por agora.

Dermot foi ver a manhã cálida pela janela da frente. Havia borboletas lá fora, coisas florescendo e muita luz do sol maravilhosa.

Senti uma onda de desejo intensa de estar lá fora com coisas que compreendia, do que ali, envolvida naquela conversa bizarra com parentes que eu não entendia ou em quem não confiava totalmente. Se ler sua linguagem corporal era uma medida confiável, Dermot parecia compartilhar dos mesmos sentimentos confusos e infelizes.

— Vou pensar no que vocês disseram — respondi a Claude. Os ombros de Dermot pareceram relaxar só um pouco. — Tenho outra coisa na cabeça também. Eu lhes contei sobre a bomba incendiária no bar.

Dermot virou-se e inclinou-se contra a janela aberta. Apesar de seu cabelo ser mais comprido do que de meu irmão e sua expressão ser mais (desculpe, Jason) inteligente, era assustador o quanto eles eram parecidos. Não completamente idênticos, mas certamente podiam ser confundidos um com o outro, pelo menos por pouco tempo. Mas existiam tons mais sombrios em Dermot que jamais vi em Jason.

As duas fadas assentiram quando mencionei a bomba incendiária. Eles pareciam interessados, mas não envolvidos—um olhar que eu estava acostumada a ver nos vampiros.

Eles realmente não davam a mínima para o que acontecia com humanos que não conheciam. Se eles alguma vez leram John Donne, teriam discordado da ideia de que nenhum homem é uma ilha. A maioria dos humanos ficava numa única ilha enorme, para as fadas, e essa ilha estava à deriva num mar chamado Eu Realmente Não Me Importo.

— As pessoas conversam em bares, então tenho certeza que conversam em clubes de strip. Por favor, me informe se ouvirem algo a respeito de quem fez isso. É importante para mim. Se vocês puderem pedir ao pessoal no Hooligans para ouvir conversas sobre a bomba, eu com certeza apreciaria.

Dermot disse: — Os negócios estão ruins para Sam, Sookie?

— Sim — respondi, não completamente surpresa com essa virada na conversa. — E o novo bar na autoestrada está fazendo incursões em nossa freguesia. Não sei se é a novidade do Vic's Redneck Roadhouse e do Beijo do Vampiro atraindo as pessoas, ou se o pessoal anda afastado porque Sam é um metamorfo, mas nada está indo bem no Merlotte's.

Eu estava tentando decidir sobre quanto queria contar a respeito de Victor e sua maldade, quando Claude disse subitamente: — Você ficaria sem emprego — e fechou a boca, como se aquilo tivesse iniciado uma corrente de pensamentos.

Todos estavam bem interessados no que eu faria se o Merlotte's fechasse.

— Sam ficaria sem o seu sustento — mencionei, enquanto seguia até a cozinha para pegar outra caneca de café. — O que é muito mais importante do que meu emprego. Eu posso encontrar outro lugar para trabalhar.

— Ele poderia administrar um bar em outro lugar — disse Claude, dando de ombros.

— Ele teria que deixar Bon Temps — respondi bruscamente.

— Isso não lhe seria conveniente, não é? — Claude parecia pensativo de um modo que me fazia distintamente desconfortável.

— Ele é meu melhor amigo — respondi. — Sabe disso. — Talvez aquela fosse a primeira vez que havia dito isso em voz alta, mas acho que eu já sabia há algum tempo. — Oh, a propósito, se quer saber o que aconteceu a Cait, você pode tentar contatar um sujeito humano de olhos cinzentos que trabalha no Beijo do Vampiro. O nome no uniforme dele era Colton.

Eu sabia que alguns lugares entregavam crachás toda noite, sem se preocupar a respeito de quem realmente possuía o nome. Mas pelo menos aquele era um começo. Segui para a cozinha.

— Espere — disse Dermot, tão abruptamente que virei a cabeça para fitá-lo. — Quando o pessoal do antiquário vai vir olhar sua velharia?

— Devem estar aqui em algumas horas.

Dermot disse: — O sótão está mais ou menos vazio. Você não planeja limpá-lo?

— Era o que eu estava pensando em fazer esta manhã.

— Você quer nossa ajuda? — Dermot perguntou.

Claude estava claramente horrorizado. Ele fulminou Dermot.

Tínhamos voltado a um terreno mais familiar e eu, para começar, me senti grata. Até que tivesse a chance de pensar em todas aquelas informações novas, eu nem mesmo poderia adivinhar as perguntas certas a fazer.

— Obrigada — respondi. — Seria ótimo se vocês pudessem carregar uma das latas de lixo grandes. Então, depois que eu varrer e juntar todos os restos, vocês podiam levar para baixo. — Ter parentes sobre-humanos fortes pode ser bem útil.

Fui até a varanda dos fundos para pegar meus produtos de limpeza e, quando me arrastei escada acima com os braços carregados, vi que a porta de Claude estava fechada. Minha inquilina anterior, Amelia, transformara

um dos quartos do andar de cima num lindo boudoir com uma penteadeira barata (mas bonita), cômoda e cama. Amelia usou outro quarto como sua sala de estar, completa com duas poltronas confortáveis, televisão e uma grande escrivaninha, que agora estava vazia. No dia em que limpamos o sótão, notei que Dermot havia arrumado um catre na antiga sala.

Antes que eu tivesse tempo de dizer “Jack Robinson”, Dermot apareceu na porta do sótão carregando a lata de lixo. Ele a colocou no chão e olhou ao redor.

— Acho que parecia melhor com as coisas da família nele — disse, e eu tive que concordar. Sob a luz do dia filtrando-se através das janelas sujas, o sótão parecia triste e velho.

— Ficaré ótimo quando estiver limpo — respondi com determinação, e comecei com a vassoura, tirando todas as teias de aranha, varrendo o pó e a sujeira do assoalho. Para minha surpresa, Dermot pegou alguns trapos e o limpa-vidros, e começou a trabalhar nas janelas.

Parecia mais sábio não comentar. Depois que Dermot terminou as janelas, ele segurou a pá enquanto eu varria a sujeira acumulada. Quando completamos essa tarefa e eu trouxe o aspirador para cuidar dos últimos resquícios de pó, ele disse: — Essas paredes precisam de tinta.

Aquilo era como dizer que o deserto precisa de água. Talvez tenha sido pintada, mas se lascara ou desaparecera há um longo tempo atrás, e a cor indeterminada restante nas paredes ficou gasta e manchada com os vários itens encostados nas paredes.

— Bem, sim. Lixas e tinta. O assoalho precisa também. — Bati com o pé. Meus antepassados enlouqueceram ao cair o segundo andar quando foi acrescentada à casa.

— Você vai precisar só de uma parte desse espaço para armazenamento — disse Dermot, do nada. — Presumindo que os negociantes de antiguidades comprem as peças maiores e você não os devolva para cá.

— É verdade. — Dermot parecia ter uma idéia, mas eu estava boiando. — O que está dizendo? — perguntei bruscamente.

— Você poderia transformá-lo num terceiro quarto se usasse só aquele canto para guardar coisas — disse Dermot. — Vê aquela parte?

Ele apontava para um local onde o declive do teto formava uma área natural, com cerca de dois metros de profundidade e a largura da casa.

— Não seria difícil dividir o espaço, pendurar algumas portas — disse meu tio-avô.

Dermot sabia como pendurar portas? Eu devo ter parecido espantada, porque ele disse: — Andei assistindo o HGTV* na televisão de Amelia.

— Oh — falei, tentando pensar num comentário mais inteligente. Ainda me sentia à deriva. — Bom, nós poderíamos fazer isso. Mas acho que não preciso de outro quarto. Digo, quem vai querer viver aqui?

— Mais quartos não são sempre uma coisa boa? Na televisão, os apresentadores dizem que é. E eu podia me mudar para tal quarto. Claude e eu poderíamos compartilhar a sala de TV como sala. Cada um teria o próprio quarto.

Me senti humilhada por nunca ter pensado em perguntar se Dermot se importava de repartir um quarto com Claude. Obviamente, ele se importava. Dormir num catre na salinha... Eu vinha sendo uma anfitriã ruim. Olhei para Dermot com mais atenção do que antes. Ele soara... esperançoso. Talvez meu novo inquilino tivesse um emprego de salário baixo. Percebi que não sabia exatamente o que Dermot fazia no clube. Assumi que ele ia com Claude quando este ia para Monroe, mas nunca tive curiosidade suficiente para perguntar o que Dermot fazia quando ficava lá. E se ser parte fada fosse a única coisa que ele tinha em comum com o egocêntrico Claude?

— Se você acha que tem tempo para fazer o serviço, eu ficaria feliz em comprar os materiais — respondi, incerta sobre de onde as palavras vieram.

— De fato, se puder lixar, preparar e pintar a coisa toda, e construir as divisórias, eu certamente apreciaria. Ficaria contente em lhe pagar pelo trabalho. Por que não vamos à madeireira em Clarice no meu próximo dia de folga? Se você puder calcular quanta madeira e tinta nós precisamos?

Dermot iluminou-se como uma árvore de Natal.

— Eu posso tentar, e sei como alugar uma lixadeira — disse. — Você confia em mim para fazer isso?

— Confio — falei, incerta de que realmente falava sério. Mas afinal, o que poderia fazer o sótão parecer pior do que agora? Comecei a me entusiasmar. — Seria ótimo ter este quarto feito. Você precisa me informar qual seria o salário justo.

— Absolutamente não — ele respondeu. — Você tem me dado um lar e a tranquilidade de sua presença. Isso é o mínimo que eu posso fazer por você.

---

* Home & Garden Television – canal de TV à cabo, especializado em decoração, reparos, etc., relacionados à casa e jardinagem.

Eu não podia discutir com Dermot quando ele se expressava daquela maneira. Havia uma coisa sobre ser determinado demais em não aceitar um presente, e avalei aquilo como tal situação.

Essa foi uma manhã cheia de informações e surpresas. Enquanto lavava as mãos e o rosto para me livrar da poeira do sótão, eu ouvi um carro vindo pela entrada. O logotipo da Splendide, em letras góticas, preenchia a lateral de uma grande van branca.

Brenda Hesterman e seu sócio desceram. O sócio era um homem pequeno, robusto, usando calça caqui, camisa pólo azul e mocassins. O cabelo grisalho era cortado curto.

Saí para a varanda da frente.

— Olá, Sookie — chamou Brenda, como se fôssemos velhas amigas. — Este é Donald Callaway, o co-proprietário da loja.

— Sr. Callaway — respondi, assentindo. — Entrem vocês dois. Posso lhes oferecer uma bebida?

Ambos declinaram enquanto subiam as escadas. Uma vez dentro da casa, eles olharam ao redor da sala lotada com uma apreciação que meus hóspedes fadas não demonstraram.

— Adorei o teto de madeira — disse Brenda. — E olhe as paredes de tábuas!

— É antiga — disse Donald Callaway. — Parabéns, srta. Stackhouse, por viver numa casa histórica tão adorável.

Tentei não parecer tão espantada quanto me sentia. Essa não era a reação que eu normalmente recebia. A maioria das pessoas tendia a ter pena de mim por viver numa estrutura tão fora de moda. O assoalho não era realmente verdadeiro e as janelas não eram padrão.

— Obrigada — respondi, duvidosa. — Bem, aqui estão as coisas que estavam no sótão. Vejam se há algo que querem. Apenas dêem um grito se precisarem de algo.

Não havia razão para ficar por perto, e parecia meio rude observá-los trabalhar. Fui para meu quarto para tirar o pó e arrumar, e limpei uma ou duas gavetas enquanto isso. Normalmente, eu teria escutado o rádio, mas queria ficar de ouvidos abertos para os sócios, caso eles precisassem fazer perguntas. Eles conversavam em voz baixa de vez em quando, e fiquei curiosa sobre o que estavam decidindo. Quando ouvi Claude descer as escadas, achei que seria uma boa ideia sair para me despedir dele e de Dermot.

Brenda ficou boquiaberta diante dos dois belos homens quando as fadas passaram pela sala de estar. Fiz com que se demorassem o suficiente para apresentá-los, porque era apenas educado. Não fiquei nem um pouco surpresa por notar que Donald pensou em mim sob uma luz diferente após conhecer meus “primos”.

Eu estava esfregando o chão do banheiro do corredor quando ouvi Donald exclamar. Segui para a sala, tentando parecer casualmente inquisitiva.

Ele examinava a escrivaninha de meu avô, um objeto muito pesado e feio que foi motivo de muitos palavrões e suor por parte das fadas quando eles a carregaram para a sala.

O homenzinho estava agachado diante dela agora, a cabeça sob o espaço da cadeira.

— Você tem um compartimento secreto, srta. Stackhouse — ele disse, e voltou de costas. — Venha, deixe-me lhe mostrar.

Agachei-me ao lado dele, sentindo o entusiasmo que tal descoberta naturalmente provocava. Compartimento secreto! Tesouro de pirata! Truque mágico! Tudo aquilo provocava a alegre antecipação da infância.

Com a ajuda da lanterna de Donald, vi que no fundo da escrivaninha, na área onde os joelhos se encaixavam, havia um painel extra. Havia minúsculas dobradiças na altura onde o joelho nunca as tocava; então a porta subiria para cima quando fosse aberta.

Como abri-la era o mistério.

Depois que dei uma boa olhada, Donald disse: — Vou tentar com meu canivete, srta. Stackhouse, se não fizer objeção.

— Nenhuma em absoluto — respondi.

Ele tirou o canivete, que era de tamanho eficiente, do bolso e abriu a lâmina, deslizando-a gentilmente na junção. Como eu esperava, no meio da junção ele encontrou um fecho de algum tipo. Ele o empurrou gentilmente com a lâmina da faca, primeiro de um lado e então do outro, mas nada aconteceu.

Em seguida, ele começou a bater na madeira ao redor do vão da escrivaninha. Havia uma faixa de madeira de ambos os pontos onde as laterais e o topo do vão se encontravam. Donald apertou e empurrou e, justo quando eu estava prestes a desistir, houve um estalo enferrujado e o painel se abriu.

— Por que não faz as honras — disse Donald. — Sua escrivaninha.

Aquilo era tão razoável quanto verdadeiro e, assim que ele se afastou, eu tomei seu lugar. Levantei a portinhola e segurei enquanto Donald mantinha a lanterna firme, mas já que meu corpo bloqueava um bocado da luz, levei um tempo para retirar o conteúdo.

Eu gentilmente agarrei e puxei quando senti os contornos do embrulho e então peguei. Engatinhei de volta para trás, tentando não imaginar o que aquilo devia parecer do ponto de vista de Donald. Assim que fiquei livre da escrivadinha, levantei e fui até a janela com meu embrulho empoeirado. Examinei o que segurava.

Havia uma pequena bolsa de veludo amarrada com cordão. O tecido tinha sido cor de vinho, acredito, certa vez. Havia um envelope outrora branco, de tamanho 6x8, com desenhos e, enquanto o alisava cuidadosamente, percebi que possuía um molde desenhado. Imediatamente uma torrente de recordação surgiu irreprimível. Lembrei da caixa que guardava todos os moldes; Vogue, Simplicity e Butterick. Minha avó gostou de costurar durante muitos anos até que um dedo quebrado na mão direita não “se ajustou” direito, e então se tornou cada vez mais doloroso para ela lidar com os desenhos delicados e tecidos. Pelo desenho, esse envelope em particular continha vestidos rodados cortados na cintura, e os três modelos desenhados tinham ombros elegantemente inclinados, rostos finos e cabelos curtos. Um modelo usava um vestido na altura dos joelhos, outro usava um vestido de casamento e o terceiro, um traje de festa. Os versáteis vestidos rodados!

Abri o envelope e espiei dentro, esperando ver a familiar folha de papel marrom fina com desenhos de misteriosas direções em preto. Mas ao invés disso, havia uma carta, escrita em papel amarelado. Reconheci a letra.

De repente, eu estava tão próxima das lágrimas quanto possível. Abri bem os olhos para que não lacrimejassem e deixei a sala rapidamente. Não era possível abrir aquele envelope com outras pessoas na casa, então a guardei em minha mesinha de cabeceira junto com a bolsinha, e voltei para a sala depois de enxugar os olhos.

Os dois antiquários foram educados demais para fazer perguntas, então coei café e levei para eles numa bandeja com leite, açúcar e algumas fatias de bolo, porque estava agradecida. E era educado. Como minha avó ensinara... minha avó morta, cuja letra estava na carta dentro do envelope desenhado.

Capítulo 5

No fim, eu não consegui abrir o envelope até o dia seguinte.

Brenda e Donald terminaram de verificar todo o conteúdo de meu sótão uma hora depois de ele abrir a gaveta secreta. Então nos sentamos para discutir o que eles queriam da bagunça variada e quanto me pagariam por ela. No começo, eu estava disposta a simplesmente dizer, “Okay”, mas em nome de minha família, me senti obrigada a tentar conseguir tanto dinheiro quanto possível. Para minha impaciência, a discussão pareceu durar uma eternidade.

Reduziu-se a isto: eles queriam quatro peças grandes de mobília (incluindo a escrivaninha), um par de manequins, um pequeno baú, algumas colheres e duas caixas de rapé feitas de chifre. Algumas peças de roupa íntima estavam em bom estado, e Brenda disse que conhecia um método de lavar que removeria manchas e faria as peças parecerem quase novas, embora não fosse me dar muito por elas. Uma cadeira de balanço (baixa e pequena demais para mulheres modernas) foi acrescentada à lista, e Donald queria uma caixa de joias dos anos trinta e quarenta. A colcha bordada de minha bisavó obviamente valia muito para os negociantes e o bordado nunca foi meu favorito, então fiquei feliz por vendê-la.

Na verdade, eu estava satisfeita por aqueles itens irem para lares onde seriam apreciados, cuidados e queridos ao invés de ficarem guardados num sótão.

Podia notar que Donald realmente queria examinar a caixa grande de fotografias e papéis ainda esperando pela minha atenção, mas não havia como isso acontecer até eu olhar tudo. Falei isso de modo bem educado, e também concordamos que, se mais algum compartimento secreto de qualquer tipo fosse encontrado na mobília que estava lhes vendendo, eu seria a primeira a ter direito de comprar o conteúdo de volta se tivesse algum valor financeiro.

Depois que eles telefonaram para a loja a fim de arranjar o transporte e preencheram um cheque, os negociantes partiram com uma ou duas compras pequenas. Eles pareceram tão satisfeitos quanto eu com o dia de trabalho.

Uma hora depois, um grande caminhão da Splendide surgiu na entrada com dois rapazes robustos na cabine. Quarenta e cinco minutos depois, a

mobília estava embalada e guardada no caminhão. Depois que eles foram embora, era hora de eu me preparar para trabalhar. Pesarosamente, eu adiei o exame dos itens em minha mesinha de cabeceira.

Apesar de ter que me apressar, tirei um tempo para apreciar o fato de ter a casa para mim enquanto me maquiava e vestia o uniforme. Estava quente o bastante para usar meu shorts, decidi.

Eu tinha ido ao Wal-Mart e comprado dois pares novos na semana anterior. Para honrar a estreia, me certifiquei para que minhas pernas estivessem bem depiladas. Meu bronzeado já estava bem estabelecido. Olhei no espelho, satisfeita com a aparência.

Cheguei ao Merlotte's às cinco. A primeira pessoa que vi foi a nova garçonne, India. India possuía uma pele lisa cor de chocolate, trancinhas afro e um cravo no nariz, e era o ser humano mais alegre que eu já encontrei num mês aos domingos. Hoje ela sorriu como se eu fosse exatamente a pessoa que esperava ver... o que era literalmente verdade. Eu estava substituindo India.

— Você pode ter problemas com aquele pateta na mesa cinco — ela disse. — Ele está os cuspindo. Deve ter brigado com a esposa.

Eu sabia se brigou ou não após um instante “ouvindo”.

— Obrigada, India. Algo mais?

— Aquele casal na onze, eles querem chá sem açúcar com bastante limão separado. A comida deve estar pronta logo, pickles frito e um hambúrguer cada. Queijo na dele.

— Tuuudo bem. Tenha uma boa noite.

— Estou planejando ter. Eu tenho um encontro.

— Com quem? — perguntei, por pura curiosidade indolente.

— Lola Rushton — ela disse.

— Eu acho que frequentei o colegial com Lola — respondi, com apenas uma curta pausa para indicar que o fato de India sair com mulheres não era nada mais do que uma ocorrência diária.

— Ela lembra de você — disse India, rindo.

Eu tinha certeza que sim, já que fui a pessoa mais esquisita em minha turma no colegial.

— Todos se lembram de mim como a Sookie Maluca — falei, tentando evitar o pesar em minha voz.

— Ela teve uma quedinha por você durante um tempo — India me contou.

Senti-me estranhamente contente. — Estou lisonjeada por ouvir — respondi, me apressando para começar a trabalhar.

Fiz uma rápida ronda em minhas mesas para ter certeza de que todos estavam bem, servi os picles e hambúrgueres e observei aliviada enquanto o sr. Rabugento e Largado engolia seu último drinque e deixava o bar. Ele não estava bêbado, mas estava louco para brigar, e foi bom vê-lo partir. Não precisávamos de mais encrenca.

Ele não era o único sujeito rabugento no Merlotte's. Sam estava preenchendo formulários de seguro naquela noite e, porque ele detesta preencher formulários mas tem que fazer isso o tempo todo, seu humor não estava ensolarado. A papelada encontrava-se empilhada no balcão do bar, e durante a calmaria entre a clientela, eu dei uma olhada. Se lesse lenta e cuidadosamente, não seria difícil de entender, não importa quanto o inglês fosse complicado. Comecei marcando questões e preenchendo espaços em branco, e liguei para a delegacia de polícia para dizer que precisávamos de uma cópia do boletim de ocorrência a respeito da bomba incendiária. Dei-lhes o número do fax de Sam, e Kevin prometeu que o conseguiria para mim. Levantei a cabeça para encontrar meu chefe parado ali com uma expressão de total surpresa no rosto.

— Me desculpe! — falei instantaneamente. — Você parecia estar tão estressado a respeito, e não me importei de dar uma olhada. Vou devolvê-los. — Peguei os papéis e empurrei-os para Sam.

— Não — ele disse, afastando-se com as mãos levantadas. — Não, não. Sook, obrigado. Eu nunca pensei em pedir ajuda. — Ele olhou para baixo. — Você ligou para a delegacia?

— É, falei com Kevin Pryor. Ele vai mandar o relatório junto.

— Obrigado, Sook. — Sam agia como se Papai Noel tivesse acabado de aparecer no bar.

— Eu não me importo com formulários — respondi, sorrindo. — Eles não respondem. É melhor você dar uma olhada para ter certeza de que fez direito.

Sam abriu um largo sorriso para mim sem sequer relancear os papéis.

— Bom trabalho, amiga.

— Sem problema. — Foi bom ter algo para me manter ocupada, então eu não pensaria nos itens não examinados em minha mesinha de cabeceira. Ouvi a porta da frente se abrir e olhei ao redor, aliviada porque havia mais

negócios entrando. Estava reprimindo a antecipação em meu rosto quando vi que era Jannalynn Hopper entrando.

Sam é o que se chamaria de aventureiro em seus relacionamentos, e Jannalynn não era a primeira mulher forte (para não dizer assustadora) com quem ele saía.

Magra e baixinha, Jannalynn possuía um senso de moda agressivo e um prazer feroz por ser elevada ao emprego de batedora da alcateia Presas Longas, baseada em Shreveport.

Esta noite, Jannalynn estava usando calção jeans curto, aquelas sandálias que são amarradas na barriga da perna e uma única regata azul sem sutiã por baixo. Usava os brincos que Sam comprou na Splendide, e umas seis correntes de prata de comprimento variado com pingentes cintilavam em seu pescoço. O cabelo curto era platinado agora, picotado e brilhante. Ela era como um *suncatcher*^{*}, pensei, lembrando do objeto colorido e luminoso que Jason me dera para pendurar na janela da cozinha.

— Olá, querido — ela disse para Sam ao passar por mim sem sequer um olhar de relance. Ela abraçou Sam ferozmente e beijou-o com tudo.

Ele retribuiu o beijo, embora eu pudesse notar que estava um pouco embaraçado, através dos sinais cerebrais. Tal consideração não incomodava Jannalynn, é claro. Eu rapidamente lhes dei as costas para verificar o nível de sal e pimenta nos suportes das mesas, embora soubesse muito bem que tudo estava ótimo.

Na verdade, eu sempre achei Jannalynn inquietante, quase assustadora. Ela estava bem consciente de que Sam e eu éramos amigos, especialmente depois que conheci a família de Sam no casamento do irmão dele, e eles tiveram a impressão de que eu era a namorada de Sam. Eu realmente não a culpava por ter suspeitas; se eu fosse ela, teria me sentido da mesma forma.

Jannalynn era uma mulher jovem desconfiada tanto por natureza como por profissão. Parte do trabalho dela era avaliar ameaças e agir antes que o perigo chegasse a Alcide e a alcateia. Ela também administrava o Pêlo do Cachorro, um pequeno bar que atendia especialmente a alcateia Presas Longas e outros metamorfos na área de Shreveport. Era um bocado de responsabilidade para alguém tão jovem como Jannalynn, mas ela parecia ter nascido para o desafio.

No momento em que terminei todo o serviço no qual pude pensar, Jannalynn e Sam estavam tendo uma conversa em voz baixa. Ela estava empoleirada numa banquetta, as pernas musculosas cruzadas

^{*} Suncatcher – objeto decorativo feito em vidro ou cristal colorido, geralmente pendurado sobre portas ou janelas.

elegantemente, e ele estava em sua posição habitual atrás do balcão. Ela estava absorta, assim como ele; qualquer que fosse o assunto, era sério. Mantive minha mente bem fechada.

Os fregueses se esforçavam para não fitarem boquiabertos a jovem Lobi. A outra garçanete, Danielle, olhava para ela de vez em quando, enquanto cochichava com o namorado, que tomava um drinque que duraria a noite toda para que pudesse observar Danielle enquanto ela se movimentava entre as mesas.

Quaisquer que fossem os defeitos de Jannalynn, não se podia negar que ela possuía uma verdadeira presença. Quando se encontrava num local, ela tinha de ser notada (eu achava que era porque, ao menos parcialmente, ela enviava vibrações fortes de que era assustadora como o inferno).

Um casal entrou e olhou ao redor antes de seguir para uma mesa vazia na minha seção. Eles pareceram meio familiares. Depois de um instante, eu os reconheci: Jack e Lily Leeds, detetives particulares de algum lugar no Arkansas. Da última vez que os vi, eles tinham vindo a Bon Temps para investigar o desaparecimento de Debbie Pelt, contratados pelos pais dela. Eu respondi suas perguntas no que agora reconheço como uma espécie de estilo fada—me prendi ao pé da letra da verdade sem o espírito. Eu mesma matei Debbie Pelt com um tiro em autodefesa, e não queria ir para a cadeia por causa disso.

Isso foi há um ano atrás. Lily Bard Leeds ainda era pálida, quieta e intensa, e seu marido ainda atraente e vigoroso. Os olhos dela me encontraram instantaneamente, e foi impossível fingir que não notei. Relutantemente, fui até a mesa deles, sentindo meu sorriso ficar cada vez mais frágil a cada passo.

— Bem-vindos de volta ao Merlotte's — falei, sorrindo com esforço. — O que posso lhes servir esta noite? Colocamos pickles fritos no cardápio, e nossos hambúrgueres Lafayette são muito bons.

Lily agiu como se eu tivesse sugerido que ela comesse sanduíche de vermes, embora Jack tenha parecido um pouco pesaroso. Ele não teria se importado com os pickles, notei.

— Um hambúrguer Lafayette para mim, eu acho — Lily respondeu, sem entusiasmo. Quando ela se virou para o companheiro, sua camiseta levantou e eu avistei um conjunto de cicatrizes antigas que rivalizavam com as minhas.

Bem, nós sempre tivemos coisas em comum.

— O hambúrguer para mim também — disse Jack. — E se tiver um momento de sobra, nós gostaríamos de conversar com você. — Ele sorriu para mim, as sobrancelhas se arqueando e flexionando uma cicatriz comprida e fina em seu rosto. Esta era a noite da mutilação pessoal? Imaginei se a jaqueta leve, desnecessária num dia tão quente, cobria algo ainda pior.

— Nós podemos conversar. Imaginei que vocês não voltaram ao Merlotte's por causa da ótima culinária — falei, pegando seus pedidos de bebida antes de ir até o balcão para entregar a Antoine.

Com seus chás gelados e um prato de limão, voltei para a mesa. Olhei ao redor para ter certeza de que ninguém precisava de mim antes de sentar do lado oposto de Jack com Lily à minha esquerda. Ela era bonita de se olhar, mas tão controlada e musculosa que eu senti que podia fazer uma moeda pular em seu corpo. Até sua mente era meio que ordenada e precisa.

— Sobre o que devemos conversar? — perguntei, e abri minha mente para eles.

Jack pensava em Lily, alguma preocupação com a saúde dela, não, com a saúde da mãe dela—a volta de um câncer de mama. Lily pensava em mim, perguntando-se, suspeitando que eu fosse uma assassina.

Isso doeu.

Mas era verdade.

— Sandra Pelt saiu da cadeia — disse Jack Leeds e, apesar de ouvir as palavras em sua mente antes que falasse, eu não tive que fingir o rosto chocado.

— Ela estava na cadeia? Então é por isso que eu não a vi desde que o pessoal dela morreu.

Os velhos Pelts prometeram ficar de olho em Sandra. Depois que ouvi a respeito da morte deles, me perguntei quando ela apareceria. Quando não a vi de imediato, eu relaxei.

— Vocês estão me contando isso porque...? — consegui dizer.

— Porque ela te odeia profundamente — disse Lily, calma. — E você nunca foi considerada culpada por qualquer tribunal pelo desaparecimento da irmã dela. Você nem mesmo foi presa. Não acho que será. Você até pode ser inocente, embora eu ache que não. Sandra Pelt está simplesmente louca. E está obcecada por você. Acho que você precisa ser cuidadosa. Muito cuidadosa.

— Por que ela estava na cadeia?

— Agressão contra um dos primos. Esse primo recebeu uma fatia do dinheiro do testamento dos pais de Sandra, e aparentemente ela teve problemas com isso.

Eu estava muito, muito preocupada. Sandra Pelt era uma moça violenta e amoral. Eu estava certa de que ela não chegara aos vinte ainda, e fizera tentativas determinadas para me matar mais de uma vez. Não havia ninguém para dominá-la agora, portanto sua condição mental era ainda mais suspeita, de acordo com os detetives particulares.

— Mas por que vocês viajaram até aqui para me contar? — perguntei.
— Digo, eu aprecio isso, mas vocês não eram obrigados... e podiam ter dado um telefonema. Detetives particulares trabalham por dinheiro, da última vez que ouvi falar. Alguém está lhes pagando para me avisar?

— A herança dos Pelt — Lily respondeu, após uma pausa. — O advogado deles, que vive em Nova Orleans, é o guardião de Sandra designado pelo tribunal até que ela faça vinte e um anos.

— O nome dele?

Ela tirou um pedaço de papel do bolso. — É um tipo de nome báltico — disse. — E posso não pronunciar-lo corretamente.

— Cataliades — respondi, dando ênfase à segunda sílaba, onde pertencia.

— Sim — disse Jack, surpreso. — É ele. Sujeito gordo.

Assenti. O sr. Cataliades e eu éramos amigos. Ele era um demônio principalmente, mas os Leeds não pareciam saber disso. Na verdade, eles pareciam não saber quase nada a respeito do outro mundo, aquele que ficava sob o mundo humano.

— Então o sr. Cataliades mandou vocês dois para cá para me avisar? Ele é o testamenteiro?

— É. Ele ia ficar afastado do escritório por algum tempo e queria ter certeza de que você sabia que a garota estava à solta. Ele parecia sentir certa obrigação com relação a você.

Meditei sobre aquilo. Eu só sabia de uma vez em que fiz ao advogado um grande favor. Eu o ajudei a sair do hotel desabado em Rhodes. Bom saber que pelo menos uma pessoa falava sério quando dizia, “Eu lhe devo”. Parecia bem irônico que a herança dos Pelt estivesse pagando os Leeds para vir me avisar contra a última Pelt sobrevivente; não irônico como em “Rá!”, mas irônico de modo amargo.

— Se não se importa que eu pergunte, como ele entrou em contato com vocês dois? Quero dizer, tenho certeza que existe um bocado de detetives particulares em Nova Orleans, por exemplo. Vocês ainda estão baseados na área de Little Rock, certo?

Lily deu de ombros.

— Ele nos ligou; perguntou se estávamos livres; mandou o cheque. As instruções dele foram muito específicas. Nós dois no bar, hoje. De fato... — ela olhou para o relógio. —, neste minuto.

Eles me olharam em expectativa, esperando que eu explicasse essa esquisitice por parte do advogado.

Eu pensei furiosamente. Se o sr. Cataliades mandou essas duas pessoas duronas ao bar, instruindo-os para que chegassem em certo horário, devia ser porque ele sabia que seriam necessários. Por alguma razão, a presença deles era necessária e desejável. Quando se precisaria de músculos capacitados?

Quando a encrenca estava a caminho.

Antes que eu soubesse que ia agir, me levantei e virei na direção da entrada. Naturalmente, os Leeds olharam para onde eu estava olhando, então todos estávamos observando a porta quando a encrenca a abriu.

Quatro sujeitos fortões entraram. Minha avó teria dito que eles estavam prontos para a briga. Eles bem que podiam ter “Barra-Pesada e Orgulhoso Disso” estampado nas testas. Definitivamente tinham tomado algo, cheios de si, carregados de agressão. E armados.

Depois de um segundo espiando em suas cabeças, eu soube que tinham tomado sangue de vampiro. Essa era a droga mais imprevisível no mercado —também a mais cara, porque colhê-la era bem perigoso. Pessoas que tomavam sangue vampiro eram—por um período de tempo impossível de prever—incrivelmente fortes e imprudentes... e, às vezes, loucos de pedra.

Embora estivesse de costas para os recém-chegados, Jannalynn pareceu sentir o cheiro deles. Ela girou na banquetta e focalizou, como alguém puxando uma flecha e apontando no alvo. Pude sentir a parte animal fluindo dela. Algo violento e selvagem preencheu o ar, e percebi que o cheiro vinha de Sam também. Jack e Lily Leeds estavam de pé. Jack tinha a mão sob a jaqueta, e eu sabia que ele possuía uma arma. As mãos de Lily repousavam de modo estranho, como se prestes a gesticular e tivessem congelado no meio do movimento.

— Escondam-se, otários! — disse o mais alto, dirigindo-se ao bar em geral. Ele tinha uma barba cheia e cabelos escuros grossos, mas por baixo eu vi o quanto era jovem. Achei que não podia ter mais do que dezenove anos. — Viemos nos divertir com vocês, lagartos.

— Não há lagartos aqui — disse Sam, a voz neutra e calma. — Vocês são bem-vindos para um drinque, mas acho que depois é melhor irem embora. Este é um lugar tranquilo, local, e não precisamos de encrenca.

— A encrenca já está aqui! — gabou-se o idiota mais baixo. Seu rosto era limpo e o cabelo sutilmente louro, mostrando cicatrizes no escalpo. Seu físico era largo e robusto.

O terceiro garoto era magro e moreno, talvez hispânico. Os cabelos pretos eram penteados para trás e seus lábios possuíam uma curva sensual que ele tentava neutralizar com desdém. O quarto sujeito exagerara no sangue vampiro mais seriamente do que o resto, e não podia falar porque estava perdido em seu próprio mundo. Seus olhos moviam-se de um lado para o outro, como se ele estivesse observando coisas que o resto de nós não podia ver. Ele era grande também. Achei que o primeiro ataque viria dele e, apesar de eu ser a mais fraca das lutadoras, comecei a mover para a direita, planejando chegar nele pela lateral.

— Podemos ter paz aqui — disse Sam. Ele ainda estava tentando, embora eu soubesse que ele entendia que não havia como nós escaparmos da violência.

Ele estava ganhando tempo para que todos no Merlotte's entendessem o que estava acontecendo. Aquilo foi uma boa ideia. Assim que mais alguns segundos se passaram, até mesmo o mais lento dos poucos fregueses afastou-se tanto quanto possível da ação, exceto por Danny Prideaux, que esteve jogando dardos com Andy Bellefleur, e o próprio Andy. Danny estava de fato segurando um dardo.

Andy estava de folga, mas armado. Observei os olhos de Jack Leeds e notei que ele percebeu, assim como eu, de onde viria a pior encrenca. Os arruaceiros drogados realmente estavam em apuros.

Já que Jack Leeds tinha uma arma e eu não, cuidadosamente me movi para trás, a fim de não interferir em sua linha de tiro. Os olhos frios de Lily seguiram meu pequeno movimento, e ela assentiu quase imperceptivelmente. Eu tinha feito algo prudente.

— Nós não queremos paz — rosnou Líder Barbudo. — Queremos a louca. — E apontou na minha direção com a mão esquerda, enquanto a

direita puxava uma faca. Esta parecia ter uns sessenta centímetros de comprimento, embora talvez meu medo estivesse agindo como uma lente de aumento.

— Nós vamos cuidar dela — Cerdas Loiras disse.

— E então talvez o resto de vocês — Lábios Beijudos acrescentou.

Sujeito Maluco apenas sorriu.

— Eu acho que não — disse Jack Leeds. Jack puxou sua arma num movimento sutil. Provavelmente ele teria feito isso de qualquer forma por pura autodefesa, mas não doía o fato de sua esposa, parada bem ao meu lado, ser loira. Ele não podia ter certeza absoluta de que eles queriam dizer eu, a outra carne branca.

— Eu também acho que não — disse Andy Bellefleur. Seu braço estava firme ao apontar a própria Sig Sauer para o homem com a faca. — Solte esse furador, e vamos resolver isto.

Eles podiam estar altos como pipas, mas pelo menos três dos criminosos conservavam bom senso o suficiente para perceber que encarar armas era uma má ideia. Houve um bocado de trejeitos incertos e olhos se movendo enquanto encaravam-se uns aos outros. O momento se deteve na balança.

Infelizmente, Sujeito Maluco perdeu o controle e partiu para cima de Sam, então agora todos nós estávamos comprometidos com a estupidez. Com a agilidade de um Lobi, Lábios Beijudos sacou sua própria arma, apontou e atirou. Não tenho certeza de quem ele pretendia atingir, mas foi para Jack Leeds, que o fez cair com um tiro de retribuição certo.

Observar Lily Leeds era uma aula em ação. Ela deu dois passos rápidos, girou sobre o pé esquerdo, e o pé direito flutuou no ar para chutar Lábios Beijudos na cabeça com a força de uma mula. Quase antes de ele atingir o chão, ela estava sobre ele, lançando a arma na direção do balcão e quebrando seu braço num fluxo de ação que era quase hipnótico. Quando ele gritou, Imbecil Barbudo e Cerdas Loiras fitaram-na boquiabertos.

Aquele segundo de desatenção foi suficiente. Jannalynn deu um salto voador da banqueta, descrevendo um incrível arco pelo ar. Ela aterrissou em Sujeito Maluco enquanto Sam o agarrava, e embora SM tenha uivado, mordido e tentado livrar-se dela, Jannalynn voltou para lhe dar um soco no queixo. Ouvi o som distinto de osso quebrado, então Jannalynn ficou de pé e pisou em seu fêmur. Outro estalo. Sam, ainda prendendo-o, gritou, "Pare!"

Naqueles segundos, Andy Bellefleur correu para Imbecil Barbudo, que girou para dar as costas a Andy quando Lily atacou Lábios Beíçudos. Quando o cara alto sentiu a arma em suas costas, ele congelou.

— Solte a faca — disse Andy. Ele falava mortalmente sério.

Cerdas Loiras levantou o braço para dar um golpe. Danny Prideaux lançou seu dardo. Acertou Cerdas Loiras em cheio na carne do braço, e ele apitou feito uma chaleira. Sam abandonou Sujeito Maluco para dar um soco em Cerdas Loiras direto no peito. O cara desabou feito um tronco serrado.

Imbecil Barbudo olhou para seus companheiros, caídos e incapacitados, e então largou a faca. Sensato.

Finalmente.

Em menos de dois minutos, tudo tinha acabado.

Arranquei meu avental branco limpo e enrolei no ferimento de Jack Leeds enquanto Lily segurava o braço dele para mim, o rosto dela branco como o de um vampiro. Ela queria matar Lábios Beíçudos da pior maneira possível, porque amava o marido com uma paixão devastadora. A força de seus sentimentos quase me sobrecarregou. Lily podia ser glacial por fora, mas por dentro ela era o Vesúvio.

Assim que o sangramento de Jack diminuiu, ela virou-se para Lábios Beíçudos, o rosto ainda absolutamente calmo.

— Tente até mesmo se mexer, e eu quebro seu maldito pescoço — disse, a voz imparcial. O jovem criminoso provavelmente nem a escutou com seus próprios gemidos e queixas, mas o tom de voz foi entendido e ele tentou se afastar dela.

Andy já tinha falado com o despachante do 911. Num instante ouvi a sirene, um som perturbadoramente familiar. Nós bem que podíamos conservar uma ambulância permanente no estacionamento a essa altura.

Sujeito Maluco gritava fragilmente com a dor na perna e no queixo. Sam salvara sua vida: Jannalynn de fato ofegava, ela estava perto de se transformar depois da excitação e estímulo da violência. Os ossos haviam deslizado sob a pele do rosto dela, que parecia longo e protuberante.

Não seria bom se ela se tornasse um lobo antes que a polícia chegasse aqui. Eu mesma não tentei mencionar o porquê.

— Ei, Jannalynn. — Seus olhos encontraram os meus. Os dela estavam mudando de cor e forma. Sua silhueta pequena começou a sacudir e virar inquietamente. — Você tem que parar — falei. Havia gritos, excitação e a atmosfera densa do medo ao nosso redor — não era uma boa atmosfera para

uma jovem lobisomem. — Você não pode se transformar agora. — Mantive meus olhos fixos nela. Não falei de novo, mas certifiquei-me para que ela continuasse olhando para mim. — Respire comigo — eu disse, e ela fez o esforço.

Gradualmente, sua própria respiração ficou lenta, e o rosto dela voltou aos contornos normais. Seu corpo parou com os movimentos inquietos e os olhos voltaram a ser os castanhos normais.

— Tudo bem — ela disse.

Sam pousou as mãos em seus ombros delgados. Deu-lhe um abraço forte.

— Obrigado, querida — disse. — Obrigado. Você é a melhor.

Senti uma leve onda de exasperação.

— Deixei sua bunda na poeira — ela respondeu, rindo irregularmente. — Aquilo é que foi um bom salto, não? Espere até eu contar a Alcide.

— Você é a mais rápida — disse Sam, a voz gentil. — É a melhor batedora que já conheci. — Era de se pensar que ele disse que ela era tão sexy quanto Heidi Klum, de tão orgulhosa.

E então o pessoal da polícia e da emergência apareceu, e tivemos que passar por todo o procedimento novamente.

Lily e Jack Leeds partiram para o hospital. Ela disse ao pessoal da ambulância que podia levá-lo no carro deles, e eu entendi pelos seus pensamentos que seu seguro não cobriria todo o custo da viagem de ambulância. Considerando que a sala de emergência ficava a apenas alguns quarteirões de distância e Jack estava caminhando e falando, eu pude entender seu argumento. Eles nunca pegaram a comida, e não pude agradecê-los pelo aviso e pela pontualidade em obedecer as ordens do sr. Cataliades. Imaginei, mais do que nunca, como ele conseguiu manobrá-los até o bar de maneira tão oportuna.

Andy estava perdoavelmente orgulhoso de sua parte no incidente, e recebeu alguns tapinhas nas costas dos companheiros oficiais. Todos eles trataram Jannalynn com uma desconfiança dissimulada e respeito. Todos os fregueses que tentaram ficar fora do caminho estavam se superando para descrever o grande chute de Lily Leeds e o salto incrível de Jannalynn sobre Sujeito Maluco.

De qualquer forma, a imagem que a polícia teve foi que esses quatro estranhos anunciaram sua intenção de tomar Lily como refém e então roubar o Merlotte's.

Não tenho certeza de como essa impressão ganhou credibilidade, mas fiquei contente por isso. Se os fregueses do bar assumiram que a loira em questão era Lily Leeds, por mim tudo bem. Ela certamente era uma mulher de aparência excepcional, e os estranhos podiam tê-la seguido, ou decidido roubar o bar e levar Lily como bônus.

Devido àquela bem-vinda percepção errada, eu escapei de maiores questionamentos tanto quanto os outros fregueses.

No grande esquema das coisas, achei que era hora de eu ter uma folga.

Capítulo 6

Acordei preocupada na manhã de domingo.

Eu estava sonolenta demais na noite anterior, quando finalmente cheguei em casa, para pensar a respeito do que aconteceu no bar. Mas evidentemente meu subconsciente andou remoendo aquilo, enquanto eu dormia. Meus olhos se abriram e, apesar do quarto estar silencioso e ensolarado, eu ofeguei.

Eu tinha aquela sensação de pânico; não havia me dominado ainda, mas estava perto, física e mentalmente. Sabe a sensação? Quando você acha que seu coração vai começar a bater descompassado a qualquer segundo, que sua respiração está acelerando e as palmas das mãos vão começar a suar.

Sandra Pelt estava atrás de mim, e eu não sabia onde ela estava ou o que tramava.

Victor estava atrás de Eric e, por extensão, de mim.

Eu tinha certeza que eu era a loira que os quatro criminosos estiveram perseguindo, e não sabia quem os mandou ou o que teriam feito quando me pegassem, embora tivesse uma sensação bem ruim a respeito.

Eric e Pam estavam estranhados, e tinha certeza que, de algum modo, eu estava envolvida na disputa.

E eu tinha uma lista de perguntas. No topo da lista: Como o sr. Cataliades soube que eu precisaria de ajuda naquele momento e lugar em particular? E como soube enviar os detetives particulares de Little Rock? É claro que se foi advogado dos Pelts, ele podia saber que eles mandaram Lily e Jack Leeds para investigar o desaparecimento da filha Debbie. Não teria sentido necessidade de instruir os Leeds, e saberia que eles podiam se virar numa briga.

Os quatro delinquentes contariam à polícia por que vieram ao bar e quem os mandou? E onde eles conseguiram o sangue vampiro—aquilo seria conhecimento útil também.

O que as coisas que tirei da gaveta secreta diriam a respeito de meu passado?

— Este é um bom começo — falei em voz alta.

Empurrei o lençol de cima da cabeça e verifiquei a casa mentalmente. Ninguém aqui, exceto eu. Talvez Dermot e Claude estivessem sem

novidades, após a grande revelação. Eles pareciam ter ficado em Monroe. Suspirando, sentei na cama, deixando o lençol escorregar. Não havia como me esconder dos problemas. O melhor que podia fazer era tentar priorizar minhas crises e decidir que informação podia reunir sobre cada um.

O problema mais importante era aquele mais perto do meu coração. E a solução estava ao alcance.

Gentilmente, retirei o envelope desenhado e a bolsa de veludo velha da gaveta de cabeceira. Além do conteúdo prático (uma lanterna, vela e fósforos), a gaveta continha as estranhas lembranças de minha estranha vida. Mas eu não estava interessada em nada hoje, exceto os dois novos itens preciosos. Levei-os até a cozinha e deixei-os cuidadosamente sobre o balcão bem longe da pia enquanto fazia meu café.

Enquanto a cafeteira pingava, eu quase abri o envelope. Mas afastei minha mão. Estava com medo. Ao invés disso, procurei minha agenda de endereços. Recarreguei meu celular durante a noite, então guardei o pequeno carregador cuidadosamente—qualquer adiamento servia—e finalmente, respirando fundo, disquei o número do sr. Cataliades. Tocou três vezes.

— “Aqui é Desmond Cataliades” — disse sua voz profunda. — “Estou viajando e indisponível no momento, mas se deseja deixar uma mensagem, eu posso retornar a ligação. Ou não.”

Bem, inferno. Fiz uma careta para o telefone, mas ao som do bipe, eu obedientemente gravei uma mensagem cautelosa que esperava que exprimisse a necessidade urgente de conversar com o advogado. Risquei o sr. Cataliades—Desmond!—de minha lista mental e segui para meu segundo método de aproximação ao problema de Sandra Pelt.

Sandra continuaria atrás de mim até que eu ou ela estivéssemos mortas. Eu possuía uma real e verdadeira inimiga pessoal. Era difícil de acreditar que cada membro da família se mostrara tão podre (especialmente já que Debbie e Sandra foram adotadas), mas todos os Pelts eram egoístas, teimosos e detestáveis. As garotas eram frutos de uma árvore venenosa, eu acho. Eu precisava saber onde Sandra se encontrava, e conhecia alguém que seria capaz de me ajudar.

— Alô? — Amelia disse, animada.

— Como está a vida na Big Easy? — perguntei.

— Sookie! Céus, é tão bom ouvir sua voz! As coisas estão ótimas para mim, na verdade.

— Não diga.

— Bob apareceu em minha porta na semana passada — ela disse.

Depois que a conselheira de Amelia, Octavia, transformou Bob de volta no mórmon magrelo, ele ficou tão zangado com Amelia que desapareceu — bom, como um gato escaldado. Assim que se reorientou a ser humano, Bob deixou Bon Temps para procurar a família, que esteve em Nova Orleans durante o Katrina. Evidentemente, Bob se acalmou sobre a questão ser-transformado-num-gato.

— Ele encontrou o pessoal dele?

— Bem, sim! Os tios, aqueles que o criaram. Eles arrumaram um apartamento em Natchez, grande o suficiente só para os dois, e ele pôde notar que não havia como acrescentá-lo ao esquema da família, então viajou por aí durante um tempo, visitando outros membros do clã, e voltou para cá. Ele conseguiu um emprego de cabeleireiro num salão a três quarteirões de onde eu trabalho! Veio à loja de mágica, perguntando por mim.

Os membros do clã de Amelia administravam a Loja de Mágica Genuína no Quarteirão Francês.

— Fiquei surpresa ao vê-lo. Mas realmente feliz. — Ela praticamente ronronou a última frase, e imaginei que Bob tinha entrado na sala. — Ele diz oi, Sookie.

— Oi de volta. Escute, Amelia, eu detesto interromper seu sonho de amor jovem, mas tenho um favor a pedir.

— Manda.

— Preciso descobrir onde está uma pessoa.

— Lista telefônica?

— Rá-rá. Não é tão simples. Sandra Pelt saiu da cadeia e está me caçando, literalmente. Jogaram uma bomba incendiária no bar e, ontem, quatro viciados vieram me pegar, e acho que Sandra pode estar por trás das duas coisas. Quero dizer, quantos inimigos eu posso ter?

Ouvi Amelia respirar fundo.

— Não responda — falei depressa. — Então, ela fracassou duas vezes e receio que em breve possa se recuperar e mandar alguém aqui para a casa. Eu estarei sozinha, e não vai acabar bem para mim.

— Por que ela não começou por aí?

— Eu finalmente percebi que devia ter me perguntado isso há alguns dias atrás. Você acha que suas magias ainda estão ativas?

— Oh... claro. Elas podem muito bem estar. — Amelia soou levemente satisfeita. Ela tinha muito orgulho de suas habilidades de bruxa, bem como devia estar.

— Mesmo? Digo, pense bem. Você não esteve aqui em... céus, quase três meses. — Amelia fizera as malas na primeira semana de março.

— Verdade. Mas eu as reforcei antes de partir.

— Elas funcionam mesmo quando você não está por perto. — Eu queria ter certeza. Minha vida dependia disso.

— Elas funcionarão por um tempo. Afinal, eu ficava fora da casa durante horas, todos os dias, e deixava-a protegida. Mas tenho que renová-las ou desaparecerão. Sabe, eu tenho três dias diretos de folga. Acho que vou até aí para verificar a situação.

— Isso seria um alívio enorme, apesar de detestar ter que incomodá-la.

— Nah, sem problema. Talvez eu e Bob façamos a viagem juntos. Vou perguntar para alguns outros membros do clã como encontrar pessoas. Podemos cuidar das proteções e tentar encontrar a cadela.

— Você acha que Bob está disposto a voltar para cá? — Bob passou quase toda sua temporada em forma felina na minha casa, então fiquei em dúvida.

— Posso perguntar a ele. A não ser que tenha notícias minhas, estou indo.

— Muito obrigada. — Eu não tinha percebido que meus músculos estavam tão tensos até que começaram a relaxar. Amelia disse que estava vindo.

Imaginei por que não me sentia mais segura com meus dois primos fadas por perto. Eles eram parentes e, embora me sentisse feliz e relaxada quando estavam em casa, eu confiava mais em Amelia.

Pelo lado prático, eu nunca sabia quando Claude e Dermot de fato estavam sob meu teto. Eles passavam cada vez mais noites em Monroe.

Eu teria que colocar Amelia e Bob no quarto em frente ao meu, já que os caras estavam ocupando o do andar de cima. A cama de meu antigo quarto era estreita, mas nem Bob nem Amelia eram pessoas grandes.

Isso tudo era apenas distração para minha cabeça. Me servi de uma caneca de café e peguei o envelope e a bolsinha. Sentei à mesa da cozinha com os objetos diante de mim. Tive um terrível impulso de abrir a lata de lixo e jogá-los sem abrir, o conhecimento contido neles ignorado.

Mas aquilo não era algo que se fazia. Você abre coisas que devem ser abertas.

Abri o envelope e retirei o conteúdo. A noiva vestida com babados no desenho encarou-me brandamente enquanto a carta amarelada era retirada. De algum modo, pareceu empoeirado, como se os anos no sótão tivessem se impregnado nas fendas microscópicas do papel. Suspirei e fechei os olhos, me preparando. Então desdobrei o papel e olhei a letra de minha avó.

Foi inesperadamente doloroso de se olhar: pontuda e comprimida, mal soletrada e pontuada, mas era dela, de minha avó. Deus sabe quantas coisas ela escreveu que eu li em nossa vida juntas: listas de compras, instruções, receitas, até alguns recados pessoais. Havia um maço delas ainda na minha cômoda.

Sookie, estou tão orgulhosa de você por se formar no ginásio. Desejava que seu pai e sua mãe estivessem ali para vê-la com sua beca.

Sookie, por favor, arrume seu quarto, não posso passar o aspirador se não consigo ver o assoalho.

Sookie, Jason irá buscá-la depois do treino de softball, tenho que ir a uma reunião do Clube de Jardinagem.

Eu tinha certeza que esta carta seria diferente. Estava certa. Ela começou formalmente.

Querida Sookie,

Eu acho que encontrará isso, se é para ser alguém. Não há outro lugar onde deixar e, quando achar que você está pronta, eu lhe direi onde a coloquei.

Lágrimas inundaram meus olhos. Ela foi assassinada antes de achar que eu estava pronta. Talvez eu nunca estivesse preparada.

Você sabe que eu amei seu avô mais do que tudo.

Eu pensei que sabia disso. Eles tiveram um casamento sólido... presumi. A evidência sugeria que podia não ter sido o caso.

Mas eu queria tanto ter filhos, tanto. Eu sentia que, se tivesse filhos, minha vida seria perfeita. Não percebi que pedir a Deus por uma vida perfeita era algo estúpido de se fazer. Fui tentada além de minha capacidade de resistir. Deus estava me punindo por minha ganância, eu acho.

Ele era tão lindo. Mas eu sabia, quando o vi, que ele não era uma pessoa de verdade. Ele me contou mais tarde que era parte humano, mas nunca vi muita humanidade nele. Seu avô partira para Baton Rouge, uma longa viagem então. Mais tarde naquela manhã, tivemos uma tempestade que derrubou um pinheiro enorme na entrada, então ficou bloqueada. Eu estava tentando serrar o pinheiro

para que seu avô pudesse trazer o caminhão de volta pela entrada. Fiz uma pausa para ir ao quintal dos fundos e ver se as roupas no varal estavam secas, e ele saiu da floresta. Quando me ajudou a tirar a árvore—bom, ele a tirou sozinho—falei Obrigada, é claro. Não sei se sabe disso, mas se disser Obrigada para um deles, fica devendo. Não sei o porquê, são apenas bons modos.

Claudine mencionara isto de passagem quando a encontrei pela primeira vez, mas acreditei que fosse apenas uma coisa de etiqueta para as fadas. Consciente de meu comportamento, tentei me certificar de nunca agradecer Niall explicitamente, mesmo quando trocamos presentes no Natal. (Precisei de todo meu autocontrole para não dizer “Obrigada”. Eu disse, “Oh, você pensou em mim! Sei que vou gostar”, e selei meus lábios.) Mas Claude... estive perto dele com tanta frequência, eu *sabia* que o agradecei por tirar o lixo ou me passar o sal. Merda!

De qualquer forma, eu perguntei se queria uma bebida e ele estava com sede, e eu estava tão solitária e queria um bebê. Seu avô e eu estávamos casados há cinco anos então, e nenhum sinal de bebê a caminho. Imaginei que houvesse algo de errado, embora não tenhamos descoberto o motivo até mais tarde quando um médico disse que a caxumba tinha... bom.

Pobre Mitchell. Não era culpa dele, foi a doença. Acabei dizendo que foi um milagre termos dois, não precisávamos dos cinco ou seis que ele esperava. Ele nunca nem mesmo me olhou de modo estranho sobre isso. Ele tinha certeza absoluta de que nunca estive com ninguém. Era uma fogueira em minha cabeça. Foi ruim o suficiente ter feito uma vez, mas dois anos depois, Fintan voltou e eu fiz de novo, e não foram as únicas vezes. Era tão estranho. Às vezes, eu achava que podia sentir o cheiro dele! Eu virava e era Mitchell.

Mas ter seu pai e Linda compensou a culpa. Eu os amei muito, e espero que não tenha sido meu pecado que os fez morrerem tão jovens.

Pelo menos Linda teve Hadley, onde quer que ela esteja, e ao menos Corbett teve você e Jason. Vê-los crescer tem sido uma benção e um privilégio. Amo os dois mais do que posso dizer.

Bem, estou escrevendo há um longo tempo. Eu te amo, querida. Agora tenho que lhe contar sobre o amigo de seu avô. Ele era um homem moreno, realmente grande, falava difícil. Disse que era uma espécie de patrocinador de vocês, tipo um padrinho, mas eu não confiava nele mais do que podia arremessá-lo. Ele não parecia ser um homem de Deus. Apareceu depois que Corbett e Linda nasceram. Depois que vocês dois vieram, achei que talvez ele pudesse voltar de novo. Com certeza, ele apareceu de repente, uma vez quando eu cuidava de Jason e outra enquanto cuidava

de você, quando ambos ainda estavam no berço. Ele lhes daria um presente cada um, disse, mas não era algo que eu pudesse colocar numa conta de banco, o que teria sido útil quando vocês vieram morar comigo.

Então veio mais uma vez, alguns anos atrás. Ele me deu essa coisa verde. Disse que fadas dão de presente quando estão apaixonados, e Fintan dera a ele para que me trouxesse se Fintan morresse antes de mim. Ela possui um feitiço mágico, disse. Você nunca vai precisar usá-la, espero, ele disse. Mas se usar, disse para lembrar que era algo de uma só vez, não igual a lâmpada, como na história, com um monte de desejos.

Ele chamou essa coisa de *cluviel dor*, e me mostrou como fazer o feitiço.

Então acho que Fintan está morto, apesar de eu ter medo de fazer qualquer pergunta ao homem. Eu não vi Fintan desde que seu pai e Linda nasceram. Ele segurou os dois nos braços e então partiu. Disse que nunca mais poderia vir de novo, que era perigoso demais para mim e as crianças, que seus inimigos o seguiriam até aqui se continuasse visitando, mesmo se viesse disfarçado. Acho que talvez estivesse dizendo que veio disfarçado antes, e isso me preocupa. E por que ele teria inimigos? Acho que as fadas nem sempre se entendem, igual às pessoas. Para dizer a verdade, eu vinha me sentindo cada vez pior sobre seu avô toda vez que via Fintan, então quando ele disse que não voltaria, foi mais ou menos um alívio. Eu ainda sinto bastante culpa, mas quando lembro que criei seu pai e Linda, fico feliz por tê-los tido, e criar você e Jason tem sido uma alegria para mim.

De qualquer forma, esta carta é sua agora já que estou lhe deixando a casa e o *cluviel dor*. Pode não parecer justo que Jason não tenha ganhado nada mágico, mas o amigo de seu avô disse que Fintan observou os dois, e era para você que devia ir. Acho que espero que você nunca precise saber de nada disso. Eu sempre imaginei se o seu problema veio do fato de você ser meio fada, mas então, como Jason não é igual? Ou seu pai e Linda, no que diz respeito? Talvez você ser capaz de “saber coisas” apenas tenha acontecido. Eu desejava poder tê-la curado para que tivesse uma vida normal, mas temos que aceitar o que Deus nos dá, e você tem sido realmente forte ao lidar com isso.

Por favor, tenha cuidado. Espero que não esteja zangada comigo, ou pense o pior de mim. Todos os filhos de Deus são pecadores. Ao menos, meu pecado deu uma vida para você, Jason e Hadley.

Adele Hale Stackhouse (Vovó).

Havia tanto o que pensar a respeito que eu não sabia por onde começar.

Eu estava simultaneamente pasma, assustada, curiosa e confusa. Antes que pudesse me impedir, peguei minha outra relíquia, a bolsinha de veludo

velha. Soltei o nó, que se desintegrou em meus dedos. Abri a bolsa e deixei o objeto duro ali dentro—o cluviel dor, o presente de meu avô fada—cair na palma de minha mão.

Amei-o imediatamente.

Era de um verde-claro cremoso, com enfeites dourados. Era como uma das caixas de rapé do antiquário, mas nada no Splendide era tão lindo. Não consegui ver nenhum fecho, dobradiça, nada; não se abriu quando apertei delicadamente e girei a tampa—e definitivamente havia uma tampa, com bordas douradas. Hmmm. A caixa redonda não estava pronta para ceder seu segredo.

Tuudo bem. Talvez eu tivesse que fazer alguma pesquisa. Coloquei o objeto de lado e permaneci com as mãos cruzadas sobre a mesa, fitando o espaço. Minha cabeça estava cheia de pensamentos.

Vovó obviamente esteve emotiva quando escreveu a carta. Se nosso “padrinho” deu maiores informações a Vovó sobre este presente, ela esqueceu de mencionar ou simplesmente não se lembrou de mais nada. Imaginei quando ela se forçou a fazer esta confissão.

Obviamente, foi escrito depois que tia Linda morreu, o que aconteceu quando Vovó tinha uns setenta anos. O amigo de meu avô biológico—eu tinha certeza de ter reconhecido a descrição. Certamente o “padrinho” era o sr. Cataliades, advogado demônio. Eu sabia que devia ter custado muito a ela dizer—*no papel*— que fez sexo com alguém além do marido. Minha avó foi uma pessoa forte, e também uma cristã devota. Tal admissão deve tê-la assombrado.

Ela pode ter se julgado, mas agora que me recuperei do choque de ver minha avó como mulher, eu não a julguei. Quem era eu para atirar pedras? O pastor me disse que todos os pecados eram iguais aos olhos de Deus, mas não consegui evitar sentir (por exemplo) que um pedófilo era pior do que alguém que fraudou o imposto de renda *ou* uma mulher solitária que teve sexo não sancionado porque queria um bebê. Eu provavelmente estava errada, porque nós também não devíamos pegar e escolher quais regras obedecer, mas era como eu me sentia.

Empurrei os pensamentos confusos para um canto de minha mente e peguei o cluviel dor de novo. Tocar a suavidade era puro prazer, como a felicidade que eu sentia quando abraçava meu bisavô—mas duzentas vezes mais. O cluviel dor tinha o tamanho de dois biscoitos Oreo empilhados. Esfreguei-o contra a bochecha e me senti ronronar.

Tinha que se ter uma palavra mágica para abri-la?

— Abracadabra — falei. — Por favor e obrigado.

Não, não funcionou, além disso, me senti uma idiota. — Abra-te, Sézamo — sussurrei. — Presto.

Não.

Mas pensar em mágica me deu uma ideia. Mandeí um e-mail para Amelia, e foi uma mensagem difícil de compor. Sei que e-mail não é totalmente seguro, mas também não tinha razão para pensar que alguém consideraria minhas poucas mensagens de qualquer importância. Escrevi, “detesto pedir, mas além de fazer aquela pesquisa sobre o vínculo de sangue para mim, pode procurar algo sobre uma coisa fae? Iniciais c.d.?” Aquilo era tão sutil quanto possível.

Então voltei a minha admiração pelo cluviel dor. Você tinha que ser uma fada pura para abri-la? Não, esta não podia ser a questão. Foi um presente para minha avó, provavelmente para ser usado em caso de extrema necessidade, e ela foi completamente humana.

Desejei que não tivesse sido guardado no sótão quando ela foi atacada. Sempre que eu lembrava de como ela foi descartada no chão da cozinha, como restos, ensopada no próprio sangue, me sentia doente e furiosa. Talvez se ela tivesse tido tempo para buscar o cluviel dor, poderia ter se salvado.

E com esse pensamento, foi o bastante. Devolvi o cluviel dor para sua bolsa de veludo, e devolvi a carta de Vovó para o envelope desenhado. Tive tanto aborrecimento quanto podia suportar por enquanto.

Era necessário esconder aqueles itens. Infelizmente, o excelente esconderijo anterior foi levado para uma loja em Shreveport.

Talvez eu devesse ligar para Sam. Ele podia colocar a carta e o cluviel dor no cofre do Merlotte’s. Mas considerando os ataques ao bar, aquele não seria o melhor lugar para guardar algo que eu valorizava. Eu podia dirigir até Shreveport e usar minha chave para entrar na casa de Eric e encontrar um lugar lá. De fato, era altamente possível que Eric tivesse um cofre também, e nunca teve chance de me mostrar. Depois que meditei, aquela não pareceu ser uma boa ideia também.

Imaginei se o desejo de manter os itens aqui era simplesmente porque eu não queria me separar do cluviel dor. Dei de ombros. Não importa como a convicção tenha surgido em minha cabeça, tinha certeza de que a casa era o local mais seguro, pelo menos por enquanto. Talvez eu pudesse colocar a

caixa verde no esconderijo para vampiros no armário do quarto de hóspedes... mas aquilo não era nada mais que uma caixa vazia, e se Eric precisasse passar o dia lá?

Depois de atormentar meu cérebro, coloquei o envelope na caixa de papéis não examinados do sótão. Isso seria desinteressante, exceto para mim. O cluviel dor foi mais difícil de guardar, ao menos parcialmente, porque eu tinha que resistir ao impulso de tirá-lo da bolsa novamente.

Aquela luta me fez sentir muito—Gollum-esco.

— Meu preciosoooo — murmurei. Dermot e Claude seriam capazes de sentir a proximidade de tal item extraordinário? Não, é claro que não. Esteve no sótão o tempo todo e eles não encontraram.

E se eles tivessem vindo morar aqui na esperança de encontrá-lo? E se soubessem ou suspeitassem que eu possuía tal coisa? Ou (mais provável) se estivessem ficando aqui porque se sentiam felizes com sua proximidade? Embora eu tivesse certeza que havia buracos naquela ideia, não consegui descartá-la. Não era meu sangue de fada que os atraía; era a presença do cluviel dor.

Agora você está sendo simplesmente paranóica, disse a mim mesma severamente, e arrisquei mais uma olhada na superfície verde cremosa. O cluviel dor, pensei, parecia um estojo de pó compacto em miniatura. Com essa ideia, o esconderijo certo me ocorreu. Tirei o cluviel dor de sua bolsa de veludo e guardei-o na gaveta de maquiagem em minha penteadeira. Abri minha caixa de pó solto e salpiquei um pouco sobre o objeto verde. Acrescentei cabelos de minha escova. Rá! Fiquei satisfeita com o resultado. Refletindo, enfiei a bolsa de veludo desintegrada na gaveta de meias e cintos. Meu raciocínio dizia que o objeto puído era só uma bolsa velha, mas minhas emoções diziam que era algo importante, porque minha avó e avô a tocaram.

Eu tinha tantos pensamentos ricocheteando no cérebro que ele parou de funcionar durante esse dia. Depois que fiz algumas tarefas domésticas, assisti ao campeonato mundial universitário de softball na ESPN. Eu adoro softball, porque joguei no colegial. Eu adorava assistir as jovens mulheres fortes de toda a América; adorava assisti-las dando tudo que podiam ao esporte, jogo total, nada guardado para reserva. Percebi enquanto assistia que eu conhecia duas outras mulheres assim: Sandra Pelt e Jannalynn Hopper. Havia uma lição ali, mas eu não tinha certeza do que era.

Capítulo 7

Ouvi meus dois colegas de quarto entrando no domingo à noite, não muito tarde. O Hooligans não abria aos domingos, e tentei não imaginar o que eles andaram fazendo o dia todo. Eles ainda dormiam quando fiz meu café na manhã de segunda. Me movi pela casa tão silenciosamente quanto possível, me vestindo e checando os e-mails. Amelia estava a caminho, dizia, e acrescentou enigmaticamente que tinha algo importante para me contar. Me perguntei se ela já tinha descoberto informação a respeito de meu “c.d.”

Tara enviara um e-mail de grupo com uma fotografia de sua barriga enorme, e me lembrei que o chá de bebê que lhe daria seria na próxima semana. Opa! Após um instante de pânico, me acalmei. Os convites foram enviados, comprei o presente dela e tinha planejado a comida. Estava tão preparada quanto podia, tirando a faxina agitada de último minuto.

Eu trabalharia no primeiro turno hoje. Enquanto me maquiava, peguei o cluviel dor e segurei-o contra o peito. Tocá-lo parecia importante, parecia torná-lo mais vital. Minha pele esquentou rápido. O que quer que estivesse no coração daquele verde pálido suave pareceu acelerar. Me senti mais viva também. Prendi um fôlego profundo e trêmulo e o devolvi à gaveta, novamente salpicando com pó para fazê-lo parecer que estava lá há uma eternidade. Fechei a gaveta com algo parecido com pesar.

Minha avó pareceu muito próxima de mim nesse dia. Pensei nela a caminho do trabalho, durante os preparativos e em momentos estranhos enquanto buscava e carregava. Andy Bellefleur estava almoçando com o xerife Dearborn. Fiquei um pouco surpresa por Andy querer sentar no Merlotte’s de novo depois da invasão de dois dias atrás.

Mas meu novo detetive favorito pareceu feliz o bastante de estar ali, brincando com o chefe e comendo salada de baixa caloria. Andy parecia mais magro e jovem esses dias. A vida de casado e a paternidade iminente concordavam com ele. Perguntei-lhe como estava Halleigh.

— Ela diz que sua barriga está enorme, mas não está — ele disse com um sorriso. — Acho que está feliz com as férias escolares. Está fazendo cortinas para o quarto do bebê.

Halleigh dava aula na escola primária.

— Miss Caroline estaria muito orgulhosa — falei. A avó de Andy, Caroline Bellefleur, morrerá algumas semanas atrás.

— Fico contente por ela ter sabido antes de falecer — ele respondeu. — Ei, sabia que minha irmã está grávida também?

Tentei não parecer espantada demais. Andy e Portia tiveram um casamento duplo no jardim da avó, e embora tenha sido uma surpresa ouvir que a esposa de Andy estava grávida, de algum modo, a velha Portia nunca me pareceu alguém que acolheria a maternidade. Disse a Andy o quanto eu estava contente, e era verdade.

— Poderia contar a Bill? — Andy perguntou, meio tímido. — Ainda me sinto um pouco estranho sobre ligar para ele.

Meu vizinho e antiga paixão, Bill Compton, que por acaso era um vampiro, finalmente contara aos Bellefleur que era um ancestral pouco antes de Miss Caroline morrer. Miss Caroline reagiu maravilhosamente às notícias espantosas, mas foi um pouco mais difícil para Andy, que era orgulhoso e não muito fã dos morto-vivos. Portia de fato saíra com Bill algumas vezes antes de ele descobrir o relacionamento—embaraçoso, hein? Ela e o marido engoliram suas ressalvas sobre o recém-adquirido ancestral vivo, e me surpreenderam com a dignidade com que reconheceram Bill.

— Eu sempre fico feliz em dar boas notícias, mas ele ficaria contente se ouvisse de você.

— Eu, hã, ouvi dizer que ele tem uma namorada vampira?

Aparentei alegria. — É, ela está lá já faz algumas semanas — respondi. — Não conversei muito com ele sobre isso. — Tipo, nunca.

— Você a conheceu.

— É, ela parece legal. — De fato, fui a responsável pela reunião, mas não era algo que eu quisesse compartilhar. — Se o vir, eu conto por você, Andy. Sei que ele vai querer saber quando o bebê nascer. Você e Halleigh sabem qual é o sexo?

— É uma menina — ele disse, e o sorriso quase partiu seu rosto em dois. — Vamos chamá-la de Caroline Compton Bellefleur.

— Oh, Andy! Isso é maravilhoso! — Fiquei ridiculamente contente, porque sabia que Bill ficaria. Andy pareceu embaraçado. Notei que ficou aliviado quando seu celular tocou.

— Oi, querida — disse, tendo olhado o identificador de chamadas antes de atender. — O que foi? — Ele sorriu enquanto ouvia. — Está bem, eu lhe trago o milkshake — respondeu. — Te vejo daqui a pouco.

Bud estava voltando para a mesa, e Andy fitou a conta e retirou uma nota de dez. — Aqui está minha parte — disse. — Fique com o troco. Bud, eu tenho que ir para casa. Halleigh quer que eu coloque a haste da cortina no quarto do bebê, e está louca por um milkshake de caramelo. Não demoro mais do que dez minutos. — Ele sorriu para nós e saiu pela porta.

Bud voltou a se sentar enquanto lentamente tirava o próprio dinheiro da carteira velha e puída.

— Halleigh está tendo um, Portia tendo outro, Tara vai ter dois, ouvi dizer. Sookie, você precisa arrumar um desses pequeninos — ele disse, dando um gole na bebida. — Bom chá gelado. — Ele largou o copo vazio com um pequeno baque.

— Eu não preciso ter um bebê só porque outras mulheres estão tendo — respondi. — Terei um quando estiver preparada.

— Bom, você não vai ter de jeito nenhum, se continuar saindo com aquele morto — disse Bud abruptamente. — O que você acha que sua avó diria?

Peguei o dinheiro, virei nos calcanhares e me afastei. Perguntei a Danielle se poderia dar o troco a Bud. Não queria mais falar com ele.

Estúpido, eu sei. Eu tinha que ser mais durona do que isso. E Bud só falara a verdade. É claro, ele tinha a perspectiva de que todas as mulheres jovens queriam ter filhos, e apontara que eu estava no caminho errado. Como se eu não soubesse disso! O que Vovó *diria*?

Eu teria respondido sem pestanejar alguns dias atrás. Agora, não tinha tanta certeza. Existira tanta coisa que eu não sabia sobre ela. Mas minha melhor suposição era de que ela teria dito para seguir meu coração. E eu amava Eric. Enquanto pegava o cesto de hambúrguer e levava até a mesa de Maxine Fortenberry (ela estava almoçando com Elmer Claire Vaudry), me descobri antecipando o momento de escuridão quando ele acordaria. Ansiava por vê-lo com uma espécie de desespero. Precisava da segurança de sua presença, a segurança de que ele me amava também, a conexão apaixonada que sentíamos quando nos tocávamos.

Enquanto esperava por um pedido no balcão, observei Sam servir uma bebida. Perguntei-me se ele sentia por Jannalynn a mesma coisa que eu sentia por Eric. Ele vinha saindo com ela a mais tempo do que qualquer outra desde que o conheci. Talvez eu tenha entendido que ele estava mais sério porque planejava noites de folga para que pudesse vê-la com mais

frequência, algo que nunca fez antes. Sam sorriu para mim quando seus olhos encontraram os meus. Com certeza era bom vê-lo feliz.

Apesar de Jannalynn *não* ser boa o bastante para ele.

Eu quase tapei a boca com uma mão. Senti-me culpada como se tivesse dito aquilo em voz alta. O relacionamento deles não era da minha conta, pensei severamente. Mas uma voz mais suave dentro de mim dizia que Sam era meu amigo e que Jannalynn era cruel e violenta demais para fazê-lo feliz a longo prazo.

Jannalynn matou pessoas, mas eu também. Talvez a julgasse violenta porque, às vezes, ela parecia gostar da matança. A ideia de que eu podia ser como Jannalynn por dentro—quantas pessoas eu quis mortas?—foi outro ponto negativo. Certamente o dia tinha que ser melhor?

Quase sempre é um pensamento fatal.

Sandra Pelt entrou a passos largos no bar. Fazia um longo tempo desde que a vi—e ela tentara me matar também, na época. Ela foi uma adolescente, e ainda não completara vinte anos, imaginei; mas parecia um pouco mais velha, o corpo mais maduro, e tinha um belo corte de cabelo desfiado que contrastava estranhamente com a careta em seu rosto. Ela trouxera consigo uma aura de ódio. Apesar de o corpo esbelto estar apropriadamente vestido com jeans e camiseta, uma camisa solta e aberta, era possível notar a loucura em seu rosto. Ela gostava de lidar com os estragos. Não se podia olhar dentro de sua mente e deixar de perceber. Seus movimentos estavam desajeitados com a tensão, e os olhos perambularam de uma pessoa para outra até que encontraram os meus. Eles se iluminaram como fogos de artifício em Quatro de Julho. Pude ver direto em seu cérebro e notei que possuía uma arma às costas, presa ao jeans.

— Oh-oh — falei, bem baixinho.

— O que mais eu tenho que fazer? — Sandra gritou.

Toda a conversa no bar terminou em silêncio. Pelo canto do olho, vi Sam estender a mão para baixo do balcão. Ele não alcançaria a tempo.

— Eu tentei queimá-la e o fogo se apagou. — Ela ainda falava em volume alto. — Dou a aqueles panacas drogas e sexo grátis, mando-os para agarrá-la, e eles estragam tudo. Tento sua casa, e a magia não me deixa entrar. Tentei matá-la diversas vezes, e você *simplesmente não morre!*

Quase senti vontade de pedir desculpas.

Ao mesmo tempo, foi algo bom Bud Dearborn ter ouvido tudo aquilo. Mas ele estava parado encarando Sandra, a mesa entre eles, e eu sabia que

teria sido muito melhor se estivesse atrás dela. Sam começou a se mover para sua esquerda, mas a entrada do balcão ficava à direita, e eu não via como ele poderia atravessar o bar e chegar por trás antes que ela se decidisse a me matar. Mas aquele não era o plano de Sam. Enquanto Sandra se concentrava em mim, ele passou o bastão de madeira para Terry Bellefleur, que esteve jogando dardos com outro veterano. Terry era um pouco maluco às vezes, e terrivelmente marcado por cicatrizes, mas eu sempre gostei dele e nos dávamos bem. Terry colocou a mão no bastão, e fiquei feliz pela jukebox estar tocando, porque encobria os pequenos sons.

De fato, a jukebox estava tocando a velha balada de Whitney Houston, “I Will Always Love You”, o que era meio engraçado, na verdade.

— Por que você está sempre mandando outras pessoas para fazer seu serviço? — perguntei, para encobrir o som do avanço silencioso de Terry. — Você é algum tipo de *covarde*? Acha que uma mulher não consegue fazer o serviço direito?

Talvez zombar de Sandra não tenha sido uma boa ideia, porque sua mão lançou-se para trás com a velocidade de um metamorfo, e então a arma surgiu apontada para mim, e vi seu dedo começar a apertar num momento que pareceu durar para sempre. Então eu vi o bastão oscilar e atingir, derrubando Sandra como se alguém tivesse cortado suas cordas, e havia sangue por todo lado.

E Terry enlouqueceu. Ele agachou-se, gritando, e largou o bastão como se o tivesse queimado. Não importa o que qualquer um tenha dito (a coisa mais popular foi “CALA A BOCA, TERRY!”), ele berrou.

Eu nunca pensei que acabaria sentada no chão, embalando Terry Bellefleur nos braços, acalentando e sussurrando para ele. Mas era onde eu estava, já que ele parecia piorar se outra pessoa se aproximava. Até o pessoal da ambulância ficou nervoso quando Terry gritou com eles. Ele ainda se encontrava agachado, manchado de sangue, depois que Sandra Pelt foi levada para o hospital em Clarice.

Eu me sentia devedora de Terry, que sempre foi gentil comigo mesmo quando tinha um de seus períodos ruins. Ele veio limpar os escombros quando um incendiário botou fogo na minha cozinha. Ele me ofereceu um de seus filhotes. Agora ele danificara sua mente frágil para salvar minha vida. Embalando-o e dando tapinhas em suas costas enquanto ele chorava, eu ouvi o firme fluxo de suas palavras enquanto as poucas pessoas

restantes no Merlotte's se esforçavam para permanecer afastados a uma distância decente.

— Eu fiz o que ele disse — disse Terry —, o homem brilhante, não perdi Sookie de vista e tentei mantê-la a salvo, ninguém devia machucar Sookie, tentei cuidar dela, então hoje aquela cadela veio aqui e eu sabia que ia matar Sook, eu sabia, nunca quis derramar sangue novamente em minha vida, mas não podia deixá-la ferir a garota, não podia, e eu nunca quis matar outra pessoa em toda minha existência, nunca matei.

— Ela não está morta, Terry — falei, beijando sua cabeça. — Você não matou ninguém.

— Sam me passou o bastão — disse Terry, parecendo um pouco mais alerta.

— Claro, porque ele não podia sair de trás do balcão a tempo. Muito obrigada, Terry, você sempre foi meu amigo. Deus o abençoe por salvar minha vida.

— Sookie? Sabia que eles queriam que eu ficasse de olho em você? Eles vieram ao meu trailer à noite, durante meses, aquele grandão loiro e então o homem brilhante. Eles sempre queriam saber sobre você.

— Claro — respondi, pensando, *O quê?*

— Eles queriam saber como você estava indo e com quem andava, quem a odiava e quem a amava...

— Tudo bem — falei. — Estava tudo bem contar para eles.

Eric e meu bisavô, eu imaginei. Escolhendo o ferido, o mais fácil de convencer. Sabia que Eric teve alguém cuidando de mim enquanto eu namorava Bill e depois quando fiquei sozinha. Imaginei que meu bisavô tenha possuído alguma fonte de informação também. Tenha ele conseguido o nome através de Eric ou descoberto Terry sozinho, era bem típico de Niall usar a ferramenta mais conveniente, quebrasse ou não durante seu uso.

— Eu encontrei Elvis em sua floresta uma noite — disse Terry. Um dos paramédicos lhe dera uma injeção, e achei que estava começando a funcionar. — Sabia que fiquei maluco então. Ele me contou o quanto gostava de gatos. Eu disse que pessoalmente preferia cachorros.

O vampiro antigamente conhecido como Elvis não se saiu bem porque seu organismo estava saturado demais com drogas quando foi transformado por um ardente fã no necrotério de Memphis. Bubba, como gostava ser chamado agora, tinha preferência por sangue felino, para sorte da amada Catahoula de Terry, Annie.

— Nós nos demos muito bem — Terry dizia, e sua voz ficou mais arrastada e sonolenta. — Acho que é melhor eu ir para casa agora.

— Vamos levá-lo para o trailer de Sam — respondi. — É onde você vai acordar. — Não queria que Terry acordasse em pânico. Deus, não.

A polícia pegara meu depoimento, uma espécie de esboço, e pelo menos três pessoas ouviram Sandra dizer que jogou a bomba incendiária no bar.

Obviamente, eu fiquei no bar muito mais tarde do que planejei, e agora estava escuro. Sabia que Eric estava do lado de fora esperando por mim, e queria mais do que tudo levantar e empurrar o problema de Terry para outra pessoa, mas eu simplesmente não podia. O que ele fez por mim machucou-o ainda mais, e eu não tinha como pagar de volta. Não me incomodava o fato de ele ficar de olho em mim—okay, me espionando—por Eric antes que este fosse meu amante, ou por meu bisavô. Não me causou nenhum mal. Já que conhecia Terry, eu sabia que houve pressão envolvida, de uma espécie ou outra.

Sam e eu ajudamos Terry a se levantar, e começamos a nos mover, seguindo pelo corredor que levava aos fundos do bar e através do estacionamento até o trailer de Sam.

— Eles prometeram que não deixariam nada acontecer com meu cachorro — Terry sussurrou. — E prometeram que os sonhos iam parar.

— Eles mantiveram as promessas? — perguntei de volta, a voz bem baixa.

— Sim — ele disse, agradecido. — Nada mais de sonhos, e eu tenho meu cachorro.

Aquilo não pareceu ser muito para pedir. Eu devia estar zangada com Terry, mas não conseguia reunir a energia emocional. Eu estava completamente esgotada.

Eric encontrava-se sob a sombra das árvores. Ele permaneceu afastado para que sua presença não agitasse Terry. Pela rigidez súbita no rosto de Sam, eu soube que estava consciente da presença de Eric ali, mas Sam não disse nada.

Colocamos Terry no sofá de Sam e, quando ele deslizou para o sono, eu abracei Sam.

— Obrigada — falei.

— Pelo quê?

— Por passar o bastão a Terry.

Sam deu um passo para trás.

— Foi tudo no que pude pensar em fazer. Não podia atravessar o balcão sem alertá-la. Ela tinha que ser surpreendida ou estaria tudo acabado.

— Ela é assim tão forte?

— Sim — ele respondeu. — E está convencida de que seu mundo estaria melhor se não fosse por você, ao que parece. Fanáticos são difíceis de derrotar. Eles continuam vindo.

— Está pensando nas pessoas que estão tentando fechar o Merlotte's? Seu sorriso foi amargo.

— Talvez eu esteja. Não consigo acreditar que isso está acontecendo em nosso país, e a mim, um veterano. Nascido e criado nos EUA.

— Me sinto culpada, Sam. Algumas dessas coisas aconteceram por minha causa. A bomba incendiária... Sandra não teria feito isso se eu não estivesse ali. E a briga. Talvez você devesse me deixar ir. Posso trabalhar em outro lugar, você sabe.

— Você quer?

Eu não conseguia ler a expressão em seu rosto, mas pelo menos não era alívio.

— Não, é claro que não.

— Então você tem um emprego. Somos um pacote.

Ele sorriu e, de algum modo, os olhos azuis não se iluminaram do modo como seus sorrisos geralmente faziam, mas falava sério. Metamorfo ou não, mente velada ou não, eu percebia esse tanto.

— Obrigada, Sam. É melhor eu ir ver o que minha melhor metade quer.

— O que quer que Eric seja para você, Sook, ele não é a sua melhor metade.

Eu parei, a mão na maçaneta, e não consegui pensar em nada para dizer. Então apenas fui embora.

Eric esperava, mas não pacientemente. Ele tomou meu rosto entre as mãos grandes e examinou-o sob a luz severa das lâmpadas de segurança nos cantos do bar. India saiu pela porta dos fundos, nos lançou um olhar surpreso, entrou no carro e partiu. Sam ficou no trailer.

— Quero que você venha morar comigo — disse Eric. — Pode ficar num dos quartos do andar de cima, se quiser. Aquele que nós normalmente usamos. Você não precisa ficar no escuro comigo. Não quero que fique

sozinha. Não quero sentir seu medo mais uma vez. Me deixa louco saber que alguém está te atacando, e eu não estou ali.

Tínhamos nos habituado a fazer amor no maior quarto do andar superior (Acordar no quarto sem janelas do térreo me dava arrepios).

Agora Eric estava me oferecendo aquele quarto permanentemente. Eu sabia que aquele era um grande passo para Eric, algo enorme. E era grande para mim também. Mas tal decisão não podia ser tomada num momento em que não era eu mesma, e esta noite, eu não me sentia assim.

— Precisamos conversar — falei. — Você tem tempo?

— Esta noite, estou criando tempo — ele respondeu. — As fadas estão em sua casa?

Liguei para Claude em meu celular. Quando ele atendeu, pude ouvir os ruídos do Hooligans nos fundos. — Só estou verificando para ver onde você está antes que Eric e eu sigamos para casa — falei.

— Vamos ficar no clube esta noite — Claude respondeu. — Divirta-se com seu vampiro gostosão, prima.

Eric me seguiu até em casa. Ele trouxera o carro, porque assim que soube que eu estava em perigo, soube que teria passado e podia usar o tempo para dirigir.

Me servi de um copo de vinho—incomum para mim—e esquentei uma garrafa de sangue no microondas para Eric. Nos sentamos na sala de estar. Levantei as pernas sobre o sofá e me virei de costas contra o apoio para encará-lo. Ele inclinou-se para mim do outro lado.

— Eric, eu sei que você não convida pessoas para ficarem em sua casa facilmente. Então, quero que saiba o quanto... estou tocada e lisonjeada pelo convite.

Imediatamente, eu percebi que disse a coisa errada. Aquilo soou impessoal demais. Os olhos azuis de Eric se estreitaram.

— Oh, não foi nada — ele respondeu friamente.

— Eu não me expressei direito. — Respirei fundo. — Ouça, eu te amo. Eu... me sinto emocionada por você querer que moremos juntos. — Ele pareceu um pouco mais relaxado. — Mas antes que eu me decida ou não a fazer isso, nós precisamos ser francos sobre algumas coisas.

— Coisas?

— Você se casou comigo para me proteger. Você contratou Terry Bellefleur para me espionar, e aplicou pressão onde ele não precisava, para forçá-lo a cooperar.

— Isso aconteceu antes de eu conhecê-la, Sookie. — disse Eric.

— Sim, eu sei disso. Mas é a natureza da pressão que você aplicou num homem cujo estado mental é muito frágil. É o modo como você conseguiu se casar comigo, sem eu saber o que estava fazendo.

— Você não teria aceitado de outra maneira — disse Eric. Como sempre, prático ao extremo.

— Você tem razão, eu não teria — respondi, tentando sorrir para ele. Mas não era fácil. — E Terry não teria lhe contado coisas a meu respeito, se tivesse lhe oferecido dinheiro. Sei que você vê isso como a forma astuta de fazer negócios, e tenho certeza que um bocado de pessoas concordaria com você.

Eric tentava seguir meu pensamento, mas pude perceber que não estava compreendendo nada. Continuei lutando rio acima.

— Ambos estamos vivendo com este vínculo. Tenho certeza que, às vezes, você preferia que eu não soubesse o que estava sentindo. Você iria querer viver comigo se não tivéssemos esse elo? Se não sentisse toda vez que eu estivesse em perigo? Ou zangada? Ou com medo?

— Que coisa estranha para dizer, amada. — Eric deu um gole em sua bebida e largou-o sobre a velha mesinha. — Está dizendo que, se eu não soubesse que você precisava de mim, eu não precisaria de você?

Era aquilo que eu estava dizendo?

— Acho que não. O que estou tentando dizer é que não acho que você ia querer que morássemos juntos, a não ser que sentisse pessoas tentando me pegar. — Isso era a mesma coisa? Meu Deus, eu detestava conversas assim. Não que nunca tenha tido uma antes.

— Que diferença isso faz? — ele disse, com mais do que um traço de impaciência na voz. — Se quero você comigo, eu quero. As circunstâncias não importam.

— Mas elas importam. E somos tão diferentes.

— O quê?

— Bem, existem tantas coisas que você desconsidera e eu não.

Eric revirou os olhos. Um cara total.

— Como o quê?

Procurei por um exemplo às apalpadelas.

— Bem, como Appius fazendo sexo com Alexei. Não era grande coisa para você, embora Alexei tivesse treze anos. — O criador de Eric, Appius

Livius Ocella, tornou-se vampiro durante a época em que os romanos dominavam grande parte do mundo.

— Sookie, aquilo seria o que você chama de negócio feito muito antes de eu saber que tinha um irmão. Na época de Ocella, as pessoas eram consideradas praticamente adultas aos treze. Eles até mesmo se casavam nessa idade. Ocella nunca compreendeu algumas das mudanças que surgiram ao longo dos séculos na sociedade. E Alexei e Ocella estão mortos agora. — Eric deu de ombros. — Havia outro lado naquela moeda, lembra-se? Alexei usava sua juventude, sua aparência infantil, para desarmar todos os vampiros e humanos ao seu redor. Até Pam vacilou em derrubá-lo, apesar de saber o quanto ele era destrutivo, como era insano. E ela é a vampira mais implacável que eu conheço. Ele era um parasita para todos nós, sugando nossa vontade e força com a profundidade de suas necessidades.

E com aquela inesperada sentença poética, Eric encerrou a conversa sobre Alexei e Ocella. Seu rosto transformou-se em pedra. Recordei a questão principal: nossas diferenças irreconciliáveis.

— E quanto ao fato de que você vai viver muito mais do que eu, tipo para sempre?

— Podemos resolver isso facilmente.

Eu apenas o encarei.

— O quê? — disse Eric, quase genuinamente espantado. — Você não quer viver para sempre? Comigo?

— Eu não sei — respondi finalmente. Tentei imaginar aquilo. A noite, eternidade. Infinito. Mas com Eric! Comecei: — Sabe, Eric, eu não consigo... — E então parei de repente. Quase o insultei imperdoavelmente. Sabia que ele sentia a onda de dúvida emanando de mim. Eu quase disse: “Eu simplesmente não consigo imaginá-lo por perto depois que começar a parecer velha.”

Apesar de existir mais alguns tópicos que esperava discutir em nosso raro tête-à-tête, senti que a conversa oscilava à beira do Canyon do Desastre. Talvez tenha sido sorte a batida na porta dos fundos. Ouvi o carro se aproximando, mas minha atenção esteve tão concentrada em minha companhia que eu realmente não registrei o significado.

Amelia Broadway e Bob Jessup encontravam-se à porta. Amélia parecia a mesma de sempre: o rosto fresco e saudável, o cabelo castanho curto e despenteado, a pele e olhos claros. Bob, pouco mais alto do que Amelia e

igualmente magro, era um sujeito pequeno que parecia uma espécie de missionário mórmon sexy. Os óculos de aros pretos conseguiam parecer retrô ao invés de caxias. Ele vestia jeans, camisa xadrez preto-e-branco e sapato social. Ele foi um gato muito bonito, mas seus atrativos como homem me escapavam—ou talvez se mostrassem apenas de vez em quando.

Abri um largo sorriso para eles. Era ótimo ver Amelia, e senti alívio por minha conversa com Eric ter sido interrompida. Tínhamos que conversar sobre nosso futuro, mas tive a arrepiante sensação de que o fim daquela conversa deixaria ambos infelizes. Adiar provavelmente não mudaria o resultado, mas Eric e eu já tínhamos problemas suficientes com que lidar.

— Entrem! — eu disse. — Eric está aqui, e ele ficará contente por vê-los.

Obviamente, isso não era verdade. Eric era completamente indiferente quanto a ver Amelia de novo em sua vida—sua longa, longa vida—e Bob nem mesmo registrava no radar de Eric.

Mas Eric sorriu (apesar de não ser um largo sorriso) e disse o quanto estava contente por eles me visitarem—apesar de existir um leve questionamento em sua voz, já que não sabia por que estavam ali. Não importa o quanto a conversa fosse longa entre mim e Eric, nós nunca parecíamos discutir o suficiente.

Com um enorme esforço, Amelia reprimiu o cenho franzido. Ela não era fã do viking. E era uma transmissora *muito* clara, então captei isso como se ela tivesse gritado. Bob fitou Eric com cautela e, assim que expliquei a situação dos quartos a Amelia (obviamente, ela presumiu que ficariam no andar de cima), Bob desapareceu no quarto em frente ao meu com as malas. Após alguns minutos perambulando por lá, ele se enfiou no banheiro do corredor. Bob ficou craque em evasão enquanto foi gato.

— Eric — disse Amelia, esticando-se inconscientemente. — Como estão as coisas no Fangtasia? Como anda a nova administração? — Ela não podia saber que atingira um nervo. E quando os olhos de Eric se estreitaram—suspeitei que ele achou que Amélia disse aquilo de propósito para aborrecê-lo—Amelia fitou os pés ao tocá-los com as palmas das mãos. Imaginei se eu podia fazer aquilo, então minha mente voltou para o momento atual.

— Os negócios estão indo bem — disse Eric. — Victor abriu alguns clubes novos por perto.

Amelia compreendeu imediatamente que isso era um progresso ruim, mas foi esperta o bastante para não dizer nada. Francamente, era como estar numa sala com alguém gritando os pensamentos mais íntimos.

— Victor é o sujeito sorridente que estava no quintal na noite da posse, certo? — ela disse, endireitando-se e girando a cabeça de um lado para o outro.

— Sim — respondeu Eric, um canto da boca subindo numa expressão sardônica. — O sujeito sorridente.

— Então, Sook, que problemas você tem agora? — Amelia me perguntou, evidentemente considerando que foi educada o suficiente com Eric. Ela estava pronta para atacar qualquer problema que eu descrevesse.

— Sim — disse Eric, me encarando com olhos duros. — Que problemas você tem agora?

— Eu só ia pedir a Amelia que reforçasse as proteções ao redor da casa — respondi casualmente. — Já que tanta coisa aconteceu no Merlotte's, eu estava me sentindo meio insegura.

— Então ela me ligou — disse Amelia, mordazmente.

Eric olhou de mim para Amelia. Parecia bem descontente.

— Mas agora que a cadela foi encurralada, Sookie, certamente a ameaça foi removida?

— O quê? — Amelia perguntou. Foi a vez de ela olhar de um rosto para outro. — O que aconteceu esta noite, Sookie?

Contei-lhe resumidamente.

— Mas eu ainda me sentiria melhor se você se certificasse de que as proteções ainda estão no lugar.

— É uma das coisas que eu vim fazer, Sookie. — Por alguma razão, ela deu um largo sorriso para Eric.

Bob então se aproximou furtivamente e posicionou-se ao lado de Amelia, mas imperceptivelmente um pouco atrás.

— Aqueles filhotes de gato não eram meus — ele me contou, e Eric ficou boquiaberto. Eu raramente o via genuinamente espantado. Foi tudo que pude fazer para evitar rir. — Digo, metamorfos não podem procriar com animais nas quais se transformam. Então não acho que aqueles gatos eram meus. Especialmente desde que—pense a respeito!—eu era gato apenas por mágica, não geneticamente metamorfo.

— Querido, nós conversamos sobre isso. Você não precisa ficar embaraçado. Era algo perfeitamente natural para se fazer. Eu admito que

fiquei um pouco rabugenta a respeito, mas, você sabe... a coisa toda foi culpa minha, afinal. — disse Amelia.

— Não se preocupe, Bob. Sam já falou em sua defesa. — Sorri para Bob, que pareceu aliviado.

Eric decidiu ignorar aquela troca de palavras.

— Sookie, eu preciso voltar ao Fangtasia.

Nós nunca teríamos a chance de dizer as coisas que precisávamos a essa altura. — Está bem, Eric. Diga olá a Pam por mim, se vocês dois voltaram a se falar.

— Ela é uma boa amiga para você mais do que você imagina — Eric disse sombriamente.

Eu não sabia como responder aquilo, e ele virou-se tão rápido que meus olhos não conseguiram segui-lo. Ouvi a porta do carro dele bater, e então ele saiu do pátio. Não importa quantas vezes eu visse, ainda achava incrível que vampiros pudessem se mover tão rápido.

Eu esperava ter uma chance de conversar mais com Amelia naquela noite, mas ela e Bob já estavam prontos para encerrar após a viagem. Eles partiram de Nova Orleans após um dia inteiro de trabalho, Amelia na Loja Mágica Genuína, e Bob no salão Corte Feliz. Após quinze minutos, mais ou menos, de idas e vindas pelo banheiro, a cozinha e o carro, eles ficaram silenciosos no quarto do corredor. Tirei meus sapatos e fui até a cozinha para trancar a porta.

Eu estava acabando de soltar um suspiro de alívio pelo fim do dia quando houve uma leve batida na porta dos fundos. Pulei como um sapo. Quem podia ser àquela hora da noite? Olhei através da varanda muito cautelosamente.

Bill. Eu não o via desde que sua “irmã” Judith veio vê-lo. Debati por um segundo, então decidi me esgueirar lá fora para conversar com ele. Bill era muitas coisas para mim: vizinho, amigo, primeiro amante. Eu não o temia.

— Sookie — ele disse, a voz fria e suave tão relaxante quanto uma massagem. — Você tem convidados?

— Amelia e Bob — expliquei. — Eles acabaram de chegar de Nova Orleans. As fadas não estão aqui esta noite. Eles ficam em Monroe na maioria das noites, ultimamente.

— Devemos ficar aqui para não acordarmos seus amigos?

Era novidade para mim que nossa conversa fosse durar tanto tempo. Aparentemente, Bill não veio só para pedir um copo de sangue emprestado. Acenei com a mão na direção dos móveis do jardim e nos sentamos nas cadeiras, já dispostas num ângulo de companhia. A noite quente com sua miríade de pequenos sons nos envolveu como um envelope. A luz de segurança dava ao jardim padrões estranhos de escuridão e luz.

Quando o silêncio durou o suficiente para que eu percebesse que estava sonolenta, falei: — Como estão indo as coisas em sua casa, Bill? Judith ainda está ficando com você?

— Estou totalmente curado do envenenamento por prata — ele disse.

— Eu, hã, notei que você parece bem — respondi. Sua pele readquirira a brancura pálida e até o cabelo parecia mais lustroso. — Muito melhor. Então o sangue de Judith funcionou.

— Sim. Mas agora... — Ele olhou para a escuridão da floresta.

Oh-oh.

— Ela quer continuar morando com você?

— Sim — ele disse, soando aliviado por não ter que soletrar. — Ela quer.

— Achei que você a admirava porque ela se parecia tanto com sua primeira esposa. Judith me contou que foi por isso que a Lorena louca transformou-a, para mantê-lo com ela. Quero dizer, desculpe por trazer à tona coisas ruins.

— É verdade. Judith se parece com minha primeira esposa em muitos aspectos. Seu rosto tem o mesmo formato, a voz é muito parecida com a de minha esposa. O cabelo é da mesma cor que minha esposa tinha quando era criança. E Judith foi criada muito gentilmente, como minha esposa.

— Então, eu teria previsto que isso o deixaria feliz com Judith — falei.

— Mas não. — Ele soava pesaroso, e manteve os olhos nas árvores, cuidadosamente evitando olhar para o meu rosto. — E, de fato, é por isso que não chamei Judith quando percebi o quanto estava doente. Eu tive que romper com ela da última vez em que estivemos juntos, por causa de sua devastadora obsessão por mim.

— Oh — respondi, a voz bem baixa.

— Mas você fez a coisa certa, Sookie. Ela veio até mim e ofereceu espontaneamente seu sangue. Já que você a convidou sem meu conhecimento, pelo menos não me sinto culpado por usá-la. Minha falha consiste em deixá-la permanecer depois... depois que me curei.

— E por que você faria isso?

— Porque esperava, de algum modo, que meus sentimentos por ela tivessem mudado, que podia sentir um amor genuíno. Isso teria me libertado de... — Sua voz deteve-se.

Ele podia ter terminado a frase com “amar você”. Ou talvez, “me libertado do débito que tenho com você por me curar”.

Eu me sentia um pouco melhor agora que sabia que ele estava contente por estar bem, mesmo que o preço fosse ele ter que lidar com Judith. E eu podia entender como era desconfortável e desagradável ficar sobrecarregado com uma hóspede que o adorava quando você não retribuía a emoção. Quem foi que o sobrecarregou? Bom, essa seria eu. Obviamente, eu não sabia nada a respeito da história emocional por trás. Aflita com a condição de Bill, raciocinei que alguém de sua linhagem de sangue pudesse curá-lo, então descobri que tal pessoa existia e a procurei. Além do mais, presumi que Bill não fez isso ele mesmo por causa de algum orgulho perverso ou talvez até uma depressão suicida. Eu subestimei o desejo de Bill viver.

— O que planeja fazer a respeito de Judith? — perguntei ansiosa, com medo de ouvir sua resposta.

— Ele não precisa fazer nada — uma voz baixa respondeu entre as árvores.

Eu levantei da cadeira como se alguém tivesse acabado de me dar um choque de alguns volts, e Bill teve uma grande reação. Ele virou a cabeça e arregalou os olhos. Era isso, mas para um vampiro, indica grande surpresa.

— Judith? — falei.

Ela saiu do meio das árvores, distante o suficiente para eu reconhecê-la. A luz de segurança no quintal não alcançava tão longe, e só pude ter certeza de que era ela.

— Você continua partindo meu coração, Bill — ela disse.

Me afastei da cadeira. Talvez pudesse me esgueirar para dentro de casa. Talvez pudesse evitar testemunhar outra grande cena—porque, francamente, o dia foi cheio deles.

— Não, fique, srta. Stackhouse — disse Judith. Ela era baixa, uma mulher redonda com rosto doce e cabelos abundantes, e agia como se tivesse um metro e oitenta.

Droga.

— Vocês dois obviamente precisam conversar — falei ansiosa.

— Qualquer conversa com Bill a respeito de amor tem que incluir você — ela disse.

Ah... *merda*. Eu queria tanto não estar presente para isso. Fitei meus pés.

— Judith, pare — disse Bill, sua voz calma como sempre. — Vim conversar com minha amiga, que eu não vejo há semanas.

— Ouvi sua conversa — respondeu Judith simplesmente. — Eu o segui até aqui para o propósito explícito de ouvir o que quer que você tenha para dizer a ela. Sei que não está fazendo amor com esta mulher. Sei que ela é reivindicada por outro. E também sei que você a quer mais do que jamais irá me querer. Eu não farei sexo com um homem que tem pena de mim. Não viverei com um homem que não me quer. Eu valho mais do que isso. Vou parar de amá-lo mesmo que isso leve o resto de minha existência. Se permanecer aqui por alguns instantes, eu voltarei à sua casa para pegar minhas coisas e partir.

Eu fiquei impressionada. Aquele foi um discurso e tanto, e esperava que tivesse dito cada palavra a sério. Antes mesmo de ter o pensamento, Judith se foi — *whoosh!* — e Bill e eu ficamos sozinhos.

De súbito, ele apareceu bem na minha frente e pousou os braços frios ao meu redor. Não pareceu uma traição a Eric deixar que Bill simplesmente me abraçasse por um momento.

— Você fez sexo com ela? — perguntei, tentando soar neutra.

— Ela me salvou. Ela parecia esperar. Eu senti que era a coisa certa a fazer — disse.

Como se Judith tivesse espirrado para ele lhe emprestar um lenço. Eu realmente não conseguia pensar no que dizer. Homens! Vivos ou mortos, eles podiam ser exatamente iguais.

Eu me afastei, e ele baixou os braços imediatamente.

— Você realmente me ama? — eu perguntei, por pura insanidade ou curiosidade. — Ou só passamos por tanta coisa juntos que você acha que devia?

Ele sorriu.

— Só você diria isso. Eu te amo. Acho você linda, gentil e bondosa e, no entanto, você se defende sozinha. Você possui um bocado de compreensão e compaixão, mas não é ingênua. E para baixar alguns níveis ao carnal, você tem um par de seios que devia vencer o Concurso de Miss América dos Peitos, se existisse tal coisa.

— É um conjunto de cumprimentos incomuns. — Foi difícil reprimir meu próprio sorriso.

— Você é uma mulher incomum.

— Boa noite, Bill — respondi. Só então meu celular tocou. Pulei de susto. Esqueci que ele estava em meu bolso. Quando olhei, era um número local que eu não reconheci. Nenhum telefonema a esta hora da noite era bom. Levantei um dedo para pedir a Bill que esperasse um instante, e respondi com um cauteloso, — Alô?

— Sookie — disse o xerife Dearborn. — Achei que você devia saber que Sandra Pelt fugiu do hospital. Ela arrebentou a janela enquanto Kenya conversava com o Dr. Tonnesen. Não quero que fique preocupada. Se precisar que mandemos um carro até sua casa, nós o faremos. Você tem alguém com você?

Eu estava tão chocada que não consegui responder por um segundo. Então disse: — Sim, eu tenho alguém comigo.

Os olhos escuros de Bill estavam sérios agora. Ele se aproximou e colocou a mão em meu ombro.

— Você quer que eu mande um carro-patrolha? Não acho que aquela mulher maluca irá até aí para procurá-la. Acho que vai procurar algum lugar para se esconder e se recuperar. Mas parecia a coisa certa, te contar, apesar de ser no meio da noite.

— Definitivamente a coisa certa a fazer, xerife. Acho que não preciso de mais ajuda aqui. Tenho amigos comigo. Bons amigos. — E encontrei os olhos de Bill.

Bud Dearborn disse as mesmas coisas tudo de novo várias vezes, mas finalmente eu consegui desligar e pensar nas implicações. Achei que uma linha de problemas tivesse se encerrado, mas estava errada. Enquanto explicava para Bill, o cansaço que se manifestara anteriormente começou a me envolver como um cobertor cinzento. No instante em que terminei de responder as perguntas dele, eu mal conseguia juntar duas palavras.

— Não se preocupe — disse Bill. — Vá para a cama. Vou vigiar esta noite. Já me alimentei e não estava ocupado. Não parece ser uma boa noite para trabalho, de qualquer forma.

Bill criara e mantinha um CD chamado *O Diretório Vampiro*, que era um catálogo de todos os vampiros “vivos”. Era popularmente solicitado não apenas entre os morto-vivos, mas também entre os vivos, particularmente grupos de marketing.

No entanto, a versão vendida ao público era limitada a vampiros que deram permissão para serem incluídos, uma lista bem mais curta. Ainda havia vampiros que não queriam ser reconhecidos como tal, por mais estranho que isso possa me parecer.

Era fácil esquecer que, na cultura saturada de vampiros dos dias de hoje, ainda existiam os resistentes, vampiros que preferiam dormir no solo ou em prédios abandonados ao invés de uma casa ou apartamento.

E por que eu estava pensando nisso...? Bom, era melhor do que pensar em Sandra Pelt.

— Obrigada, Bill — respondi, grata. — Estou avisando, ela é cruel ao máximo.

— Você me viu lutar — ele disse.

— Sim. Mas você não a conhece. Ela é completamente desleal e não lhe dará nenhum aviso.

— Estou alguns passos à frente dela então, já que sei disso.

Hein?

— Okay — murmurei, colocando um pé diante do outro numa linha mais ou menos reta. — Noite, Bill.

— Noite, Sookie — ele disse em voz baixa. — Tranque as portas.

Eu tranquei, fui para o quarto, vesti meu pijama e então caí na cama, debaixo daquele cobertor cinzento.

Capítulo 8

Escolas são sempre mais ou menos iguais, não são? Sempre há o cheiro: uma mistura de giz, lanches escolares, cera de assoalho, livros. O eco das vozes das crianças, a voz mais alta dos professores. A “arte” nas paredes e a decoração em cada porta de classe. O pequeno jardim de infância de Red Ditch não era diferente.

Segurei a mão de Hunter enquanto Remy nos seguia logo atrás. Toda vez que via Hunter, ele se parecia um pouco mais com minha prima Hadley, sua falecida mãe. Ele possuía os mesmos olhos e cabelos escuros, e o rosto estava perdendo o arredondamento de bebê e ficando mais oval, como o dela.

Pobre Hadley. Ela teve uma vida difícil, na maior parte devido às próprias ações. No fim ela encontrou o amor verdadeiro, tornou-se uma vampira e foi morta em nome do ciúme. A vida de Hadley foi memorável, mas curta. Era por isso que eu estava no lugar dela e, por um instante, imaginei como ela se sentiria a respeito.

Esse devia ser trabalho dela, levar o filho para seu primeiro dia de escola, o jardim de infância que ele frequentaria no outono. O propósito da visita era ajudar os futuros alunos a se familiarizarem um pouco com a ideia de escola, com a aparência das salas, carteiras e professores.

Algumas das pessoinhas passeando pelo prédio olhavam ao redor com curiosidade, não medo. Alguns estavam quietos e de olhos arregalados. Era assim que meu “sobrinho” Hunter ia parecer para outras pessoas—mas em minha cabeça, Hunter tagarelava. Hunter era telepata, assim como eu. Este era o segredo mais bem guardado que eu possuía. Eu queria que Hunter crescesse tão normal quanto possível. Quanto mais sobrenaturais soubessem a respeito de Hunter, mais alta seria a probabilidade de alguém raptá-lo, porque telepatas eram úteis. Com certeza havia alguém cruel o suficiente para adotar tal ação terrível. Acho que Remy, o pai dele, nem mesmo considerou isso ainda. Remy estava preocupado com a aceitação dos humanos ao redor de Hunter.

E isso era algo grande também. Crianças podiam ser incrivelmente cruéis quando sentiam que você era diferente. Eu sabia disso muito bem.

É meio que óbvio quando pessoas estão tendo uma conversa mente-para-mente, se você sabe as dicas. Seus rostos mudam de expressão quando

se olham, tanto quanto aconteceria se a conversa fosse em voz alta. Então eu estava frequentemente desviando o olhar da criança e mantendo o sorriso firme. Hunter era pequeno demais para aprender como ocultar nossa comunicação, então eu tinha que fazer isso.

Todas essas crianças vão caber numa só sala?, ele perguntou.

— Em voz alta — lembrei-o baixinho. — Não, vocês serão divididos em grupos, então vão ficar com um grupo o dia todo, Hunter. — Eu não sabia se o jardim de infância de Red Ditch tinha o mesmo horário das turmas avançadas, mas tinha certeza que passaria do almoço, de qualquer forma. — Seu pai irá trazê-lo pela manhã, e alguém virá buscá-lo à tarde. — *Quem?*, imaginei, então lembrei que Hunter estava me ouvindo. — Seu pai vai resolver isso — falei. — Veja. Esta é a Sala do Selo. Vê a figura enorme do selo? E aquela é a Sala do Pônei.

— Tem um pônei? — Hunter era um otimista.

— Acho que não, mas aposto que existem muitas figuras de pôneis na sala. — Todas as portas estavam abertas e os professores dentro, sorrindo para as crianças e seus pais, esforçando-se para parecerem acolhedores e cordiais. Alguns deles, é claro, tinham que se esforçar mais do que outros.

A professora da Sala do Pônei, sra. Gristede, parecia ser uma boa mulher, ou pelo menos foi o que meu rápido exame disse. Hunter assentiu. Nos aventuramos pela Sala dos Cachorrinhos e encontramos a srta. O'Fallon. Voltamos ao corredor depois de três minutos.

— A Sala dos Cachorrinhos não — eu disse a Remy, falando bem baixo. — Vocês podem escolher, certo?

— Sim, podemos. Uma vez. Posso designar uma sala onde definitivamente não quero que meu filho esteja — ele respondeu. — A maioria das pessoas usa essa opção no caso do professor ser próximo demais da família, como um parente, ou se as famílias tiveram alguma briga.

— A Sala dos Cachorrinhos não — disse Hunter, parecendo assustado.

A srta. O'Fallon parecia agradável por fora, mas era podre por dentro.

— Qual é o problema? — Remy perguntou, a voz também em nível confidencial.

— Conto mais tarde — murmurei. — Vamos ver outra coisa.

Seguidos por Remy, visitamos as outras três salas. Todos os outros professores pareceram legais, embora a sra. Boyle parecesse um pouco estressada. Seus pensamentos eram ativos e tinham uma ponta de

impaciência, e o sorriso era só um pouco frágil. Não falei nada a Remy. Se ele podia recusar só um professor, a srta. O'Fallon era a mais perigosa.

Voltamos à sala da sra. Gristede porque Hunter definitivamente gostou dos pôneis. Havia dois outros pais ali, ambos rebocando garotinhas. Apertei a mão de Hunter gentilmente para lembrá-lo das regras. Ele me olhou e eu assenti, tentando encorajar o garoto. Ele soltou minha mão e foi até a área de leitura, pegando um dos livros e virando as páginas.

— Você gosta de ler, Hunter? — a sra. Gristede perguntou.

— Eu gosto de livros. Não consigo ler ainda. — Hunter devolveu o livro ao lugar que pertencia, e eu lhe dei um tapinha de aprovação mental nas costas. Ele sorriu para si mesmo e pegou outro livro, este um Dr. Seuss sobre cães.

— Percebo que alguém leu para Hunter — a professora disse, sorrindo para mim e Remy.

Remy apresentou-se.

— Sou o pai de Hunter, e esta é a prima dele — disse, inclinando a cabeça na minha direção. — Sookie está substituindo a mãe de Hunter esta noite, já que ela faleceu.

A sra. Gristede absorveu aquilo. — Bem, fico feliz por ver vocês dois — disse. — Hunter parece ser um garotinho brilhante.

Notei que as meninas se aproximaram dele. Eram amigas de infância, pude perceber, e os pais frequentavam a igreja juntos. Fiz uma anotação mental para aconselhar Remy a escolher uma igreja e começar a frequentá-la. Hunter ia precisar de todo apoio que pudesse conseguir. As garotas começaram a pegar livros também.

Hunter sorriu para a menina morena com corte de cabelo tigelinha, lançando-lhe aquele olhar de esguelha que crianças tímidas usam para avaliar companheiros de brincadeira em potencial.

Ela disse: — Eu gosto desse — e apontou para *Onde Vivem os Monstros*.

— Eu nunca li — disse Hunter, duvidoso. Parecia um pouco assustador para ele.

— Você brinca com blocos? — a menina com rabo-de-cavalo castanho-claro perguntou.

— Sim. — Hunter caminhou até a área de lazer acarpetada para construções, eu decidi, porque havia blocos de todos os tamanhos e quebra-cabeças ao redor. Num minuto, os três estavam construindo algo que ganhava vida em suas mentes.

Remy sorriu. Ele esperava que esse fosse o modo como cada dia passaria. Obviamente, não seria assim. Mesmo agora, Hunter olhava desconfiado para a garotinha de rabo-de-cavalo, porque ela estava ficando zangada sobre a moreninha pegar todos os blocos do alfabeto.

Os outros pais me olharam com alguma curiosidade, e uma das mães perguntou: — Você não mora aqui?

— Não — respondi. — Moro em Bon Temps. Mas Hunter queria que eu viesse com ele hoje, e ele é meu priminho favorito. — Eu quase o chamei de sobrinho, porque ele me chamava de “Tia Sookie”.

— Remy — disse a mesma mulher. — Você é o sobrinho-neto de Hank Savoy, certo?

Remy assentiu.

— Sim, viemos para cá depois do Katrina e ficamos — disse. Deu de ombros. Não havia nada que se pudesse fazer a respeito de perder tudo no Katrina. Ela foi uma cadela.

Houve um bocado de acenos de cabeça e eu senti a simpatia derramar-se sobre Remy. Talvez a boa vontade se estendesse para Hunter.

Enquanto todos se relacionavam, eu voltei até a porta da srta. O’Fallon.

A jovem mulher sorria para duas crianças que perambulavam por sua sala de aula brilhantemente decorada. Um casal de pais permanecia ao lado de seu pequeno. Talvez estivessem notando a vibração ou apenas sendo protetores.

Me aproximei da srta. O’Fallon e abri a boca para falar. Eu teria dito: “Mantenha essas fantasias para você mesma. Nem mesmo pense em tais coisas quando estiver na mesma sala com crianças”. Mas tive um segundo pensamento. Ela sabia que eu vim com Hunter. Ele se tornaria um alvo para sua imaginação maldosa se eu a ameaçasse? Eu não estaria por perto para protegê-lo. Não podia detê-la. Não conseguia pensar numa maneira de tirá-la da equação.

Ela ainda não fizera nada de errado aos olhos da lei ou da moralidade... ainda. E daí se ela se imaginava tapando a boca de crianças com fita adesiva? Ela não fez isso. *Todos nós já não fantasiamos a respeito de coisas terríveis que não fizemos?*, ela se perguntou, porque a resposta a fazia sentir que ainda estava... bem. Ela não sabia que eu podia ouvi-la.

Eu era melhor do que a srta. O’Fallon? Essa terrível pergunta percorreu minha mente, mais rápido do que se leva tempo para escrever as frases. Pensei, *Sim, não sou tão assustadora, porque não estou a cargo de crianças. As*

peessoas que eu quero ferir são adultas e elas próprias assassinas. Isso não me fazia nem um pouco melhor — mas tornava a srta. O'Fallon muito pior.

Fiquei encarando-a por tempo suficiente para assustá-la. — Você quer perguntar algo a respeito do currículo? — ela indagou por fim, uma leve impaciência na voz.

— Por que você se tornou professora? — perguntei.

— Achei que seria algo maravilhoso ensinar aos pequenos as primeiras coisas que precisam saber para se adaptar ao mundo — ela respondeu, como se tivesse apertado o botão de um gravador. Ela queria dizer, *Tive uma professora que me torturou quando ninguém estava olhando, e eu gosto dos pequenos e indefesos.*

— Hmmm — murmurei. Os outros visitantes deixaram a sala, e ficamos sozinhas. — Você precisa de terapia — falei em voz baixa, rapidamente. — Se você fizer o que vê em sua mente, irá se odiar. E arruinará as vidas de outras pessoas do mesmo jeito que a sua foi arruinada. Não a deixe vencer. Consiga ajuda.

Ela me fitou boquiaberta.

— Eu não sei... Que diabos...

— Estou falando muito sério — eu disse, respondendo sua próxima pergunta não dita. — *Muito sério.*

— Farei isso — ela disse, como se as palavras fossem arrancadas de sua boca. — Eu juro, farei isso.

— Você estaria numa situação melhor — falei. Fitei-a mais um pouco, olho-no-olho. Então deixei a Sala dos Cachorrinhos.

Talvez eu a tivesse assustado o suficiente, sacudido o suficiente, para que realmente fizesse o que havia prometido. Se não, bom, eu teria que pensar em outra tática.

— Meu trabalho aqui está feito, Gafanhoto — disse a mim mesma, ganhando o olhar nervoso de um pai muito jovem. Sorri para ele e, após alguma hesitação, ele retribuiu. Me juntei novamente a Remy e Hunter, e completamos nossa tour pelo jardim de infância sem mais incidentes. Hunter me lançou um olhar questionador, muito ansioso, e eu assenti. *Cuidei dela*, falei, e rezei para que fosse verdade.

Realmente era cedo demais para o jantar, mas Remy sugeriu que fossemos ao Dairy Queen para presentear Hunter com um pouco de sorvete, e eu concordei. Hunter estava parte-ansioso e parte-excitado depois da expedição à escola. Tentei acalmá-lo com uma pequena conversa de

mente-para-mente. *Pode me levar para a escola no primeiro dia, tia Sookie?,* ele perguntou e eu tive que me firmar para responder.

Não, Hunter, isso é trabalho do seu pai, falei. Mas quando o dia vier, me ligue quando chegar em casa para contar a respeito, okay?

Hunter me lançou um olhar enorme e sentimental. *Mas eu estou com medo.*

Devolvi um olhar cético. *Você pode estar nervoso, mas todo mundo vai se sentir do mesmo jeito. Esta é sua chance de fazer amigos, então lembre-se de manter a boca fechada até ter tudo certo em sua cabeça.*

Ou eles não vão gostar de mim?

Não!, respondi, querendo ser absolutamente clara. *Eles não vão entendê-lo. Há uma grande diferença.*

Você gosta de mim?

— Seu malandrinho, sabe que eu gosto de você — respondi, sorrindo e penteando seu cabelo para trás. Olhei para Remy, parado na fila do balcão para pedir nossos Blizzards. Ele acenou para mim e fez uma careta para Hunter. Remy fazia um grande esforço para aceitar tudo aquilo rápido. Ele estava crescendo no papel de pai de uma criança excepcional.

Imaginei que relaxaria dentro de doze anos, mais ou menos.

Você sabe que seu pai te ama, e sabe que ele quer o que é melhor para você, falei.

Ele quer que eu seja como todas as outras crianças, disse Hunter, parte triste, parte ressentido.

Ele quer que você seja feliz. E ele sabe que quanto mais pessoas souberem a respeito desse seu dom, maiores são as chances de você não ser feliz. Sei que não é justo lhe dizer que deve manter em segredo. Mas este é o único segredo que tem de manter. Se alguém falar com você a respeito, conte ao seu pai ou me ligue. Se achar alguém esquisito, conte ao seu pai. Se alguém tentar tocá-lo de maneira ruim, conte.

Eu só o assustei agora. Mas ele engoliu e disse, *Eu sei sobre toque ruim.*

Você é um garoto esperto e vai ter muitos amigos. Isso é só uma coisa a seu respeito que eles não precisam saber.

Porque é ruim? O rosto de Hunter parecia chateado e desesperado.

Céus, não!, respondi ultrajada. *Não há nada de errado com você, amigo. Mas sabe que somos diferentes, e as pessoas nem sempre entendem diferenças.*

Fim do sermão. Dei-lhe um beijo na bochecha.

— Hunter, pegue alguns guardanapos para nós — falei de maneira normal, enquanto Remy carregava a bandeja de plástico com nossos

Blizzards. Eu pedi um com gotas de chocolate e estava com água na boca quando distribuímos os guardanapos e avançamos sobre os copos individuais de delícias pecaminosas.

Uma jovem mulher com cabelos pretos na altura do queixo entrou no restaurante, nos avistou e acenou de maneira incerta.

— Veja, amigo, é Erin — disse Remy.

— Oi, Erin! — Hunter retribuiu o aceno entusiasticamente, a mão se mexendo como um pequeno metrônomo.

Erin aproximou-se, ainda parecendo incerta sobre ser bem-vinda.

— Oi — ela disse, olhando ao redor da mesa. — Sr. Hunter, sir, bom vê-lo nesta bela tarde! — Hunter abriu um largo sorriso para ela. Ele gostava de ser chamado de “Sr. Hunter”. Erin possuía belos malarres redondos, e os olhos amendoados eram de um rico castanho.

— Esta é minha Tia Sookie! — Hunter disse com orgulho.

— Sookie, esta é Erin — disse Remy. Pude notar pelos seus pensamentos que ele gostava da moça mais do que um pouco.

— Erin, ouvi tanto a seu respeito — respondi. — É bom ligar um rosto ao nome. Hunter quis que eu viesse para visitar as salas do jardim de infância com ele.

— Como foi? — Erin perguntou, genuinamente interessada.

Hunter começou a lhe contar tudo a respeito, e Remy levantou para puxar uma cadeira para Erin.

Tivemos um bom momento afinal. Hunter parecia realmente gostar de Erin, e ela retribuía o sentimento. Erin também estava *bem* interessada no pai de Hunter, e Remy estava a ponto de ficar louco por ela. Ao todo, não foi uma tarde ruim para se ler mentes, imaginei.

Hunter disse: — Srta. Erin, tia Sookie diz que não pode ir comigo no primeiro dia de escola. Você iria?

Erin ficou espantada e ao mesmo tempo contente. — Se seu pai disser que está tudo bem, e eu puder sair do trabalho — ela respondeu, cuidadosa em estabelecer algumas condições no caso de Remy ter alguma objeção... ou parariam de sair juntos até o fim de agosto. — Você é tão doce por me pedir.

Enquanto Remy levava Hunter ao banheiro masculino, Erin e eu nos fitamos com curiosidade.

— Há quanto tempo você e Remy estão se vendo? — perguntei. Aquilo pareceu suficientemente seguro.

— Só um mês — ela respondeu. — Eu gosto de Remy e acho que podemos ter algo, mas é cedo demais para dizer. Não quero que Hunter comece a depender de mim, caso não funcione. Além disso... — ela hesitou por um longo minuto. — Entendi que Kristen Duchesne achava que havia algo de errado com Hunter. Ela disse isso para todo mundo. Mas eu realmente me importo com aquele garotinho. — A pergunta era clara em seus olhos.

— Ele é diferente — eu disse. —, mas não há nada de errado com ele. Ele não é mentalmente doente, não possui incapacidade para aprendizado e não está possuído pelo demônio. — Eu estava sorrindo, só um pouco, quando cheguei ao fim da frase.

— Eu nunca vi nenhum sinal disso — ela concordou. Ela sorria também. — Mas acho que não vi a imagem toda.

Eu não ia contar o segredo de Hunter.

— Ele precisa de amor e cuidados especiais — respondi. — Ele nunca teve uma mãe de verdade e tenho certeza que ter alguém estável em sua vida, preenchendo esse papel, ajudaria.

— E não vai ser você. — Ela disse aquilo como se estivesse meio que perguntando.

— Não — falei, aliviada por ter a chance de botar tudo em pratos limpos. — Não será eu. Remy parece um cara legal, mas estou vendo outra pessoa. — Raspei mais uma colherada de chocolate e açúcar.

Erin fitou seu copo de Pepsi, tendo seus próprios pensamentos. Claro que eu estava pensando junto com ela. Ela nunca gostou de Kristen e não achava a capacidade mental dela grande coisa. Gostava de Remy, cada vez mais. E ela amava Hunter. — Okay — disse, tendo alcançado alguma conclusão interior. — Okay.

Ela me encarou e assentiu. Eu retribuí. Parecia que tínhamos chegado a um entendimento. Quando os homens voltaram da viagem ao toalete, eu me despedi.

— Oh, espere, Remy, você pode me dar um minuto lá fora, se Erin não se importar em ficar de olho em Hunter?

— Eu adoraria — ela respondeu. Abracei Hunter novamente e dei-lhe um tapinha e um sorriso ao seguir em direção à porta.

Remy me seguiu com uma expressão apreensiva no rosto. Paramos um pouco além da porta.

— Você sabe que Hadley deixou o resto de seus bens para mim — falei. Aquilo andou pesando sobre mim.

— O advogado me contou. — O rosto de Remy não demonstrava nada, mas é claro que eu tinha outros métodos. Ele estava totalmente tranquilo.

— Você não está zangado?

— Não, eu não quero nada de Hadley.

— Mas para Hunter... sua faculdade. Não tinha muito dinheiro, mas havia algumas boas peças de joalheria, e eu podia vender.

— Eu abri uma poupança para a universidade dele — disse Remy. — Uma de minhas tias-avós disse que vai lhe deixar o que possui já que não tem nenhum filho. Hadley me fez passar pelo inferno e nem mesmo se importou com Hunter para planejar por ele. Eu não quero.

— Com toda imparcialidade, ela não esperava morrer jovem... De fato, não esperava morrer *já* — respondi. — Acredito que ela não tenha colocado Hunter em seu testamento porque não queria que ninguém soubesse a respeito dele para procurá-lo e usá-lo como refém para assegurar o bom comportamento dela.

— Espero que seja o caso — disse Remy. — Quero dizer, espero que ela tenha pensado nele. Mas aceitar o dinheiro dela, sabendo como se transformou, como o ganhou... isso me deixaria doente.

— Está bem — falei. — Se você pensar a respeito e mudar de ideia, me ligue amanhã à noite! Nunca se sabe quando eu posso cair na farra esbanjando, ou apostar aquelas joias numa mesa de cassino.

Ele sorriu um pouquinho. — Você é uma boa mulher — disse, e voltou para a namorada e o filho.

Comecei a viagem para casa com a consciência limpa e um coração mais feliz. Eu tinha cumprido metade do primeiro turno naquele dia (Holly pegou a outra metade e seu próprio turno), então eu estava livre. Pensei em refletir sobre a carta de Vovó um pouco mais. A visita do sr. Cataliades quando éramos bebês, o cluviel dor, as peças que o amante de Vovó pregou nela... porque, quando Vovó pensou *sentir o cheiro* de Fintan quando estava *vendo* o marido, certamente ela estava vendo Fintan disfarçado. Era difícil de absorver.

Amelia e Bob estavam ocupados lançando feitiços quando voltei. Eles caminhavam ao redor do perímetro da casa em direções opostas, entoando cânticos e sacudindo incensos como sacerdotes da Igreja Católica.

Certos dias, eu percebia que era muito bom morar numa localidade rural. Não queria quebrar a concentração deles, então fui perambular pela floresta. Me perguntei onde ficava o portal, se conseguiria reconhecê-lo. “Um local fino,” Dermot chamara. Eu podia avistar um local fino? Pelo menos, eu sabia a direção geral, e comecei a leste.

Era uma tarde quente e eu comecei a suar no minuto em que comecei a abrir caminho através da floresta. O sol infiltrava-se por entre os galhos em milhares de padrões, e os pássaros e insetos faziam mil ruídos que tornavam a floresta qualquer coisa, exceto silenciosa. Não demoraria muito para a noite chegar e a luz se romper e diminuir, tornando os passos incertos. Os pássaros silenciariam e as criaturas noturnas fariam sua própria harmonia.

Escolhi meu caminho através da vegetação rasteira, pensando na noite anterior. Perguntei-me se Judith empacotou todas as suas coisas e partiu, como disse que faria. Perguntei-me se Bill se sentiria solitário agora que ela se fora. Presumi que nada nem ninguém apareceu em meu quintal na noite anterior, já que dormi direto até de manhã.

Então tudo que restou para imaginar foi quando Sandra Pelt tentaria me matar de novo. Assim que comecei a suspeitar que estar sozinha na floresta não era uma boa ideia, pisei numa pequena clareira a cerca de um quarto de milha, ou menos, vagamente a sudeste de minha porta dos fundos.

Tinha certeza que este era o local fino, essa pequena clareira. Primeiro porque não havia razão que eu pudesse ver para que estivesse limpa. Havia vegetação selvagem crescendo densa, mas não arbustos, nada acima da altura da panturrilha. Nenhuma videira esparramada sobre a área, nada de galhos caídos.

Antes de sair do meio das árvores, fiz um exame cuidadoso do terreno. A última coisa que precisava era ser pega em algum tipo de armadilha explosiva de fadas. Mas não consegui ver nada de extraordinário, exceto talvez... uma leve ondulação no ar. Bem no meio da clareira. O ponto estranho—se eu estava vendo direito—pairava na altura de meus joelhos. Era do formato de um pequeno círculo irregular, talvez com uns 40 centímetros de diâmetro. E só naquele ponto o ar parecia distorcido, um pouco como uma ilusão de calor. Seria realmente quente?, me perguntei.

Ajoelhei sobre o mato a uma distância de cerca de um braço do ar trêmulo. Arranquei uma lâmina de grama comprida e nervosamente

cutuquei a área distorcida. Larguei-a e ela desapareceu. Recolhi os dedos e ofeguei de surpresa.

Eu estabeleci algo. Não tinha certeza do que era. Se eu duvidava da palavra de Claude, ali estava a prova de que ele disse a verdade. Cuidadosamente, aproximei-me um pouco mais do remendo ondulante.

— Oi, Niall — falei. — Se você está ouvindo, se estiver aí. Sinto saudade.

Obviamente, não houve resposta.

— Estou com um bocado de problemas, mas espero que você esteja tendo também — eu disse, não querendo soar choramingas. — Não sei como Faery se encaixa neste mundo. Vocês estão andando ao nosso redor, porém invisíveis? Ou vocês têm todo um outro mundo, como Atlântida? — Aquela era uma conversa unilateral bem fraca. — Bem, é melhor eu voltar para casa antes que escureça. Se precisar de mim, venha me ver. Sinto sua falta — falei novamente.

Nada continuou acontecendo.

Me sentindo tão satisfeita por ter encontrado o local fino quanto desapontada por nada ter mudado como resultado, voltei pela floresta até a casa. Bob e Amelia tinham terminado suas tarefas mágicas no quintal, e Bob acendera a grelha. Ele e Amelia iam grelhar bifés. Apesar de ter tomado sorvete com Remy e Hunter, eu não podia recusar bife grelhado temperado com os ingredientes secretos de Bob. Amelia cortava batatas para embrulhá-las em alumínio e colocá-las na grelha também. Eu estava feliz da vida. Me ofereci para cozinhar algumas abobrinhas.

A casa parecia mais feliz. E segura.

Enquanto comíamos, Amelia nos contou histórias engraçadas sobre trabalhar na Loja Mágica Genuína, e Bob soltou-se o suficiente para imitar alguns de seus colegas mais esquisitos do salão de cabeleireiro unissex onde trabalhava. A cabeleireira que Bob substituiu ficou tão desencorajada com as complicações da vida na Nova Orleans pós-Katrina, que fez as malas e partiu para Miami. Bob conseguiu o emprego por ser a primeira pessoa qualificada a entrar pela porta, depois que a anterior saiu. Em resposta à minha pergunta sobre se foi pura coincidência, Bob apenas sorriu. De vez em quando, eu via uma centelha do que fascinou Amelia a respeito de Bob que, do contrário, parecia um vendedor de enciclopédia magrelo e de cabelo ruim. Conte-ihe sobre Immanuel e meu corte de cabelo de emergência, e ele disse que Immanuel fez um trabalho maravilhoso.

— Então, o negócio das proteções está terminado? — perguntei ansiosa, tentando parecer casual sobre a mudança de assunto.

— Pode apostar — disse Amelia, parecendo orgulhosa. Ela cortou outro pedaço de bife. — Elas estão ainda melhores agora. Um dragão não poderia passar por elas. Ninguém que lhe queira mal conseguirá.

— Então se for um dragão amigável... — falei, meio brincando, e ela me bateu com o garfo.

— Não existe tal coisa, pelo que ouvi falar — disse Amelia. — Claro, eu nunca vi um.

— Claro. — Eu não sabia se me sentia curiosa ou aliviada.

— Amelia tem uma surpresa para você. — disse Bob.

— Oh? — Tentei parecer mais relaxada do que me sentia.

— Eu descobri a cura — ela respondeu, parte orgulhosa e parte tímida. — Digo, você me pediu quando fui embora. Continuei procurando por um modo de romper o vínculo de sangue. Eu encontrei.

— Como? — Lutei para esconder o quanto fiquei atrapalhada.

— Primeiro, eu perguntei a Octavia. Ela não sabia, porque não é especialista em magia vampira, mas ela mandou e-mails para alguns de seus velhos amigos em outros clãs, e eles saíram procurando. Levou algum tempo e surgiram alguns becos sem saída, mas finalmente descobri um feitiço que não termina em morte para um dos... eles.

— Estou atônita — respondi, o que era a absoluta verdade.

— Devo lançá-lo esta noite?

— Você quer dizer... agora?

— Sim, depois do jantar. — Amelia pareceu imperceptivelmente menos feliz, porque não estava conseguindo a resposta que antecipara. Bob olhava para mim e Amelia, e ele também parecia em dúvida. Ele presumiu que eu ficaria encantada e efusiva, e esta não era a reação que estava vendo.

— Eu não sei. — Larguei meu garfo. — Não machucaria Eric?

— Como se algo pudesse machucar um vampiro tão velho — ela disse. — Francamente, Sookie, por que está se preocupando com ele...

— Eu o amo — respondi. Ambos me encararam.

— De verdade? — Amelia disse em voz baixa.

— Eu lhe disse antes de você ir embora, Amelia.

— Acho que eu apenas não queria acreditar em você. Tem certeza que vai se sentir dessa maneira quando o vínculo for dissolvido?

— É o que eu quero descobrir.

Ela assentiu. — Você precisa saber. E precisa ficar livre dele.

O sol acabara de se pôr e pude sentir Eric se levantando. Sua presença estava comigo como uma sombra: familiar, irritante, reconfortante, intrometido. Todas aquelas coisas de uma vez.

— Se você está pronta, faça agora — falei. — Antes que eu perca toda a coragem.

— Na verdade, essa é uma boa hora do dia para fazer — ela respondeu. — Pôr do sol. Fim do dia. Fins, em geral. Faz sentido.

Amelia correu até o quarto. Ela voltou alguns minutos depois com um envelope e três pequenos potes: potes de geléia numa estante cromada, do tipo que uma garçonete coloca na mesa do café da manhã num restaurante. Os potes tinham uma mistura de ervas pela metade. Amelia agora vestia um avental. Pude notar que havia objetos num dos bolsos.

— Está bem — ela disse, entregando o envelope a Bob, que tirou o papel e examinou-o rapidamente, o cenho franzido no rosto estreito.

— Lá no quintal — ele sugeriu, e nós três deixamos a cozinha, cruzamos a varanda dos fundos e fomos para o quintal, sentindo o cheiro da carne novamente ao passarmos por minha velha grelha. Amelia posicionou-se num local, Bob em outro, e então arrumou os potes de geléia também. Bob e eu tínhamos um pote cada, no chão atrás de nós, e havia um no local onde ela ficaria. Formávamos um triângulo. Eu não fiz nenhuma pergunta. Provavelmente não teria acreditado nas respostas, de qualquer forma.

Ela me deu uma caixa de fósforos e entregou uma a Bob também. Ela manteve uma terceira para si mesma.

— Quando eu disser, coloque fogo em suas ervas. Então dêem três voltas, em sentido horário, ao redor dos potes — ela disse. — Parem no lugar novamente depois da terceira vez. Então diremos algumas palavras— Bob, você os tem na cabeça? Sookie vai precisar do papel.

Bob olhou as palavras de novo, assentiu e me passou o papel. Eu só consegui ler o que estava escrito por causa da luz de segurança, porque a noite estava se aproximando rápido, agora que o sol tinha se posto.

— Prontos? — Amelia perguntou bruscamente. Ela parecia mais velha e fria sob o crepúsculo.

Eu assenti, me perguntando se estava sendo sincera.

Bob disse: — Sim.

— Então virem-se e acendam o fogo — Amelia disse e, como um robô, eu fiz o que me foi dito. Eu estava morta de medo, e não tinha certeza do por que. Isso era o que eu precisava fazer. Meu fósforo acendeu e joguei-o no pote. As ervas incendiaram-se com um cheiro pungente, então nós três começamos a nos mover em sentido horário.

Isso era uma coisa ruim para uma cristã fazer? Provavelmente. Por outro lado, nunca me ocorreu perguntar ao ministro metodista se ele tinha um ritual guardado para romper o vínculo de sangue entre uma mulher e um vampiro.

Quando demos três voltas e paramos novamente, Amelia tirou um novelo vermelho do avental. Ela segurou uma ponta e passou o novelo a Bob. Ele mediu um pedaço, segurou e passou a bola para mim. Eu fiz o mesmo e devolvi o novelo para Amelia, porque aquele parecia ser o programa. Segurei o fio com uma mão e apertei o papel com a outra. Aquilo era mais trabalhoso do que eu imaginara. Amelia também tinha um par de tesouras, e igualmente tirou aquilo do bolso.

Amelia, que esteve entoando cânticos o tempo todo, apontou para mim e Bob para indicar que devíamos nos juntar a ela. Perscrutei o papel, repeti as palavras que não faziam sentido para mim e então acabou.

Permanecemos em silêncio, as pequenas chamas nos potes morrendo, e a noite se estabeleceu por completo.

— Corte — disse Amelia, entregando os fios do novelo. — E seja sincera.

Sentindo-me um pouco ridícula e muito assustada, mas certa de que precisava fazer aquilo, eu cortei o novelo vermelho.

E perdi Eric.

Ele não estava lá.

Amelia enrolou o novelo cortado e entregou-o para mim. Para minha surpresa, ela sorria; parecia impetuosa e triunfante. Tirei automaticamente o novelo da mão dela, com todos os sentidos estendendo-se para procurar Eric. Nada.

Senti um ímpeto de pânico. Não era completamente puro: havia algum alívio misturado, o que eu esperava. E tristeza. Assim que tivesse certeza de que ele estava bem, que não foi ferido, eu sabia que relaxaria e sentiria a medida total do sucesso do feitiço.

Na casa, meu telefone tocou e eu corri para a porta dos fundos.

— Você está aí? — ele disse. — Você está aí, está tudo bem?

— Eric — respondi, soltando o fôlego com um grande suspiro. — Oh, estou tão feliz por você estar bem! Você está, não está?

— O que você fez?

— Amelia descobriu uma maneira de romper o vínculo.

Houve um longo silêncio. Antes, eu teria sabido se Eric estava ansioso, furioso ou pensativo. Agora, não conseguia imaginar. Finalmente, ele falou.

— Sookie, o casamento lhe dá alguma proteção, mas o vínculo é que é importante.

— O quê?

— Você me ouviu. Eu estou tão furioso com você. — Ele realmente falava sério.

— Venha para cá — eu disse.

— Não. Se eu vir Amelia, quebro o pescoço dela. — Falava aquilo à sério também. — Ela sempre quis que você se livrasse de mim.

— Mas... — comecei, não sabendo como terminar a frase.

— Eu a verei quando puder me controlar — disse. E desligou.

Capítulo 9

Eu devia ter previsto aquilo, disse a mim mesma pela décima ou vigésima vez. Me apressei a fazer algo para o qual devia estar preparada. Pelo menos, devia ter ligado para Eric e avisado sobre o que estava prestes a acontecer. Mas tinha ficado com medo de que ele me dissuadisse, e eu tinha que saber quais eram meus verdadeiros sentimentos por ele.

Naquele exato momento, os verdadeiros sentimentos de Eric por mim eram de raiva. Ele estava bem zangado. Por um lado, eu não o culpava. Supostamente devíamos estar apaixonados, e isso significava que devíamos consultar um ao outro, certo? Por outro lado, eu podia contar as vezes que Eric me consultou sem sequer usar todos os meus dedos. De uma mão. Então em outras ocasiões, eu o culparia por sua reação. É claro que ele não teria me deixado agir, e eu nunca saberia algo que tinha de saber.

Então estava pulando de um pé para o outro mentalmente, quando vim a decidir se fiz a coisa certa. Mas estava ininterruptamente bem aborrecida e preocupada, não importava em que pé eu estivesse no momento.

Bob e Amelia tiveram uma consulta no quarto, tendo como resultado a decisão de ficar mais um dia para “ver o que acontecia”. Pude notar que Amelia estava preocupada. Ela achava que devia ter trabalhado a ideia um pouco mais devagar, antes de me encorajar a fazer. Bob achava que nós duas estávamos sendo tolas, mas era esperto o suficiente para não dizer isso. Contudo, ele não podia evitar pensar, e embora não fosse um transmissor tão claro quanto Amelia, que eu podia lhe dar ouvidos.

Fui trabalhar no dia seguinte, mas estava tão distraída e miserável, e o serviço tão leve, que Sam disse que eu podia ir para casa mais cedo. India gentilmente me deu um tapinha nas costas e disse para eu ir com calma, um conceito que tive um bocado de problema para compreender.

Aquela noite, Eric veio uma hora depois do pôr do sol. Ele veio dirigindo, então tivemos um aviso. Eu esperava que ele viesse e tinha certeza que estaria calmo o suficiente. Logo depois do jantar, perguntei a Amelia e Bob se eles gostariam de ir ao cinema em Clarice.

— Tem certeza de que você ficará bem? — Amelia perguntara. — Porque estamos prontos para ficar com você se achar que ele ainda está zangado. — Se ela ficou satisfeita antes, isso tinha desaparecido agora.

— Não sei como ele se sente — respondi, e ainda estava um pouco tonta com o pensamento. — Mas acho que ele virá esta noite. Provavelmente será melhor se vocês não estiverem aqui para deixá-lo ainda mais zangado.

Bob eriçou-se um pouco com aquilo, mas Amelia assentiu compreensivamente.

— Espero que você ainda me considere sua amiga — ela disse e, dessa vez, eu não vi esse pensamento vindo. — Digo, acho que lhe causei um problema, mas não foi essa minha intenção. Eu pretendia libertá-la.

— Eu entendo e ainda penso em você como uma de minhas melhores amigas — respondi, assegurando-a tanto quanto possível. Se eu era fraca o bastante para seguir os impulsos de Amelia, então o problema era meu.

Eu estava sentada sozinha na varanda com aquele tipo de humor triste onde você se lembra de todos os seus erros e nada de suas boas decisões, quando vi os faróis do carro de Eric surgindo na entrada.

Não esperei que ele hesitasse quando saiu do carro.

— Você ainda está zangado? — perguntei, tentando não chorar. Chorar seria covarde, e forcei um pouco de aço em minha espinha.

— Você ainda me ama? — ele perguntou.

— Você primeiro. — Infantil.

— Não estou zangado — disse. — Pelo menos, não mais. Pelo menos, não agora. Eu devia tê-la encorajado a encontrar um modo de romper o vínculo e, na verdade, nós temos um ritual para isso. Eu devia ter lhe oferecido. Estava com medo que, sem isso, nós nos separaríamos, seja porque você não quer ser arrastada para os meus problemas ou porque Victor descobriria que você está vulnerável. Se ele escolher ignorar o casamento, sem o vínculo eu não saberei que você está em perigo.

— Eu devia ter lhe perguntado o que achava ou, pelo menos, avisado sobre o que iríamos fazer — falei. Respirei fundo. — Eu te amo, por mim mesma.

E ele estava comigo na varanda, e então me abraçando e beijando, meus lábios, meu pescoço, meus ombros. Ele levantou meus pés do chão e me ergueu o suficiente para que sua boca pudesse encontrar meus seios através do sutiã e da camiseta.

Dei um pequeno grito e lancei as pernas ao seu redor até prendê-lo. Esfreguei-me contra ele com tanta força quanto possível. Eric adorava sexo primata.

Ele disse: — Vou rasgar suas roupas.

— Okay.

E ele era tão bom nisso quanto suas palavras. Após alguns excitantes minutos, disse: — Vou rasgar as minhas também.

— Claro — murmurei, antes de morder seu lóbulo. Ele rosnou. Não havia nada civilizado a respeito de sexo com Eric.

Escutei mais rasgos e então não havia mais nada entre nós dois. Ele estava dentro de mim, bem fundo, e cambaleou para trás, aterrissando no balanço da varanda, que começou a balançar para frente e para trás irregularmente. Após um momento de surpresa, começamos a trabalhar com o balanço. Isso continuou até que eu pude sentir a tensão crescente, a sensação de quase-lá da liberação iminente.

— Com *força* — falei com urgência. — Vai, vai, vai...

— Assim... é... forte... suficiente?

E gritei alto, minha cabeça pendendo para trás.

— Venha, Eric — eu disse, enquanto as ondas ainda me inundavam. — *Venha!* — E me movimenter mais rápido do que imaginava ser capaz.

— Sookie! — ele ofegou e me deu um último impulso enorme, seguido de um som que eu podia achar que era dor primitiva se não soubesse melhor.

Foi magnífico, exaustivo e completamente excelente.

Permanecemos no balanço por uns trinta minutos, nos recuperando, nos acalmando e abraçando. Eu estava tão feliz e relaxada que não queria me mexer, mas é claro que precisava entrar para me limpar e vestir algumas roupas que não tivessem as costuras rasgadas. Eric só tinha arrancado o botão da sua calça jeans, e podia prendê-las com o cinto, que ele conseguiu abrir antes que chegássemos ao estágio da destruição. O zíper ainda funcionava.

Enquanto eu me arrumava, ele esquentou um pouco de sangue e arranjou uma bolsa de gelo e um copo de chá gelado para mim. Ele mesmo aplicou a bolsa de gelo enquanto eu ficava deitada no sofá. Pensei, *Eu estava certa ao romper o vínculo*. E era um alívio não saber como Eric estava se sentindo, embora ao mesmo tempo tivesse medo que houvesse algo de errado com meu alívio.

Por alguns minutos, conversamos sobre coisas pequenas. Ele escovou meus cabelos, que estava um emaranhado terrível, e eu escovei os dele (Macacos se examinam atrás de cristais de sal, acredito. Nós nos

arrumávamos). Quando deixei seu cabelo todo liso e brilhante, ele puxou minhas pernas para o seu colo. Sua mão deslizou por elas, da bainha do meu calção até os pés, várias vezes.

— Victor lhe disse algo? — Eu não estava ansiosa para reabrir a discussão sobre o que fiz, apesar de termos começado nossa reunião com uma transa.

— Não a respeito do vínculo, então ele ainda não sabe. Ele estaria ao telefone imediatamente. — Eric inclinou a cabeça contra as costas do sofá, os olhos azuis a meio mastro. Relaxamento pós-sexo.

Isso foi um alívio.

— Como está Miriam? Ela se recuperou?

— Ela se recuperou das drogas que Victor lhe deu, mas seu corpo está mais doente. Pam está próxima de um desespero que eu nunca vi.

— O relacionamento delas surgiu meio que devagar? Porque eu não tinha ideia até Immanuel ter me contado a respeito.

— Pam frequentemente não se importa com ninguém tanto quanto se importa com Miriam — disse. Sua cabeça virou-se devagar, e os olhos encontraram os meus. — Eu só descobri quando ela pediu uma folga do clube para visitar Miriam no hospital. E ela deu sangue à garota também, que é a única razão pela qual Miriam durou tanto tempo.

— Sangue vampiro não pode curá-la?

— Nosso sangue é bom para curar feridas abertas — disse Eric. — Para doenças, pode oferecer alívio, mas raramente uma cura.

— Por que será?

Eric deu de ombros.

— Tenho certeza que um de seus cientistas teria uma teoria, mas eu não. E já que algumas pessoas enlouquecem quando tomam nosso sangue, o risco é considerável. Eu estava mais feliz quando as propriedades de nosso sangue eram secretas, mas suponho que isso não poderia ser oculto por muito tempo. Victor certamente não está preocupado a respeito da sobrevivência de Miriam ou o fato de que Pam nunca pediu para criar uma filha antes. Após todos esses anos de serviço, Pam merece ter o direito concedido.

— Victor não vai deixar Pam ter Miriam por pura maldade?

Eric concordou.

— Ele tem uma desculpa esfarrapada sobre haver vampiros suficientes em minha área, quando na verdade os números são baixos. A verdade é

que Victor nos impedirá da forma que puder, por quanto tempo puder, na esperança de que eu faça algo imprudente o bastante para garantir minha remoção como xerife, ou minha morte.

— Certamente Felipe não deixaria isso acontecer.

Eric me levantou no colo e segurou-me contra o peito frio. Sua camisa ainda estava aberta.

— Felipe julgaria a favor de Pam se estivesse presente, mas tenho certeza que ele quer ficar afastado da situação se puder. É o que eu faria. Ele estabeleceu Red Rita no Arkansas e ela nunca governou, ele sabe que Victor está emburrado por ter sido apontado como regente ao invés de rei na Louisiana, e ele próprio está ocupado em Las Vegas, administrando-a com uma equipe esquelética, já que enviou pessoal para os dois novos estados. Consolidar um império tão grande é algo que não acontece há centenas de anos—e da última vez que foi feito, a população era apenas uma fração do que é hoje.

— Então Felipe ainda detém controle total de Nevada?

— Sim. No momento.

— Isso soa um pouco ameaçador.

— Quando líderes se estendem, os tubarões se reúnem para ver se podem tirar um pedaço.

Imagem mental desagradável.

— Que tubarões? Alguém que conhecemos?

Eric desviou o rosto. — Dois outros monarcas em Zeus. A Rainha de Oklahoma é uma. E o Rei do Arizona. — Os vampiros dividiram a América em quatro territórios, todos com nomes em homenagem a religiões antigas. Pretencioso, não? Eu moro no Território de Amun, no reino da Louisiana.

— Eu desejava que você fosse apenas um vampiro comum — falei, completamente do nada. — Desejava que não fosse um xerife nem nada.

— Você quer dizer que deseja que eu fosse como Bill.

Essa doeu.

— Não, porque ele tampouco é comum — retruquei. — Ele tem todo aquele negócio de banco de dados e aprendeu sozinho tudo sobre computadores. Tipo se reinventou. Acho que quero dizer que desejava que você fosse mais como... Maxwell.

Maxwell era um homem de negócios. Ele usava ternos. Aparecia para cumprir seus deveres no clube sem entusiasmo e mostrava as presas sem o drama que os turistas vinham ver. Ele era chato e mal-humorado, embora

de vez em quando eu tivesse um vislumbre de que sua vida pessoal era exótica.

No entanto, nenhum interesse em descobrir mais a respeito *disso*.

Eric revirou os olhos para mim.

— Claro, sou tão parecido com Maxwell. Deixe-me começar a carregar uma calculadora de bolso comigo, e fazer pessoas dormirem com coisas como “anuidades variáveis” ou do que diabo ele fala a respeito.

— Eu entendi seu ponto, sr. Sutil — respondi. A bolsa de gelo fizera todo o bem que podia, então o tirei de meu local de lazer e coloquei-o sobre a mesa.

Aquela era a conversa mais relaxada que tivemos numa eternidade.

— Viu, isso não é divertido? — falei, tentando fazer Eric admitir que eu fiz a coisa certa, embora de maneira errada.

— Sim, muito divertido. Até Victor raptá-la, secá-la e então dizer, “Mas, Eric, ela não era mais vinculada a você, não achei que ainda a queria!” Então, ele irá transformá-la contra a vontade e eu vou ter que assistir você sofrer por estar ligada a ele pelo resto de sua vida. E da minha.

— Você realmente sabe como fazer uma garota se sentir especial — respondi.

— Eu te amo — ele disse, como se estivesse lembrando a si mesmo de um fato doloroso. — E essa situação com Pam tem que acabar. Se essa garota Miriam morrer, Pam pode decidir partir e eu não serei capaz de detê-la. De fato, eu não devia. Embora ela seja muito útil.

— Você gosta dela — eu disse. — Vamos, Eric. Você a ama. Ela é sua filha.

— Sim, eu gosto muito de Pam — disse. — Fiz uma ótima escolha. Você foi minha outra ótima escolha.

— É uma das coisas mais bonitas que alguém já disse para mim — contei-lhe, emocionando-me só um pouco.

— Não chore! — Ele acenou com as mãos diante dele, como se estivesse se protegendo de minhas lágrimas.

Engoli o choro. — Então, você tem um plano a respeito de Victor? — Usei a barra da camisa de Eric para enxugar os olhos.

Eric pareceu sombrio. Bem, muito sombrio.

— Toda vez que eu arquiteto um, me deparo com um obstáculo tão grande que tenho que descartar o plano. Victor é muito bom em

autoproteção. Posso ter que atacá-lo abertamente. Se matá-lo, se vencer, então eu terei que enfrentar um julgamento.

Eu estremeci.

— Eric, se você lutasse sozinho com Victor, sem armas, numa sala vazia, qual você acha que seria o resultado?

— Ele é muito bom — respondeu Eric. E isso foi tudo que disse.

— Ele pode vencer? — perguntei, testando a ideia em voz alta.

— Sim — Eric disse. Ele encontrou meus olhos. — E o que aconteceria a você e Pam mais tarde...

— Não estou tentando evitar o fato de que você estaria morto, o que seria a coisa mais importante para mim nesse cenário — respondi. — Mas estou imaginando por que ele estaria tão certo de ferir Pam e eu depois. De que adiantaria?

— A questão é a lição que ele estaria dando aos outros vampiros que possam estar pensando em tentar derrubá-lo. — Os olhos de Eric concentraram-se no consolo da lareira, lotada de fotos da família Stackhouse. Ele não queria olhar para o meu rosto quando dissesse o que ia dizer em seguida. — Heidi me contou que dois anos atrás, quando Victor ainda era um xerife em Nevada, em Reno... um novo vampiro chamado Chico o respondeu. O pai de Chico estava morto, mas sua mãe ainda vivia e, de fato, havia se casado novamente e tivera outros filhos. Victor mandou raptá-la. Para corrigir os modos de Chico, ele cortou a língua da mãe enquanto Chico observava. Ele fez Chico comê-la.

Havia tanta coisa perturbadora sobre aquilo, que eu tive dificuldade para pensar. — Vampiros não podem comer — falei. — O quê...?

— Chico ficou violentamente doente e, de fato, vomitou sangue — disse Eric. Ele ainda não me fitou nos olhos. — Ele ficou fraco demais para se mexer. Enquanto ficou caído no chão, sua mãe sangrou até a morte. Ele não pôde rastejar até ela para lhe dar sangue e salvá-la.

— Heidi contou voluntariamente esta história?

— Sim. Eu perguntei a ela por que estava tão satisfeita por ter sido mandada para a Área Cinco.

Heidi, uma vampira especializada em rastreamento, tornou-se parte do pessoal de Eric por cortesia de Victor. Obviamente, ela devia espionar Eric e, porque não era um segredo, ninguém pareceu se importar. Eu não conhecia Heidi muito bem, mas sabia que ela tinha um filho vivo, um viciado em Reno, então não estava de todo surpresa por ela ter levado a

sério a lição de Victor. Aprender isso certamente motivaria qualquer vampiro, com parentes vivos ou humanos amados, a temer Victor. Mas eles também o odiavam e o queriam morto—e esse era o aspecto no qual Victor não pensou, imaginei, quando ensinara aquela lição.

— Victor tem visão limitada ou é super arrogante — concluí em voz alta, e Eric concordou.

— Talvez ambos — ele disse.

— Como se sentiu quando ouviu essa história? — perguntei.

— Eu... não quero que isso aconteça com você — respondeu. Ele me lançou um olhar perplexo. — O que está procurando, Sookie? Qual resposta eu devo lhe dar?

Embora soubesse que era inútil—sabia que latia para a árvore errada— eu estava procurando por repugnância moral. Procurava por “Eu *nunca* seria tão cruel com uma mulher e seu filho”.

Ao mesmo tempo, eu estava querendo que um vampiro de mil anos ficasse aborrecido com a morte de uma mulher humana que ele não conhecia—uma morte que não podia ter evitado—sabia que era louco, errado e ruim o fato de eu mesma tramar para matar Victor. Sua completa ausência era o que eu ansiava. Não tinha dúvida de que, se Pam ligasse para dizer que um cofre caíra em cima de Victor, eu dançaria de alegria.

— Está tudo bem — respondi. — Não importa.

Eric lançou-me um olhar sombrio. Ele não podia ver a profundidade de minha infelicidade—não agora, não desde que o vínculo foi rompido. Mas certamente me conhecia bem o suficiente para ver que eu não estava contente. Forcei-me a discutir o problema à mão.

— Você sabe com quem devia falar — eu disse. — Lembra da noite em que fomos ao Beijo do Vampiro, aquele garçom que me deu a dica sobre o sangue de fada só por um olhar e um pensamento.

Eric assentiu.

— Detesto envolvê-lo ainda mais. Mas não vejo outra escolha para nós. Temos que fazer isto com tudo que conseguirmos, ou seremos derrotados.

— Às vezes — Eric disse —, você me espanta.

Às vezes—e nem sempre no bom sentido—eu mesma me espantava.

Eric e eu fomos ao Beijo do Vampiro novamente. O estacionamento estava lotado, talvez não tanto quanto esteve em nossa visita anterior. Estacionamos nos fundos, atrás do clube. Se Victor realmente estivesse no

clube esta noite, não havia razão para que ele verificasse o estacionamento dos empregados, e não havia razão para ele lembrar qual era o meu carro. Enquanto esperávamos, recebi uma mensagem de texto de Amelia, contando que tinham voltado para a casa, e como eu estava?

“Estou bem”, tecliei de volta. “Estamos bem. C & D aí?”

“Sim”, ela respondeu. “Fungando varanda, não sei porque. Fadas! Tem suas chaves?”

Respondi que tinha, mas que não sabia com certeza se estaria em casa aquela noite. Estávamos um pouco mais perto de Shreveport do que Bon Temps, e eu precisava levar Eric para casa a não ser que ele voasse. Mas o carro dele estaria... Oh, bem, era por isso que ele sempre tinha um funcionário diurno.

— Você já substituiu Bobby? — perguntei. Eu detestava mencionar um assunto doloroso, mas queria saber.

— Sim — Eric respondeu. — Contratei um homem dois dias atrás. Ele veio altamente recomendado.

— Por quem?

Houve silêncio. Olhei para meu amado, imediatamente curiosa. Pela minha vida, eu não conseguia ver por que aquela pergunta era crítica.

— Por Bubba — Eric disse.

Pude sentir o sorriso em meu rosto. — Ele voltou! Onde está ficando?

— Nesse momento, ele está ficando comigo — disse. — Quando ele perguntou por Bobby, eu tive que lhe contar o que aconteceu. Na noite seguinte, Bubba me trouxe esta pessoa. Ele é ensinável, suponho.

— Você não parece muito entusiasmado.

— Ele é um Lobisomem — disse Eric e, imediatamente, compreendi sua atitude. Os lobisomens e vampiros realmente não se entendiam. Era de se achar que, como os dois maiores grupos sobrenaturais, eles podiam formar uma aliança, mas isso não aconteceu. Eles são capazes de cooperar em algum projeto mutuamente benéfico por um curto período de tempo, mas depois disso, reverterem para desconfiança e aversão.

— Me conte sobre ele — falei. — Isto é, seu assistente. — Não tínhamos mais nada para fazer e, ultimamente, não tivemos muito tempo para conversa em geral.

— Ele é negro — Eric respondeu, como se estivesse dizendo que o novo assistente possuía olhos castanhos. Eric conseguia lembrar, vividamente, do primeiro homem negro que viu... séculos atrás. — É um lobo solitário, sem

filiação. Alcide já lhe fez propostas a respeito de juntar-se à alcateia Presas Longas, mas não acho que ele esteja interessado e, é claro, agora que aceitou trabalhar comigo, eles não estarão ansiosos para tê-lo.

— E este é o sujeito que você contratou? Um lobisomem em quem você não confia e tem que treinar? Um cara que automaticamente irá aborrecer Alcide e a alcateia Presas Longas?

— Ele possui um atributo excepcional — disse Eric.

— Bom! O que é?

— Ele consegue manter a boca fechada. E odeia Victor — respondeu.

Aquilo tornava a disputa de tiro completamente diferente.

— Por quê? — eu perguntei. — Presumo que ele tenha uma boa razão.

— Eu ainda não sei o que é.

— Mas você está convencido de que ele não está planejando algum golpe duplo elaborado? Que Victor espertamente não percebeu que você contratou alguém que o detesta, para que ele prepare esse sujeito e o atire sobre você?

— Estou convencido — disse Eric. — Mas quero que você sente um pouco com ele amanhã.

— Se eu conseguir dormir um pouco — respondi, abrindo um bocejo grande o suficiente para que meus maxilares estivessem em perigo de quebrar. Já passava das duas da manhã e vimos sinais de que o bar estava fechando, mas vários veículos de funcionários ainda esperavam por seus donos. — Oh, Eric, lá está ele!

Eu mal reconheci o garçom chamado Colton, porque estava vestindo uma bermuda cargo caqui comprida, chinelos de dedo e uma camiseta verde com estampa que não consegui distinguir. Eu meio que senti falta da sunga. Liguei meu carro depois que Colton fez o mesmo e, quando ele saiu do estacionamento, esperei um momento discreto para segui-lo. Ele virou à direita na estrada de acesso e dirigiu para oeste, na direção de Shreveport. No entanto, não foi tão longe. Ele saiu da interestadual em Houghton.

— Estamos parecendo bem visíveis — respondi.

— Precisamos conversar com ele.

— Então vamos desistir da camuflagem, hein?

Eric respondeu: — Sim. — Ele não soava feliz com isso, mas nós não tínhamos muita escolha.

O carro de Colton, uma Dodge Charger que viu dias melhores, virou num atalho estreito de uma estrada estreita. Ele parou diante de um trailer

de bom tamanho. Desceu e permaneceu junto ao carro. Sua mão repousava na lateral do corpo, e eu tinha certeza de que havia uma arma naquela mão.

— Deixe-me sair primeiro — falei, enquanto estacionava ao lado do homem.

Antes que Eric pudesse argumentar, abri a porta do carro e gritei: — Colton! É Sookie Stackhouse. Você sabe quem eu sou! Vou me levantar agora, e não estou armada.

— Vá devagar. — Sua voz soou cautelosa, e eu não podia culpá-lo.

— Só para que você saiba, Eric Northman está comigo, mas ainda está no carro.

— Ótimo.

Com as mãos estendidas para o céu, afastei-me do carro para que ele pudesse dar uma boa olhada em mim. A luz na varanda do trailer era tudo que tinha para poder enxergar, mas ele fez um exame minucioso. Enquanto ele tentava me apalpar com os olhos, a porta do trailer se abriu e uma moça saiu na varanda.

— Colton, o que está acontecendo? — ela perguntou numa voz nasal com um sotaque bem “caipira”.

— Temos companhia. Não se preocupe com isso — ele disse automaticamente.

— Quem é ela?

— A mulher Stackhouse.

— Sookie? — A voz soou espantada.

— É — respondi. — Eu te conheço? Não consigo enxergá-la muito bem.

— É Audrina Loomis — ela disse. — Você se lembra? Saí com o seu irmão durante um tempo no colegial.

Assim como metade das garotas em *Bon Temps*, então isso realmente não afiou minha memória. — Já faz um tempo — respondi cuidadosamente.

— Ele ainda está solteiro?

— Sim — respondi. — Oh, a propósito, meu namorado pode sair agora? — Já que estávamos sendo todos amigáveis ali.

— Quem é ele?

— O nome dele é Eric, é um vampiro.

— Legal. Claro, vamos dar uma olhada. — Audrina parecia ser um pouco mais imprudente do que Colton. Por outro lado, Colton me avisou sobre o sangue de fada.

Eric desceu do carro, e houve um momento de silêncio impressionado enquanto Audrina absorvia a magnificência de Eric.

— Bom, *okay* — disse Audrina, limpando a garganta como se, de repente, tivesse ficado seca. — Vocês dois querem entrar e nos dizer o que estão fazendo aqui?

— Você acha que isso é sábio? — Colton lhe perguntou.

— Ele já podia ter nos matado umas seis vezes. — Audrina não era tão burra quanto parecia.

Quando todos nós entramos no trailer e Eric e eu nos sentamos no sofá, coberto com uma velha colcha de chenile e com várias molas cruciais faltando, eu dei uma boa olhada em Audrina. Suas raízes eram escuras. O resto do cabelo na altura do ombro era loiro platinado. Ela vestia uma camisola que realmente não foi planejada para dormir. Era vermelha e muito transparente. Ela esteve esperando por Colton com algo mais do que conversa em mente.

Agora que eu não estava distraída com uma sunga de couro e seus olhos espantosos, Colton parecia um sujeito muito mais normal. Alguns homens simplesmente não conseguem irradiar atração sexual a menos que tirem as roupas, e Colton era um homem assim. Mas seus olhos definitivamente eram incomuns, e eles praticamente estavam me dando um tratamento laser agora, apesar de não ser de um modo sexy.

— Não temos sangue — disse Audrina. — Desculpe. — Ela não me ofereceu nada para beber. Fazia isso de propósito, seu cérebro me dizia. Não queria que isso parecesse uma ocasião social de forma alguma.

Okay.

— Eric e eu queremos saber por que você nos avisou — falei a Colton. E queria saber por que pensei nele quando Eric me contou a história de Chico e sua mãe.

— Ouvi falar de você — ele respondeu. — Heidi me contou.

— Você e Heidi são amigos? — Eric estava atento a Colton, mas dispensou um de seus melhores sorrisos a Audrina.

— Sim — Colton respondeu. — Trabalhei para Felipe num clube em Reno. Eu conhecia Heidi de lá.

— Você se mudou de Reno para trabalhar num emprego de salário baixo na Louisiana? — Aquilo não fazia qualquer sentido.

— Audrina era daqui e queria tentar viver aqui novamente — Colton explicou. — A avó dela mora no trailer estrada abaixo e ela é bem frágil.

Audrina trabalha no Vic's Redneck Roadhouse durante o dia como recepcionista. Eu trabalho à noite no Beijo do Vampiro. E o custo de vida é bem mais barato aqui. Mas você tem razão, existe mais história envolvida. — Ele fitou a namorada.

— Viemos por uma razão — disse Audrina. — Colton é irmão de Chico.

Eric e eu levamos um segundo para entender aquilo. — Então era sua mãe — falei ao rapaz. — Eu sinto muito. — Embora não tenha ouvido muito da história, o nome foi suficiente para acordar meu cérebro.

— Sim, era a minha mãe — disse Colton. Ele nos lançou um olhar completamente inexpressivo. — Meu irmão Chico é um imbecil que não pensou duas vezes em se tornar vampiro. Ele renunciou à sua vida como algum idiota insignificante faria uma tatuagem. “É legal, vamos fazer!” E então continuou sendo um imbecil, falando merda para Victor, não entendendo. *Não percebendo*. — Colton pousou a cabeça nas mãos e sacudiu-a de um lado para o outro. — Até aquela noite. Então ele percebeu. Mas nossa mãe estava morta. E Chico deseja estar, mas nunca estará.

— E como pode Victor não saber quem você é, não ficar desconfiado?

— Chico tinha um pai diferente, então tinha um sobrenome diferente — disse Audrina, dando tempo a Colton para se recuperar. — E Chico não era um sujeito do tipo família. Ele saiu de casa há dez anos. Só ligava para a mãe uma vez a cada par de meses, nunca foi vê-los. Mas foi o suficiente para dar a Victor a brilhante ideia de fazer Chico lembrar que ele não assinou um contrato com o California Angels.

— Mais como o Hell's Angels — disse Colton, endireitando-se.

Se a comparação incomodou Eric, ele não deixou. Eu tinha certeza que não foi a pior coisa que ouviu.

— Então, graças ao empregado de Victor — Eric começou — você sabia sobre minha Sookie. E sabia como avisá-la quando Victor ia nos envenenar.

Colton pareceu zangado. *Não devia ter feito isso*, pensou.

— Sim, você fez o que devia fazer — respondi, talvez um pouco raivosa. — Somos pessoas também.

— Você é — disse Eric, lendo a expressão de Colton tão claramente quanto eu li seus pensamentos. — Mas Pam e eu não somos. Colton, eu quero lhe agradecer pelo aviso, e quero recompensá-lo. O que posso fazer por você?

— Você pode matar Victor — disse Colton imediatamente.

— Que interessante. É exatamente o que eu quero fazer — disse Eric.

Capítulo 10

No que diz respeito a afirmações dramáticas, a de Eric teve um alto impacto. Audrina e Colton enrijeceram. Mas eu já cavalguei esse pônei antes. Inflei as bochechas em exasperação e desviei o olhar.

— Está entediada, amada? — Eric perguntou, num tom de voz que teria ensinado a pingentes de gelo algo sobre o frio.

— Estamos dizendo isso há meses. — Aquilo pode ter sido um *leve* exagero, mas não muito. — Tudo que temos feito é falar besteira. Se vamos fazer algo ruim, vamos em frente e fazer—não morrer de tanto falar! Você acha que ele não sabe que está sob a nossa mira? Acha que ele não está esperando que tentemos?

(Aparentemente, este era um discurso que eu mantinha em segredo até para mim, por tempo demais.)

— Acha que ele não está fazendo toda essa merda a você e Pam para incitá-lo a fazer algo, então ele terá justificativas para derrubá-lo? Essa é uma situação ganha para ele!

Eric olhou para mim como se eu tivesse me transformado numa cabra. Audrina e Colton estavam boquiabertos. Eric começou a dizer algo, então fechou a boca. Eu não tinha ideia se ele iria gritar comigo ou sair em silêncio.

— Então qual é a sua solução? — ele perguntou, a voz baixa e firme. — Você tem um plano?

— Vamos nos encontrar com Pam, amanhã à noite — respondi. — Ela devia estar envolvida nisso. — Também me daria tempo para pensar em algo e não envergonhar a mim mesma.

— Está bem — disse. — Colton, Audrina. Vocês dois têm certeza que querem arriscar isso?

— Sem dúvida — disse Colton. — Audie, amor. Você não precisa fazer isso.

Audrina fungou. — Tarde demais, meu chapa! Todo mundo no trabalho sabe que nós moramos juntos. Se você se rebelar, eu estou morta de qualquer forma. Minha única chance é me juntar, então podemos fazer essa coisa direito.

Eu gosto de uma mulher prática. Olhei-a por dentro e por fora. Descobri sinceridade. Contudo, eu seria ingênua se não visse que seria

extremamente prático se Audrina fosse a Victor e nos entregasse. Aquele seria o curso mais prático de todos.

— Como nós sabemos que vocês não vão pegar o telefone no minuto em que sairmos do trailer? — perguntei, decidindo que devia ser direta.

— Como eu vou saber que vocês não farão o mesmo? — Audrina retrucou. — Colton lhe fez um grande favor ao informá-la sobre o sangue de fada. Ele acreditou no que Heidi disse a seu respeito. E acho que vocês querem sobreviver a isto tanto quanto nós.

— Sobrevivência é o meu nome do meio. Vejo vocês amanhã à noite em minha casa — respondi. Escrevi o endereço numa velha lista de compras. Já que minha casa era isolada e protegida, pelo menos nós teríamos algum aviso se alguém seguisse Eric e Pam, ou Colton e Audrina.

A noite havia sido bem longa, e meu maxilar estava quase quebrando de tanto bocejar. Deixei Eric nos guiar até Shreveport, já que estávamos mais perto da casa dele. Eu estava tão sonolenta (e dolorida) que outra sessão de sexo estava fora de questão, a menos que Eric subitamente tivesse desenvolvido um interesse em necrofilia. Ele riu quando eu mencionei isso.

— Não, eu gosto de você viva, quente e agitada — disse, beijando meu pescoço em seu lugar favorito, aquele que sempre me deixava arrepiada. — Acho que poderia acordá-la o suficiente. — Confiança é atraente, mas eu ainda não conseguiria reunir qualquer energia. Bocejei de novo, e ele riu. — Vou procurar Pam e atualizá-la. Eu devia perguntar sobre sua amiga Miriam também. Pela manhã, Sookie, vá para casa quando levantar. Deixarei um recado a Mustapha sobre o carro.

— Quem?

— O nome de meu novo assistente diurno é Mustapha Khan.

— Sério?

Eric assentiu. — Um bocado de atitude — ele disse. — Esteja avisada.

— Tá. Acho que vou ficar no quarto de cima já que tenho que levantar — falei. Estava parada na porta do quarto maior no térreo, aquele para onde Eric queria que eu mudasse. O quarto do térreo que Eric usava foi uma sala de jogos branca antes. Ele contratou alguns construtores para fazer uma parede sólida, e tinha a proteção de uma porta bem pesada com trancas duplas para barrar o andar. Me deixava um pouco claustrofóbica passar a noite ali, apesar de ter feito isso algumas vezes se sabia que podia dormir até tarde. O quarto do segundo andar tinha venezianas e cortinas

pesadas instaladas contra a luz do dia para visitantes vampiros, mas deixei as venezianas abertas para tornar o quarto tolerável.

Depois da visita catastrófica do criador de Eric, Appius, e seu “filho” Alexei, eu imaginava que ainda conseguia ver sangue em todo lugar quando vinha à casa de Eric; e sentir o cheiro também. Mas um decorador com orçamento enorme trocou os carpetes e repintou. Agora era difícil dizer que algo violento havia ocorrido, e a casa tinha uma espécie de cheiro de torta de nozes. Aquela fragrância doméstica era ressaltada com um leve cheiro seco de vampiro, um cheiro não tão desagradável.

Tranquei a porta do quarto depois que Eric saiu (confiando na teoria do *nunca se sabe*) e tomei um banho rápido. Eu mantinha uma camisola ali, algo mais bonito do que meu habitual pijama de Piu-Piu. Achei ter ouvido a voz de Pam na sala de estar enquanto relaxava no excelente colchão. Vasculhei a mesinha de cabeceira, encontrei meu despertador e a caixa de Kleenex, e coloquei-os ao alcance da mão.

Foi a última coisa da qual lembrei por algumas horas. Sonhei com Eric, Pam e Amelia; eles estavam numa casa pegando fogo e eu tinha que tirá-los de lá ou seriam consumidos. Não precisava de um psiquiatra para entender aquilo. Só me questionava o porquê coloquei Amelia nessa casa. Se sonhos fossem mais condizentes com a vida real, Amelia teria começado o incêndio sozinha por causa de um acidente estranho.

Saí da casa às oito da manhã, tendo talvez umas cinco horas de sono. Não pareceu suficiente. Parei no Hardee’s e comprei um pãozinho de salsicha e um copo de café. Meu dia ficou um pouco mais alegre depois disso. Um pouco.

Tirando a picape novinha estacionada diante do carro de Eric, minha casa parecia sonolenta e normal sob a luz quente da manhã. Era um dia deslumbrantemente claro. As flores brotando perto dos degraus levantaram os rostos para a luz do sol da manhã. Dirigi até os fundos, imaginando quem estava de visita e em qual cama se encontrava.

Os carros de Amelia e Claude estavam na área cascalhada perto da porta dos fundos, deixando espaço suficiente para o meu. Achei muito estranho entrar na minha casa quando já havia tantas pessoas lá dentro. Ninguém tinha se mexido ainda, para o meu alívio. Comecei a fazer um bule de café e fui ao meu quarto para trocar de roupa.

Havia alguém em minha cama.

— Com licença? — falei.

Alcide Herveaux sentou-se. Ele estava sem camisa. Não consegui ver o resto sob o lençol.

— Isso é puta estranho — falei, uma onda de raiva crescendo. — Vamos ouvir uma explicação.

O leve sorriso de Alcide desapareceu, de fato uma expressão totalmente errada para usar se você está em minha cama sem permissão prévia. Ele pareceu sério e embaraçado, o que foi muito mais apropriado.

— Você rompeu o vínculo com Eric — disse o líder do bando de Shreveport. — Andei errando no timing em cada ocasião que podíamos ter tido juntos. Dessa vez, eu não queria perder minha chance. — Com o olhar firme, ele esperou por minha reação.

Desabei na velha poltrona florida do canto. Eu frequentemente jogava nela minhas roupas usadas à noite. Alcide jogara as dele ali também. Esperava que meu traseiro estivesse amassando os vincos da camisa dele e que nunca mais saíssem.

— Então, quem deixou você entrar? — perguntei. Ele deve ter tido boas intenções com relação a mim ou as proteções não o teriam deixado entrar, ou pelo menos foi o que Amelia disse. Mas naquele momento, eu simplesmente não me importava.

— Seu primo, a fada. O que ele faz exatamente?

— Ele é stripper — respondi, simplificando demais no calor do momento. Não tinha consciência de que isso seria uma grande novidade até ver o rosto de Alcide. — E daí, você simplesmente decidiu entrar aqui e me seduzir quando eu entrasse pela porta? Em casa depois de passar a noite com meu namorado? Depois de ter feito sexo que poderia ter entrado no Livro Guinness dos Recordes com ele?

Oh, Deus, de onde tinha vindo *aquilo*?

Alcide estava rindo agora. Parecia não conseguir evitar. Eu relaxei, porque apesar dos cérebros dos Lobisomens serem nebulosos, eu podia notar que também estava rindo de si mesmo.

— Também não me pareceu uma boa ideia — ele disse, sincero. — Mas Jannalynn achou que seria um atalho, e poderíamos atraí-la para a alcateia.

Hmmpf. Isso explicava um bocado.

— Você fez isso seguindo um conselho de Jannalynn? Ela só queria que eu me sentisse desconfortável — falei.

— Sério? O que ela tem contra você? Digo, por que ela iria querer fazer isso? Especialmente quando deve ter percebido que isso significaria me deixar desconfortável também.

Apesar de ser o chefe dela e tudo mais, praticamente o centro do universo de Jannalynn. Eu entendi o que ele quis dizer, e concordei com sua avaliação dela. Contudo, em minha opinião, Alcide não estava desconfortável o *suficiente*. Eu estava convencida que ele tinha esperanças, se sentasse em minha cama e parecesse amarrotado e bonitão, de que o consideraria. Mas parecer gostoso não era tudo para mim. Me perguntei quando Alcide se transformou no tipo de cara que pensava assim.

— Ela está saindo com Sam há algum tempo — falei. — Você sabe disso, certo? Fui a um casamento de família com Sam, e acho que Jannalynn esperou ir.

— Então Sam não está tão louco por Jannalynn como ela por ele?

Levantei a mão e acenei.

— Ele gosta um bocado dela. Mas ele é mais velho e mais cauteloso. — Por que estávamos sentados em meu quarto conversando sobre isso? — Então, Alcide, você acha que pode se vestir e ir para casa agora? — Dei uma olhada em meu relógio. Eric deixara um recado dizendo que Mustapha Khan devia estar aqui às dez, dali a uma hora. Já que era um lobo solitário, ele não ia querer encontrar e cumprimentar Alcide.

— Eu ainda ficaria feliz se você se juntasse a mim — ele respondeu, soando sincero e zombeteiro ao mesmo tempo.

— É sempre bom ser desejada. E você é bem bonitão, claro. — Tentei não parecer que tinha mencionado isso como cogitação. — Mas eu estou com Eric, com ou sem vínculo. Além do mais, você decidiu tentar me cortejar do modo totalmente errado, graças a Jannalynn. Quem lhe contou que não estamos vinculados, afinal?

Alcide deslizou para fora da cama e estendeu a mão para suas roupas. Eu levantei e as entreguei, mantendo meus olhos nos dele. Ele estava com roupa de baixo, uma espécie de mini sunga. Biquíni masculino? Enquanto vestia a camisa, ele disse:

— Sua amiga Amelia. Ela e o namorado vieram ao Pêlo do Cachorro ontem à noite para um drinque. Eu tinha certeza que a conhecia, então puxei conversa. Quando ouviu meu nome, ela já sabia que você e eu fomos amigáveis. Ela ficou bem tagarela.

Falar demais era um dos defeitos de Amelia. Comecei a ter uma suspeita sombria. — Amelia sabia que você ia fazer isso? — perguntei, apontando para a cama desarrumada.

— Eu a segui e o namorado até aqui — disse Alcide, o que não era exatamente uma negativa. — Eles falaram com seu primo—o stripper. Claude? Ele achou que eu esperar por você aqui era realmente uma grande ideia. De fato, acho que ele teria se juntado a nós por uns cinquenta centavos. — Alcide parou de fechar o zíper e levantou uma sobrancelha.

Tentei não demonstrar meu desgosto.

— Esse Claude! Que brincalhão! — respondi com um sorriso feroz. Nunca me senti menos divertida. — Alcide, acho que Jannalynn estava se divertindo às minhas custas. Acho que Amelia precisa manter meus negócios em particular e acho que Claude só queria ver o que acontecia. Ele é assim. Além disso, você tem mulheres Lobi lindas se pendurando em você, grande líder de alcateia, você! — Soquei seu ombro musculoso de brincadeira—mais ou menos—e notei que se encolheu só um pouco. Talvez eu *estivesse* mais forte, com os parentes fadas perto de mim.

Alcide disse: — Voltarei para Shreveport, então. Mas anote meu nome em seu cartão de baile, Sookie. Eu ainda quero uma chance com você. — Ele me deu um enorme sorriso branco.

— Ainda não encontrou um shaman para sua alcateia?

Ele estava prendendo o cinto e seus dedos congelaram. — Você acha que eu a quero por isso?

— Acho que isso podia ter algo a ver — respondi com a voz seca. Ter um shaman na alcateia ficou fora de moda nos tempos modernos, mas a alcateia Presas Longas estava tentando encontrar um. Alcide me induziu a tomar uma droga que shamans usavam para aumentar o poder de visão, e foi profundamente assustador e ao mesmo tempo estranhamente poderoso. Eu nunca mais queria fazer aquilo de novo. Tinha gostado demais.

— Nós precisamos de um shaman — Alcide admitiu. — E você fez um ótimo trabalho naquela noite. Obviamente, você possui a aptidão para o trabalho. — Credulidade e julgamento ruim deviam ser pré-requisitos. — Mas está errada se acha que é a única razão pela qual eu gostaria que tivéssemos um relacionamento.

— Fico feliz em ouvir isso, porque, do contrário, eu não pensaria bem de você — respondi. Essa troca de palavras fechou completamente a porta de minha natureza gentil. — Deixe-me novamente enfatizar que não gosto

da forma como você agiu a respeito disso, e não estou louca sobre como mudou desde que se tornou líder de alcateia.

Alcide estava genuinamente espantado. — Eu *tive* que mudar — disse. — Não tenho certeza do que você quer dizer.

— Você está acostumado demais a ser rei de todo mundo — falei. — Mas eu não estou aqui para julgá-lo ou dizer que deve mudar, porque é apenas *minha* opinião. Deus sabe que eu mesma passei por muitas mudanças e tenho certeza que algumas delas não fizeram nenhum bem ao meu caráter.

— Você nem mesmo gosta de mim. — Ele soou quase consternado, mas com um traço de incredulidade que reforçou meus sentimentos.

— Não tanto agora.

— Então eu banqueei o tolo. — Agora ele estava um pouco zangado. Bom, junte-se ao clube.

— Uma emboscada não é o caminho para o meu coração. Ou qualquer outra parte minha.

Alcide partiu sem outra palavra. Ele não escutara até que eu disse a mesma coisa de várias formas diferentes. Talvez esta fosse a chave? Dizer coisas três vezes?

Observei sua caminhonete a caminho da estrada para ter certeza que ele realmente estava indo embora. Olhei o relógio novamente. Ainda não era nove e meia. Troquei os lençóis da cama à velocidade da luz, jogando os usados na lavadora, e liguei a máquina (não podia imaginar a reação de Eric se ele subisse na cama comigo e descobrisse que estava cheirando a Alcide Herveaux). Optei por usar os minutos restantes, antes da chegada de Mustapha Khan, para um muito-necessário embelezamento, ao invés de acordar Amelia ou Claude e lhes dar um sermão. Enquanto escovava os cabelos e prendia-os num rabo de cavalo, ouvi uma motocicleta no pátio.

Mustapha Khan, lobisomem solitário pontual. Ele tinha um passageiro baixinho com ele. Observei pela janela da frente, enquanto ele manobrava a Harley e caminhava até a porta da frente para bater. Seu companheiro permaneceu na moto.

Abri a porta e levantei os olhos. Khan tinha cerca de um metro e oitenta com o cabelo raspado rente, deixando um resto parecido com musgo. Ele usava óculos escuros, tentando um visual “Blade”, imaginei. Possuía a pele marrom dourada de um biscoito com gotas de chocolate. Quando tirou os óculos, eu vi que seus olhos eram, de fato, gotas escuras. E aquilo era a

única coisa remotamente doce a respeito dele. Respirei fundo e senti o cheiro de algo selvagem. Ouvi meus parentes fada descenderem as escadas atrás de mim.

— Sr. Khan? — falei educadamente. — Entre, por favor. Sou Sookie Stackhouse, e estes dois sujeitos são Dermot e Claude. — Pela expressão ávida de Claude, eu não fui a única a pensar em biscoitos de chocolate. Dermot pareceu apenas cauteloso.

Mustapha Khan os fitou e descartou, o que mostrava que ele não era tão esperto quanto devia ser. Ou talvez só tenha pensado que eles não eram pertinentes à sua missão.

— Estou aqui para pegar o carro de Eric — disse.

— Você pode entrar por um minuto? Eu fiz café.

— Oh, ótimo — Dermot murmurou, seguindo para a cozinha. Escutei-o falar com alguém e deduzi que Amelia e/ou Bob estavam acordados. Ótimo. Queria ter uma palavrinha com minha amiga Amelia.

— Eu não bebo café — disse Mustapha. — Não tomo estimulantes de qualquer espécie.

— Então você gostaria de um copo de água?

— Não, eu gostaria de voltar para Shreveport. Tenho uma longa lista de coisas a fazer para o Sr. Alteza Morto.

— Como você acabou aceitando o emprego se tem tão pouco respeito por Eric?

— Ele não é ruim, para um vampiro — Mustapha respondeu mal-humorado. — Bubba é legal também. O resto deles? — Ele cuspiu. Sutil, mas entendi a deixa.

— Quem é o seu amigo? — perguntei, inclinando a cabeça para a Harley.

— Você quer saber um bocado — disse.

— Uh-huh. — Encarei-o, não recuando.

— Venha cá um minuto, Warren — Mustapha chamou, e o homenzinho desceu da Harley e aproximou-se.

Warren provou ter cerca de um metro e setenta, era pálido, sardento e tinha alguns dentes faltando. Mas quando tirou os óculos, seus olhos eram claros e firmes, e não vi nenhuma marca de presas em seu pescoço.

— Madame — ele disse, educado.

Eu me rerepresentei. Interessante que Mustapha tivesse um verdadeiro amigo, um amigo que ele não queria que ninguém (bom, eu) soubesse a

respeito. Enquanto Warren e eu trocávamos comentários sobre o tempo, o Lobi musculoso estava tendo dificuldade para dominar a impaciência. Claude afastou-se, desinteressado em Warren e perdendo a esperança de interessar Mustapha.

— Warren, quanto tempo faz que está em Shreveport?

— Ah, meu Deus, estive lá a vida inteira — disse Warren. — Exceto quando fui para o exército. Claro, fiquei no exército quinze anos.

Fácil descobrir sobre Warren, mas Eric queria que eu examinasse Mustapha. Até agora, o candidato a Blade não estava cooperando. Ficar parado na porta não era uma boa maneira de ter uma conversa relaxante. Oh, bem. — Então você e Mustapha se conhecem há muito tempo?

— Alguns meses — respondeu Warren, olhando para o homem mais alto.

— As Vinte Perguntas terminaram? — disse Mustapha.

Eu toquei seu braço e foi como tocar um galho de carvalho.

— KeShawn Johnson — falei pensativamente, depois de um pequeno exame em sua cabeça. — Por que mudou seu nome?

Ele enrijeceu e sua boca ficou severa.

— Eu me reinventei — disse. — Não sou o escravo de maus hábitos que se chamava KeShawn. Sou Mustapha Khan e sou eu mesmo. Eu me pertenço.

— Tuuudo bem — respondi, me esforçando para soar simpática. — Prazer em conhecê-lo, Mustapha. Você e Warren tenham uma viagem segura de volta a Shreveport.

Descobri tudo que ia conseguir obter, hoje. Se Mustapha Khan ficasse perto de Eric por um tempo, eu gradualmente captaria vislumbres suficientes em sua cabeça para entendê-lo por completo. Estranhamente, me senti melhor a respeito de Mustapha depois que conheci Warren. Tinha certeza que Warren passou por maus bocados e talvez tenha feito coisas bem difíceis, mas eu também achava que, no fundo, era um homem confiável. Suspeitei que o mesmo pudesse ser verdade com Mustapha.

Eu estava disposta a esperar e ver.

Bubba gostava dele, mas isso não era necessariamente uma recomendação. Afinal, Bubba tomava sangue de gato.

Afastei-me da porta, me preparando para encarar o próximo conjunto de problemas. Na cozinha, encontrei Claude e Dermot cozinhando. Dermot encontrara um cilindro de biscoitos Pillsbury na geladeira, e conseguiu

abrir a lata para colocá-las na fôrma de assar. O forno estava até pré-aquecido. Claude cozinhava ovos, o que era meio espantoso. Amelia estava tirando pratos e Bob arrumando a mesa.

Eu detestava interromper uma cena tão doméstica.

— Amelia — falei. Ela esteve suspeitosamente concentrada nos pratos. Ela levantou os olhos penetrantemente, como se tivesse me escutado engatilhar a espingarda. Encontrei seus olhos.

Culpada, culpada, culpada.

— Claude — falei ainda mais severa, e ele me fitou por sobre o ombro, sorrindo. Nenhuma culpa ali. Dermot e Bob pareciam simplesmente resignados.

— Amelia, você contou meus assuntos para um lobisomem — eu disse. — Não simplesmente qualquer lobisomem, mas o líder da alcateia de Shreveport. E tenho certeza que fez isso de propósito.

Amelia corou violentamente.

— Sookie, eu achei que, com o vínculo rompido, talvez você quisesse que outra pessoa soubesse, e você falou sobre Alcide, então quando o conheci, pensei...

— Você foi até lá de propósito para se certificar de que ele soubesse — falei implacavelmente. — Senão, por que escolher aquele bar a despeito de todos os outros? — Bob parecia prestes a falar, então levantei o dedo indicador e apontei para ele. Ele desistiu. — Você me disse que iam ao cinema em Clarice. Não a um bar de lobisomens na direção oposta. — Tendo terminado com Amelia, virei-me para o outro culpado.

— Claude — eu disse novamente e suas costas se enrijeceram, embora continuasse cozinhando ovos. — Você deixou alguém entrar na casa, minha casa, sem eu estar aqui, e lhe deu permissão para subir na minha cama. Isso é indesculpável. Por que você me faria tal coisa?

Claude cuidadosamente tirou a frigideira da boca do fogão, desligando-o em seguida. — Ele pareceu um sujeito legal — disse Claude —, e achei que você poderia gostar de fazer amor com algo com uma pulsação pra variar.

Eu realmente senti algo se romper dentro de mim.

— Okay — respondi numa voz bem neutra. — Escutem. Eu vou para o meu quarto. Vocês comam a comida que cozinharam, então peguem suas coisas e vão embora. Todos vocês. — Amelia começou a chorar, mas eu não ia abrandar minha postura. Eu estava majestosamente furiosa. Olhei para o

relógio na parede. — Em quarenta e cinco minutos, eu quero esta casa vazia.

Fui para o meu quarto, fechando a porta com delicada quietude. Deitei na cama com um livro e tentei ler. Após alguns minutos, houve uma batida na porta. Ignorei. Eu tinha que ser resoluto. Pessoas hospedadas em minha casa fizeram coisas que eles sabiam malditamente bem que não deviam fazer, e elas precisavam saber que eu não toleraria tal interferência, não importa o quanto fossem bem-intencionados (Amelia) ou simplesmente maliciosos (Claude). Enterrei o rosto entre as mãos. Era difícil manter esse nível de indignação, especialmente quando não estava acostumada—mas eu sabia que seria muito ruim ceder ao impulso frouxo de abrir a porta e permitir que todos eles ficassem.

Quando tentei me imaginar fazendo isso, pareceu tão errado e ruim que eu sabia que os queria genuinamente fora da casa.

Eu tinha ficado tão feliz por ver Amelia. Tinha ficado tão satisfeita por ela estar disposta a vir correndo de Nova Orleans para fazer reparos mágicos em minha proteção.

E fiquei tão espantada por ela, de fato, ter encontrado um modo de romper o vínculo que me deixei ser apressada e realmente agir. Eu devia ter ligado para Eric primeiro, tê-lo avisado. Não havia desculpa para agir tão brutalmente, exceto que eu tinha certeza que ele me dissuadiria. Aquilo simplesmente foi tão mal-feito quanto me deixar persuadir a tomar uma droga shaman na reunião de alcateia de Alcide.

Essas duas decisões foram culpa minha. Eram erros que eu cometi.

Mas este impulso de Amelia de tentar manipular minha vida amorosa foi ruim. Eu era uma mulher adulta e tinha merecido o direito de tomar minhas próprias decisões sobre com quem queria estar. Eu queria ficar amiga de Amelia para sempre, mas não se ela manipulasse eventos numa tentativa de transformar minha vida em algo que ela gostasse mais.

E Claude fez uma piada típica dele, um truque furtivo e travesso. Não gostei disso, tampouco. Não, ele precisava ir embora.

Quando os quarenta e cinco minutos passaram e eu saí do quarto, fiquei um pouco surpresa ao descobrir que eles realmente fizeram o que eu mandei. Meus hóspedes tinham ido embora... exceto por Dermot.

Meu tio-avô encontrava-se sentado nos degraus dos fundos com sua mochila esporte abarrotada ao lado. Ele não tentou chamar atenção para si de nenhum modo, e acho que teria ficado sentado ali até eu abrir a porta

dos fundos para sair para o trabalho, se eu não tivesse saído na varanda para colocar os lençóis na secadora.

— Por que está aqui? — perguntei na voz mais neutra que pude reunir.

— Me desculpe — ele disse, palavras que faltaram dolorosamente até agora.

Embora um nó tenha relaxado dentro de mim, quando ele disse aquelas palavras mágicas, eu não estava totalmente conquistada. — Por que deixou Claude fazer aquilo? — perguntei. Eu estava segurando a porta aberta, obrigando-o a se virar para falar comigo. Ele ficou de pé e virou-se para me encarar.

— Eu não acho que o que ele fez foi certo. Não acho que você podia querer Alcide quando parece ligada ao vampiro, e não acho que o resultado seria bom para você ou mesmo eles. Mas Claude é teimoso e obstinado. Eu não tive a energia necessária para discutir com ele.

— Por que não? — Parecia uma pergunta óbvia para mim, mas surpreendeu Dermot. Ele desviou o olhar, para as flores, os arbustos e o gramado.

Após uma pausa pensativa, meu tio-avô disse: — Eu não tenho me importado com quase nada desde que Niall me enfeitiçou. Bem, desde que você e Claude quebraram o encantamento, para falar a verdade. Parece que não consigo alcançar qualquer sentido de propósito, do que eu quero fazer com o resto de minha vida. Claude tem um propósito. Mesmo que não tivesse, acho que ele estaria contente. Claude é muito humano em sua natureza. — Então ele pareceu horrorizado, talvez percebendo que, com meu humor atual, eu podia considerar sua opinião uma boa razão para mandá-lo embora com os outros.

— Qual é o propósito de Claude? — perguntei, porque aquilo pareceu um ponto bem interessante. — Não que eu não queira falar mais a seu respeito, eu quero, mas considero a ideia de Claude ter um objetivo algo muito interessante. — Para não dizer alarmante.

— Eu já traí um amigo — disse. Após um instante, percebi que era eu. — Não quero traír outro.

Agora eu estava ainda mais preocupada a respeito dos planos de Claude. Contudo, aquela questão teria que esperar. — Por que você acha que está sentindo essa inércia? — falei, voltando ao assunto à mão.

— Porque eu não tenho lealdade. Desde que Niall certificou-se para que eu fosse tirado de Faery... desde que fiquei vagando louco por tanto

tempo... não me sinto parte do clã do céu, e o clã da água não me aceitaria embora tenha me aliado a eles. Enquanto estava amaldiçoado — acrescentou rapidamente. — Mas eu não sou humano e não me sinto como um. Não consigo realmente fingir ser um homem por mais do que alguns minutos. Os outros fae no Hooligans, a maioria deles... está unida só por acaso. — Dermot sacudiu a cabeça dourada. Embora seus cabelos fossem mais compridos que os de Jason, na altura do ombro para cobrir suas orelhas, ele nunca se pareceu com meu irmão. — Não me sinto mais como uma fada. Sinto-me...

— Como um estranho numa terra estranha — respondi.

Ele deu de ombros. — Talvez.

— Você ainda quer trabalhar no sótão?

Ele soltou um longo e lento suspiro. Fitou-me de esguelha. — Sim, muito. Eu posso... só fazer isso?

Entrei para dentro de casa, peguei as chaves do carro e meu maço secreto de dinheiro. Vovó foi uma grande crente em manter dinheiro secreto guardado. O meu estava escondido no bolso interno da minha jaqueta de inverno no fundo do armário.

— Você pode levar o meu carro ao Home Depot em Clarice — falei. — Aqui. Você consegue dirigir, não?

— Oh, sim — ele respondeu, olhando avidamente do dinheiro para as chaves. — Sim, eu até tenho uma carteira de motorista.

— Como conseguiu isso? — perguntei, absolutamente sobressaltada.

— Fui até o escritório do governo certo dia, enquanto Claude estava ocupado — disse. — Consegui fazê-los pensar que estavam vendo os documentos certos. Tinha mágica suficiente para isso. Responder as perguntas do teste foi fácil. Eu observei Claude, então levar o oficial para uma volta de carro também não foi muito difícil.

Me perguntei se muitos motoristas na estrada já fizeram a mesma coisa. Explicaria um bocado. — Okay. Por favor, tenha cuidado, Dermot. Hã, você sabe a respeito do dinheiro?

— Sim, a secretária de Claude me ensinou. Posso contar. Sei o que são as moedas também.

Ora, que garoto crescido, pensei, mas teria sido indelicado dizer. Ele realmente se adaptara incrivelmente bem para uma fada-insana-através-de-magia.

— Okay — respondi. — Divirta-se, não gaste todo o meu dinheiro e esteja de volta dentro de uma hora, porque eu tenho que ir trabalhar. Sam disse que eu posso vir mais tarde hoje, mas não quero abusar.

Dermot disse: — Não se arrependerá disso, Sobrinha. — Ele abriu a porta da cozinha para largar a mochila dentro de casa, pulou os degraus e entrou em meu carro, olhando cuidadosamente para o painel.

— Espero que não — disse a mim mesma, enquanto ele apertava o cinto de segurança e se afastava (devagar, graças a Deus). — Eu sinceramente espero que não.

Meus hóspedes expulsos não se sentiram obrigados a lavar a louça. Eu não podia dizer que estava surpresa. Comecei a trabalhar e passei pano no balcão depois disso. A cozinha imaculada me fez sentir que fazia progresso.

Enquanto dobrava os lençóis, quentes por causa da secadora, eu disse a mim mesma que estava bem. Desejava poder dizer que não pensava em Amelia e sentia arrependimento novamente, então decidi que fiz a coisa certa.

Dermot voltou uma hora depois. Nunca o vi tão feliz e animado. Não percebi o quanto Dermot estava deprimido até que o vi realmente aceso com um propósito. Ele alugou uma lixadeira, comprou tintas, lona de plástico, fita azul e raspadores, pincéis, rolos e uma bandeja para tinta. Tive de lembrá-lo que ele precisava comer algo antes de começar a trabalhar e eu também precisava sair para trabalhar num futuro-não-muito-distante.

Além disso, havia a reunião de cúpula aqui em casa.

— Dermot, você tem algum amigo com quem pode ficar esta noite? — perguntei cautelosamente. — Eric, Pam e dois humanos estão vindo depois que eu sair do trabalho. Somos uma espécie de comitê de planejamento e temos algum trabalho a fazer. Sabe como é, com você e vampiros.

— Eu não preciso ir a lugar nenhum com outras pessoas — disse Dermot, surpreso. — Posso ficar na floresta. É um lugar feliz para mim. O céu noturno é tão bom quanto o diurno, no que me diz respeito.

Pensei em Bubba. — É possível que Eric coloque um vampiro na floresta para vigiar a casa à noite — expliquei. — Então você poderia ficar em outra floresta tipo longe daqui? — Me senti horrível por colocar tantas restrições, mas era ele quem queria ficar.

— Imagino que sim — ele respondeu, no tom de voz de alguém tentando arduamente ser tolerante e cooperativo. — Eu amo esta casa — acrescentou. — Existe algo incrivelmente familiar a respeito.

E vendo-o sorrir enquanto olhava ao redor do velho aposento, tive mais do que certeza de que a presença invisível do cluviel dor era a razão pela qual meus dois parentes fadas vieram ficar comigo, ao invés de minha gota de sangue de fada. Eu estava disposta a conceder que Claude acreditava que meu sangue era a atração. Embora soubesse que ele possuía um lado gentil, também tinha certeza que se percebesse que eu guardava um artefato valioso para as fadas, um que podia conceder seu desejo mais ardente—obter permissão para entrar em Faery—ele destruiria a casa procurando-o. Senti instintivamente que não gostaria de ficar entre Claude e o cluviel dor. E apesar de sentir algo mais caloroso e genuíno em Dermot, eu não ia confiar nele.

— Fico contente que esteja feliz aqui — falei ao meu tio-avô. — E boa sorte com o projeto do sótão. — Eu realmente não precisava de outro quarto agora que Claude foi embora, mas tomei a súbita decisão de manter Dermot ocupado. — Se me der licença, vou me aprontar para o trabalho. Pode lixar o assoalho. — Ele me contou que aquele seria seu ponto de partida. Eu não tinha ideia se era ou não a ordem certa, mas fiquei contente por deixá-lo decidir. Afinal, considerando o estado do sótão antes de ele e Claude me ajudarem a limpar, qualquer coisa que fizesse seria uma melhoria. Verifiquei para ter certeza de que Dermot tivesse uma máscara para usar enquanto usasse a lixadeira. Sabia disso pelos shows sobre reparos do lar.

Jason apareceu, na sua hora de almoço, enquanto eu me maquiava. Saí do quarto para encontrá-lo inspecionando os materiais que Dermot trouxe do Home Depot.

— O que está fazendo? — ele perguntou ao seu quase gêmeo. Jason obviamente possuía sentimentos bem confusos em relação a Dermot, mas observei que ficava muito mais relaxado perto de nosso tio-avô quando Claude não estava junto. Interessante. Eles subiram as escadas juntos para olhar o sótão vazio, Dermot falando o tempo todo.

Embora estivesse ficando seriamente atrasada, fiz alguns sanduíches para Jason e Dermot, colocando o prato na mesa da cozinha com dois copos de gelo e duas Cocas, então correndo para ir vestir o uniforme do Merlotte's. Quando apareci, eles encontravam-se à mesa tendo uma animada conversa. Eu não dormi o suficiente, tive que expulsar visitantes de minha casa e não fui muito longe com Mustapha ou seu amigo. Mas ver Jason e Dermot tagarelando sobre argamassa, tintas spray e janelas foscas,

de algum modo, me fez sentir que o mundo estava em algum tipo de equilíbrio.

Capítulo 11

Porque o Merlotte's estava quase vazio, meu atraso não foi um problema. Na verdade, Sam estava tão preocupado que não tive certeza se notou. Sua distração me fez sentir um pouco melhor. Me perguntei se Jannalynn contou algum tipo de história a Sam para encobrir sua malícia, no caso de eu me queixar para ele sobre ela empurrar outro homem para a minha cama. Sam não parecia ter nenhuma ideia de que Jannalynn se esforçou para me embarçar ao aconselhar o chefe a brincar de esconde-esconde em meus lençóis.

Embora fosse fácil ficar zangada com Jannalynn, porque eu não gostava dela, quando pensava a respeito, Alcide devia ter sabido ao invés de ter aceitado um conselho tão ruim. Se Alcide foi estúpido por dar credibilidade à ideia, Jannalynn foi maldosa por pensar nisso em primeiro lugar. Compreendi agora que nós éramos inimigas. Era meu dia para compreensões desagradáveis.

Sam estava concentrado na contabilidade. Quando percebi através de seus pensamentos que ele estava tentando descobrir como poderia pagar sua conta com o distribuidor de cerveja, eu decidi que hoje ele tinha mais problemas do que podia manejar. Ele não precisava ouvir que sua namorada me embarçou.

Quanto mais pensava a respeito, mais percebia que isso era entre Jannalynn e eu, não importa o quanto estivesse tentada a informar Sam sobre o verdadeiro caráter da namorada. Me senti uma pessoa mais sábia e melhor, depois que resolvi isso em minha mente, e levei comida e bebida com um sorriso e palavras agradáveis durante todo o turno. Tive boas gorjetas como consequência.

Trabalhei até tarde para compensar e estava tudo bem, porque Holly por sua vez chegou atrasada. Já passava das seis quando entrei no escritório para pegar minha bolsa.

Sam estava tombado em sua escrivaninha, parecendo bem desanimado.

— Você precisa conversar sobre alguma coisa? — ofereci.

— Com você? Imaginei que já soubesse o que quer que eu esteja pensando — disse, mas não como se isso o incomodasse. — O bar está no vermelho, Sook. Esse é o pior bocado pela qual já passei.

Eu não conseguia pensar em nada para dizer que não fosse completamente rançoso ou praticamente falso. *Algo sempre aparece. Sempre parece mais escuro antes do amanhecer. Quando Deus fecha uma porta, ele abre uma janela. Todas as coisas acontecem por uma razão. Um pouco de chuva sempre deve cair na vida. O que não nos mata nos torna mais fortes.* No fim, eu apenas me inclinei e o beijei na bochecha.

— Ligue se precisar de mim — falei, indo para o carro e sentindo-me preocupada. Coloquei meu subconsciente para trabalhar num plano para ajudar Sam.

Eu adorava o verão, mas às vezes detestava o horário de verão. Embora tivesse trabalhado até tarde e fosse para casa, ainda havia luz do sol brilhante e haveria por talvez mais uma hora e meia. Mesmo depois que anoitcesse, quando Eric e Pam pudessem vir em casa, ainda teríamos que esperar Colton sair do trabalho.

Enquanto entrava no carro, notei que havia uma chance de escurecer mais cedo que o normal. Uma agourenta massa de nuvens escuras fervia a oeste... nuvens realmente sombrias, se movendo rápido. O dia não terminaria lindo e brilhante como havia começado. Acabei lembrando de minha avó dizendo, “Um pouco de chuva sempre deve cair na vida”. Imaginei se fui profética.

Não tenho medo de tempestades. Jason uma vez teve um cachorro que corria para se esconder debaixo da cama dele toda vez que ouvia uma trovoadas. Sorri com a lembrança. Minha avó não aprovava cães dentro de casa, mas não foi capaz de manter Rocky do lado de fora. Ele sempre encontrava uma maneira quando o tempo ficava ruim, apesar disso ter menos a ver com a esperteza do cachorro do que com o coração mole de Jason. Aquilo era uma coisa boa a respeito de meu irmão; ele sempre foi gentil com animais. *E agora ele é um, pensei. Pelo menos, uma vez por mês.* Eu não sabia o que pensar disso.

Enquanto estive observando o céu, as nuvens se aproximaram ainda mais, e eu precisava chegar em casa para ter certeza de que os hóspedes expulsos tinham deixado todas as janelas fechadas.

Apesar de minha ansiedade, depois que olhei o nível de gasolina, percebi que teria de encher o tanque do carro. Enquanto a bomba trabalhava, sai de debaixo do toldo no Grabbit Kwik para olhar. O céu estava ameaçador e imaginei se estávamos sob um alerta de tornado. Desejei ter ouvido o Canal do Tempo naquela manhã.

O vento se intensificou e restos de lixo voavam pelo estacionamento. O ar estava tão pesado e úmido que o asfalto soltava cheiro. Quando a bomba de gasolina parou, fiquei feliz por pendurar a mangueira e subir no carro. Vi Tara passando, e ela olhou na minha direção e acenou. Pensei em seu iminente chá de bebê e os iminentes bebês com um pouco de culpa. Apesar de ter colocado tudo na linha para o chá, não pensei a respeito durante a semana toda, e só faltavam dois dias! Certamente eu devia estar me concentrando no evento social ao invés de tramar um assassinato?

Era um momento da minha vida que parecia... complexo. Algumas gotas de chuva atingiram o pára-brisa quando saí do estacionamento. Esperava que tivesse leite o suficiente para o café da manhã, porque eu certamente não verifiquei antes de sair de casa. Eu tinha um pouco de sangue engarrafado para oferecer aos vampiros? Por via das dúvidas, parei no Piggly Wiggly para comprar. Peguei leite também. E um pouco de bacon. Eu não comia sanduíche de bacon há tempos, e Terry Bellefleur me trouxe alguns tomates frescos de pré-estação.

Atirei minhas sacolas plásticas no banco da frente do carro e entrei logo depois, porque a chuva caiu abruptamente com força total. As costas de minha camiseta ficaram encharcadas e o rabo-de-cavalo escorria em meu pescoço. Me estiquei para o banco de trás e peguei o guarda-chuva. Era um guarda-chuva velho que minha avó usava para cobrir a cabeça quando vinha me assistir jogar softball, e quando olhei para as listras apagadas em preto, verde e cereja, senti um sorriso no rosto.

Dirigi para casa lenta e cuidadosamente. A chuva tamborilava no carro e quicava no asfalto como minúsculas britadeiras. Meus faróis mal pareciam fazer um buraco na chuva e na escuridão. Olhei para o relógio no painel. Já passava das sete. É claro que eu tinha bastante tempo antes que o Comitê do Assassinato de Victor se reunisse, mas seria um alívio apenas chegar em casa. Considerei a corrida que teria de fazer do carro para a casa. Se Dermot já tivesse saído, ele deixaria a porta da varanda dos fundos trancada. Eu estaria completamente exposta à chuva enquanto me atrapalhava com as chaves e minhas duas sacolas pesadas de leite e sangue. Não era a primeira nem última vez que eu pensava em gastar minhas economias—o dinheiro da herança de Claudine e o total menor do legado de Hadley (Remy não telefonou, então tive de assumir que falou sério sobre não querer o dinheiro dela)—para comprar uma coberta para carro ligada à casa.

Eu estava pensando em como situaria tal estrutura, e imaginando quanto custaria para construí-la, ao estacionar atrás da casa. Pobre Dermot!

Ao pedir que saísse esta noite, eu o condenei a uma miserável e molhada hora na floresta. Pelo menos, assumi que ele acharia miserável. Fadas possuíam uma escala completamente diferente da minha. Eu podia lhe emprestar meu carro e ele podia ir até a casa de Jason, talvez.

Perscrutei através do pára-brisa, esperando ver uma luz na cozinha sinalizando a presença de Dermot.

Mas a porta da varanda dos fundos estava aberta contra os degraus. Não conseguia ver bem o bastante através da escuridão para dizer se a porta interna da casa estava aberta também. Minha primeira reação foi indignação. *Foi tão descuidado da parte de Dermot*, pensei. *Talvez eu devesse ter lhe dito para ir embora também*. Mas então pensei de novo. Dermot nunca foi tão descuidado, e não havia razão para pensar que seria hoje. Ao invés de irritada, talvez devesse ficar preocupada.

Talvez devesse escutar aquele sinal de alarme tocando em minha cabeça. Sabe o que seria esperto? Dar a ré no carro e cair fora dali. Afastei o olhar daquela ameaçadora porta aberta.

Instigada, dei a marcha ré no carro e me afastei. Coloquei o carro em movimento e girei o volante para atingir a entrada.

Na floresta, uma árvore nova de bom tamanho tombou através do cascalho, e eu apertei o freio.

Eu reconhecia uma armadilha quando via uma.

Desliguei o motor e abri a porta. Enquanto lutava para sair, uma silhueta lançou-se das árvores e correu na minha direção. A única arma à mão era o litro de leite em sua embalagem plástica, então agarrei a sacola, lançando-a para o alto. Para o meu espanto, eu acertei, e a embalagem explodiu, leite indo para todo lado. Absurdamente, tive uma centelha de fúria por causa do desperdício, então corri para as árvores, meus pés escorregando na grama molhada. Graças a Deus que estava usando tênis. Corri por minha vida. Ele podia ter caído, mas não ficaria assim, e talvez houvesse mais do que um. Tive certeza que percebi movimento em minha visão periférica.

Eu não sabia se os agressores pretendiam me matar, mas não iam me convidar para jogar Monopólio.

Fiquei encharcada em segundos por causa da chuva e da água que respingou dos arbustos, enquanto escorregava pela floresta. Se sobrevivesse

àquilo, jurei, eu começaria a correr na pista do ginásio novamente, porque meu fôlego estava serrando os pulmões. A vegetação rasteira de verão era densa, e as videiras serpenteavam por todo lugar. Eu não caí, mas era só uma questão de tempo.

Estava tentando pensar arduamente—aquilo seria algo bom—mas eu parecia estar possuída por uma mentalidade de coelho. Corra e se esconda, corra e se esconda. Se estava sendo raptada por Lobis, estava tudo acabado, porque eles podiam me rastrear num instante através da floresta mesmo em suas formas humanas, embora o clima pudesse retardá-los.

Não podiam ser vampiros, o sol não tinha se posto.

Fadas teriam sido muito mais sutis.

Humanos, então. Corri até os limites do cemitério, já que seria facilmente localizada em terreno aberto.

Ouvi ruídos na floresta atrás de mim, e me dirigi para o único outro santuário que podia oferecer um bom esconderijo. A casa de Bill. Não tinha tempo o bastante para subir numa árvore. Parecia que eu tinha pulado do carro há uma hora atrás. Minha bolsa, meu telefone! Por que não agarrei o telefone? Eu podia visualizar minha bolsa largada no assento. Merda.

Agora corria colina acima, então estava perto. Parei junto ao enorme carvalho antigo, a cerca de nove metros da varanda da frente e olhei ao redor. Ali estava a casa de Bill, escura e silenciosa sob a chuva torrencial. Quando Judith esteve morando ali, eu deixei minha cópia da chave de Bill na caixa de correio um dia. Pareceu apenas correto. Mas na mesma noite, ele deixou um recado em minha secretária eletrônica dizendo onde estava a chave extra. Nunca dissemos uma palavra a respeito disso.

Corri até a varanda, encontrei a chave presa com fita adesiva sob o braço da velha cadeira de madeira do lado de fora e destranquei a porta. Minhas mãos estavam tão trêmulas que foi incrível não ter derrubado a chave e abrir a tranca corretamente da primeira vez. Estava prestes a entrar quando pensei, *Pegadas*.

Eu deixaria pegadas molhadas por todo lugar ao entrar na casa. Anunciaria minha posição como um especial do Kmart. Agachando-me junto ao parapeito da varanda, tirei as roupas e os sapatos, jogando-os atrás dos arbustos densos de azaleias cercando a casa. Torci meu rabo-de-cavalo. Me sacudi vigorosamente como um cachorro, para me livrar de tanta água quanto pudesse. Então pisei na silenciosa palidez da velha mansão

Compton. Apesar de não ter tempo para meditar, parecia decididamente estranho estar parada nua no vestíbulo.

Olhei para os meus pés. Um respingo de água. Esfreguei-o com o pé e pisei num tênis velho largado no corredor que levava à cozinha. Eu nem olhei para a sala de estar (que Bill às vezes chamava de salão) ou me aventurei pela sala de jantar.

Bill nunca me contou exatamente onde dormia durante o dia. Entendia que tal pedaço de informação era um enorme segredo vampiro. Mas eu sou razoavelmente atenta, e tive um tempo para descobrir, na época em que namoramos. Embora eu tivesse certeza de que havia mais de um local secreto, um deles ficava em algum lugar na despensa da cozinha. Ele remodelara a cozinha e instalara uma banheira para criar uma espécie de área de spa, ao invés de um local para cozinhar—que ele não precisava—, mas deixou um quatinho separado intacto. Eu não sabia se foi uma despensa ou quarto de empregado. Abri a nova porta ventilada e entrei, fechando-a atrás de mim. Hoje as prateleiras estranhamente altas continham apenas alguns engarrafados de sangue engarrafado e uma chave de fenda. Bati no chão, na parede. Em meu pânico, e com o barulho da tempestade lá fora, não conseguia detectar qualquer diferença no som.

Eu disse: — Bill, deixe-me entrar. Onde estiver, deixe-me entrar — como o personagem de uma história de fantasmas sinistra.

Não ouvi nada, naturalmente, apesar de ouvir por alguns segundos em imobilidade completa. Não compartilhávamos sangue há bastante tempo e ainda era dia, embora não por muito tempo.

Droga, pensei. Então avistei uma linha fina nas tábuas, bem junto da soleira da porta. Olhei cuidadosamente e percebi que ela continuava ao redor das laterais. Não tinha tempo para examinar mais de perto. Com o coração descompassado, por puro instinto e desespero, cravei a chave de fenda na linha e a levantei. Havia um buraco e mergulhei nele, levando a chave de fenda comigo e fechando o alçapão atrás de mim. Percebi que as prateleiras deviam ter sido colocadas no alto para permitir que a porta se abrisse. Não sabia onde estavam escondidas as dobradiças e não me importava.

Por um longo, longo momento eu apenas fiquei sentada, nua, na pilha de sujeira amontoada e arquejei, tentando me recuperar. Eu não me movia tão rápido, há tanto tempo, desde... desde a última vez em que fugi de alguém que queria me matar.

Pensei, *Eu tenho que mudar meu estilo de vida*. Não era a primeira vez que pensava nisso, a primeira vez que resolvi encontrar um modo seguro de viver.

Não era ocasião para pensamento profundo. Era hora de rezar para que quem queira que estivesse derrubando árvores em meu pátio, que o mesmo “alguém” não me encontrasse nesta casa, completamente nua e indefesa, escondida num espaço confinado com... Onde *estava* Bill? Obviamente, estava muito escuro com o alçapão fechado, e já que não havia nenhuma luz na casa, nada estava vindo através do contorno da abertura, por causa da porta da despensa e o sombrio dia chuvoso. Apalpei ao redor procurando por meu anfitrião involuntário. Talvez ele estivesse em outro esconderijo? Estava surpresa com o tamanho grande daquele espaço. Enquanto procurava, tive tempo para imaginar todo tipo de insetos. Cobras. Quando se está nua, você não gosta da ideia de coisas tocando áreas que raramente encontram espaço descoberto. Engatinhei, apalpei e, de vez em quando, pulei quando sentia (ou imaginava) pés minúsculos contra a pele.

Finalmente, localizei Bill num canto. Ele ainda estava morto, é claro. Um tanto para meu espanto, meus dedos informaram que ele estava nu também. Certamente aquilo era prático. Por que sujar suas roupas? Eu sabia que ele dormia desse jeito do lado de fora, ocasionalmente. Estava tão aliviada por fazer contato com ele que realmente não me importava se estava vestido ou não.

Tentei calcular quanto tempo durou toda a viagem desde o Merlotte’s, quanto tempo corri pela floresta. Minha melhor estimativa era de que eu tinha uns trinta ou quarenta e cinco minutos antes que Bill acordasse.

Agachei-me junto dele, apertando a chave de fenda, ouvindo com cada nervo para captar qualquer som que pudesse. Era possível que eles—os misteriosos “eles”—não avistassem meu rastro até aqui, ou as roupas. Se minha sorte fosse consistente, é *claro* que avistariam as roupas e sapatos, e saberiam que significava que entrei na casa, e viriam também.

Reservei algum desgosto para o fato de que corri para o homem mais próximo atrás de proteção. No entanto, me consolei, não era tanto os seus músculos que queria, mas a proteção de sua casa. Isso tudo bem, certo? Eu não estava muito preocupada com correção política no momento. Sobrevivência estava mais no topo da lista. E Bill não se encontrava exatamente à minha disposição, presumindo que estivesse disposto...

— Sookie? — ele murmurou.

— Bill, graças a Deus, você acordou.

— Você está sem roupa.

Confie num homem para mencionar aquilo primeiro. — Absolutamente, e eu lhe direi o porquê...

— Não posso levantar ainda — disse. — Deve estar... nublado?

— Correto, tempestade grande, escuro como o inferno aqui, e há pessoas...

— Tá, depois. — E ele apagou de novo.

Merda! Então eu me aconcheguei contra seu corpo e escutei. Eu deixei a porta destrancada? É claro que sim. E no segundo em que percebi isso, ouvi o assoalho ranger sobre a cabeça. Eles estavam na casa.

—...sem pingos — disse uma voz, provavelmente do vestibulo. Comecei a rastejar até a porta do alçapão para que pudesse ouvir... mas parei. Havia pelo menos uma chance de que, se encontrassem o alçapão e o abrissem, eles ainda não veriam a mim e Bill. Estávamos bem fundo num canto e era um espaço bem grande. Talvez tivesse sido algum tipo de porão, o mais próximo de um que se podia ter num lugar que possuía nível de água elevado.

— É, mas a porta está aberta. Ela deve ter vindo aqui. — Era uma voz nasal, e encontrava-se um pouco mais perto do que antes.

— E ela saiu voando do chão, não deixando pegadas? Chovendo forte como está lá fora? — A voz sarcástica era um pouco mais profunda.

— Não sabemos o que ela é. — Sujeito nasal.

— Não é vampira, Kelvin. Sabemos disso.

Kelvin disse: — Talvez ela seja um metamorfo pássaro ou algo assim, Hod.

— Pássaro? — O grunhido de incredulidade ecoou pela casa escura. Hod podia ser realmente irônico.

— Você viu as orelhas daquele cara? Aquilo era bem incrível. Não se pode descartar nada, hoje em dia — Kelvin aconselhou seu companheiro.

Orelhas? Eles estavam falando de Dermot. O que fizeram a ele? Fiquei envergonhada. Esta era a primeira vez que pensava no que poderia ter acontecido ao meu tio-avô.

— É, e daí? Ele deve ser um daqueles fanáticos por ficção científica. — Hod não parecia estar prestando muita atenção no que dizia. Ouvi armários

se abrindo e fechando. De jeito nenhum eu poderia estar num daqueles lugares.

— Não, cara, tenho certeza que eram de verdade. Sem cicatrizes nem nada. Talvez eu devesse ter pegado uma.

Pegado? Estremeci.

Kelvin, que estava mais perto da despensa que Hod, acrescentou: — Vou subir lá em cima, verificar os quartos. — Ouvi o som de suas botas diminuindo, ouvi rangidos distantes das escadas, os passos abafados no segundo andar. Sabia quando ficou diretamente acima de mim, no aposento que imaginei ser o quarto principal, onde eu dormia quando estava saindo com Bill.

Enquanto Kelvin estava longe, Hod vagou de um lado para outro, embora não parecesse muito resoluto para mim.

— Certo... não tem ninguém aqui — Kelvin anunciou quando voltou à antiga cozinha. — Imagino por que existe uma banheira na casa?

— Tem um carro lá fora — Hod disse pensativamente. Sua voz estava mais perto, bem do lado de fora da porta aberta da despensa. Ele estava pensando em voltar para Shreveport, tomar um banho quente, vestir roupas secas e talvez fazer sexo com a esposa. Eca. Alguns detalhes demais junto com aquilo. Kelvin era mais trivial. Ele queria ser pago, então precisava me entregar. Para quem? Maldição, ele não estava pensando nisso. Meu coração afundou, embora eu tivesse jurado que já tinha caído aos meus pés. Meus pés descalços. Estava feliz por ter pintado as unhas recentemente. Irrelevante!

Uma brilhante linha de luz subitamente apareceu no fino contorno do alçapão ou porão ou como quer que Bill o chame. A luz foi acesa na despensa. Permaneci imóvel como um rato, tentando respirar leve e silenciosamente. Pensei no quanto Bill se sentiria mal se eles me matassem bem ao lado dele.

Irrelevante!

No entanto, ele se sentiria.

Ouvi um rangido e percebi que um dos homens encontrava-se parado bem em cima de mim. Se pudesse desligar minha mente, eu o teria feito. Ficava tão consciente da vida nas mentes dos outros que eu tinha dificuldade para acreditar que alguém pudesse ignorar um cérebro consciente, especialmente um nervoso como o meu.

— Só sangue aqui — Hod disse, tão perto que eu sacudi de surpresa. — Do tipo engarrafado. Ei, Kelvin, esta casa deve pertencer a um vampiro!

— Não faz diferença, contanto que ele não esteja acordado. Ou ela. Ei, você já teve uma vampira?

— Não, e não quero. Não gosto de trepar com pessoas mortas. Claro, certas noites, Marge não é muito melhor.

Kelvin riu. — É melhor você não a deixar ouvi-lo dizer isso, cara.

Hod riu também. — Não tem perigo.

E ele saiu da despensa. Não apagou a luz, imbecil esbanjador! Evidentemente o fato de que Bill saberia que alguém esteve ali não era preocupante para Hod. Então ele era realmente estúpido.

E então, Bill acordou. Dessa vez, ele estava um pouco mais alerta e, no segundo em que o senti se mover, me inclinei em cima dele, colocando a mão em sua boca. Seus músculos enrijeceram e eu tive tempo para pensar *Oh, não!* antes que sentisse meu cheiro, me reconhecesse.

— Sookie? — disse, mas não em voz alta.

— Você ouviu alguma coisa? — Hod disse, acima de mim.

Um longo momento de silêncio vivo, ouvindo. — Shh — sussurrei na orelha de Bill.

Uma mão fria levantou e percorreu minha perna. Eu quase pude sentir a surpresa de Bill—de novo—quando percebeu que eu estava pelada... de novo. E soube o segundo em que o fato de que ouviu vozes acima penetrou em sua consciência.

Bill estava compreendendo a situação. Eu não sabia o que ele decidiria fazer, mas ele sabia que estávamos com problemas. Também sabia que havia uma mulher nua em cima dele, e algo mais se contorceu. Simultaneamente exasperada e divertida, eu tive que fechar a boca para não rir. Irrelevante!

E então Bill voltou a dormir de novo.

O maldito sol nunca ia se pôr? O fato de ele dormir e acordar estavam me deixando maluca. Era como sair com alguém que possuía perda de memória a curto prazo.

E eu tinha esquecido de ouvir e ficar aterrorizada.

— Nah, eu não ouço nada — disse Kelvin.

Ficar deitada em cima de meu anfitrião involuntário era como deitar em cima de uma almofada peluda, fria e dura.

E uma ereção. Pelo que pareceu a décima vez, Bill acordou.

Soltei um suspiro silencioso. Dessa vez, Bill estava totalmente acordado. Ele colocou as mãos ao meu redor, mas foi cavalheiro suficiente para não se mexer ou explorar, pelo menos agora. Ambos estávamos escutando; ele ouvira Kelvin falar.

Finalmente, dois pares de pés cruzaram o assoalho de madeira e nós ouvimos a porta da frente abrir e fechar. Fiquei frouxa de alívio. Os braços de Bill me apertaram e ele rolou, ficando por cima de mim.

— É Natal? — perguntou, pressionado contra mim. — Você é um presente adiantado?

Eu ri, mas ainda foi baixo.

— Me desculpe por importunar, Bill — respondi bem baixo. — Mas eles estavam atrás de mim. — Expliquei brevemente, tomando o cuidado de lhe contar onde ficaram minhas roupas e porque estavam lá. Pude sentir seu peito se agitar um pouco, e sabia que estava rindo silenciosamente. — Estou realmente preocupada com Dermot — disse. Estava falando quase num sussurro, o que tornava a escuridão curiosamente íntima, para não dizer nada sobre a enorme área de pele que estávamos compartilhando.

— Você está aqui embaixo há algum tempo — ele disse, a voz em nível normal.

— Sim.

— Eu vou sair para me certificar de que eles foram embora, já que você não vai me deixar “abrir” antes — respondeu Bill, e demorei um minuto para entender. Me peguei sorrindo no escuro. Bill se afastou gentilmente e vi sua brancura mover-se silenciosamente através da escuridão. Após um segundo ouvindo, ele abriu o alçapão. A luz elétrica severa inundou o espaço. Era um contraste tão grande que eu tive de fechar os olhos para deixá-los se ajustarem. No momento em que se ajustaram, Bill já tinha deslizado para a casa.

Eu não escutei nada, não importa o quanto tenha me esforçado. Fiquei cansada de esperar—parecia que eu estava agachada no chão a uma eternidade—e me alcei para fora do alçapão com muito menos elegância e mais barulho do que Bill. Apaguei as luzes que Hod e Kelvin deixaram acesas, em parte porque a luz me fazia sentir duas vezes mais nua. Olhei cautelosamente pela janela da sala de jantar. No escuro era difícil ter certeza, mas achei que as árvores não estavam mais se sacudindo contra o vento. A chuva continuava desabalada. Vi um relâmpago cair ao norte. Não

vi sequestradores, corpos, nem nada que não pertencesse à paisagem encharcada.

Bill não pareceu ter pressa alguma para voltar e contar o que estava acontecendo. A velha mesa do jantar estava coberta com uma espécie de xale com franjas, tirei-o e me enrolei nele. Esperava que não fosse algum tipo de relíquia da família Compton. Tinha buracos e uma grande estampa floral, então não fiquei tão terrivelmente preocupada.

— Sookie — disse Bill às minhas costas, e eu gritei e pulei.

— Poderia, por favor, não fazer isso? — falei. — Já tive surpresas ruins o suficiente por hoje.

— Desculpe — disse. Ele tinha uma toalha de cozinha na mão e enxugava o cabelo. — Vim pela porta dos fundos. — Ele ainda estava nu, mas eu me senti ridícula em fazer algo a respeito. Já vi Bill pelado muitas vezes antes. Ele olhou de cima para baixo, com uma expressão meio perplexa no rosto. — Sookie, você está usando o xale espanhol de minha Tia Edwina? — perguntou.

— Oh, sinto muito — respondi. — Sinceramente, Bill. Estava lá, eu estava com frio, molhada e sentindo vontade de me cobrir. Peço desculpas. — Pensei em tirar e devolvê-lo, mas reconsiderarei no mesmo instante.

— Parece melhor em você do que na mesa — ele disse. — Além disso, tem buracos. Está pronta para ir para sua casa e descobrir o que aconteceu ao seu tio-avô? E onde estão as suas roupas? Certamente... Aqueles homens tiraram? Eles fizeram... você está ferida?

— Não, não — respondi rapidamente. — Eu lhe contei que tive que jogar minhas roupas para que eles não vissem os pingos. Estão atrás dos arbustos. Não podia deixá-las à vista, é claro.

— Certo — disse Bill. Ele pareceu bem pensativo. — Se não a conhecesse melhor, eu diria—e perdão se a ofendo—que você tramou esse cenário todo a pretexto de querer se deitar comigo novamente.

— Oh. Quer dizer, você podia quase imaginar que eu inventei essa história para que pudesse aparecer nua e necessitada de ajuda, a donzela em perigo, precisando do grande, forte e igualmente nu Vampiro Bill para me resgatar dos sequestradores malévolos?

Ele assentiu, parecendo um pouco embaraçado.

— Eu desejava ter tempo livre suficiente para sentar e pensar em coisas assim. — Admirei a mente que podia conceber tal maneira tortuosa para conseguir o que queria. — Acho que só bater em sua porta e parecer

solitária provavelmente me levaria aonde eu queria estar, se este fosse o objetivo. Ou podia simplesmente dizer, “Que tal, garotão?” Acho que não preciso estar pelada e em perigo para deixá-lo com tesão. Certo?

— Você está absolutamente certa — ele respondeu, sorrindo um pouco. — E qualquer hora que você quiser tentar um desses outros estratagemas, eu ficarei feliz em desempenhar meu papel. Devo pedir desculpas novamente?

Eu retribuí o sorriso. — Não precisa. Suponho que não tenha uma capa de chuva?

É claro que não, mas ele tinha um guarda-chuva. Pouco depois, ele buscou minhas roupas atrás dos arbustos. Enquanto eu as torcia e colocava-as em sua secadora, ele subiu as escadas até o quarto, na qual nunca dormiu, para vestir jeans e regata—realmente ordinário, para Bill.

Minhas roupas iam demorar muito para secar, então, vestida no xale espanhol de Tia Edwina e protegida pelo guarda-chuva azul de Bill, eu subi em seu carro.

Ele dirigiu até a Rodovia Hummingbird e minha casa. Deixando o carro engatado, Bill desceu para retirar facilmente o tronco de árvore da entrada, como se fosse um palito de dente. Recomeçamos a viagem até a minha casa, parando junto ao meu pobre carro, a porta do motorista ainda aberta sob a chuva. O interior estava encharcado, mas meus pretensos sequestradores não fizeram nada lá dentro. A chave ainda se encontrava na ignição, minha bolsa ainda no banco da frente junto com o resto das compras.

Bill olhou a embalagem de leite quebrada e eu imaginei quem havia atingido, Hod ou Kelvin.

Estacionamos nos fundos, mas enquanto eu ainda pegava minha sacola de compras e a bolsa, Bill já tinha saído e entrado na casa. Tive um segundo de preocupação a respeito de como secaria o carro, antes de me fazer concentrar na crise atual. Pensei no que aconteceu à mulher fada Cait, e a preocupação com o estofamento do carro deixou minha cabeça com velocidade gratificante.

Pisei desajeitadamente dentro de casa. Estava tendo dificuldade para lidar com o tecido enrolado, o guarda-chuva, minha bolsa, a sacola contendo sangue engarrafado e meus pés descalços. Podia ouvir Bill se movimentando através da casa, e soube quando ele encontrou algo porque ele gritou, “Sookie!” num tom urgente.

Dermot estava inconsciente no chão do sótão, junto à lixadeira que alugara, caída ao lado e desligada. Ele caíra para frente, então imaginei que estivera de costas para a porta com a lixadeira ligada, quando eles entraram na casa. Quando percebeu que não estava sozinho e desligou a lixadeira, foi tarde demais. Seu cabelo tinha sangue coagulado e o ferimento parecia horrível. Eles estiveram carregando pelo menos uma arma, então.

Bill encontrava-se agachado rigidamente sobre a figura imóvel. Sem se voltar para mim, disse: — Não posso dar meu sangue a ele — como se eu tivesse exigido.

— Eu sei — respondi surpresa. — Ele é fae. — Dei a volta para ajoelhar-me do outro lado de Dermot. Estava posicionada de modo a ver o rosto de Bill. — Afaste-se — falei. — Afaste-se. Desça, *agora*. — O cheiro de sangue de fada, intoxicante para um vampiro, devia ter inundado o sótão para Bill.

— Eu podia só lamber para limpar — disse Bill, com os olhos escuros fixos de anseio na ferida.

— Não, você não ia parar. Afaste-se, Bill! Saia! — Mas seu rosto inclinou-se para baixo, próximo da cabeça de Dermot. Reboquei e estapeei Bill com toda a força possível. — Você tem que ir — eu disse, apesar de querer me desculpar tanto que estava tremendo. O olhar no rosto de Bill era terrível. Fúria, desejo, a luta pelo autocontrole...

— Estou tão faminto — ele sussurrou, seus olhos me engolindo. — Me alimente, Sookie.

Tive certeza que o momento da Escolha Ruim apareceu por um segundo. A pior escolha teria sido deixar Bill morder Dermot. A pior em seguida seria deixar Bill me morder, porque com o cheiro embriagador de fada no ar, eu não tinha certeza se ele seria capaz de parar a tempo. Enquanto tudo isso passava pela minha mente, Bill lutava para se controlar. Ele estava conseguindo... mas só por um fio bem tênue.

— Vou verificar se eles partiram — disse, cambaleando na direção das escadas. Até o corpo estava em guerra consigo mesmo. Nitidamente, cada instinto lhe dizia para beber sangue de qualquer jeito, de alguma forma, dos dois deliciosos, tentadores doadores à mão, enquanto sua mente lhe dizia para cair fora antes que algo horrível acontecesse. Se eu tivesse uma pessoa de sobra, não tenho certeza se não a teria jogado para Bill, me sentia tão triste por ele.

Mas ele conseguiu chegar às escadas, e ouvi a porta bater atrás dele. No caso de ele perder o controle, corri escada abaixo para trancar ambas as

portas traseiras, então ao menos teria algum aviso se voltasse. Olhei através da sala para ter certeza de que a porta da frente estava trancada como eu tinha deixado. Sim. Antes de voltar para Dermot, fui buscar minha espingarda no armário dianteiro.

Ainda estava lá e saboreei um momento de alívio. Tinha sorte pelos homens não terem a roubado. A busca deve ter sido superficial. Com certeza eles teriam avistado algo tão valioso como a espingarda se não estivessem procurando por algo muito maior—eu.

Senti-me muito melhor com a Benelli na mão, e peguei o kit de primeiros-socorros. Cambaleei pelas escadas para ajoelhar-me novamente junto de meu tio-avô.

Estava ficando malditamente doente por ter que lidar com o enorme xale, que desprendia nos momentos mais inconvenientes. Me perguntei brevemente como as índias conseguiam, mas não podia perder tempo me vestindo até que ajudasse Dermot.

Com um chumaço de gaze esterilizada, limpei o sangue em sua cabeça para que pudesse examinar o estrago. Parecia ruim, mas esperava por isso; ferimentos na cabeça sempre parecem ruins. Pelo menos, não estava mais sangrando tanto. Enquanto trabalhava na cabeça de Dermot, tive uma feroz discussão interna a respeito de chamar uma ambulância. Não tinha certeza se o pessoal da ambulância seria capaz de vir sem a interferência de Hod e Kelvin—não, aquilo não podia ser uma preocupação. Bill e eu chegamos aqui sem sermos detidos.

Mais importante, não sabia o quanto a fisiologia das fadas era compatível com técnicas médicas humanas—o suficiente para que humanos e fadas pudessem procriar, eu sabia, o que sustentava que primeiros-socorros humanos seriam bons, mas ainda assim... Dermot gemeu e rolou de costas. Coloquei uma toalha debaixo de sua cabeça bem a tempo. Ele estremeceu.

— Sookie — ele disse. — Por que está vestindo uma toalha de mesa?

Capítulo 12

— Você está com as suas orelhas — assegurei-o, sentindo uma onda de alívio tão forte que quase desabei. Toquei as pontas de leve para que ele pudesse ter certeza.

— Por que eu não estaria? — Dermot estava confuso e, considerando quanto sangue perdeu, tinha certeza que era compreensível. — Quem me atacou?

Olhei para ele e não consegui decidir o que fazer. Teria que arriscar. Telefonei para Claude.

— Telefone do Claude — disse uma voz profunda que afixei como sendo pertencente à Bellenos, o elfo.

— Bellenos, é Sookie. Não sei se lembra de mim, mas estive aí no outro dia com meu amigo Sam?

— Sim — ele respondeu.

— Eis a questão. Alguém atacou Dermot, ele está machucado, e eu preciso saber se há algo que devo ou não fazer a uma fada ferida. Algo além do que se faz a um humano.

— Quem o feriu? — A voz de Bellenos era brusca.

— Dois sujeitos humanos que invadiram a casa atrás de mim. Eu não estava aqui, mas Dermot sim, havia maquinário ligado e ele não podia ouvir muito bem, e parece que eles o atingiram na cabeça. Não sei com o quê.

— O sangramento parou? — ele perguntou, e eu pude ouvir a voz de Claude ao fundo.

— Sim, está coagulado.

Houve um zumbido de vozes enquanto Bellenos consultava várias pessoas, ou pelo menos era o que parecia.

— Estou indo — disse Bellenos, por fim. — Claude diz que não é bem-vindo à sua casa neste momento, então eu estou indo no lugar dele. Será bom sair deste prédio. Nenhum outro humano por perto além de você? Não posso me disfarçar.

— Ninguém, exceto eu, pelo menos agora.

— Estarei aí em breve.

Retransmiti essa informação a Dermot, que parecia simplesmente perplexo. Ele me disse algumas vezes que não compreendia o porquê

estava no chão, e comecei a ficar preocupada. Ao menos ele parecia contente por ficar ali.

— Sookie! — Antes de ter começado a chover, Dermot abriu as janelas por causa da lixadeira. Pude ouvir Bill claramente.

Fui até a janela com minhas franjas balançando.

— Como ele está? — Bill perguntou, ficando bem distante. — Como eu posso ajudar?

— Você foi maravilhoso — respondi, falando sério. — Um dos fae de Monroe está vindo, Bill, então é melhor você voltar para a sua casa. Quando minhas roupas secarem, você poderia só deixá-las nas escadas dos fundos quando não estiver chovendo? Ou se colocá-las na varanda da frente, posso pegá-las a qualquer hora.

— Eu sinto que falhei com você — ele disse.

— De que jeito? Você me deu um lugar para esconder; desobstruiu a passagem; verificou a casa para que ninguém pudesse me emboscar de novo.

— Eu não os matei — disse. — Eu gostaria.

Eu mal me senti arrepiada com sua confissão. Estava ficando acostumada com pronunciamentos drásticos. — Ei, não se preocupe com isso — tranquilizei-o.

— Alguém ficará, se eles continuarem fazendo coisas assim.

— Você tem alguma ideia de quem os contratou?

— Receio que não. — Eu realmente lamentava aquilo.

— Eles iam me prender em algum veículo e levar para algum lugar. — Eu não avistei o veículo nos pensamentos deles, então essa parte foi nebulosa.

— Onde o carro deles estava estacionado?

— Eu não sei. Nunca vi um. — Não tivera tempo exatamente para pensar a respeito.

Bill me encarou com anseio. — Sinto-me inútil, Sookie. Eu sei que precisa de ajuda para fazê-lo descer as escadas. Mas não ouse me aproximar dele novamente.

A cabeça de Bill virou tão repentinamente que me fez piscar. Então, ele se foi.

— Estou aqui — chamou uma voz na porta dos fundos. — Sou Bellenos, o elfo, vampiro. Diga a Sookie que estou aqui para ver meu amigo Dermot.

— Um elfo. Não vejo um de vocês há mais de cem anos — ouvi a voz de Bill, mais fraca.

— E não verá de novo por outro século — a voz profunda de Bellenos respondeu. — Restam poucos de nós.

Desci as escadas novamente, o mais rápido que pude sem quebrar o pescoço. Destranquei a porta e entrei na varanda para destrancar a porta de lá. Pude ver o elfo e o vampiro através do vidro.

— Já que você está aqui, vou seguir o meu caminho — disse Bill. — Não posso ser de qualquer ajuda. — Ele saiu para o quintal. A luz severa de segurança no poste o fez parecer mais branco que o branco, realmente alienígena. Estava apenas garoando agora, mas o ar cheirava a umidade. Não achava que continuaria assim por muito tempo.

— Intoxicação por fada? — indagou Bellenos. Ele era pálido também, mas ninguém podia ser mais branco que um vampiro. As sardas marrom-claras de Bellenos pareciam minúsculas sombras em seu rosto, e o cabelo liso de um castanho-avermelhado ainda mais escuro. — Elfos cheiram diferente de fadas.

— Sim, você cheira — disse Bill, e notei a repugnância em sua voz. O cheiro de Bellenos parecia repelir pelo menos um vampiro. Talvez eu pudesse raspar algumas das células da pele de Bellenos e espalhar em meu tio-avô para poder ter vampiros por perto. Oh, céus, o que eu faria a respeito do encontro com Eric e Pam?

— Vocês já terminaram de se cumprimentar? — falei. — Porque Dermot podia ter alguma ajuda.

Bill desapareceu na floresta, e eu abri a porta para o elfo. Ele sorriu para mim, e foi duro não estremecer quando vi os dentes longos e pontudos.

— Entre — eu disse, embora soubesse que ele podia entrar sem ser convidado.

Enquanto o conduzia pela cozinha, ele olhou ao redor com alguma curiosidade. Prendi meu traje arrastado para precedê-lo nas escadas e esperava que Bellenos não estivesse conseguindo ver muito. Quando alcançamos o sótão, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, o elfo estava de joelhos ao lado de Dermot. Após uma rápida inspeção, Bellenos

virou a fada de lado para examinar o ferimento. Os olhos castanhos curiosamente oblíquos estavam atentos no amigo ferido.

Bom, ele pode ter olhado um pouco para meus ombros nus.

Mais do que um pouco.

— Você precisa se cobrir — Bellenos disse abruptamente. — É pele humana demais para mim.

Okay, eu interpretei totalmente errado aquilo, para o meu embarço. Assim como Bill foi repellido pelo cheiro de Bellenos, Bellenos era repellido por minha aparência.

— Ficarei feliz em vestir roupas de verdade agora que há alguém para ficar com Dermot.

— Bom — disse Bellenos.

Ríspido como Claude podia ser, Bellenos o superava. Era quase divertido, de fato. Pedi a Bellenos que carregasse Dermot até o quarto de hóspedes no térreo, e os precedi para me certificar de que o quarto estava bom. Após uma olhada superficial para ter certeza de que a colcha estava puxada sobre os lençóis, dei espaço para Bellenos, que carregava Dermot tão facilmente quanto se ele fosse uma criança, embora Dermot certamente fosse menos manobrável na escada estreita.

Enquanto Bellenos ajustava Dermot na cama, corri até o quarto para me vestir. Não posso dizer o alívio que foi, tirar o xale franjado e florido e vestir jeans (não calção, em deferência à aversão de Bellenos por pele humana). Estava quente demais até para pensar numa camiseta de manga comprida, mas meus ombros ofensivos ficaram apropriadamente cobertos com uma camiseta listrada.

Dermot estava totalmente consciente quando voltei para verificá-lo. Bellenos ajoelhou-se na cama, acariciando o cabelo dourado de Dermot e conversando com ele numa língua que eu não conhecia. Meu tio-avô estava alerta e lúcido. Meu coração ajustou-se num ritmo mais alegre quando Dermot até sorriu para mim, embora fosse uma sombra do sorriso habitual.

— Eles não a machucaram — disse, obviamente aliviado. — Até aqui, Sobrinha, parece que morar com você é mais perigoso do que ficar com os de minha própria espécie.

— Eu sinto tanto — respondi, sentando na beirada da cama e pegando sua mão. — Não sei como eles conseguiram entrar na casa com as proteções no lugar. Pessoas que me querem mal supostamente não deviam ser capazes de entrar, eu esteja aqui ou não.

Apesar da perda de sangue, Dermot corou. — Isso foi culpa minha.

— O quê? — Encarei-o. — Por quê?

— Era magia humana — ele disse, evitando meus olhos. — Sua pequena amiga bruxa, ela é bem boa para uma humana, mas magia fae é muito, muito melhor. Então, eu desconstruí os feitiços, e pretendia colocar minha própria magia ao redor de sua casa assim que terminasse de lixar o assoalho.

Eu realmente não conseguia pensar em algo para dizer.

Houve um complicado momento de silêncio.

— É melhor nós cuidarmos de sua cabeça — respondi rapidamente. Limpei mais um pouco e passei Neosporin na ferida. Eu certamente não ia tentar dar uns pontos, embora me parecesse que alguém devia. Quando mencionei agulhas, os dois fae pareceram totalmente repugnados com a ideia. Coloquei alguns band-aids de borboleta para cobrir o ferimento. Imaginei que era o melhor que podia fazer.

— Agora, eu o tratarei — disse Bellenos, e fiquei contente em ouvir que pretendia fazer algo mais ativo do que carregar Dermot pelas escadas até a cama. Não que aquilo não tenha ajudado, mas eu esperava um pouco mais, de alguma forma. — Claro que o sangue daquele que o feriu seria melhor, e talvez possamos fazer algo a respeito, mas por enquanto...

— O que vai fazer? — Esperava que eu pudesse assistir e aprender.

— Vou respirar nele — respondeu Bellenos, como se eu fosse tola por não saber disso. Meu espanto o deixou chocado. Ele deu de ombros, como se eu fosse ignorante demais para palavras. — Pode assistir se quiser. — Ele olhou para Dermot, que assentiu e se encolheu.

Bellenos estendeu-se na cama ao lado de Dermot e beijou-o.

Eu certamente nunca pensei em curar um ferimento de cabeça daquele jeito. Se minha falta de conhecimento a respeito dos costumes fae foi uma surpresa para ele, isso foi uma surpresa para mim.

Após um segundo, compreendi que, apesar de suas bocas estarem coladas, o elfo soprava ar de seus próprios pulmões para Dermot. Depois de se desprender para tomar outro fôlego, Bellenos repetiu o procedimento.

Tentei imaginar um médico humano tratando um paciente desse modo. Processo judicial! Apesar de notar que não era sexual—bom, não abertamente—isso foi um pouco pessoal demais para mim. Aquela podia ser uma boa hora para limpeza. Juntei as gazes usadas e as embalagens de

band-aid para jogá-las no lixo da cozinha e, enquanto estava sozinha, aproveitei para ter um chique.

É, magia fae provavelmente era ótima, *quando se usava*. Os feitiços de Amelia eram humanos e, portanto, inferiores, mas *estiveram no lugar para me proteger*. Até que Dermot os desfez... e me deixou sem nada.

— Imbecil — murmurei, esfregando o balcão com pressão suficiente para matar qualquer germe à força. Aquilo era o quanto podia ficar zangada, já que o senso de superioridade equivocado de Dermot terminou com um grave ferimento em sua cabeça.

— Ele está descansando e se curando. Em breve, eu e ele temos coisas que devemos fazer — disse Bellenos. Ele veio até a cozinha atrás de mim, sem eu sentir mais do que uma mudança no ar. Ele realmente gostava de me ver pular. Riu, o que era estranho, porque o fazia com a boca aberta como se estivesse ofegando. Seu riso era mais como um ofegante “heeheehee” do que uma gargalhada humana.

— Ele consegue se mexer? — Eu estava contente, mas surpresa.

— Sim — disse Bellenos. — Além do mais, ele me contou que você tem vampiros vindo mais tarde, e ele precisaria estar em outro lugar, de qualquer forma.

Pelo menos, Bellenos não me censurou por esperar convidados vampiros e também não pediu que eu cancelasse meus planos para acomodar o ferimento de Dermot.

Pensei em ligar para o celular de Eric e adiar nosso encontro. Mas achei que era totalmente possível que Hod ou Kelvin fossem parte e parcela da mesma luta, embora num papel desajeitado.

— Espere um minuto aqui, por favor — falei educadamente, indo conversar com Dermot. Ele se encontrava apoiado na cama e eu tirei um instante para agradecer Amelia por tê-la arrumado antes de partir, embora precisasse trocar os lençóis, mas podia fazer isso em meu tempo livre— okay, hora de parar de fazer anotações domésticas, já que Dermot parecia tão pálido e corajoso. Quando sentei perto dele, ele me pegou num abraço surpreendentemente apertado. Retribuí com interesse.

— Sinto muito que isso tenha acontecido a você — falei. Evitei toda a questão das proteções. — Tem certeza de que quer ir para Monroe? Eles realmente vão tomar conta de você? Posso cancelar o negócio de hoje à noite. Ficaria feliz em cuidar de você.

Dermot ficou quieto por um instante. Podia senti-lo respirar em meus braços, e o cheiro de sua pele me cercou. Naturalmente, ele não cheirava como Jason, embora eles pudessem ser gêmeos.

— Obrigado por não me dar um novo sermão — disse. — Viu, eu dominei a fala humana moderna. — Ele conseguiu dar um verdadeiro sorriso. — Te vejo mais tarde. Bellenos e eu temos uma missão a completar.

— Você precisa ir com calma. Seu ferimento foi grave. Como está se sentindo?

— Melhor, por enquanto. Bellenos partilhou sua respiração comigo, e estou animado com a caçada.

Okay, eu não entendi bem aquilo, mas se ele estava contente, eu ficava contente. Antes que pudesse fazer perguntas, ele disse: — Falhei com você a respeito das proteções e não deti os intrusos. Enquanto estava deitado lá, temi que eles a encontrassem.

— Você não devia ter se preocupado comigo — falei e estava sendo sincera, embora certamente fosse grata por isso. — Me escondi na casa de Bill e eles não me encontraram.

Enquanto Dermot e eu nos abraçávamos, um abraço que estava durando um pouco demais, pude ouvir Bellenos do lado de fora. Ele circulava a casa sob a chuva (que começou novamente) e na escuridão, e sua voz aumentava e diminuía. Consegui captar só pedaços do que ele dizia, mas era naquela outra língua e o significado não me dizia nada. Dermot pareceu satisfeito e isso foi reconfortante.

— Irei compensá-la — Dermot disse, soltando-me gentilmente.

— Não precisa — respondi. — Estou bem e, já que você não tem nenhum dano permanente, diremos apenas que foi uma experiência educativa. — Como em, *Não desfaça as proteções sem colocar as novas*.

Dermot ficou de pé e parecia bem firme. Seus olhos brilhavam. Ele parecia... excitado, como se estivesse indo a uma festa de aniversário ou algo assim.

— Você não precisa de uma capa de chuva? — sugeri.

Dermot riu, colocou as mãos em meus ombros e me beijou. Meu coração pulou de choque, mas reconheci a postura. Ele respirava em mim. Por alguns instantes, pensei em estrangulá-lo ou sufocá-lo, mas de algum modo não o fiz, e então terminou.

Ele sorriu para mim e então se foi. Ouvi as portas dos fundos baterem atrás dele e me virei para a janela para ver um borrão, enquanto ele e Bellenos desapareciam na floresta escura.

Não conseguia pensar em nada para fazer após tal crise. Limpei o sangue do assoalho no sótão, botei o xale na pia da cozinha para ficar de molho em Woolite, e troquei os lençóis do quarto de hóspedes.

Depois disso, tomei banho. Precisava tirar o cheiro de fada em mim antes que Eric e Pam chegassem. Além do mais, depois de ficar encharcada de chuva, meu cabelo simplesmente estava uma massa de sujeira. Me vesti —de novo—e sentei por alguns minutos na sala de estar para assistir ao Canal do Tempo exultando com a grande tempestade.

A próxima coisa que eu soube foi que acordei com areia na boca. O Canal do Tempo ainda estava passando, e Eric e Pam batiam na porta da frente.

Cambaleei até a porta para destrancá-la, rígida como se alguém tivesse me chutado enquanto dormia. Estava sentindo o resultado de minha corrida desesperada através da chuva.

— O que aconteceu? — Eric perguntou, segurando meus ombros e estreitando os olhos. Pam farejava o ar, a cabeça loura caída para trás dramaticamente. Ela me deu um sorriso de esguelha.

— Oooh, quem andou recebendo... Espere... Um elfo, uma fada e Bill?

— Você está tendo aulas de rastreamento com Heidi? — perguntei inadequadamente.

— Para falar a verdade, sim — ela respondeu. — Existe arte em puxar o ar para experimentá-lo, já que não precisamos mais respirar.

Eric ainda esperava, e não pacientemente.

Lembrei que lhes comprei um pouco de sangue engarrafado e fui à cozinha para esquentá-lo, com os dois vampiros me seguindo. Enquanto cuidava da parte hospitaleira da noite, dei-lhes a versão *Reader's Digest* de minha aventura.

Alguém bateu na porta dos fundos.

O ar ficou elétrico. Pam deslizou até a porta da varanda, destrancou-a e saiu. — Sim? — eu a ouvi dizer.

Houve uma resposta abafada numa voz profunda. Bellenos.

— Sookie, é pra você! — Pam cantarolou. Ela parecia bastante divertida com algo.

Eu estava curiosa ao pisar na varanda, com Eric bem atrás de mim.

— Ah, ela vai ficar tão impressionada — Pam dizia, soando tão encantada quanto eu, quando alguém me trazia verduras frescas da própria horta.

— Quanta consideração. — Ela abriu espaço para que eu pudesse apreciar meus presentes.

Jesus Cristo, Pastor da Judeia.

Meu tio-avô Dermot e Bellenos se encontravam sob a chuva intermitente, cada um segurando uma cabeça decepada.

Só me deixe dizer aqui que, normalmente, eu tenho um estômago bem forte, mas a chuva não era a única coisa que pingava, e as cabeças estavam de frente, então dei uma boa olhada em cada rosto. A visão me dominou de uma maneira bem drástica. Tive ânsia de vômito, chamei o Hugo e ofeguei até recuperar um pouco do equilíbrio. Naturalmente, eu precisei escovar os dentes, lavar o rosto e pentear os cabelos depois de perder tudo em meu estômago... embora não tenha sido muito, porque simplesmente não conseguia lembrar quanto tempo fazia que não comia. Eu comi o pãozinho de café da manhã... Oh. Não foi de admirar que eu ficasse enjoada. Não comi nada desde então. Sou uma garota que gosta de suas refeições, então não foi uma tática para perder peso. Eu só andei ocupada demais pulando de crise em crise. Faça a Dieta Limitada de Evasão de Morte de Sookie Stackhouse! Corra por sua vida e perca refeições também! Exercício mais inanição.

Pam e Eric esperavam na cozinha.

— Eles partiram — disse Pam, levantando uma garrafa de sangue num brinde. — Lamentaram por aquilo ser demais para a sua sensibilidade humana. Presumo que não queira ficar com os troféus?

Senti a necessidade de me defender, mas engoli. Eu me recusava a sentir vergonha por ficar enjoada depois de ver algo tão horrível. Já vi uma cabeça de vampiro decepada, mas não teve os toques arrepiantes. Respirei fundo. — Não, eu não quero ficar com as cabeças. Kelvin e Hod, descansem em paz.

— Eram os nomes deles? Isso ajudará a descobrir quem os contratou — disse Pam, parecendo satisfeita.

— Hm. Onde eles estão? — perguntei, tentando não parecer ansiosa demais.

— Você quer dizer seu tio-avô e o amigo elfo, as cabeças ou os corpos? — Eric perguntou.

— Todos os três. — Peguei um pouco de gelo e me servi de Coca Diet. Fazia anos que as pessoas me diziam que drinques carbonados acalmavam o estômago. Esperava que estivessem certos.

— Dermot e Bellenos partiram para Monroe. Dermot tem que ungir o ferimento com o sangue de seus inimigos, o que é uma tradição entre os fae. Bellenos, é claro, teve que arrancar as cabeças, uma tradição élfica. Ambos ficaram muito felizes em consequência.

— Fico contente por eles — falei automaticamente, e pensei, *Que diabos eu estou dizendo?* — Eu devia contar a Bill. Pergunto-me se eles encontraram o carro?

— Eles encontraram motos de quatro rodas — disse Pam. — Acho que tiveram momentos excelentes dirigindo-os. — Pam soou invejosa.

Fui quase capaz de sorrir, imaginando isso. — Então, os corpos?

— Eles cuidaram disso — respondeu Eric. — Mas acho que os dois levaram as cabeças para Monroe, para mostrar aos outros fae. Eles as destruirão lá.

— Oh — Pam disse subitamente, levantando. — Dermot deixou os documentos. — Ela voltou com duas carteiras úmidas e alguns objetos amontoados nas mãos. Estendi uma toalha na mesa, e ela largou os itens ali. Tentei não notar as manchas de sangue nos pedaços de papel. Abri a carteira de couro primeiro e extraí uma licença de motorista.

— Hod Mayfield — falei. — De Clarice. Ele tinha 24 anos. — Tirei a fotografia de uma mulher, provavelmente a Marge de quem eles falaram. Ela definitivamente tinha tamanho de rainha, e usava o cabelo escuro num estilo engraçado que seria chamado de antigo. Seu sorriso era aberto e doce.

Nenhuma fotografia de filhos, graças a Deus.

Uma licença de caça, alguns recibos, cartão de seguro.

— Isso quer dizer que ele tinha um emprego regular — falei aos vampiros que nunca precisariam de um hospital ou seguro de vida. E Hod tinha trezentos dólares.

— Céus — falei. — Isso parece bastante. — Todas elas notas novinhas de vinte também.

— Alguns funcionários nossos não têm conta no banco — disse Pam. — Eles descontam os cheques toda vez e vivem com base em dinheiro vivo.

— É, eu conheço gente que faz isso também. — Terry Bellefleur, por exemplo, que achava que bancos eram administrados por um cartel

Comunista. — Mas esse dinheiro, são todas notas de vinte, direto do caixa eletrônico. Pode ter sido uma dívida.

Kelvin mostrou ser um Mayfield também. Primo, irmão? Kelvin também era de Clarice. Mais velho, vinte e sete. Sua carteira continha fotografias de crianças, três. Merda. Sem comentários, larguei as fotos de escola junto com os outros itens. Kelvin também tinha uma camisinha, um cartão para bebida grátis do Vic's Redneck Roadhouse, e cartão de uma oficina mecânica. Algumas notas de dólar amassadas e os mesmos trezentos novinhos que Hod tinha.

Eles eram sujeitos por quem eu podia ter passado dúzias de vezes quando fazia compras em Clarice. Posso ter jogado softball contra suas irmãs ou esposas. Posso ter lhes servido drinques no Merlotte's. O que estavam fazendo tentando me sequestrar?

— Acho que eles podiam ter me levado para Clarice através da floresta, nas motos — falei em voz alta. — Mas o que teriam feito comigo então? Achei que um deles... Pelos seus pensamentos, tive o vislumbre de uma ideia sobre um porta-malas de carro. — Foi fugaz, mas estremei. Já estive num porta-malas antes, e não terminou bem para mim. Era uma memória que eu bloqueava propositadamente.

Provavelmente Eric estava pensando no mesmo evento, porque olhou pela janela na direção da casa de Bill. — Quem você acha que os mandou, Sookie? — perguntou, fazendo um grande esforço para manter a voz calma e paciente.

— Eu certamente não posso lhes perguntar para descobrir — murmurei, e Pam riu.

Reuni meus pensamentos, tal como estavam. A névoa de minha soneca de duas horas finalmente desaparecera, e eu tentei dar algum sentido aos estranhos acontecimentos da noite.

— Se Kelvin e Hod vieram de Shreveport, eu acharia que Sandra Pelt os contratou depois de fugir do hospital — falei. — Ela não se importa de consumir a vida dos outros, nem um pouco. Tenho certeza que ela contratou os caras que vieram ao bar no sábado passado. E também tenho certeza que foi ela quem jogou a bomba incendiária no Merlotte's antes disso.

— Temos olhos procurando por ela em Shreveport, mas ninguém a avistou — disse Eric.

— Então o objetivo de Sandra — Pam disse, puxando os cabelos lisos pálidos para trançá-los — é destruir você, seu local de trabalho e qualquer outra coisa que fique no caminho.

— É o que parece. Mas é evidente que ela não está por trás disso. Eu tenho muitos inimigos.

— Encantador — disse Pam.

— Como está a sua amiga? — perguntei. — Desculpe não ter perguntado antes.

Pam lançou-me um olhar direto. — Ela morrerá em breve — disse. — Estou ficando sem opções e sem esperança de que o processo possa ser legal.

O celular de Eric tocou e ele seguiu até o corredor para atender. — Sim? — disse secamente. Então seu tom mudou. — Vossa Majestade — ele respondeu, caminhando rapidamente até a sala de estar para que eu não pudesse ouvir.

Eu não teria pensado muito a respeito se não tivesse visto o rosto de Pam. Ela olhava para mim, e sua expressão era nitidamente de... pena.

— O quê? — indaguei, os pêlos atrás de meu pescoço se eriçando. — O que foi? Se ele disse “Vossa Majestade”, é Felipe ligando, não? Isso deve ser bom... certo?

— Eu não posso lhe contar — ela respondeu. — Ele me mataria. Ele nem mesmo quer que você saiba que existe algo para saber, se consegue entender o que estou dizendo.

— Pam. *Me conte.*

— Não posso — ela repetiu. — Você precisa tomar cuidado, Sookie.

Encarei-a com uma intensidade feroz. Eu não podia obrigá-la a abrir a boca, e não tinha força para prendê-la contra a mesa da cozinha e exigir os fatos.

Para onde o raciocínio podia me levar? Okay, Pam gostava de mim. As únicas pessoas de quem ela gostava mais eram Eric e sua Miriam. Se havia algo que não podia me contar, tinha que ser relacionado a Eric. Se Eric fosse humano, eu teria achado que ele tinha alguma doença terrível. Se Eric tivesse perdido todos os seus fundos na bolsa de valores ou alguma calamidade financeira, Pam saberia que dinheiro não era minha preocupação principal. O que era a única coisa que eu valorizava?

O amor dele.

Eric tinha outro alguém.

Fiquei de pé sem perceber, a cadeira batendo no chão atrás de mim. Eu queria enfiar a mão no cérebro de Pam e arrancar os detalhes.

Agora entendia muito claramente por que Eric a atacou neste mesmo aposento na noite em que trouxe Immanuel. Ela quis me contar então, e ele a proibira de falar.

Alarmado pelo barulho da cadeira caindo no chão, Eric veio correndo até a cozinha, ainda segurando o telefone junto ao ouvido. Eu estava de pé com os punhos cerrados, fulminando-o. Meu coração pulava no peito como um sapo numa chapa quente.

— Com licença — ele disse ao telefone. — Há uma crise. Retornarei sua ligação mais tarde. — E desligou. — Pam, — disse. — Estou furioso com você. Sericamente furioso. Deixe esta casa agora e permaneça em silêncio.

Com uma postura que eu nunca vi antes, encolhida e humilde, Pam levantou da cadeira e saiu pela porta dos fundos. Me perguntei se ela veria Bubba na floresta. Ou Bill. Ou talvez houvesse fadas. Ou mais alguns sequestradores. Um maníaco homicida! Nunca se sabe o que se pode encontrar em minha floresta.

Eu não disse uma palavra. Esperei. Meus olhos pareciam lançar chamas.

— Eu te amo — ele disse.

Esperei.

— Meu criador, Appius Livius Ocella — o *morto* Appius Livius Ocella — estava no processo de arranjar um casamento para mim antes de morrer — disse Eric. — Ele mencionou durante sua estadia, mas eu não percebi que o processo tinha ido tão longe, quando ele morreu. Achei que podia ignorar. Que sua morte cancelou tudo.

Esperei. Não conseguia ler seu rosto e, sem o vínculo, só podia ver que encobria suas emoções com uma expressão dura.

— Isso não é mais feito com frequência, embora costumasse ser a regra. Criadores costumavam procurar casamentos para seus filhos. Eles recebiam um tributo se a união fosse vantajosa, se cada metade pudesse suprir algo que faltava no outro. Era principalmente um arranjo de negócios.

Levantei as sobrancelhas. No único casamento vampiro que eu testemunhei, houve um bocado de evidência de paixão física, embora tivessem me dito que o casal não passaria todo seu tempo juntos.

Eric parecia envergonhado, uma expressão que nunca achei que veria em seu rosto.

— Obviamente, tem que ser consumado — disse.

Esperei pelo golpe de misericórdia. Talvez o chão se abrisse e o engolissem primeiro. Não aconteceu.

— Eu teria que deixá-la de lado — ele admitiu. — Ter uma esposa humana e uma esposa vampira não é possível. Especialmente se a esposa é a Rainha de Oklahoma. A esposa vampira deve ser a única. — Ele desviou o olhar, a face rígida com um ressentimento que nunca expressou antes. — Sei que sempre insisti que não era minha verdadeira esposa, então presumivelmente, isso não seria tão difícil para você.

O *inferno* que não.

Ele olhou para o meu rosto como se estivesse lendo um mapa. — Embora eu acredite que seja — disse suavemente. — Sookie, eu juro a você que, desde que recebi a carta, tenho feito tudo que posso para impedir isso. Aleguei que a morte de Ocella devia cancelar o arranjo; disse que estou feliz onde me encontro; até mesmo apresentei nosso matrimônio como impedimento. E como meu regente, Victor poderia argumentar que seus desejos suplantam os de Ocella, e que sou útil demais a ele para deixar o estado.

— Oh, não. — Finalmente me descobri capaz de falar, embora apenas um sussurro.

— Oh, sim — Eric disse amargo. — Eu apelei a Felipe, mas não tive notícias. Oklahoma é um dos governantes de olho no trono dele. Ele pode querer apaziguá-la. Nesse meio tempo, ela me liga toda semana, oferecendo uma porção de seu reino se for até ela.

— Então, ela o conheceu cara-a-cara. — Minha voz estava um pouco mais forte.

— Sim — ele respondeu. — Ela estava na conferência em Rhodes para fazer um acordo com o Rei do Tennessee sobre a troca de um prisioneiro.

Eu me lembrava dela? Quando estivesse mais calma, eu poderia. Havia várias rainhas por lá, e nenhuma delas feia. Havia mil perguntas se amontoando para sair de minha cabeça e entrar na boca, mas apertei os lábios. Agora não era hora de falar, mas ouvir.

Eu acreditava que este arranjo não foi ideia dele. E agora compreendia o que Appius disse quando estava prestes a morrer. Ele disse que eu nunca ficaria com Eric. Ele morreria feliz com isso, por arranjar uma conexão tão vantajosa para seu amado filho, algo que tiraria Eric da humilde humana

que o amava. Se ele estivesse na minha frente, eu teria matado Appius novamente e apreciado.

No meio dessa reflexão, e enquanto Eric explicava tudo novamente, um rosto branco olhou pela janela da cozinha. Eric pôde ver pelo meu rosto que algo se encontrava atrás dele, e virou tão rápido que eu não o vi se mexer. Para meu alívio, o rosto era familiar.

— Deixe-o entrar — falei, e Eric foi até a porta dos fundos.

Bubba surgiu na cozinha um segundo mais tarde, inclinando-se para beijar minha mão.

— Oi, linda dama — disse, sorrindo para mim. Bubba possuía um dos rostos mais reconhecíveis do mundo, embora o auge tenha sido há cinquenta anos atrás.

— É bom te ver — respondi, e falava sério. Bubba tinha alguns maus hábitos, porque era um vampiro ruim; ele esteve encharcado demais em drogas quando foi transformado, e a centelha de vida quase havia se extinguido. Dois segundos mais tarde, e teria sido tarde demais. Mas um funcionário do necrotério em Memphis, um vampiro, ficou tão devastado ao vê-lo que trouxe o Rei de volta.

Até então, os vampiros foram criaturas noturnas secretas, não como agora onde apareciam na capa de qualquer revista. Sob o nome “Bubba” ele foi passado de reino para reino, recebendo tarefas simples para merecer sua permanência e, de vez em quando em noites memoráveis, queria cantar. Ele gostava muito de Bill e era menos ligado a Eric, mas Bubba compreendia o protocolo bem o bastante para ser educado.

— A srta. Pam está lá fora — Bubba disse, olhando de lado para Eric. — Você e o sr. Eric estão bem aqui?

Abençoado seja seu coração, ele suspeitou que Eric estivesse me machucando, e veio checar. Bubba tinha razão; Eric estava me machucando, mas não fisicamente. Me sentia como se estivesse à beira de um penhasco, mal conseguindo evitar dar o passo em falso. Estava bem entorpecida, mas isso não ia durar.

Neste interessante momento, uma batida na porta da frente anunciou a chegada (eu esperava) de Audrina e Colton, nossos co-conspiradores. Fui até a porta, com os dois vampiros atrás de mim. Sentindo-me absolutamente segura, abri a porta. Com certeza o casal humano esperava na porta, cada um sendo agarrado por uma Pam encharcada e infeliz. O

cabelo louro e liso de Pam estava mais escuro por causa da chuva, e caído como rabos de rato.

Ela parecia capaz de cuspir pregos.

— Entrem, por favor — falei educadamente. — E você também, Pam. — Afinal, era a minha casa e ela era minha amiga. — Precisamos juntar nossas cabeças.

Pensei em acrescentar, “Mas não literalmente”, quando visualizei as cabeças de Hod e Kelvin, mas Audrina e Colton já pareciam bem assustados. Uma coisa era falar grosso em seu trailer, completamente sozinho. Outra era se encontrar com pessoas desesperadas e aterrorizantes numa casa solitária no meio da floresta.

Enquanto me virava para guiá-los até a cozinha, decidi servir alguns drinques, um bule de café e talvez uma tigela de salgadinhos.

Era hora de começar essa festa do assassinato.

Eu pensaria em outras mortes mais tarde.

Capítulo 13

Audrina e Colton obviamente não conseguiram decidir o que era mais incrível: a ameaça de uma encharcada e linda (mas assustadora) Pam ou a ruína de glória que era Bubba. Eles esperavam Eric, mas Bubba foi uma completa surpresa.

Eles estavam fascinados. Embora tenha lhes sussurrado, a caminho da sala, para não chamá-lo pelo verdadeiro nome, eu não sabia se tinham autocontrole suficiente. Para a sorte de todos nós, eles tiveram. Bubba *realmente* não gostava de ser lembrado de sua vida passada. E tinha que estar num humor extraordinário para cantar.

Espera. Rá! Finalmente, eu tive uma ideia de verdade.

Todos eles sentaram-se ao redor da mesa. Distraída em planejar meu esquema, eu trouxe os refrescos e puxei uma cadeira perto de Bubba. Tive uma sensação flutuante, surrealista. Simplesmente não podia pensar na decepção sentimental que acabara de experimentar. Tinha que pensar naquele momento e propósito.

Pam sentou-se atrás de Eric para que não pudessem encontrar os olhos um do outro. Ambos pareciam miseráveis, e era um olhar que eu raramente os via apresentar. Não combinava com eles. Senti um pouco de culpa pela lacuna, apesar de certamente não ter sido minha culpa. Ou foi? Recapitulei em minha mente. Não, não foi.

Eric propôs que, uma noite, ele infiltrasse seus vampiros disfarçados no Beijo do Vampiro, e eles esperariam até que o clube estivesse prestes a fechar e com pouca gente. Então, nós atacaríamos. E, é claro, mataríamos todos.

Se Victor não fosse um empregado de Felipe, rei de três estados, o plano de Eric seria viável, apesar de existir definitivamente alguns pontos fracos. Mas certamente matar um bando de seus vampiros deixaria Felipe muito zangado, e eu realmente não podia culpá-lo.

Audrina tinha um plano também, que envolvia descobrir o lugar onde Victor dormia e pegá-lo enquanto estivesse apagado durante o dia. Uau, aquilo era novo e original. Contudo, era clássico por uma razão. Victor estaria indefeso.

— Exceto que nós não sabemos onde ele dorme — falei, tentando mencionar a objeção sem parecer arrogante.

— Eu sei — Audrina respondeu, orgulhosa. — Ele dorme numa grande mansão de pedra. Fica localizada numa estrada local recuada, entre Musgrave e Toniton. Existe apenas uma estrada, e só. Não existem árvores ao redor da casa. É só grama.

— Uau. — Eu estava impressionada. — Como você conseguiu rastreá-lo?

— Eu conheço o sujeito que corta a grama — respondeu. Ela sorriu para mim. — Dusty Kolinchek, lembra-se dele?

— Claro — eu disse, sentindo uma ponta de interesse. O pai de Dusty possuía uma frota—okay, uma pequena frota—de cortadores de grama e ceifadores e, todo verão, um grupo de garotos do colegial em Bon Temps ganhava dinheiro trabalhando para o sr. Kolinchek. Dusty estava herdando o império de cortadores de grama, ao que parecia.

— Ele diz que a casa fica quase vazia durante o dia, porque Victor é paranóico sobre ter gente entrando enquanto está dormindo. Ele só tem dois guarda-costas ali, Dixie e Dixon Mayhew, e eles são alguma espécie de metamorfos.

— Eu os conheço — falei. — São panteras. Eles são bons. — Os gêmeos Mayhew eram durões e profissionais. — Eles devem estar precisando do dinheiro para trabalhar para um vampiro. — Agora que minha cunhada estava morta e Calvin Norris casou-se com Tanya Grissom, eu não via os meta-panteras com muita frequência. Calvin não vinha muito ao bar e Jason parecia ver seus ex-parentes apenas na lua cheia, quando se tornava um deles... de modo limitado, já que foi mordido e não nasceu como metamorfo.

— Então talvez eu possa subornar os Mayhews se estão tão duros — disse Eric. — Vocês não precisariam matá-los. Menos sujeira. Mas vocês humanos teriam que fazer o trabalho, já que Pam e eu estaremos inoperantes durante o dia.

— Teríamos que fazer uma busca na casa, porque eu aposto que os Mayhews não sabem exatamente onde ele dorme — respondi. — Embora eu tenha certeza que eles têm uma boa ideia. — Só o cheiro de vampiro devia ajudar os dupla-natureza a localizar o lugar onde Victor dormia, mas parecia meio vulgar dizer isto em voz alta.

Pam tipo que acenou com a mão. Eric virou-se um pouco, captando o movimento pelo canto do olho. — O quê? — disse. — Oh, você pode falar.

Pam pareceu aliviada. Disse: — Acho que quando ele deixa o clube de madrugada seria uma boa hora. Sua atenção está em quem quer que vá alimentá-lo, e podemos ser capazes de atacar então.

Todos aqueles planos eram bem diretos, e talvez isso fosse a força e a fraqueza deles. Eles eram simples. E isso significava que eram previsíveis. O plano de Eric era o mais sangrento, claro. Certamente haveria perda de vidas. O plano de Colton e Audrina era o mais humano, já que dependia de um ataque diurno. O de Pam provavelmente era o melhor, já que era um ataque noturno numa área não muito populosa, exceto que a saída do clube obviamente sendo o ponto mais fraco me dava certeza que quaisquer vampiros que Victor usasse como guarda-costas—talvez os deliciosos Antonio e Luis?—estariam extra vigilantes em tal momento.

— Eu tenho um plano — falei.

Foi como se, de repente, eu tivesse levantado e soltado meu sutiã. Todos me encararam simultaneamente, com uma combinação de surpresa e ceticismo. Direi que a maior parte do ceticismo veio de Audrina e Colton, que mal me conheciam. Bubba esteve sentado na banquetta alta ao lado do balcão, tomando um TrueBlood com ar insatisfeito. Ele pareceu contente quando o apontei e disse: — *Ele é o caminho.*

Apresentei minha ideia, tentando arduamente soar confiante, e quando terminei, eles começaram a tentar fazer buracos nela. E Bubba estava relutante, pelo menos no começo.

No fim, Bubba respondeu que faria se o Sr. Bill dissesse que era uma boa ideia. Telefonei para Bill. Ele veio rápido e o olhar que me lançou, quando o deixei entrar, me disse que estava apreciando a lembrança de como pareci enrolada numa toalha de mesa. Ou mesmo antes de ter encontrado a toalha. Com esforço, engoli minha confusão e expliquei tudo a ele. Depois que alguns adornos foram acrescentados, ele concordou.

Revisamos a ordem dos eventos interminavelmente, tentando levar em consideração cada contingência. Lá pelas três da manhã, estávamos todos de acordo. Eu estava tão cansada que dormia em pé, e Audrina e Colton mal conseguiam conter os bocejos. Pam, que esteve saindo da sala para ligar periodicamente para Immanuel, antecedeu Eric porta afora. Ela estava ansiosa para chegar ao hospital. Bill e Bubba partiram para a casa de Bill, onde Bubba passaria o dia. Fiquei sozinha com Eric.

Olhamos um para o outro, ambos perplexos. Eu tentei me colocar em seu lugar, sentir o que ele devia estar sentindo, mas simplesmente não

conseguia. Não conseguia imaginar, digamos, minha avó decidindo com quem eu devia me casar e então falecendo, esperando totalmente que eu cumprisse seus desejos. Não conseguia imaginar que tinha que seguir ordens do além-túmulo, deixar minha casa e ir para um novo lugar com pessoas que eu não conhecia, fazer sexo com um estranho, simplesmente porque alguém quis.

Mesmo, uma vizinha disse dentro de mim, se o estranho fosse lindo, rico e politicamente artiloso?

Não, disse a mim mesma solidamente. Nem mesmo assim.

— Pode se colocar em meu lugar? — Eric perguntou, ecoando meus pensamentos. Nós nos conhecíamos muito bem, sem o vínculo. Ele pegou minha mão e a segurou entre as suas mãos geladas.

— Não, de fato, não posso — respondi, tão neutra quanto possível. — Venho tentando. Mas não estou acostumada com esse tipo de manipulação a longa distância. Mesmo após a morte, Appius está controlando você, e eu simplesmente não consigo me visualizar nessa posição.

— Americanos — disse Eric, e eu não conseguia decidir se ele disse aquilo admirado ou com uma leve irritação.

— Não só americanos, Eric.

— Eu me sinto muito velho.

— Você é bem *antiquado*. — Ancião antiquado.

— Não posso ignorar um documento assinado — disse, quase raivoso. — Ele fez um acordo por mim, e eu era dele para seu dispor. Ele me criou.

O que eu podia dizer diante de tal convicção? — Estou tão feliz por ele estar morto — disse a Eric, não ligando se a amargura estava escrita em meu rosto. Eric parecia triste, ou pelo menos pesaroso, mas não havia mais nada a dizer. Eric não mencionou passar o que restara da noite comigo, o que foi sábio de sua parte.

Depois que ele partiu, eu comecei a verificar todas as janelas e portas da casa. Já que tantas pessoas entraram e saíram durante o dia e a noite, pareceu uma boa ideia. Não fiquei tão surpresa ao ver Bill no quintal, quando trancava a janela sobre a pia da cozinha.

Embora ele não tenha acenado para mim, levei meu corpo cansado para fora. — O que Eric fez a você? — ele perguntou.

Resumi a situação em poucas sentenças.

— Que dilema — Bill respondeu, não de todo descontente.

— Então você se sentiria como Eric?

Num eco estranho, Bill pegou minha mão, assim como Eric fez antes.

— Appius não apenas já iniciara as negociações, provavelmente existem documentos legais na mesa, mas também eu teria que dar alguma consideração aos desejos de meu criador—apesar de detestar reconhecer isso. Você não tem ideia do quanto o vínculo é forte. Os anos passados com seu criador são os mais importantes da existência de um vampiro. Apesar de considerar Lorena detestável, eu tenho que admitir que ela fez o melhor para me ensinar a ser um vampiro bem-sucedido. Olhando sua vida agora—Judith e eu conversamos sobre isso, é claro—Lorena traiu seu próprio criador, e então teve anos e anos para se arrepender. Achamos que a culpa a deixou louca.

Bom, eu estava contente por Bill e Judith terem tido tempo para conversar sobre épocas divertidas no passado com Mamãe Lorena—assassina, prostituta, torturadora. Não podia realmente ter a parte da prostituta contra ela, já que não houve muitas formas para uma mulher sozinha se sustentar nos velhos tempos, mesmo uma mulher vampira. Mas o resto—não importa quais tenham sido suas circunstâncias, não importa o quanto tenha sido dura sua vida antes e depois da primeira morte, Lorena foi uma cadela do mal. Afastei minha mão de Bill.

— Boa noite — falei. — Já passou de minha hora de dormir.

— Você está zangada comigo?

— Não exatamente — respondi. — Só estou cansada e triste.

— Eu te amo — Bill disse impotente, como se desejasse que aquelas palavras mágicas me curassem. Mas ele sabia que não curariam.

— É o que todos vocês ficam dizendo — respondi. — Mas não parece me deixar nem um pouco mais feliz. — Não sabia se eu tinha um ponto válido ou se estava sendo simplesmente autopiedosa, mas era tarde da noite—não, cedo demais na manhã—para ter a mente clara e decidir isso. Alguns minutos depois, subi em minha cama na casa vazia, e estar sozinha me fez sentir muito bem.

Acordei ao meio-dia de sexta-feira com dois pensamentos urgentes. O primeiro foi, *Dermot renovou minhas proteções?* E o segundo, *Oh, meu Deus, o chá de bebê é amanhã!*

Depois de um pouco de café e vestir minhas roupas, liguei para o Hooligans. Bellenos atendeu.

— Oi — eu disse. — Posso falar com Dermot? Ele melhorou?

— Ele está bem — disse Bellenos. — Mas está a caminho de sua casa.

— Oh, que bom! Ouça, talvez você saiba disso... ele renovou as proteções na casa ou eu estou desprotegida?

— Deus proíba você de ficar desprotegida com uma fada — Bellenos disse, tentando parecer sério.

— Nada de duplo sentido!

— Okay, okay — disse e pude perceber que ele dava aquele sorriso com dentes afiados. — Eu mesmo coloquei proteções ao redor de sua casa, e asseguro-lhe que elas funcionarão.

— Obrigada, Bellenos — respondi, mas não estava completamente feliz por alguém como Bellenos, em quem eu pouco confiava, ser responsável por minha proteção.

— Por nada. Apesar de suas dúvidas, não quero que nada lhe aconteça.

— É bom saber — falei, mantendo a voz inexpressiva.

Bellenos riu. — Se você se sentir muito solitária aí na floresta, pode sempre me chamar — disse.

— Hmmm — respondi. — Obrigada. — O elfo estava flertando comigo? Aquilo não fazia sentido. Era mais provável que ele quisesse me comer, e não do modo divertido.

Talvez fosse melhor não saber. Me perguntei como Dermot chegaria aqui, mas não o suficiente para ligar para Bellenos de novo.

Reconfortada por Dermot estar voltando, eu estudei minha lista de preparativos para o chá de bebê. Pedi a Maxine Fortenberry que fizesse o ponche, porque o dela era famoso. Eu ia pegar o bolo na padaria. Não tinha que trabalhar hoje ou amanhã, o que significava uma grande perda em gorjetas, mas estava se tornando realmente conveniente. Então minha lista de coisas a fazer era: Hoje durante o dia, completar todos os preparativos para o chá de bebê. À noite, matar Victor. Amanhã, convidadas chegariam para o chá.

Nesse meio tempo, como toda anfitriã elementar, eu me preocuparia com a limpeza. Minha sala de estar ainda estava abaixo dos padrões desde que as coisas do sótão estiveram ali, e eu comecei de cima: tirei a poeira das fotografias, da mobília e então dos rodapés. Então passei o aspirador de pó. Fui trabalhando em direção ao corredor, visitando meu quarto, o quarto de hóspedes e o banheiro do corredor. Tinha uma embalagem de limpa-tudo e ataquei as superfícies da cozinha. Estava prestes a passar pano no chão, quando vi Dermot no quintal. Ele voltara dirigindo um Chevy compacto amassado.

— Onde conseguiu o carro? — gritei da varanda.

— Eu comprei — ele respondeu, orgulhoso.

Esperava que ele não tivesse usado encantamento de fada ou algo assim. Estava com medo de perguntar. — Deixe-me ver sua cabeça — falei, quando ele entrou na casa. Olhei atrás de seu crânio onde houve o corte. Uma fina linha branca, era tudo. — Incrível. Como se sente?

— Melhor do que ontem. Estou pronto para voltar ao trabalho. — Ele foi até a sala. — Você está limpando — disse. — Há alguma ocasião especial?

— Sim — respondi, batendo na testa. — Sinto tanto por ter esquecido de lhe contar. Estou dando a Tara Thornton— Tara du Rone—um chá de bebê amanhã. Claude acredita que ela está esperando gêmeos. Oh, ela confirmou isso.

— Eu posso vir? — ele perguntou.

— Por mim tudo bem — respondi, surpresa. A maioria dos sujeitos humanos teria preferido ter as unhas dos pés pintadas a vir para esse tipo de festa. — Você será o único homem aqui, mas presumo que isso não o incomoda?

— Parece ótimo — disse, dando aquele lindo sorriso.

— Você terá que manter suas orelhas cobertas e ouvir cerca de um milhão de comentários sobre o quanto se parece com Jason — respondi. — Vamos precisar explicá-lo.

— Apenas diga-lhes que eu sou seu tio-avô — ele disse.

Por um divertido instante, eu visualizei fazer exatamente aquilo. Tive que desistir, embora com algum pesar. — Você parece jovem demais para ser meu tio-avô, e todos aqui conhecem minha árvore genealógica. A parte humana dela — acrescentei rapidamente. — Mas vou pensar em algo.

Enquanto eu passava o aspirador, Dermot olhou a grande caixa de fotografias e outra menor com documentos que ainda não tive chance de examinar. Ele pareceu fascinado pelas fotografias. — Nós não usamos essa tecnologia — disse.

Sentei ao lado dele quando guardei o aspirador. Tentei arrumar as imagens em ordem cronológica, mas foi uma tarefa apressada, e tinha certeza que teria de refazê-la.

As fotografias no topo da caixa eram bem velhas. Pessoas sentadas em grupos austeros, as costas retas, e rostos rígidos também. Se o verso tinha rótulo, estava numa escrita formal e aracnídea. Vários dos homens

possuíam barba ou bigode, e usavam chapéus e gravatas. As mulheres estavam confinadas em mangas compridas e saias, e suas posturas eram incríveis.

Gradualmente, enquanto a família Stackhouse se desenrolava ao longo do tempo, as fotografias tornaram-se menos posadas e mais espontâneas. Os trajés mudavam junto com atitudes. Cores começaram a realçar rostos e cenários. Dermot parecia realmente interessado, então eu expliquei a história por trás de algumas das fotos mais recentes. Uma era de um homem bem velho segurando um bebê enrolado em cor-de-rosa. — Esta sou eu e um de meus bisavôs; ele morreu quando eu era bem pequena — falei. — Este é ele com a esposa, quando tinham uns cinquenta anos. E esta é minha avó Adele e o marido.

— Não — disse Dermot. — É meu irmão Fintan.

— Não, este é meu avô, Mitchell. Olhe para ele.

— Ele é seu avô. Seu verdadeiro avô. Fintan.

— Como pode saber?

— Ele se fez parecer com o marido de Adele, mas eu posso notar que é meu irmão. Ele era meu gêmeo afinal, embora não fossemos idênticos. Olhe aqui para seus pés. Os pés são menores do que os do homem que se casou com Adele. Fintan sempre foi descuidado com essas coisas.

Espalhei todas as fotografias de Vovó e Vovô Stackhouse. Fintan estava em um terço delas. Suspeitei, pela carta dela, que Fintan esteve por perto mais do que ela percebia, mas isso era simplesmente perturbador. Em cada fotografia de Fintan-como-Mitchell, ele sorria largamente.

— Ela não sabia disso, com certeza — falei. Dermot pareceu em dúvida. E eu tinha que admitir a mim mesma que ela desconfiara. Estava lá, em sua carta.

— Ele estava fazendo uma de suas brincadeiras — Dermot respondeu, carinhosamente. — Fintan sempre foi um grande piadista.

— Mas... — eu hesitei, incerta sobre como expressar o que queria dizer. — Você entende que isso era realmente errado? — disse. — Compreende que ele a estava enganando em alguns níveis diferentes?

— Ela concordou em ser amante dele — disse Dermot. — Ele gostava muito dela. Que diferença faz?

— Faz um bocado de diferença — respondi. — Se ela achava que estava com um homem quando estava com outro, é uma grande fraude.

— Mas inofensiva, certamente? Afinal, até você concorda que ela amou ambos os homens e fez sexo com os dois de bom grado. Então, — ele perguntou novamente — que diferença faz?

Encarei-o duvidosa. Não importa como ela se sentia a respeito do marido ou do amante, eu ainda achava que havia uma questão moral ali. De fato, eu sabia que havia. Dermot parecia não ser capaz de distinguir isso. Me perguntei se meu bisavô teria concordado comigo ou com Dermot. Tive a sensação vazia de que sabia a resposta.

— É melhor eu voltar ao trabalho — respondi, com um sorriso rígido. — Tenho que passar pano na cozinha. Você vai voltar a trabalhar no sótão?

Ele assentiu entusiasticamente. — Eu adoro o maquinário — disse.

— Por favor, feche a porta do sótão então, porque eu acabei de tirar o pó aqui embaixo e não quero ter que fazer isso de novo antes de amanhã à tarde.

— Claro, Sookie.

Dermot subiu as escadas assobiando. Era uma melodia que eu nunca ouvi antes, pra variar.

Juntei as fotografias, mantendo separadas aquelas que Dermot assinalou como sendo do irmão. Estava considerando fazer uma pequena fogueira com elas. No sótão, a lixadeira foi ligada. Olhei para o teto como se pudesse ver Dermot através do assoalho. Então estremeci e voltei ao trabalho, mas num humor distraído e inquieto.

Quando estava em cima da escada pendurando um cartaz de BEM-VINDO BEBÊ no suporte da lâmpada, lembrei que tinha de passar a toalha de mesa de minha bisavó. Eu detestava passar ferro, mas tinha que ser feito, e melhor hoje do que amanhã. Quando a escada foi guardada, abri a tábua de passar—existiu uma embutida na cozinha anterior—e comecei a trabalhar. A toalha de mesa não era mais exatamente branca. Tinha envelhecido para um marfim. Deixei-a lisa e bonita, e tocá-la me fazia lembrar de grandes ocasiões no passado. Hoje vi fotografias que incluíam exatamente esta peça de tecido; estive na mesa da cozinha ou no velho aparador durante Dias de Ação de Graça, Natais, chás de panela e aniversários. Eu amava minha família e amava essas lembranças. Só lamentava que houvesse muitos poucos de nós para recordá-las.

E eu estava consciente de outra verdade, outra coisa real. Percebi que realmente não apreciava o senso de humor das fadas, que transformou em mentira uma dessas memórias.

Às três daquela tarde, a casa estava tão perto de preparada quanto possível. O aparador foi decorado com a toalha de mesa, os pratos de papel e guardanapos estavam a postos junto com garfos e colheres de plástico. Poli a tigela para castanha de prata e uma bandejinha para as fatias de queijo, que fiz e congelei algumas semanas antes. Verifiquei minha lista. Estava tão pronta quanto poderia estar.

Se eu não sobrevivesse esta noite, eu temia que o chá de bebê ficasse arruinado. Tinha de presumir que minhas amigas estariam arrasadas demais para ir em frente com o chá se eu fosse morta. Por via das dúvidas, deixei anotações detalhadas sobre a localização de tudo que ainda não estava arrumado. Eu até trouxe meu presente para os bebês, cestos de vime combinados que podiam ser usados como berços removíveis. Eles estavam decorados com grandes laços e embrulhados com um monte de coisas úteis. Acrescentei itens para o cesto de presentes comprando em liquidação, aos poucos. Mamadeiras para alimentação suplementar, um termômetro de bebê, alguns brinquedos, mantas, alguns livros infantis, babadores, um pacote de fraldas de pano para ser usado como limpador. Parecia estranho achar que eu poderia não estar por perto para ver os bebês crescerem.

Também parecia estranho que pagar pelo chá de bebê não tenha sido uma privação financeira, graças ao dinheiro em minha poupança.

De repente, eu tive uma ideia incrível. Duas ideias em dois dias. Assim que planejei em minha cabeça, eu estava no carro a caminho da cidade. Parecia esquisito entrar no Merlotte's em meu dia de folga. Sam pareceu surpreso, mas contente por me ver. Ele estava no escritório, com uma pilha de contas diante dele.

Coloquei outro pedaço de papel em sua escrivaninha. Ele olhou. — O que é isto? — perguntou em voz baixa.

— Você sabe o que é. Não aja assim, Sam Merlotte. Você precisa de dinheiro. Eu tenho dinheiro. Coloque isso em sua conta hoje. Use-o para restabelecer o bar até que as coisas melhorem.

— Não posso aceitar isso, Sookie. — Ele não me encarou.

— O inferno que não pode, Sam. Olhe para mim.

Finalmente, ele olhou.

— Eu não estou brincando. Coloque isso no banco hoje — falei. — E se algo acontecer comigo, você pode devolver meu legado em, digamos, cinco anos.

— Por que algo aconteceria a você? — O rosto de Sam ficou sombrio.

— Nada irá acontecer. Só estou dizendo. É irresponsável emprestar dinheiro sem fazer arranjos para devolvê-lo. Vou ligar para o meu advogado contando tudo isso, e ele fará um documento. Mas agora, neste exato minuto, você vai ao banco.

Sam desviou o olhar. Eu podia sentir as emoções dominando-o. Na verdade, pareceu maravilhoso fazer algo bom por ele. Ele fez tantas coisas boas por mim. Ele respondeu: — Está bem. — Pude notar que foi difícil para ele, como seria para quase qualquer homem, mas ele sabia que era a coisa sensata a fazer, e sabia que não era caridade.

— É uma doação de amor — respondi, sorrindo-lhe. — Como aquela que nós fizemos na igreja domingo passado. — Aquela doação foi para missionários na Uganda, e este era para o Bar Merlotte's.

— Acredito nisso — disse, encontrando meus olhos.

Mantive o sorriso, mas comecei a me sentir um pouco embaraçada. — Eu tenho que me aprontar — falei.

— Para quê? — Suas sobrancelhas avermelhadas se franziram.

— O chá de bebê de Tara — respondi. — É uma festa antiquada só para garotas, então você não foi convidado.

— Vou tentar conter minha tristeza — ele disse. E não se moveu.

— Você vai se levantar para ir ao banco? — perguntei docemente.

— Hã, sim, levantando agora mesmo. — Ele saiu da cadeira e gritou pelo corredor, avisando aos funcionários que sairia para uma tarefa rápida. Cheguei a meu carro ao mesmo tempo em que ele alcançou a caminhonete. Não sei quanto a Sam, mas eu estava realmente me sentindo bem.

Não passei pelo meu advogado para contar o que fiz. Este seria meu advogado humano, local, não o sr. Cataliades. De quem, a propósito, não tive notícias.

Passei pela casa de Maxine para pegar o ponche, agradeci fartamente, deixei-lhe uma lista do que eu ia fazer e o que tinha feito para os arranjos do chá (para sua perplexidade), e levei as embalagens congeladas para casa, guardando-as no pequeno freezer da varanda dos fundos. Eu tinha o ginger ale arrumado no balcão para misturar com os sucos congelados.

Eu estava tão preparada quanto podia para o chá de bebê.

Agora tinha que me preparar para matar Victor.

Capítulo 14

Sam ligou enquanto eu me maquiava.

— Oi, Sam — eu disse. — Você levou o cheque ao banco, não?

— Sim — ele respondeu. — Já que você disse um milhão de vezes. Nenhum problema com isso. Estou ligando para dizer que acabei de receber um telefonema muito estranho de sua amiga Amelia. Ela disse que estava ligando para mim porque você não iria querer falar com ela. Disse que era sobre aquela coisa que você encontrou. Ela deu uma olhada. O cluviel dor? — Ele soou muito cuidadoso.

— Sim?

— Ela não queria falar ao telefone sobre isso comigo, mas disse para você verificar seu e-mail com urgência. Disse que você frequentemente esquece de fazer isso. Parecia achar que você não atenderia ao telefone se soubesse pelo identificador de chamadas que era ela do outro lado da linha.

— Vou dar uma olhada em meu e-mail agora mesmo.

— Sookie?

— Sim?

— Você está bem?

Quase certeza que não. — Claro, Sam. Obrigada por ter ficado no lugar da secretária eletrônica.

— Sem problema.

Amelia certamente descobriu como chamar minha atenção. Tirei o cluviel dor da gaveta e levei comigo até a mesinha da sala de estar onde coloquei o computador. Sim, eu tinha bastante correspondência.

A maioria era lixo, mas havia um de Amelia, com certeza, e um do sr. Cataliades, que veio dois dias antes. Uma sombra de surpresa.

Eu estava tão curiosa que abri a mensagem dele primeiro. Embora não tenha sido breve, ele foi direto ao ponto.

Srta. Stackhouse,

Recebi sua mensagem em minha secretária eletrônica. Tenho viajado para que certos indivíduos não possam me encontrar. Eu tenho muitos amigos, mas também inimigos. Estou observando-a rigorosamente, mas espero que não de forma indiscreta. Você é a única pessoa que conheço que possui tantos inimigos quanto eu. Fiz o melhor que pude para mantê-la um passo à frente daquela cria do inferno Sandra Pelt. No entanto, ela ainda não está morta. Cuidado.

Acredito que você não sabia que eu fui um grande amigo de seu avô, Fintan. Conheci sua avó, embora não muito bem. De fato, conheci seu pai e a irmã, e seu irmão Jason, apesar de ele nunca lembrar já que era tão pequeno. Assim como você, quando a encontrei pela primeira vez.

Todos eles foram decepções, exceto por você.

Penso que deve ter encontrado o cluviel dor, já que captei o termo da cabeça da srta. Amelia quando a vi na loja. Não sei onde sua avó o escondeu, só sei que ela ganhou um, porque eu lhe dei. Se você o descobriu, eu a aconselho a ter muito cuidado quanto ao seu uso. Pense uma, duas, três vezes antes de gastar sua energia. Você pode mudar o mundo, sabe. Qualquer série de eventos, alterada por magia, pode ter repercussões inesperadas na história. Entrarei em contato novamente quando puder, e talvez passe aí para explicar mais claramente. Os melhores votos por sua sobrevivência.

Desmond Cataliades, advogado, seu padrinho.

Como diria Pam, “Foda um zumbi”. O sr. Cataliades, de fato, era meu padrinho, o estranho moreno que visitou Vovó. O que significava aquilo? E ele disse que leu a mente de Amelia. Ele era telepata também? Aquilo não era uma coincidência e tanto? Tive a sensação de que existia um bocado a saber sobre isso, e embora tenha apenas me avisado sobre Sandra Pelt e o uso do cluviel dor, tive a nítida impressão de que estava abrindo caminho para a Grande Conversa Ruim. Reli a mensagem mais duas vezes, esperando extrair algum pedaço sólido de informação sobre o cluviel dor, mas tive que concluir que eu não tinha nada.

Abri o e-mail de Amelia, não sem uma profunda sensação de desconfiança e um resíduo de indignação. O cérebro dela encontrava-se aberto para a colheita, aparentemente.

Amelia tinha um bocado de informação a meu respeito e minhas atividades na cabeça. Embora isso não fosse culpa dela exatamente, resolvi não lhe contar mais segredos.

Sookie,

Sinto muito por tudo. Você sabe que eu não penso antes de agir, e não fiz isso dessa vez. Só queria que ficasse tão feliz quanto eu estou com Bob, acho, e não pensei em como você se sentiria. Estava tentando controlar sua vida. De novo, sinto muito.

Depois que voltamos para casa, fiz mais alguma pesquisa e descobri o cluviel dor. Imagino que um de seus parentes fadas deve ter falado a respeito? Não houve um na terra por centenas de anos. São símbolos de amor das fadas e levam um ano

para serem fabricadas, pelo menos. O cluviel dor concede um desejo ao amado. Acho que é por isso que é tão romântico. O desejo tem que ser pessoal. Não pode ser usado para paz mundial, o fim da fome ou algo assim global. Mas em nível individual, aparentemente, esta magia é tão potente que realmente pode mudar uma vida de forma drástica. Se alguém dá um cluviel dor ao ser amado, é um gesto realmente sério. Não são como flores ou doces. É mais ao nível de um colar de diamantes ou um iate, se joias ou barcos tivessem poderes mágicos. Eu não sei por que você precisa saber a respeito de símbolos de amor das fadas, mas se viu um, viu algo incrível. Acho que os fae não conseguem mais produzi-las.

Espero que algum dia você me perdoe e talvez, então, eu ouça a história.

Amelia.

Percorri com o dedo a suavidade daquele objeto perigosíssimo que tinha em mãos, e estremeci. Alerta, alerta e mais algum alerta.

Fiquei sentada na escrivaninha por mais alguns minutos, perdida em pensamentos. Quanto mais conhecia a natureza das fadas, menos confiava nelas. Ponto. Inclusive Claude e Dermot (e especialmente Niall, meu bisavô; parecia que eu estava sempre prestes a lembrar de algo sobre ele, algo realmente problemático). Sacudi a cabeça com impaciência. Não era hora de me preocupar com isso.

Embora eu tenha evitado admitir tanto quanto possível, tinha que encarar fatos desagradáveis. O sr. Cataliades, através da amizade com meu avô biológico, teve mais a ver com minha vida do que eu havia imaginado, e só estava revelando aquilo agora por razões que eu não conseguia compreender. Quando conheci o advogado demônio, ele nem tinha piscado em reconhecimento.

De algum modo, tudo estava interligado, e se somava à profunda desconfiança a respeito de meus parentes fadas. Eu acreditava que Claude, Dermot, Fintan e Niall me amaram tanto quanto podiam (para Claude, seria uma quantidade bem pequena, porque ele amava a si mesmo mais do que tudo). Mas eu não sentia que era um amor saudável. Embora o adjetivo tenha me feito encolher e pensar em Wonder Bread*, era a única que se ajustava.

Como uma espécie de corolário para meu crescente entendimento da natureza fada, eu não duvidava mais da palavra de minha avó. Ao contrário, eu acreditava que Fintan amou minha avó Adele mais do que ela jamais imaginou e, de fato, adorou-a além dos limites da imaginação humana. Ele esteve com ela com muito mais frequência do que ela sabia, às

---

* Marca de pão de fôrma, no original “wholesome love” – amor saudável, diz respeito ao slogan do produto.

vezes sob a aparência do marido para estar em sua presença. Ele tirou fotos de família com ela; observou-a em seus afazeres diários; provavelmente (estremecimento!) fez sexo com ela, disfarçado de Mitchell. Onde meu verdadeiro avô esteve enquanto tudo isso acontecia? Ele ainda ficou presente em seu corpo, mas inconsciente? Esperava que não, mas eu nunca saberia. Não tinha certeza se realmente queria saber.

Por causa de sua devoção, Fintan deu à minha avó o cluviel dor. Talvez pudesse ter salvado a sua vida, mas eu não acreditava que ela tivesse alguma vez pensado em usá-lo. Talvez sua fé excluísse uma crença sincera no poder de um objeto mágico.

Vovó guardou sua carta de confissão e o cluviel dor na gaveta secreta, anos atrás, para mantê-las seguras dos olhos curiosos dos dois netos que estava criando. Eu tinha certeza que, depois que escondeu os itens que a faziam se sentir tão culpada, ela quase esqueceu deles. Imaginei que o alívio de desabafar foi tão bom que ela parou de se preocupar a respeito da memória toda. Deve ter parecido estranho, em contraste com as dificuldades diárias de ser uma viúva criando dois netos.

Talvez (conjeturei) de vez em quando ela pensasse, *Eu realmente devia contar a Sookie onde estão aquelas coisas*. Mas, é claro, sempre achou que teria mais tempo. Nós sempre achamos.

Examinei o objeto liso em minha mão. Tentei imaginar as coisas que poderia fazer com ele. Supostamente devia conceder um desejo, um desejo para alguém que se amasse. Já que eu amava Eric, provavelmente podia desejar que Victor morresse, o que definitivamente beneficiaria meu amado. Pareceu terrível para mim, usar um símbolo de amor para matar alguém, favorecendo Eric ou não. A idéia que veio à mente fez meus olhos se arregalarem. Eu podia tirar a telepatia de Hunter! Ele podia crescer normal! Eu podia neutralizar o involuntário e pesado dom do filho abandonado de Hadley.

Aquilo pareceu uma ideia fabulosa. Fiquei encantada por trinta segundos. Então, claro, a dúvida surgiu. Era certo mudar tanto a vida de alguém simplesmente porque eu podia? Por outro lado, era certo deixar Hunter sofrer através de uma infância difícil?

Eu podia *me* mudar.

Foi uma ideia tão chocante que quase me fez desmaiar. Simplesmente não conseguia pensar a respeito agora. Tinha que me preparar para a Operação Victor.

Após meia hora, estava pronta para ir.

Dirigi até o Fangtasia, tentando manter a cabeça vazia e o espírito feroz (Esvaziar minha mente talvez fosse fácil demais. Descobri tanta coisa nos últimos dias que eu mal sabia quem era agora. E isso me deixou bem zangada, então ferocidade foi fácil também). Acompanhei cantando cada música no rádio e, porque tinha uma voz terrível, fiquei feliz por estar sozinha. Pam não consegue cantar também. Eu estava pensando um bocado nela enquanto dirigia, perguntando-me se sua Miriam estava viva ou morta, lamentando por minha melhor amiga vampira. Pam era tão durona, forte e implacável que eu nunca considerei seus sentimentos mais delicados até os últimos dias. Talvez fosse por isso que Eric escolheu Pam quando quis um filho; ele sentiu que tinham coisas em comum.

Eu não duvidava que Eric me amava, assim como sabia que Pam amava sua adoentada Miriam. Mas não sabia se Eric me amava o suficiente para desafiar todos os arranjos de seu criador, o suficiente para desistir da ascensão de poder, status e lucro que ganharia como consorte da Rainha de Oklahoma. Eric gostaria de ser um Sooner*? Enquanto navegava por Shreveport, me perguntei se vampiros de Oklahoma usavam botas de cowboy e conheciam todas as canções do musical. Perguntei-me por que estava pensando em coisas tão idiotas quando devia me preparar para uma noite bem miserável, uma noite à qual eu podia não sobreviver.

Julgando pelo estacionamento, o Fangtasia estava congestionado. Fui para a entrada dos funcionários e bati, usando um padrão especial. Maxwell abriu a porta, parecendo absolutamente elegante num belo terno cor de bronze. Vampiros de pele escura passam por uma mudança interessante algumas décadas depois de serem transformados.

Se eles foram de uma cor bem escura na vida, tornam-se marrom-claros, tipo chocolate ao leite. Quem teve pele mais clara se torna uma espécie de bege cremoso. Mas Maxwell Lee não estava morto há tanto tempo assim. Ele ainda era um dos homens mais negros que eu já vi, da cor do ébano, e seu bigode era exato, como se o tivesse aparado com uma régua na mão. Nós nunca fomos muito chegados, mas esta noite seu sorriso foi quase maníaco de animação.

— Srta. Stackhouse, estamos tão felizes por você aparecer esta noite — disse em voz alta. — Eric ficará satisfeito por vê-la tão—tão apetitosa.

Eu aceito cumprimentos quando recebo, e “apetitosa” não era ruim. Estava usando um vestido sem alças azul-céu com um cinto branco largo e

---

*Referência ao Oklahoma Sooners, time da Universidade de Oklahoma.

sandálias brancas (eu sei que sapatos brancos supostamente fazem seus pés parecerem grandes, mas os meus não são, então não liguei). Meus cabelos estavam soltos. Sentia-me muito bem. Estendi um pé para que Maxwell pudesse admirar o pedicure feito por mim mesma. Rosa Carnal Apimentado.

— Viçosa como uma margarida — disse Maxwell. Ele abriu o paletó para mostrar que carregava uma arma. Lancei-lhe um grande olhar de admiração. Carregar uma arma de fogo não era a norma de um vampiro, e podia ser meio inesperado.

Colton e Audrina vieram em meus calcanhares. Audrina prendera os cabelos com o que pareciam ser pauzinhos e carregava uma bolsa enorme, quase tão grande quanto a minha. Colton estava armado também, porque vestia uma jaqueta e, numa noite abafada como aquela, humanos simplesmente não usavam jaquetas se pudessem evitar. Apresentei-os a Maxwell e, após uma troca educada de palavras, eles entraram devagar pelo vestíbulo e dentro do clube.

Encontrei Eric no escritório, sentado atrás da escrivaninha. Pam estava sentada sobre a mesa e Thalia no sofá. Cara! Me senti mais confiante ao ver a pequena e velha vampira grega. Thalia foi transformada há tanto tempo atrás que não restavam mais traços de humanidade. Ela era simplesmente uma fria máquina de matar. Ela juntou-se relutantemente aos vampiros que se revelaram, mas desprezava humanos com uma minúcia e ferocidade que a tornaram uma espécie de figura cult.

Um website ofereceu cinco mil dólares para o homem ou mulher que conseguisse tirar uma fotografia de Thalia sorrindo. Ninguém jamais conseguiu, mas esta noite eles poderiam. Ela sorria agora. Era aterrorizante como o inferno.

— Ele aceitou o convite — Eric disse sem preâmbulos. — Estava apreensivo, mas não consegui resistir. Eu disse que podia ficar à vontade e trazer quantas pessoas de seu grupo ele desejasse, para que pudessem compartilhar da experiência.

— Era a única maneira de fazer isso — respondi.

— Acho que você está certa — disse Pam. — Acho que ele trará apenas alguns, porque vai querer nos mostrar o quanto está confiante.

Mustapha Khan bateu à porta. Eric lhe acenou.

— Bill e Bubba estão fazendo uma parada no beco há dois quarteirões — ele disse, mal olhando para o resto de nós.

— Para quê? — Eric estava surpreso.

— Hã... alguma coisa sobre gatos.

Todos nós desviamos os olhares, embaraçados. A tara de Bubba não era algo sobre a qual os vampiros quisessem falar.

— Mas ele está animado? De bom humor?

— Sim, Eric. Ele está tão feliz quanto um pastor no Domingo de Páscoa. Bill levou-o para dar uma volta num carro antigo, um passeio a cavalo e então ao beco. Eles devem chegar aqui em tempo. Falei a Bill que telefonaria quando Victor chegasse.

Até lá, o Fangtasia estaria fechado ao público. Embora o feliz e esbanjador público no local não soubesse, esta noite, o rei do rock'n'roll cantaria novamente para o Regente da Louisiana. Quem poderia recusar um convite para tal evento?

Não o fanzoca Victor, isso com certeza. O modelo de papelão no Beijo do Vampiro foi a grande pista. É claro que Victor tentou fazer Bubba ir ao próprio clube, mas eu sei que Bubba não quis ir ao Beijo do Vampiro. Ele queria ficar com Bill e, se Bill dizia que o Fangtasia era o lugar para estar, era o que Bubba insistiria em fazer.

Ficamos sentados em silêncio, apesar do Fangtasia nunca ficar realmente silencioso. Podíamos ouvir a música da área no bar, e o murmúrio de vozes. Era quase como se os clientes pudessem sentir que esta era uma noite especial, que todos eles tinham motivo para celebrar... ou fazer um último brinde antes de perecer.

Embora sentisse que me colocaria a um passo da catástrofe, eu trouxe o cluviel dor. Estava enfiado em meu cinto atrás da enorme fivela. Ele pressionava minha carne com insistência.

Mustapha Khan se posicionara contra uma parede. Ele estava bem envolvido em sua fantasia de Blade esta noite, com óculos escuros, jaqueta de couro e um belo corte de cabelo. Me perguntei onde estaria seu amigo Warren. Finalmente, por puro desespero atrás de uma conversa, eu perguntei.

— Warren está do lado de fora do clube, no telhado do *Bed Bath & Beyond*. — Mustapha Khan não virou o rosto para me encarar quando falou.

— Pra quê?

— Ele é um atirador.

— Nós aperfeiçoamos sua ideia um pouco — disse Eric. — Se alguém sair pela porta, Warren cuidará dele. — Ele estava afundado em sua cadeira

com os pés sobre a mesa. Pam não tinha olhado para mim desde que entrei. De repente, me perguntei por quê.

— Pam? — falei. Levantei e dei um passo na direção dela.

Ela sacudiu a cabeça, desviando o rosto.

Não consigo ler mentes vampiras, mas eu não precisava. Miriam morreu hoje. Vendo a postura dos ombros de Pam, achei melhor não dizer nada. Ia contra minha natureza voltar para o meu lugar sem lhe oferecer conforto, um lenço, algumas palavras de consolo. Mas seria da natureza de Pam atacar, se eu oferecesse essas coisas.

Toquei meu cinto, onde o cluviel dor apertava meu estômago. Poderia desejar que Miriam voltasse a viver? Imaginei se isso satisfaria o pré-requisito de que o desejo devia ser para alguém que eu amava. Eu gostava muito de Pam, mas isso não seria indireto demais?

Era como se tivesse uma bomba amarrada em mim.

Ouvi o som trêmulo do gongo. Eric instalou um no bar e o bartender o tocava quinze minutos antes de fechar. Eu nem sabia quem se encarregara das tarefas no bar desde que Felicia foi morta por Alexei. Talvez não tenha me interessado o bastante, ultimamente, pelos negócios de Eric. Por outro lado, ele mesmo estava distraído de seu interesse normal por seu pequeno reino com os ataques de Victor. Percebi que falta de conversa sobre coisas ordinárias era um de nossos problemas. Eu esperava que pudéssemos corrigir isso.

Levantei e segui pelo corredor até a área principal do bar. Não aguentava mais ficar sentada no escritório de Eric, não com Pam sofrendo do modo como estava.

Avistei Colton e Audrina dançando na pista minúscula, abraçados. Immanuel estava sentado no balcão do bar, e eu ocupei o banco ao lado dele. O bartender veio parar na minha frente. Era um sujeito musculoso com cachos descendo em cascata pelas costas, colírio total. Um vampiro, é claro.

— O que posso lhe servir, esposa de meu xerife? — ele perguntou cerimoniosamente.

— Pode me servir tônica com limão, por favor. Desculpe, não tive chance de conhecê-lo antes. Qual é o seu nome?

— Jock — ele respondeu, como se estivesse me desafiando a fazer uma piada. Eu nem sonharia com isso.

— Quando começou a trabalhar, Jock?

— Vim de Reno quando o último bartender morreu — disse. — Trabalhei para Victor lá.

Perguntei-me para que lado Jock pularia esta noite. Interessante ver.

Eu não conhecia bem Immanuel—de fato, mal o conhecia. Mas dei um tapinha em seu ombro e perguntei se podia lhe pagar um drinque.

Ele se virou e lançou um longo olhar para o meu cabelo, finalmente acenando sua aprovação. — Claro — respondeu. — Eu gostaria de outra cerveja.

— Sinto muito — falei em voz baixa, depois que pedi a Jock que trouxesse uma cerveja para Immanuel. Imaginei onde estaria o corpo de Miriam agora; na funerária, supus.

— Agradeço — ele respondeu. Após um instante, disse: — Pam ia fazer esta noite, sem permissão. Isto é, transformar Miriam. Mas Mir só... deu um último suspiro e então se foi.

— Sua mãe e seu pai...?

Ele sacudiu a cabeça. — Éramos apenas eu e ela.

Realmente não havia nada a dizer a respeito daquilo.

— Talvez você devesse ir para casa? — sugeri. Ele não se parecia muito com um lutador para mim.

— Acho que não — disse.

Eu não podia obrigá-lo a ir embora, então bebi minha tônica com limão enquanto todos os clientes humanos partiam. O bar ficou silencioso e relativamente vazio. Indira, uma das vampiras de Eric, surgiu vestindo um sari completo. Eu nunca a tinha visto antes em trajes tradicionais, e a estampa rosa e verde era realmente charmosa.

Jock lançou-lhe um olhar de admiração. Thalia e Maxwell vieram dos fundos e movimentaram-se ao redor do clube junto com os funcionários humanos, ocupados limpando o lugar para a festa de mais tarde. Eu ajudei também. Era um serviço que eu estava acostumada a fazer. As mesas ao redor da pequena pista de dança e do palco foram afastadas, e duas filas de cadeiras foram arrumadas no lugar. Maxwell trouxe uma espécie de caixa de som sofisticada. A música de Bubba. Depois que varri a pista e o palco, saí do caminho e voltei para meu banquinho no bar.

Heidi, cuja especialidade era rastreamento, entrou com os cabelos em tranças finas. Esbelta e simples, Heidi sempre carregava um ar de tristeza ao seu redor, como uma nuvem. Eu não tinha idéia do que ela faria esta noite quando a merda atingisse o ventilador.

Enquanto Jock arrumava os suprimentos no lado dele do balcão, Colton e Audrina se aproximaram. Jock pareceu surpreso ao ver humanos que ele não conhecia. A presença deles tinha de ser explicada; eu não queria que Jock ficasse desconfiado. Falei: — Colton, Audrina, conheçam Jock. Jock, estas duas pessoas adoráveis concordaram em doar, caso Victor queira hospitalidade local. Claro, esperamos que isso não aconteça no estabelecimento, mas Eric não quer falhar em suas boas-vindas.

— Boa ideia — disse Jock, olhando Audrina apreciativamente. — Não podemos dar ao regente menos do que ele espera.

— Não. — Ou menos do que ele merece.

Quarenta e cinco minutos depois, o lugar parecia muito bem outra vez, e o último funcionário humano saiu pela porta dos fundos. Os únicos vivos a permanecerem eram Colton, Audrina, Immanuel, Mustapha Khan e eu (definitivamente tive essa visível sensação). Os vampiros de Shreveport que eu conhecia desde que comecei a sair com Bill se juntaram: Pam, Maxwell Lee, Thalia, Indira. Eu conhecia todos eles até certo ponto. Victor ficaria imediatamente alerta se todos os vampiros de Eric estivessem ali, ou se fossem todos os pesos-pesados. Então Eric chamou o pequeno ninho de Minden: Palomino, Rubio Hermosa e Parker Coburn, os exilados do Katrina. Eles entraram parecendo infelizes, mas resignados. Encostaram-se contra a parede, de mãos dadas. Era meio que adorável, mas triste também.

A jukebox foi desligada. O quase silêncio foi instantaneamente opressivo.

Embora o Fangtasia se localizasse numa área movimentada com shoppings e restaurantes, a esta hora—mesmo durante a semana—não havia muito barulho da cidade do lado de fora. Ninguém sentia vontade de conversar. Eu não sabia que tipo de pensamentos ocupava as outras cabeças, mas estava considerando o fato de que eu podia morrer nesta mesma noite. Lamentei pelo chá de bebê, mas tinha arrumado as coisas do melhor jeito que pude. Lamentei por não ter conseguido falar com o sr. Cataliades e ter tudo definido na cabeça, toda aquela informação nova que mal tive tempo de assimilar. Estava feliz por ter dado o dinheiro a Sam, e lamentei por não poder ser franca com ele sobre por que precisou ser feito naquele dia. Esperava que, se eu morresse, Jason se mudasse de volta para a antiga casa, que se casasse com Michele e criassem os filhos lá. Minha mãe, Michelle-com-dois-L, foi completamente diferente da Michele-com-um-L de Jason, ao menos julgando por minhas memórias de infância, mas

ambas eram parecidas no que diz respeito a amar Jason. Lamentei por não ter lhe dito que o amava da última vez em que conversamos.

Eu lamentava sobre muitas coisas. Meus erros e ofensas amontoavam-se ao redor.

Eric aproximou-se e virou-me no banquinho para que pudesse me abraçar. — Desejava que você não tivesse que estar aqui — disse. Era toda a conversa que podíamos ter com Jock nos ouvindo. Inclinei-me contra o corpo frio de Eric, a cabeça descansando em seu peito silencioso. Eu podia nunca mais conseguir fazer isso novamente.

Pam veio sentar-se ao lado de Immanuel. Thalia ficou carrancuda, o que era sua expressão de retraimento, e virou as costas para todos nós. Indira sentou-se com os olhos fechados, as dobras graciosas de seu sari fazendo-a parecer uma estátua do Píer 1. Heidi olhou seriamente para cada um de nós, e sua boca retraiu-se numa linha sombria. Se ela estava se preocupando sobre Victor, imaginei que permaneceria ao lado de Jock, mas nunca a vi falar com ele.

Maxwell aparentemente ouviu uma batida na porta dos fundos, inaudível para meus ouvidos humanos. Ele correu e voltou para dizer a Eric que Bill e Bubba tinham chegado. Eles ficariam no escritório até o momento chegar.

Pouco tempo depois disso, ouvi carros estacionando diante do clube.

— Hora do show — disse Pam e, pela primeira vez naquela noite, sorriu.

Capítulo 15

Luis e Antonio vieram primeiro. Estavam nitidamente apreensivos. Era como assistir a um seriado policial na televisão; eles entraram depressa, separando-se imediatamente para flanquear a porta. Eu quase sorri e Immanuel de fato sorriu, o que não era uma boa ideia. Por sorte, humanos são as últimas criaturas com quem vampiros vão se preocupar, quando estão antecipando encrenca. Os dois vampiros bonitões, vestidos com jeans e camisetas ao invés das sungas de couro, rapidamente vistoriaram o clube, checando lugares onde outros vampiros pudessem se esconder. Teria sido uma severa quebra de etiqueta exigir buscas corporais, mas podia se notar que estavam fulminando cada vampiro local por armas ou estacas. Maxwell teve que entregar sua arma, o que fez sem nenhum protesto. Ele esperava por isso.

Após um exame minucioso no local e uma reverência a Eric, Luis tirou a cabeça para fora para dar o sinal de tudo-limpo.

O resto do séquito de Victor entrou em ordem de menor importância: o casal humano com quem ele esteve no Beijo do Vampiro (Mark e Mindy), dois jovens vampiros cujos nomes eu nunca soube, Ana Lyudmila (que parecia bem melhor sem sua fantasia sado-masô), e um vampiro que nunca vi, um sujeito asiático com pele de marfim e cabelo cor de azeviche preso num nó complicado. Ele pareceria ótimo em trajes típicos, mas ao invés disso usava jeans e colete preto, sem camisa ou sapatos.

— Akiro — disse Heidi num sussurro respeitoso. Ela se aproximou mais de mim, e sua tensão aumentou também.

— Você o conhece de Nevada?

— Oh, sim — ela respondeu. — Não sabia que Victor o tinha chamado. Ele finalmente substituiu Bruno—e Corinna também. Mostra o quanto a reputação de Akiro é boa. — Já que agora ele era oficialmente o tenente, era permitido para Akiro estar abertamente armado. Ele carregava uma espada, igual à outra vampira asiática que conheci (pensando bem, ela foi guarda-costas também). Akiro parou no centro do salão, consciente de todos os olhares sobre si, com o rosto frio e severo, e olhos implacáveis.

E então Victor fez sua entrada, esplêndido num terno branco de três peças.

— Bom Deus Todo-poderoso — falei inexpressiva, não ousando encontrar os olhos de ninguém. Os cachos escuros de Victor foram cuidadosamente arrumados e a orelha furada era decorada por um grande brinco de argola de ouro. Os sapatos eram belamente pretos. Victor era uma viagem. Quase dava pena tentar destruir toda aquela beleza, e desejei que ele não estivesse tão determinado a arruinar nossas vidas. Coloquei minha bolsa sobre o balcão e abri o zíper para ter acesso rápido. Immanuel desceu do banquinho e aproximou-se da parede, com os olhos fixos nos recém-chegados. Heidi tomou o lugar dele enquanto Victor e seu grupo entravam no clube.

Apesar de meus olhos estarem fixos em Victor, me senti obrigada a falar com Heidi, já que ela se empoleirou ao meu lado por alguma razão. — Como está o seu filho? — perguntei, como se faz quando sabe que alguém tem um ser amado.

— Eric fez uma oferta para me deixar trazê-lo para cá — disse Heidi, cuidadosamente mantendo os olhos nos visitantes.

— São notícias muito boas — respondi, e falava sério. Mais uma ao nosso lado.

Nesse meio tempo, a recepção seguia em frente devagar.

— Victor — disse Eric. Ele deu um passo à frente no centro, a uns cuidadosos dois metros de distância do regente. Era esperto o bastante para não dar a Victor completas boas-vindas, já que seria uma grande dica de que algo ruim estava prestes a acontecer. — Bem-vindo ao Fangtasia. Estamos contentes por ter a chance de entretê-lo. — Eric fez uma reverência. O rosto de Akiro permaneceu inexpressivo, como se Eric não estivesse ali.

Ainda parado e rodeado por Luis e Antonio, Victor inclinou a cabeça cacheada. — Xerife, apresento-lhe meu novo braço direito, Akiro — disse com um sorriso ofuscante. — Akiro concordou recentemente em se mudar de Nevada para a Louisiana.

Eric disse: — Eu dou as boas-vindas à Louisiana a um vampiro tão conhecido como Akiro. Tenho certeza de que você será um grande acréscimo ao pessoal do regente. — Eric conseguia ser tão impassível quanto o vampiro ao lado.

Akiro tinha que reconhecer o cumprimento de um xerife que possuía um posto mais alto na cadeia alimentar, mas era possível notar que ele não queria. Sua reverência foi um milímetro superficial demais.

Vampiros.

Ótimo, pensei, muito incomodada. *Finalmente, Victor substitui seu tenente e melhor lutador. Justo nesse momento.* — Imagino que esse Akiro seja um lutador muito bom, hein? — sussurrei para Heidi.

— Pode se dizer que sim — Heidi respondeu secamente, aproximando-se para cumprimentar seu regente. Todos os vampiros de Eric tiveram que se revezar para oferecer obediência. Jock, o mais novo membro do grupo de Eric, foi o último da fila. Podia se notar que ele estava pronto para beijar o traseiro de Victor, se tivesse alguma chance.

Mindy, com tesão inoportuno, lançou um olhar esperançoso a Jock. Ela era muito burra, mas isso não significava que devia morrer. Imaginei se poderia convencê-la a ir ao toalete das senhoras antes que o momento chegasse. Não. A não ser que fosse ideia dela, tal manobra levantaria suspeita. Olhei para os recém-chegados e tentei me preparar para o que estava por vir.

Isso era particularmente horrível — a espera, o planejamento, saber que eu estava prestes a fazer meu melhor para matar as pessoas diante de mim. Estava olhando em seus olhos e esperando que morressem na hora seguinte. Era assim que soldados se sentiam? Eu não estava tão agitada quanto pensei que estaria; estava suspensa numa estranha calma, talvez porque, agora que Victor tinha chegado, nada podia deter o que ia acontecer.

Quando Victor indicou que estava satisfeito com as acolhidas ao ocupar a cadeira central, Eric disse a Jock que trouxesse drinques a todos. Todos os vampiros forasteiros esperaram que Luis bebesse de um copo que escolheu ao acaso da bandeja. Depois que Luis sobreviveu por vários minutos, todos os recém-chegados escolheram copos e, um por um, deram alguns goles. A atmosfera ficou bem mais leve depois disso, porque os drinques estavam absolutamente limpos: sangue sintético quente, de marca premium.

— Você segue a lei ao pé da letra aqui no Fangtasia — Victor observou. Ele sorriu para Eric. Mindy estava entre eles e inclinava-se sobre o ombro de Victor, com a própria Coca Diet com rum diante de si. Seu marido, Mark, à esquerda de Victor, não parecia estar se sentindo bem. Sua cor estava ruim e ele parecia apático. Quando vi a marca de presas em seu pescoço, me perguntei se Victor se excedera. Mindy não parecia preocupada.

— Sim, Regente — respondeu Eric. Ele retribuiu o sorriso, tão sincero quanto, e não se explicou.

— Sua linda esposa?

— Está presente, é claro — disse Eric. — O que seria da noite sem ela?

— Eric acenou para que eu me aproximasse, e Victor levantou o copo em apreciação à minha aparência. Eu consegui parecer satisfeita.

— Victor — falei. — Estamos tão contentes por você poder vir esta noite. — Não tentei mencionar mais do que “contente”. Victor não esperaria que eu fosse tão boa em ocultar meus sentimentos assim como Eric, e não lhe daria razão para pensar o contrário.

É claro que Eric não quis que eu estivesse ali. Ele deixou claro que uma humana frágil não devia estar por perto quando vampiros estavam lutando. Em teoria, eu concordava. Eu teria preferido ficar em casa—mas estaria preocupada a cada segundo. O ponto final em meu argumento foi que Victor ficaria definitivamente alerta se minha ausência fosse notada, o que teria sido um sinal claro de que Eric estava prestes a fazer algo. Eric não pôde negar aquilo quando mencionei em nossa reunião.

Akiro posicionou-se atrás da cadeira de Victor. Hmmm, incômodo. Tentei pensar no que podia fazer a respeito daquilo. Pam estava atrás da cadeira de Eric.

Quando Eric me chamou, eu sorri e me juntei a ele com a bolsa a tiracolo. Colton e Audrina se misturaram aos bastidores, carregando bandejas de drinks ao redor do clube.

Para meu espanto, Heidi ajoelhou-se num pé junto à minha cadeira, sua postura indicando atenção vigilante. Eric fitou-a, mas não fez comentários.

Heidi estava adotando uma posição como se Eric tivesse lhe ordenado que me protegesse durante o que podia ser uma visita delicada. Fitei-a, mas ela não encontrou meus olhos. Sim, foi exatamente o que aconteceu. Pelo menos, isso estava dentro do âmbito “normal” e não faria necessariamente os visitantes se preocuparem.

— Bill — Eric chamou. — Estamos prontos!

E Bill surgiu do corredor dos fundos, sorrindo—um largo sorriso totalmente atípico—e parando com um braço estendido na direção do salão (tah-DAH!) para anunciar a entrada de Bubba.

E que entrada! Colocou a de Victor no chinelo.

— OhmeuDeus — murmurei. Bubba estava usando um macacão vermelho que alguém costurou com um Bedazzler*; tinha joias falsas e

* Máquina portátil para pregar lantejoulas, pedrarias, etc.

lantejoulas por todo lado, e o cabelo foi modelado num incrível topete. Ele usava botas pretas e anéis enormes. Dava aquele incrível sorriso enviesado, que fez mulheres desmaiarem no mundo todo, e acenava como se houvesse milhares de nós ao invés de um punhado. Bill parou junto à caixa de som que Maxwell arrumara e, quando Bubba saltou no minúsculo palco e nos agradeceu, as luzes se apagaram. Bill ligou a música—“Kentucky Rain”.

Era incrível. O que eu posso dizer?

Victor estava totalmente fascinado, ou como alguém perpetuamente cauteloso pode ficar. Victor inclinou-se para frente—Mindy e Mark esquecidos, os outros vampiros esquecidos—para absorver a experiência. Afinal, ele tinha Akiro para cuidar dele. E Akiro estava trabalhando, sem dúvida. Seus olhos nunca se fixavam em Bubba, mas varriam o salão. Luis e Antonio haviam se posicionado na entrada, protegendo as costas de Akiro, e os olhos dos guarda-costas faziam um exame de 180 graus do resto do clube enquanto ele permanecia atrás de Victor.

Assim que Bubba inclinou-se para o aplauso, que foi ensurdecedor do modo como uma pequena plateia era capaz, Bill começou a música de novo. Dessa vez, nós ouvimos “In the Ghetto”.

Lágrimas vermelhas escorreram pelo rosto de Victor. Olhei por sobre o ombro para ver Luis e Antonio arrebatados. Os dois vampiros sem nome encontravam-se perto de Bill, com os braços cruzados, assistindo ao show.

Ana Lyudmila aparentemente não era uma amante de música. Ela parecia entediada, sentada na ponta do banco em uma das cabines perto da entrada. Pude vê-la por cima do ombro de Mark. Thalia, que tinha a metade do tamanho de Ana Lyudmila, aproximou-se furtivamente dela e silenciosamente ofereceu-lhe uma bandeja carregada com mais drinques. Ana Lyudmila assentiu graciosamente, escolheu um, e deu um grande gole. Após um segundo, na qual sua expressão demonstrou absoluto horror, ela desabou. Thalia pegou a garrafa escorregando dos dedos de Ana Lyudmila. A letal e anciã vampira silenciosamente empurrou o corpo frouxo para o fundo da cabine e virou-se para olhar o palco, posicionando-se de modo a bloquear as pernas esparramadas de Ana Lyudmila. O episódio todo demorou menos de trinta segundos. Eu não tinha ideia do que havia no drinque; algum tipo de prata líquida? Aquilo era possível? Aquele pequeno subplano dependia de um dos vampiros ser neutralizado fora da vista dos outros e, felizmente para nós, deu certo.

Menos um. Queríamos remover o máximo possível antes mesmo da luta começar.

Palomino, cujos cabelos pálidos e pele dourada adorável eram extraordinários, conseguiu se aproximar de Antonio de forma casual. Ela chamou a atenção de Antonio e sorriu, mas tomou o cuidado de não exagerar.

Minha bolsa estava no chão, no pequeno espaço entre minha cadeira e a de Eric. Enfie a mão na abertura e tirei uma estaca bem afiada. Empurrei-a na mão de Eric à espera. Após um instante, inclinando-me contra seu ombro para ocultar o movimento, afrouxei na vertical para lhe dar espaço.

Maxwell Lee, posicionado junto à porta dos fundos para o escritório, tirou o paletó e dobrou-o cuidadosamente. Apreciei seu cuidado com as roupas, mas era como um sinal de que estava prestes a entrar em ação. Ele pareceu perceber, porque se sentou na ponta de uma cabine depois disso.

Bubba era cativante quando se fixava em músicas do tipo baladas, mas em seu número seguinte ele escolheu “Jailhouse Rock” e, de algum modo, um toque de tristeza pareceu inundar a performance. Apesar da transição para o vampirismo ter aliviado todas as suas enfermidades, ele ainda morreria numa condição física ruim, e ainda demonstrava as marcas da idade. Agora que ele estava cantando um número dançante, o efeito era levemente patético. Vi a plateia começar a perder a concentração na performance.

Mudar o tom foi um erro, algo que não conseguimos antecipar.

Pude sentir o braço de Eric se enrijecer ao meu lado e então, com a velocidade de uma cobra dando o bote, ele inclinou-se à frente para empurrar Mindy Simpson para a sua esquerda, o braço direito levantado, e girou para enfiar a estaca no peito de Victor. Como um ataque de cobra foi perfeito. Eric teria atingido exatamente o alvo se Akiro, com uma velocidade igualmente aterrorizante, não tivesse sacado a espada e golpeado assim que Eric se moveu.

Mindy Simpson estava condenada a estar no lugar errado no momento errado. A espada de Akiro atingiu seu ombro durante a passagem para o braço de Eric e simplesmente a cortou, seus ossos e carne retardando a lâmina mortífera quase por tempo suficiente para Eric escapar.

Todo o inferno irrompeu.

Mindy gritou e morreu em segundos, e a quantidade de sangue era simplesmente incrível. Enquanto ela morria, muitas coisas aconteceram

quase simultaneamente. Enquanto Mark ainda estava boquiaberto, Victor tentou se livrar do corpo tombado e sangrento de Mindy, Akiro tentou retirar a espada, e Eric moveu-se para baixo e para frente, evitando outro golpe da espada. O braço de Eric estava sangrando, mas graças ao bloqueio acidental de Mindy ainda se mexia. Fiquei de pé e mergulhei para trás, para sair do caminho, derrubando minha cadeira e cravando-a direto em Luis, que se lançava à frente para proteger seu mestre. Eu estraguei a trajetória de Luis e nós terminamos amontoados no chão. Felizmente para mim, ele estava focado demais na parte vampira da luta para me considerar perigosa de todo, e simplesmente me usou como trampolim para se soltar.

Não que isso tenha sido bom exatamente, mas não foi fatal.

Consegui ficar agachada e tentei pensar no que fazer em seguida. Sob as luzes fracas, não era fácil decidir o que estava acontecendo. Um par lutando perto das portas do clube revelou ser Palomino e Antonio, e uma pequena figura voando pelo ar deve ter sido Thalia. Ela pretendia aterrissar nas costas de Akiro, mas ele se virou no último segundo—incrivelmente rápido—e, ao invés disso, ela atingiu seu peito, desequilibrando-o. Sua espada não era uma arma para combate próximo, não com Thalia fazendo seu melhor para lhe rasgar a garganta com os dentes.

Mark Simpson cambaleou para longe do corpo da esposa e dos vampiros combatentes, dizendo “Oh meu Deus, oh meu Deus” sem parar. Mas ele conseguiu se proteger atrás do bar, onde apanhou uma garrafa e começou a tentar encontrar alguém para atingir. Senti que podia lidar com Mark Simpson e fiquei de pé.

Colton cuidou disso antes que eu pudesse chegar lá. Ele apanhou sua própria garrafa e cravou-a na parte de trás da cabeça de Mark Simpson que cambaleou e foi ao chão.

Enquanto Thalia mantinha Akiro ocupado, Eric e Pam partiram para cima de Victor. Não existe jogo justo em briga de bar. Eles atacaram em dupla.

Com precisão, Maxwell Lee enfiou uma estaca em Antonio pelas costas enquanto este lutava com Palomino.

Eu podia ouvir Bubba gritando de forma agitada. Cheguei ao palco e peguei-o pelo braço.

— Ei, está tudo bem — falei. Com tantas pessoas gritando, eu não tinha certeza se ele me ouviu, mas depois de repetir umas vinte vezes, ele parou de gritar (obrigada, Deus) e disse: — Srta. Sookie, eu quero sair daqui.

— Claro — falei, tentando manter minha própria voz calma e normal quando eu queria gritar também. — Vê aquela porta lá? — Apontei para a porta que dava para o resto do clube, o escritório de Eric e assim por diante. — Vá até lá e espere. Você foi ótimo, simplesmente ótimo! Bill voltará para lá direto, eu tenho certeza.

— Está bem — ele respondeu tristemente, e vi sua silhueta mover-se contra a luz fraca vinda da porta aberta. Eu finalmente localizei Bill, escolhendo seu caminho através dos combatentes de olho no prêmio. Ele pegou Bubba pelo braço e conduziu-o à segurança, serviço para o qual Bill foi designado. Fiquei orgulhosa de ver que Bill deixou um dos vampiros sem nome morto no chão, já se desintegrando.

Eu estava tão atenta a Bubba que não vi Audrina cambaleiar na minha direção, com as mãos na garganta e sangue escorrendo aos borbotões de um ferimento, até que de fato colidiu comigo, me fazendo cair de joelhos. Não sei qual era seu objetivo—talvez ela estivesse tentando passar por mim até o bar para pegar uma toalha e estancar o fluxo vermelho, talvez só estivesse tentando fugir de seu atacante—mas nunca conseguiu. Ela foi ao chão de corpo inteiro a cerca de um metro de mim, e não havia nada que eu pudesse fazer. Senti o movimento por trás ao tocar o pulso dela, e me joguei para longe do corpo bem a tempo de evitar o golpe do bartender, Jock. Ele possuía excelentes instintos de sobrevivência, indo atrás de mulheres humanas ao invés de vampiros.

Indira, com o sari flutuando, agarrou o braço pesado de Jock e girou-o com força suficiente para lançá-lo contra a parede. Um buraco surgiu na parede e Jock retornou vacilante. Indira jogou-se no chão, estendeu-se entre as pernas dele e agarrou-o.

Gritando, Jock pulou e chutou, mas Indira castrou-o.

Eu tinha uma nova “coisa mais horrível que já vi”.

Sangue verteu de Jock, grosso e escuro, e ele olhou para baixo chocado, enquanto Indira gritava vitoriosa. Com súbita determinação, ele girou os punhos fechados e golpeou-a na lateral da cabeça. Indira saiu voando, e foi a vez dela colidir contra a parede. Ela permaneceu imóvel no chão por um segundo, sacudindo a cabeça como se houvesse moscas voando ao redor. Jock foi para cima dela, mas eu o preendi pelo ombro por tempo suficiente para retardá-lo um pouco e, no momento em que a alcançou, Indira recuperou-se o suficiente para lançar-se de pé e jogar uma dobra do sari

contra o rosto dele para cegá-lo, enquanto pegava a estaca que joguei e o cravava em seu coração.

Jock, eu mal o conheci.

Tentei fazer uma avaliação rápida.

Fora de combate: Jock, Mark e Mindy Simpson, Ana Lyudmila, Antonio, Vampiro Inimigo Desconhecido nº 1. Luis... Para onde ele foi? Ouvi um tiro do lado de fora e percebi que aquilo respondia minha pergunta. Com certeza, Luis voltou correndo para dentro do clube com um ferimento no lado esquerdo do ombro. Mustapha Khan esperava com uma longa faca. Luis lutou furiosamente a despeito do ferimento à bala e tinha uma arma oculta também. Ele extraiu sua própria lâmina e conseguiu cortar Mustapha, mas Immanuel chutou o joelho de Luis por trás e Luis caiu. Rubio tirou vantagem do momento de fraqueza para cravar uma estaca. Embora Mustapha tenha dito, “Ah, inferno”, com grande desgosto, ele inclinou a cabeça para Rubio. Surpreso, Rubio retribuiu o gesto.

Palomino estava tendo problema com Vampiro Inimigo Desconhecido nº 2, que lutava como um demônio. Talvez Palomino não fosse uma combatente tão habilidosa, ou velha, mas estava ensanguentada e enfraquecendo. Parker, que evidentemente não era lá muito briguento, manteve-se atrás de Dois e golpeou-o repetidamente com um furador de gelo que não era muito eficiente, mas obviamente irritante. Dois, um vampiro robusto transformado aos trinta, curava-se apenas para ser perfurado novamente. Eu tinha certeza que doía como o inferno. Parker aparentemente estava assustado demais para chegar perto o bastante e perfurar o coração de Dois. Palomino estava lenta demais por causa dos vários ferimentos para imobilizá-lo. Mustapha, frustrado pela morte de Luis, empurrou Parker para o lado e decapitou Dois com um dramático golpe de sua lâmina.

Agora Akiro e Victor eram os únicos inimigos restantes.

Ambos sabiam que estavam lutando por suas vidas. A boca de Pam estava ensanguentada, mas eu podia notar se o sangue era dela mesma ou de Victor. Senti o cluviel dor pressionado em minha cintura e pensei em tirá-lo, mas no instante seguinte, Akiro conseguiu decepar o braço de Thalia. Thalia agarrou o membro ao cair e usou-o para golpear Akira, e Heidi pulou atrás dele, apunhalando-o no pescoço.

Akiro largou sua espada para tirar a faca do pescoço e eu me intrometi, confiscando a arma para que ele não pudesse recuperá-la. A espada era

longa, e não tão pesada quanto eu antecipei. Afastei-me para longe de suas mãos exploradoras e, nesse instante, Victor jogou Eric contra a parede, derrubou Pam que caiu de costas e jogou-se em cima dela bem na minha frente. Ele mordeu o pescoço dela, com as mãos prendendo seus ombros.

Ela levantou os olhos para mim, o rosto estranhamente calmo. — Faça — disse ela.

— Não. — Eu poderia cortar Pam.

— Faça. — Ela era absolutamente convincente. Suas próprias mãos levantaram-se para agarrar Victor pelos antebraços, prendendo-o.

Eric levantou-se cambaleante, com sangue pingando da cabeça, do braço ferido e da lateral. Ele mordera Victor pelo menos uma vez, a julgar pela boca avermelhada. Encarei Pam, que se prendia ao nosso inimigo com todas as forças. Ela assentiu e virou a cabeça para o lado. Fechou os olhos. Eu desejei poder fazer o mesmo. Tomei fôlego e desferi a espada.

Capítulo 16

Pam arrancou Victor de cima dela e levantou-se. Fiquei com tanto medo de matar Pam que não fiz força suficiente. Não atravessei Victor, embora tenha rompido sua coluna vertebral. A espada prendeu no osso e não consegui removê-la. Horrorizada comigo mesma, com a sensação de cortar Victor, eu recuei e cobri a boca.

Pam arrancou a espada da ferida e decapitou Victor.

— Renda-se — disse Eric ao gravemente ferido Akiro.

Akiro sacudiu a cabeça. A ferida em sua garganta o impedia de falar.

— Tudo bem, então — Eric respondeu, resignado. Ele agarrou a cabeça de Akiro e quebrou seu pescoço. O estalo audível foi profundamente repugnante. Eu virei, com o estômago pesando, enquanto me dizia para sentar e calar a boca. Enquanto Akiro jazia indefeso, Eric cravou-lhe uma estaca.

E terminou. Victor e todos os seus seguidores vampiros—e seguidores humanos também—estavam mortos. Havia vampiros desintegrados o suficiente para mudar a qualidade do ar.

Eu afundei numa cadeira. De fato, perdi o controle das pernas e ocorreu que a cadeira estava debaixo de mim.

Thalia chorava por causa da dor do braço amputado, mas lutava arduamente contra essa demonstração de fraqueza. Indira agachou-se no chão parecendo exausta, mas alegre. Maxwell Lee, Parker e Rubio tinham ferimentos leves. Pam e Eric estavam cobertos de sangue, deles próprios e de Victor. Palomino aproximou-se lentamente de Rubio e abraçou-o, atraindo Parker para o abraço. Colton encontrava-se ajoelhado junto da falecida Audrina, chorando.

Eu nunca mais queria ver outra batalha, grande ou pequena, em minha vida. Fitei meu amante, meu marido, e ele me parecia um estranho. Ele e Pam se encaravam, de mãos dadas e sorrindo através do sangue. Então eles simplesmente desabaram um contra o outro, e Pam começou a rir de um jeito sem fôlego. — Está feito! — ela disse. — Está feito. Estamos livres.

Até Felipe de Castro vir para cima de nós como uma tonelada de tijolos, porque quer saber o que aconteceu ao seu regente, pensei, mas não disse nada. A, eu não tinha certeza se conseguiria. B, já tínhamos nos perguntado o que

aconteceria, mas a opinião de Eric foi de que era melhor pedir perdão do que permissão.

Mustapha estava no celular, que era tão grande quanto um grilo. — Warren, não há razão para você vir, cara — dizia. — O negócio está feito. Bom tiro. É, nós o pegamos.

Parker disse: — Xerife, estamos indo para casa a menos que precise de nós. — O patético rapaz apoiava Palomino, e Rubio estava do outro lado dela. Todos eles estavam bem desgastados de um jeito ou de outro.

— Vocês podem ir. — Eric, lambuzado de sangue, ainda era o governante. — Vocês responderam ao meu chamado e fizeram seu trabalho. Serão recompensados.

Palomino, Rubio e Parker ajudaram-se mutuamente até a porta dos fundos. Pelas suas expressões, eu tinha certeza que esperavam que Eric não os chamassem novamente por um longo, longo tempo, não importa o que a recompensa pudesse ser.

Indira arrastou-se até Thalia para apertar com força o braço amputado contra o ombro de Thalia. Ela segurou-o ali, sorrindo. Indira era a pessoa mais feliz no clube.

— Aquilo vai funcionar? — perguntei a Pam, acenando para a conjunção ombro-braço. Pam estava limpando a espada ensanguentada nas roupas de Akiro. A garganta dele havia quase desaparecido; partes feridas se desintegram mais rápido do que partes intactas.

— Às vezes — ela respondeu, dando de ombros. — Já que Thalia é tão velha, há uma chance. É menos doloroso e demorado do que regeneração.

— Thalia, posso pegar um pouco de sangue para você? — Eu não achava que algum dia seria corajosa o suficiente para me dirigir a Thalia diretamente, mas com certeza podia lhe trazer sangue engarrafado e ficar feliz por fazê-lo. Ela me encarou, com os olhos cheios de lágrimas involuntárias. Era óbvio que estava se forçando a permanecer imóvel.

— Não, a menos que queira doar pessoalmente — disse em seu inglês com sotaque pesado. — Mas Eric não ficaria contente se eu bebesse de você. Immanuel, me dá um gole?

— Tudo bem — ele respondeu. O cabeleireiro magro parecia mais do que um pouco aturdido.

— Você tem certeza? — perguntei. — Você não parece estar no controle de si mesmo.

— Inferno, sim — Immanuel disse, pouco convincente. — O sujeito que matou minha irmã está morto. Estou me sentindo bem.

Ele não parecia, mas tinha certeza que eu também não. Falei tanto quanto podia, então sentei perto de Immanuel, agachado desajeitadamente diante da cadeira de Thalia.

A diferença de altura não estava a favor deles. Thalia colocou o braço bom ao redor do pescoço de Immanuel e afundou as presas sem mais discussão. A expressão no rosto de Immanuel foi de abatida para extasiada. Thalia era uma consumidora barulhenta.

Indira agachou-se ao lado dela no sari encharcado de sangue, pacientemente segurando o membro amputado à sua fonte. Enquanto Thalia bebia, notei que o braço parecia cada vez mais natural. Os dedos se flexionaram. Eu estava espantada, mas era apenas mais um evento extremo durante uma noite cheia deles.

Pam pareceu um pouco desconcertada uma vez que sua celebração de vitória com Eric terminou, e viu que Immanuel oferecia seu sangue a outra pessoa.

Ela perguntou a Mustapha se ele lhe daria um gole, e ele deu de ombros. — Faz parte do trabalho — disse, puxando a camiseta preta e oferecendo o pescoço. Pam parecia incrivelmente branca contra Mustapha, e ele mostrou os dentes numa careta quando ela mordeu. Ele também pareceu mais feliz após um instante.

Eric veio até mim, sorrindo. Eu nunca estive tão indissolúvelmente feliz por nosso vínculo ter se rompido, porque não queria sentir o que ele estava sentindo, nem um pouco. Ele me abraçou, beijou com entusiasmo e tudo que pude sentir foi o cheiro de sangue. Ele estava encharcado. Estava manchando todo o meu vestido, braços e peito.

Após um minuto, ele se afastou, franzindo a testa. — Sookie? — disse. — Você não está se regozijando?

Tentei pensar no que dizer. Me senti uma total hipócrita. — Eric, estou feliz por não termos mais que nos preocupar com Victor. E sei que isso foi o que planejamos. Mas estar cercada por pessoas mortas e pedaços de corpos não é minha ideia de um bom lugar para celebrar, e eu nunca estive menos excitada em toda minha vida.

Seus olhos se estreitaram. Ele não gostou da minha chuva em seu desfile. Compreensível.

E essa era a questão, não? Eu achava tudo isso *compreensível*. Mas ainda detestava, detestava a mim mesma, não estava gostando de ninguém. — Você precisa de um pouco de sangue — falei. — Eu realmente lamento que esteja ferido, então vá em frente e tome um pouco.

— Você está sendo hipócrita e eu vou tomar o sangue — ele respondeu, e atacou.

Doeu. Ele não me fez sentir bem, uma ação quase automática para um vampiro. Lágrimas escorreram por meu rosto sem que eu as desejasse. De uma forma estranha, senti que a dor era merecida, justificada—mas também compreendia que isso foi uma reviravolta em nosso relacionamento.

Nossa relação foi marcada por milhares de reviravoltas, aparentemente.

Então Bill parou ao lado de meu ombro, fitando a boca de Eric em meu pescoço. Sua expressão era complexa: fúria, ressentimento, desejo.

Eu estava pronta para algo simples, e pronta para que a dor parasse. Meus olhos encontraram os de Bill.

— Xerife — disse Bill. Sua voz nunca foi mais fria. Eric contorceu-se, e eu sabia que ele ouvira Bill, sabia que Eric percebera que devia parar. Mas ele não o fez.

Livre-me da letargia e auto-aversão, agarrei o lóbulo de Eric e belisquei com toda a força. Ele se soltou com um ofego. Sua boca estava ensanguentada.

— Bill vai me levar para casa — eu disse. — Conversaremos amanhã à noite. Talvez.

Eric inclinou-se para me beijar, mas eu me afastei. Não com aquela boca ensanguentada.

— Amanhã — Eric respondeu, com os olhos examinando meu rosto. Ele virou-se e chamou: — Atenção, pessoal! Temos que começar a limpar o clube.

Eles resmungaram como crianças que receberam ordens para catar os brinquedos. Immanuel foi até Colton e ajudou-o a se levantar. — Você pode ficar em minha casa — disse Immanuel. — Não é muito longe.

— Não vou dormir — Colton respondeu. — Audrina está morta.

— Vamos atravessar a noite — Immanuel lhe disse.

Os dois rapazes humanos deixaram o Fangtasia, os ombros caídos de exaustão e dor. Imaginei como eles se sentiam a respeito da vingança agora

que foi alcançada, mas sabia que nunca lhes perguntaria. Poderia nunca mais vê-los outra vez.

Bill pousou o braço ao meu redor quando cambaleei um pouco, e me descobri contente por ele estar ali para me ajudar. Eu sabia que não conseguiria dirigir. Encontrei minha bolsa, ainda com algumas estacas guardadas, e tirei as chaves do bolso interno.

— Para onde foi Bubba? — perguntei.

— Ele gosta de perambular pelo velho Civic Auditorium — disse Bill.
— Ele costumava se apresentar lá. Vai cavar um buraco, dormir no chão.

Eu concordei. Estava cansada demais para dizer qualquer coisa.

Bill não falou novamente durante toda a viagem para casa, o que foi uma benção. Olhei através do pára-brisa para a noite escura, imaginando como me sentiria amanhã. Houve um bocado de mortes, e foi tão rápido e sangrento—como assistir um daqueles filmes pornô violentos. Eu assisti alguns segundos de um dos filmes da série *Saw* quando estive na casa de Jason. Aquilo foi suficiente para mim.

Eu acreditava totalmente que Victor causara isso com sua própria intransigência. Se Felipe tivesse colocado outra pessoa a cargo da Louisiana, a catástrofe toda não teria ocorrido. Talvez eu pudesse culpar Felipe? Não, a questão tinha que parar aqui.

— No que está pensando? — disse Bill, enquanto seguíamos pela minha entrada.

— Estou pensando em responsabilidade, culpa e assassinato — disse.

Ele simplesmente assentiu. — Eu também. Sookie, você sabe que Victor fez o possível para provocar Eric.

Estacionamos atrás da casa e virei-me para ele, questionadora, com a mão na maçaneta do carro.

— Sim — disse Bill. — Ele estava fazendo o possível para provocar uma reação em Eric, para que pudesse matá-lo sem ter que se justificar. Foi só por causa de melhor planejamento que Eric sobreviveu e Victor não. Eu sei que você ama Eric. — Sua voz permaneceu calma e fria enquanto dizia isso, e somente as linhas ao redor dos olhos me diziam o quanto aquilo lhe custava. — Você tem que ficar feliz, e talvez amanhã você fique, por esta situação ter acabado da maneira como acabou.

Apertei os lábios por um instante enquanto formava minha resposta.

— Prefiro que Eric esteja vivo a Victor — disse. — É verdade.

— E você sabe que violência era a única maneira de conseguir esse resultado.

Eu até conseguia ver isso. Concordei.

— Então por que a dúvida? — disse Bill. Ele estava buscando minha reação.

Soltei a maçaneta e me virei para encará-lo. — Foi sangrento, horrível, e pessoas sofreram — respondi, surpresa com a raiva em minha voz.

— Você acha que Victor morreria sem sangrar? Acha que o pessoal de Victor não faria o possível para evitar sua morte? Acha que ninguém morreria?

Sua voz estava tão calma e tolerante que eu não fiquei zangada. — Bill, eu nunca acreditei em nenhuma dessas coisas. Não sou ingênua. Mas ver é sempre diferente de planejar.

De repente, fiquei cansada daquele assunto. Aconteceu, estava feito, eu tinha que encontrar um modo de superar. — Você conheceu a Rainha de Oklahoma? — perguntei.

— Sim — ele respondeu, com uma nota distinta de cautela na voz. — Por que pergunta?

— Antes de morrer, Appius aparentemente deu Eric a ela.

Isso chocou Bill. — Tem certeza?

— Sim. Ele finalmente me contou depois que Pam fez tudo, exceto enfiar a mão no traseiro dele e agitar os dedos para fazê-lo falar.

Bill virou-se, mas não antes de eu ver o sorriso que estava tentando reprimir. — Pam é muito determinada quando quer que Eric adote uma linha de ação em particular. Eric lhe contou o que pretende fazer a respeito dessa situação?

— Ele está tentando se livrar, mas evidentemente Appius assinou algo. Quando Appius me disse antes de morrer que eu nunca ficaria com Eric, eu não sabia que significava isso. Achei que ele quis dizer que Eric não desejaria bancar o tolo comigo quando eu envelhecesse e criasse rugas, ou que teríamos uma discussão e terminaríamos ou... Ah, eu não sei. Algo aconteceria para nos separar.

— E agora, algo aconteceu.

— Bem... sim.

— Você sabe que ele terá que deixá-la se casar com a rainha? Eric certamente pode alimentar humanos se casar com a realeza, pode até ter um humano de estimação, mas não pode ter uma esposa.

- Foi o que ele deu a entender.
- Sookie... não faça nada precipitado.
- Eu já rompi o vínculo.

Após uma longa pausa, Bill disse: — Isso é algo bom, porque o vínculo era arriscado para vocês dois. — Não era exatamente novidade.

— Eu meio que sinto falta da conexão — confessei —, mas ao mesmo tempo é um alívio.

Bill não disse nada. Muito cuidadoso.

— Você alguma vez...? — perguntei.

— Uma vez, há muito tempo atrás — disse. Ele não queria falar a respeito.

— Terminou bem?

— Não — respondeu. Sua voz soou vazia e não me encorajou a seguir aquela linha de conversa. — Esqueça, Sookie. Não estou lhe dizendo isso como um antigo amante, mas como amigo. Deixe Eric tomar sua própria decisão a respeito. Não lhe faça perguntas. Embora não suportemos um ao outro, eu sei que Eric tentará fazer o possível para sair dessa situação, simplesmente porque ele ama sua liberdade. Oklahoma é muito bonita, e Eric ama a beleza, mas ele já tem isso em você.

Eu devia estar me sentindo melhor, se conseguia apreciar um cumprimento. Perguntei-me qual era o verdadeiro nome da rainha. Frequentemente, o governante era chamado pelo nome do Estado que governava; Bill não quis dizer que o estado era lindo, mas a mulher que governava suas criaturas noturnas.

Quando eu não respondi, Bill continuou: — Ela também possui muito poder. Isto é, ela possui territórios, súditos, propriedades, dinheiro de petróleo. — E ambos sabíamos que Eric amava o poder. Não poder completo—ele nunca quis ser rei—mas ele amava ser capaz de tomar as decisões em seu próprio distrito.

— Eu entendo o que é o poder — falei. — E entendo que não tenho nenhum. Você quer levar o carro para sua casa, ou deixar aqui e atravessar a floresta?

Ele me entregou as chaves e disse: — Vou pela floresta.

Não havia mais nada a ser dito.

— Obrigada — eu disse. Abri a porta da varanda, entrei e tranquei. Destranquei a porta dos fundos e entrei, acendendo a luz da cozinha.

Havia um vazio silencioso na casa, que achei imediatamente confortante, e o ar-condicionado estava fazendo o possível para deixar tudo fresco.

Embora tenha saído do combate no Fangtasia melhor do que qualquer outro, pelo menos fisicamente, me senti abatida e machucada. Eu estaria dolorida no dia seguinte. Tirei o cinto grande e devolvi o cluviel dor à minha gaveta de maquiagem. Tirei o vestido manchado, fui à varanda para jogá-la na lavadora em molho frio, e entrei no chuveiro, deixando a água tão quente quanto o suportável. Depois que me esfreguei, mudei a temperatura para fria. Estava deliciosamente limpa e refrescada, quando saí para me secar.

Imaginei se começaria a chorar, rezar ou sentar num canto com os olhos arregalados pelo resto da noite. Mas nenhuma dessas reações surgiu. Fui para a cama me sentindo aliviada, como se tivesse tido uma cirurgia bem-sucedida ou uma biópsia com resultado bom.

Eu pensava, enquanto me encolhia numa bola e me acalmava para dormir, que o fato de que podia dormir esta noite era quase tão assustador quanto qualquer outra coisa.

Capítulo 17

Todas as mulheres em minha sala estavam felizes. Algumas delas estavam mais felizes do que outras, verdade, mas nenhuma se sentia miserável. Elas estavam lá para dar presentes a alguém que os merecia e estavam felizes por Tara esperar gêmeos. Todo papel amarelo, verde, azul e rosa amontoava-se de forma quase esmagadora, mas Tara estava ganhando um bocado de coisas que precisava e queria.

Dermot discretamente ajudava com os refrescos e juntava os papéis de presente rasgados para manter o chão limpo. Algumas das convidadas mais velhas definitivamente encontravam-se na fase cambaleante, então não precisávamos de nada no chão que pudesse fazê-las escorregarem. A mãe e a avó de JB estavam aqui, e a avó dele tinha setenta e cinco anos contados.

Quando Dermot apareceu na porta dos fundos mais cedo, deixei-o entrar e voltei para meu café sem uma palavra. Assim que ele entrou pela porta, me senti nitidamente melhor. Talvez eu não tenha percebido o contraste nessas últimas semanas porque estive envolvida demais no vínculo de sangue? Estive sob a influência de um bocado de coisas sobrenaturais. Não podia dizer que me sentia melhor por estar sozinha, mas certamente me deixou mais em contato com a realidade.

Assim que minhas convidadas deram uma boa olhada em Dermot e perceberam o quanto ele se parecia com Jason, houve muitas sobrancelhas arqueadas. Contei-lhes que ele era um primo distante da Florida, e captei de vários cérebros que as senhoras consultariam suas árvores genealógicas para descobrir uma conexão na Florida para minha família.

Sentia-me como eu mesma hoje. Senti que estava fazendo o que devia, na comunidade onde vivia. Eu podia nem ser aquela mesma pessoa que participou de um massacre na noite anterior.

Dei um gole em meu copo. O ponche de Maxine ficou bom, o bolo que peguei da padaria era delicioso, minhas tiras de queijo estavam crocantes e só um pouco apimentadas, e as nozes salgadas estavam suficientemente tostadas. Jogamos Bingo do Bebê enquanto Tara abria seus presentes, e ela brilhou e disse “Obrigada” um milhão de vezes.

Me senti cada vez mais como a velha Sookie Stackhouse enquanto o evento progredia. Estava ao redor de pessoas que entendia, fazendo algo bom.

Como uma espécie de bônus, a avó de JB contou-me uma história adorável sobre minha avó. Levando tudo em conta, era uma boa tarde.

Quando fui para a cozinha com uma bandeja cheia de pratos sujos, pensei, *Isto é felicidade. A noite passada não era a verdadeira "eu"*.

Mas foi. Eu sabia—mesmo enquanto pensava nisso—que não seria capaz de me enganar. Eu mudei a fim de sobreviver, e estava pagando o preço pela sobrevivência. Tinha que estar disposta a mudar para sempre, ou tudo que me forcei a fazer seria para nada.

— Você está bem, Sookie? — Dermot perguntou ao trazer mais copos.

— Sim, obrigada. — Tentei sorrir para ele, mas pareceu um esforço débil.

Houve uma batida na porta dos fundos. Imaginei que fosse uma convidada atrasada, tentando entrar discretamente.

O sr. Cataliades estava ali. Ele usava um terno, como sempre, mas pela primeira vez pareceu ser a pior escolha. Ele não parecia tão redondo como o habitual, mas sorria educadamente. Eu estava espantada com sua presença e não totalmente certa de que queria conversar com ele, mas se era o sujeito que podia responder as grandes questões sobre minha vida, eu realmente não tinha muita escolha.

— Entre — falei, abrindo espaço e segurando a porta aberta.

— Srta. Stackhouse — ele disse formalmente. — Obrigado pelas boas-vindas.

Ele fitou Dermot, orgulhoso pela confiança depositada para lidar com a porcelana de minha avó, lavando os pratos cuidadosamente. — Jovem — disse em consideração.

Dermot virou-se e congelou. — Demônio — ele respondeu. Então se virou para a pia, mas eu podia notar que estava pensando freneticamente.

— Você se encontra numa ocasião social? — O sr. Cataliades me perguntou. — Percebo que há várias mulheres na casa.

Eu nem tinha notado a cacofonia de vozes femininas flutuando pelo corredor, mas soava como se houvesse sessenta mulheres na sala de estar, ao invés de vinte e cinco. — Sim — concordei. — É um chá de bebê para uma amiga minha.

— Talvez eu possa sentar à mesa de sua cozinha até terminar? — ele sugeriu. — E talvez um lanche?

Lembrada de meus modos, respondi: — Claro, pode ter o que quiser!
— Rapidamente, fiz um sanduíche de presunto, servi um pouco de batatas

fritas e picles, e preparei um prato separado com petiscos da festa. Eu até lhe servi um copo de ponche.

Os olhos escuros do sr. Cataliades brilharam ao ver a comida diante dele. Podia não ser tão sofisticada quanto estava acostumado (embora, pelo que eu sabia, ele podia comer rato cru), mas a consumiu com disposição. Dermot pareceu bem, se não exatamente relaxado, por ficar no mesmo aposento com o advogado, então os deixei para tirar o melhor proveito da situação e voltei para a sala. A anfitriã não podia ficar afastada por muito tempo; não era educado.

Tara tinha aberto todos os presentes. Sua assistente de loja, McKenna, anotara todos os presentes e quem os deu, colando os cartões em cada contribuição. Todas falavam a respeito dos próprios partos—ah, alegria—e Tara respondia perguntas sobre seu obstetra, o hospital onde faria o parto, quais nomes pensara para os bebês, se já sabiam o sexo dos gêmeos, quanto tempo faltava para a data fatídica, e assim por diante. Gradualmente, as convidadas começaram a partir e, quando todas se foram, tive que recusar ofertas sinceras de Tara, sua sogra e da namorada de Jason, Michele, para ajudar com os pratos. Respondi-lhes: — Não, senhora, deixe-os lá, é meu serviço —, e pude ouvir as palavras de minha avó saindo direto de minha boca. Aquilo quase me fez rir. Se não tivesse um demônio e uma fada na minha cozinha, eu até poderia. Carregamos todos os presentes para os carros de Tara e da sua sogra e Michele contou que ela e Jason fariam peixe frito no próximo fim de semana e queriam que eu fosse. Disse que pensaria, aquilo soava maravilhoso.

Foi um enorme alívio quando todos os humanos se foram.

Eu teria me jogado na poltrona e lido por meia hora, ou assistido um episódio de *Jeopardy!* antes de começar a limpar se não tivesse os dois homens esperando na cozinha. Ao invés disso, tive que marchar de volta, carregada com mais pratos e copos.

Para minha surpresa, Dermot tinha ido embora. Não notei seu carro saindo pelo pátio, mas presumi que se misturou a todas as outras convidadas partindo. O sr. Cataliades estava sentado na mesma cadeira, bebendo um copo de café. Ele colocara seu prato sobre a pia. Não lavou, mas recolheu.

— Então, — falei — elas partiram. Você não comeu Dermot, comeu?

Ele deu um largo sorriso. — Não, cara srta. Stackhouse, não comi. Embora eu tenha certeza que ele seria apetitoso. O sanduíche de presunto estava delicioso.

— Fico feliz que tenha gostado — respondi automaticamente. — Ouça, sr. Cataliades, eu encontrei uma carta de minha avó. Não estou certa de que entendo nosso relacionamento corretamente, ou talvez só não entenda o que significa você ser meu padrinho.

Seu sorriso aumentou. — Embora eu esteja com um pouco de pressa, farei tudo que puder para dissipar sua confusão.

— Está bem. — Imaginei por que ele estava com pressa, se ainda estava sendo perseguido, mas não seria distraída. — Deixe-me repetir isso de novo e você pode me dizer se entendi direito.

Ele acenou a cabeça redonda.

— Você era um bom amigo de meu avô biológico, Fintan. Irmão de Dermot.

— Sim, o gêmeo de Dermot.

— Mas você não parece gostar muito de Dermot.

Ele deu de ombros. — Não.

Eu quase saí pela tangente ali, mas me fixei em minha linha de raciocínio. — Então, Fintan ainda estava vivo quando Jason e eu nascemos.

Desmond Cataliades concordou entusiasticamente. — Sim, ele estava.

— Minha avó disse na carta que você visitou meu pai e a irmã, os verdadeiros filhos de Fintan.

— Eu estive aqui.

— Então, você lhes deu — a nós — um presente?

— Eu tentei, mas nem todos puderam aceitar. Não eram todos que possuíam a centelha essencial.

Aquela foi uma frase que Niall usou. — O que é a centelha essencial?

— Que pergunta inteligente! — o sr. Cataliades disse, me tratando como se eu fosse um macaco que abriu um alçapão para recuperar a banana. — O presente que dei ao meu querido amigo Fintan foi que, qualquer de seus descendentes humanos que possuísse a centelha essencial, seria capaz de ler as mentes de seus pares humanos, assim como eu.

— Então, quando aconteceu de meu pai ou tia Linda não terem, você voltou quando Jason e eu nascemos.

Ele assentiu. — Vê-los não era absolutamente necessário. Afinal, o presente foi dado. Mas ao visitar Jason e então você, eu pude saber com

certeza. Fiquei muito animado quando segurei você, embora ache que sua pobre avó tenha ficado assustada.

— Então só eu e... — engoli o nome de Hunter. O sr. Cataliades escrevera o testamento de Hadley e ela não mencionara Hunter. Era possível que ele não soubesse que Hadley teve um filho. — Só eu tive, até agora. E você ainda não explicou o que é a centelha.

Ele me lançou um olhar arqueado como se dissesse que, com certeza, não conseguia esconder nada de mim. — A centelha essencial não é fácil de explicar em termos de seu DNA — ele contou. — É uma abertura para o outro mundo. Alguns humanos literalmente não conseguem acreditar que existem criaturas em outro mundo além do nosso, criaturas que tem sentimentos, direitos e crenças, e merecem viver suas próprias vidas. Humanos que nascem com a centelha essencial, nascem para experimentar ou realizar algo maravilhoso, algo incrível.

Eu fiz algo bem incrível na noite passada, mas certamente não foi maravilhoso... a não ser que você odeie vampiros.

— Vovó possuía a centelha essencial — falei, de repente. — Então Fintan achou que encontraria em um de nós.

— Sim, porém ele nunca quis que eu desse a ela meu presente. — O sr. Cataliades olhou esperançosamente para a geladeira e eu levantei para preparar-lhe outro sanduíche de presunto. Dessa vez, eu fatiei um pouco de tomate fresco e coloquei no pratinho; ele empilhou cada pedacinho no sanduíche e ainda assim conseguiu comer graciosamente. Agora aquilo era sobrenatural.

Quando ele terminou metade do sanduíche, o sr. Cataliades parou para dizer: — Fintan amava humanos, amava mulheres humanas em especial, e amou ainda mais mulheres humanas com a centelha essencial. Elas não são fáceis de se encontrar. Ele adorava tanto Adele que colocou um portal na floresta para que pudesse visitá-la mais facilmente, e receio que foi travesso o suficiente para...

E foi a vez do sr. Cataliades se deter e me olhar desconfortável, pensando as palavras.

— Ele pegava meu avô para um test drive de vez em quando — falei. — Dermot reconheceu Fintan em algumas fotos de família.

— Receio que tenha sido malicioso da parte dele.

— Sim — respondi seriamente. — Foi muito malicioso.

— Ele teve grandes esperanças quando seu pai nasceu, e eu estive aqui um dia depois de ele examiná-lo, mas era bem normal, embora fosse atraente e magnético claro, como são aqueles parte fae. Linda, a segunda filha também era. E lamento sobre o câncer; aquilo não devia ter acontecido. Eu culpo o ambiente. Ela devia ter sido perfeitamente saudável a vida toda. Seu pai teria sido, se o terrível conflito interno não tivesse irrompido entre as fadas. Talvez se Fintan tivesse sobrevivido, a saúde de Linda teria permanecido com ela. — O sr. Cataliades deu de ombros. — Adele tentou encontrar Fintan para perguntar se havia algo que ele podia fazer por Linda, mas então, ele já tinha falecido.

— Me pergunto por que ela não usou o cluviel dor para curar o câncer de tia Linda.

— Eu não sei — ele respondeu, com aparente pesar. — Conhecendo Adele, imagino que não tenha achado que seria Cristão. É possível que nem se lembrasse que o possuía na época, ou que o considerou um romântico símbolo de amor, mas nada mais. Afinal, na época em que a doença da filha tornou-se evidente, havia se passado muitos anos desde que lhe dei em nome de Fintan.

Pensei arduamente, tentando dividir aquela conversa para descobrir o que eu tinha que saber. — Por que diabos você achou que telepatia seria um grande presente? — deixei escapar.

Pela primeira vez, ele pareceu um pouco aborrecido. — Achei que daria aos descendentes de Fintan um parâmetro sobre seus pares humanos por toda a vida, saber o que as outras pessoas estavam pensando e planejando — disse. — E já que sou quase completamente demônio, e tinha que dar, pareceu um presente esplêndido para mim. Seria maravilhoso até para uma fada! Se seu bisavô tivesse sabido que os partidários de Breandan estavam determinados a assassiná-lo, ele podia ter debelado a rebelião antes de acontecer. Seu pai podia ter salvado a si e sua mãe do afogamento se soubesse que uma armadilha foi armada para ele.

— Mas essas coisas não aconteceram.

— Fadas puros-sangues não são telepáticas—embora possam às vezes enviar mensagens, elas não conseguem ouvir uma resposta—e seu pai não possuía a centelha essencial.

Aquilo parecia uma espécie de conversa recorrente.

— Então tudo se resume a isto: já que vocês dois eram tão bom amigos, Fintan pediu-lhe que você desse aos descendentes dele e Adele um presente, para agir como seu—nosso—padrinho.

O sr. Cataliades sorriu. — Correto.

— Você estava disposto a fazer isso, e achou que telepatia seria um ótimo presente.

— Correto novamente. Embora pareça que cometi um erro.

— Você cometeu. E você deu este presente de alguma forma demoníaca misteriosa...

— Não tão misteriosa — ele disse, indignado. — Adele e Fintan beberam um dedal de meu sangue.

Okay, eu *não* conseguia imaginar minha avó fazendo isso. Mas também não poderia tê-la imaginado relacionando-se com uma fada, tampouco. De fato, tornou-se óbvio que eu conhecia minha avó muito bem em alguns aspectos e nem tanto em outros.

— Coloquei em vinho e disse a ela que era de uma safra especial — o sr. Cataliades confessou. — E, de certo modo, era.

— Okay, você mentiu. Nenhuma grande surpresa aí — respondi. Embora Vovó tenha sido bem esperta, eu tinha certeza que, pelo menos, teve suspeitas. Sacudi as mãos no ar. Podia pensar naquilo mais tarde. — Tudo bem. Então, depois que ambos ingeriram seu sangue, qualquer descendente deles seria telepático se também nascessem com essa centelha essencial.

— Correto. — Ele deu um sorriso tão largo que senti que ganhei nota A em meu teste.

— E minha avó nunca usou o cluviel dor.

— Não, ele só pode ser usado uma vez. Um belo presente de Fintan para Adele.

— Eu posso usá-lo para tirar minha telepatia?

— Não, minha querida, seria como desejar tirar seu baço ou seus rins. Mas um pensamento interessante.

Então eu não podia ajudar Hunter com ele. Ou, tampouco a mim mesma. Droga.

— Eu posso matar alguém com ele?

— Sim, claro, se esse alguém está ameaçando aquele que você ama. Diretamente. Você não poderia causar a morte de seu avaliador do fisco... a não ser que ele estivesse ameaçando seu irmão com um machado, digamos.

— Foi coincidência Hadley ter se envolvido com a rainha?

— Na verdade não, porque ela é parte fada e, como sabe, a parte fada é muito atraente para vampiros. Era só uma questão de tempo antes que um vampiro aparecesse no bar e a visse.

— Ele foi mandado pela rainha.

— Não me diga. — Cataliades não parecia nem um pouco surpreso. — A rainha nunca me perguntou a respeito do dom, e eu nunca lhe contei que era seu padrinho. Ela nunca prestou muita atenção ao mundo dos fae a não ser que quisesse beber sangue de fada. Ela certamente nunca ligou para quem eram meus amigos ou como passava meu tempo.

— Quem está atrás de você agora?

— Uma questão pertinente, minha querida, mas uma que não posso responder. De fato, fui capaz de senti-los se aproximar nessa última meia hora, e eu devo partir. Notei algumas proteções excelentes em sua casa, e devo parabenizá-la. Quem as colocou?

— Bellenos. Um elfo. Ele está no clube chamado Hooligans, em Monroe.

— Bellenos. — O sr. Cataliades pareceu pensativo. — Ele é meu primo em quinto grau por parte de mãe, eu acho. A propósito, de modo algum deixe a ralé reunida no Hooligans saber que você possui um cluviel dor, porque eles irão matá-la por ele.

— O que acha que devo fazer com ele? — perguntei, curiosa. Ele estava de pé, endireitando o paletó azul de verão. Apesar de estar quente lá fora e ele ser pesado, ele não suava quando o deixei entrar. — E onde está Diantha? — Sua sobrinha era tão diferente do sr. Cataliades quanto se podia imaginar, e eu meio que gostava dela.

— Ela está longe e segura — respondeu bruscamente. — E quanto ao cluviel dor, não posso aconselhá-la. Já fiz o suficiente por você, aparentemente. — Simples assim, ele saiu pela porta dos fundos. Tive um vislumbre de seu corpo pesado movendo-se a uma velocidade incrível através do quintal, e então ele simplesmente se perdeu de vista.

Bem, aquilo foi bem incrível—e agora eu estava sem presunto.

Que conversa esclarecedora—de certa maneira. Agora eu sabia mais a respeito de minha própria história. Sabia que minha telepatia foi uma espécie de presente de chá de bebê pré-natal, de Desmond Cataliades para seu amigo Fintan a fada, e minha avó. Aquilo era uma revelação surpreendente, apesar de tudo.

Depois que terminei de pensar a respeito ou, pelo menos, meditei tanto quanto podia suportar, pensei na referência de Cataliades à ralé no Hooligans. Ele possuía uma opinião desfavorável sobre a reunião de exilados. Me perguntei, mais do que nunca, o que os fae faziam em Monroe, o que estavam tramando e planejando. Não podia ser nada bom. E pensei em Sandra Pelt, ainda em algum lugar lá fora e determinada a me ver morrer.

Quando minha cabeça ficou exausta, deixei minhas mãos tomarem conta. Guardei a comida de sobra, transferindo-as das lindas travessas para os sacos herméticos. Lavei o enfeite de mesa e um par de tigelas de vidro. Olhei pela janela enquanto as enxaguava, e foi como vim a observar duas listras cinzentas cruzando o quintal em grande velocidade. Não consegui identificar o que vi, e quase chamei o centro de zoonoses. Mas então percebi que as criaturas estavam perseguindo o advogado parte-demônio e, na velocidade em que se moviam, já deviam estar bem longe. Além disso, não seria inteligente tentar atrair qualquer coisa que pudesse se mover daquele jeito para uma jaula atrás de uma caminhonete. Esperava que o sr. Cataliades estivesse com os tênis de corrida. Eu não verifiquei.

Justo quando terminei de limpar tudo e vesti calção e uma regata marrom, Sam ligou. Não havia sons do bar nos fundos: nada de gelo tilintando em copos, jukebox, nenhum murmúrio de conversa. Ele devia estar no trailer. Mas era sábado, no meio da tarde, quando o Merlotte's estaria ficando movimentado. Talvez ele tivesse um encontro com Jannalynn?

— Sookie — disse, e sua voz soou esquisita. Meu estômago deu um nó instantaneamente. — Você pode vir à cidade? Venha ao trailer. Alguém lhe deixou um pacote no bar.

— Quem? — perguntei. Estava olhando no espelho da sala de estar enquanto conversava com Sam, e vi que parecia tensa e assustada.

— Eu não o conheço — Sam respondeu. — Mas com certeza é uma bela caixa com um grande laço. Talvez você tenha um admirador secreto. — Sam enfatizou aquelas palavras, mas não de maneira óbvia.

— Eu acho que sei quem pode ser — falei, colocando um sorriso em minha voz. — Claro, Sam, eu vou. Oh, espere! Você podia trazer aqui? Ainda estou limpando as coisas da festa. — Aqui seria bem mais silencioso.

— Deixe-me verificar — disse Sam. Houve silêncio enquanto ele cobria o bocal com a mão. Pude ouvir uma pequena conversa abafada, nada

específico. — Será ótimo — respondeu, soando como se fosse qualquer coisa, exceto ótimo. — Sairemos daqui a alguns minutos.

— Legal — respondi, genuinamente satisfeita. Aquilo me dava algum tempo para planejar uma acolhida. — Até lá então. — Depois que desliguei, fiquei parada por um instante, organizando os pensamentos antes de correr até o armário da frente e pegar minha espingarda. Examinei-a para ter certeza de que estava pronta. Esperando ganhar um elemento surpresa, decidi me esconder na floresta. Amarrei um tênis de corrida e saí pelos fundos, contente por ter vestido uma regata de cor escura.

Não foi a caminhonete de Sam que surgiu na entrada, era o carrinho de Jannalynn. Jannalynn dirigia, Sam se encontrava no assento do passageiro na frente e alguém estava no banco de trás.

Jannalynn desceu primeiro e olhou ao redor. Ela podia sentir meu cheiro, sabia que eu estava por perto. Provavelmente podia sentir o cheiro da arma também. Ela sorriu e foi um sorriso terrível. Ela esperava que eu atirasse na pessoa que os forçou a vir até ali, atirasse para matar.

Claro, a pessoa apontando uma arma para eles, a pessoa no assento traseiro, era Sandra Pelt. Sandra desceu com um rifle na mão e apontou para o carro, ficando a uma distância cuidadosa. Então Sam saiu. Ele estava zangado como o inferno; pude notar pela postura dos ombros.

Sandra parecia mais velha, magra e louca do que há alguns dias atrás. Ela tingira o cabelo de preto e as unhas combinavam. Se fosse outra pessoa, eu teria sentido pena—pais mortos, irmã morta, problemas mentais. Mas minha compaixão sumia quando alguém apontava um rifle para pessoas com quem me importava.

— Apareça, Sookie! — Sandra cantarolou. — Apareça! Eu te peguei agora, seu pedaço de merda!

Sam moveu-se discretamente para a direita de Sandra, tentando virar-se para encará-la. Jannalynn também começou a se mover ao redor do carro. Sandra, temerosa por estar perdendo o controle da situação, começou a gritar com eles. — Fiquem parados, não se movam, ou atiro em vocês! Você, cadela! Não quer ver a cabeça dele explodir, quer? Seu amantezinho de cachorro?

Jannalynn sacudiu a cabeça. Ela usava shorts também, e uma camiseta do Pêlo de Cachorro. Suas mãos tinham farinha. Ela e Sam andaram cozinhando.

Eu podia deixar isto se estender ou entrar em ação. Estava longe demais, mas tinha que arriscar. Sem responder Sandra, saí da floresta e atirei.

O rugido da Benelli de uma direção inesperada pegou todo mundo de surpresa. Vi manchas vermelhas aparecerem no braço esquerdo e na bochecha de Sandra, e ela cambaleou por um instante, chocada. Mas aquilo não deteria uma Pelt, de jeito nenhum. Sandra manejou o rifle e apontou-o para mim. Sam pulou nela, mas Jannalynn chegou primeiro. Jannalynn agarrou o rifle, arrebatou-o das mãos de Sandra, jogou-o para longe e então a batalha começou. Eu nunca vi duas pessoas lutarem contra a outra tão ferozmente, e dada minhas experiências recentes, isso dizia algo.

Eu não conseguia encontrar um modo de atirar em Sandra novamente, não com Jannalynn lutando contra ela no mano-a-mano. As duas mulheres tinham quase o mesmo tamanho, pequenas e vigorosas, mas Jannalynn nasceu para lutar enquanto Sandra estava mais acostumada com brigas rápidas. Sam e eu as rodeamos enquanto elas se socavam, mordiam, puxavam os cabelos e faziam tudo que conseguissem possivelmente fazer uma contra a outra. Verdadeiro dano era infligido em ambos os lados e, após alguns segundos, a lateral de Jannalynn ficou manchada de vermelho, e o fluxo do ferimento de espingarda em Sandra acelerou. Sam intrometeu-se entre a dupla briguenta—era como colocar a mão num ventilador—para agarrar o cabelo de Sandra e puxar, e ela gritou como uma banshee*, dispensando um punho para socar o rosto de Sam. Ele continuou agarrando seus cabelos, embora eu tenha achado que ela quebrou seu nariz.

Me senti obrigada a fazer minha parte—afinal, isso era culpa minha—então esperei a vez. Estranhamente, foi como esperar para pular corda quando eu estava no playground da escola primária. Quando vi minha chance, avancei na zona de combate, agarrando a primeira coisa que apareceu na minha mão, o antebraço esquerdo de Sandra. Com o ímpeto contido, ela não conseguiu acertar o soco que estava mirando no rosto de Jannalynn. Ao invés disso, Jannalynn levantou um dos próprios punhos duros e pequenos, e nocauteou Sandra Pelt ao ponto da inconsciência.

De repente, eu estava amparando o ombro de uma mulher completamente flácida. Soltei e ela caiu no chão. Sua cabeça pendia estranhamente. Jannalynn quebrara o pescoço dela. Eu não sabia se Sandra estava viva ou morta.

---

* Criatura fantástica da mitologia celta, espécie de fada do mal. Diz-se que, quando alguém vê uma banshee, este morrerá em breve. A banshee anuncia a morte iminente com um grito.

— Foda-se — disse Jannalynn, satisfeita. — Foda-se, foda-se bem fodido.

— Amém — disse Sam.

Eu explodi em lágrimas. Jannalynn pareceu enojada. — Eu sei, eu sei — eu disse inconsolavelmente, — mas vi um bocado de gente ser morta ontem à noite, e essa foi a gota d'água! Sinto muito. — Acho que Sam teria me abraçado se Jannalynn não estivesse ali. Sei que ele pensou nisso. Era o que importava.

— Ela não se foi por completo — disse Jannalynn após um momento de concentração na inerte Sandra, e antes que Sam ou eu pudéssemos dizer ou fazer algo, ela ajoelhou-se ao lado de Sandra, fechou os punhos e golpeou seu crânio.

E foi isso.

Sam olhou do cadáver para mim. Eu não sabia o que dizer ou fazer. Tenho certeza que meu rosto refletiu essa incapacidade.

— Bem — disse Jannalynn animadamente, limpando o pó das mãos com o ar de alguém que finalmente completou um serviço desagradável, — o que devemos fazer com o corpo?

Talvez eu devesse instalar um crematório no quintal. — Devemos ligar para o xerife? — perguntei, já que senti a obrigação de pelo menos sugerir.

Sam pareceu preocupado. — Mais notícias ruins para o bar — disse. — Me desculpe por pensar nisso, mas eu tenho.

— Ela pegou vocês dois como reféns — falei.

— Nós que o digamos.

Entendi o ponto de Sam.

Jannalynn falou: — Não acho que alguém tenha nos visto deixar o bar com ela. Ela estava abaixada no banco traseiro.

— O carro dela ainda está na minha casa — respondeu Sam.

— Eu sei de um lugar onde ela nunca será encontrada — me ouvi dizer, para minha própria e completa surpresa.

— E onde seria? — Jannalynn perguntou. Ela olhou para mim e eu pude notar que nós nunca seríamos melhores amigas ou pintaríamos as unhas uma da outra. Aww.

— Vamos jogá-la no portal — respondi.

— O quê? — Sam ainda observava o corpo, parecendo enjoado.

— Vamos jogá-la no portal das fadas.

Jannalynn me olhou boquiaberta. — Existem fadas aqui?

— Não no momento. É difícil explicar, mas eu tenho um portal em minha floresta.

— Você é... — Ela parecia não conseguir pensar em como terminar a frase. — Uma surpresa e tanto — disse finalmente.

— É o que todos dizem.

Já que Jannalynn ainda estava sangrando, eu me debrucei para pegar os pés de Sandra. Sam pegou os ombros. Ele parecia ter superado o pior do choque. Respirava pela boca, já que o nariz quebrado estava entupido. — Para onde seguimos? — perguntou.

— Okay, fica a cerca de um quarto de milha naquela direção. — Inclinei a cabeça na direção certa, já que as mãos estavam ocupadas.

Então, lá fomos nós, lenta e desajeitadamente. O sangue parou de gotejar, ela era leve e foi tudo bem, tanto quanto carregar um corpo através da floresta pode ir. Falei: — Acho que, ao invés de chamar isto aqui de casa dos Stackhouse, vou simplesmente chamar de Fazenda de Corpos.

— Como aquele lugar no Tennessee? — disse Jannalynn, para minha surpresa.

— Correto.

— Patricia Cornwell escreveu um livro com esse nome, não? — disse Sam, e eu quase sorri. Esta era uma discussão bem civilizada para se ter sob aquelas circunstâncias. Talvez eu ainda estivesse um pouco entorpecida por causa da noite anterior, ou talvez estivesse continuando com meu processo de endurecimento para sobreviver ao mundo ao meu redor, mas descobri que simplesmente não me importava com Sandra. Os Pelts tiveram uma vingança pessoal contra mim por nenhuma boa razão durante um longo tempo, e agora estava acabado.

Eu finalmente compreendi algo a respeito do caos da noite passada. Não eram as mortes individuais que eu achava tão terrível, mas o nível de violência, o puro horror de ver tanta coisa ser compartilhada e estabelecida... Assim como achei a execução de Sandra por Jannalynn a coisa mais perturbadora a respeito do encontro de hoje. A não ser que eu estivesse enganada, Sam achava o mesmo também.

Alcançamos o pequeno espaço aberto entre as árvores. Fiquei contente ao ver a pequena distorção no ar que traía o portal de Faery. Apontei silenciosamente, como se os fae pudessem me ouvir (e por tudo que eu sabia, eles podiam). Após um ou dois segundos, Jannalynn e Sam avistaram o que eu estava tentando lhes mostrar. Eles observaram curiosamente, e

Jannalynn foi mais longe ao estender o dedo. Seu dedo desapareceu de vista e, com um gritinho, ela puxou a mão. Ela ficou definitivamente aliviada, ao ver que o dedo ainda se encontrava grudado.

— Conte até três — falei e Sam assentiu. Ele moveu-se da ponta do corpo de Sandra para a lateral e facilmente, como se tivéssemos praticado, nós enfiamos o cadáver no buraco mágico. Não teria funcionado se ela não fosse tão pequena.

Então esperamos.

O corpo não foi cuspidado de volta. Ninguém saltou para fora com uma espada, exigindo nossas vidas por profanar a terra dos fae. Ao invés disso, ouvimos rosnados e ganidos e congelamos, com nossos olhos arregalados e os braços tensos, esperando que algo surgisse no portal, algo que teríamos de enfrentar.

Mas nada apareceu. Os ruídos continuaram e foram gráficos o suficiente: rasgos e mordidas, mais rosnados e então, depois de alguns sons tão perturbadores que nem tentarei descrevê-los, houve silêncio. Imaginei que não sobrou nada de Sandra.

Nos arrastamos de volta pela floresta até o carro. As portas ainda se encontravam abertas, e a primeira coisa que Sam fez foi fechá-las para silenciar os apitos. Havia manchas de sangue no chão. Desenrolei a mangueira do jardim e liguei a torneira. Sam molhou as marcas sangrentas e deu uma bela enxaguada no carro de Jannalynn enquanto isso. Num momento angustiante—*outro* momento angustiante—Jannalynn endireitou o nariz quebrado de Sam e, embora ele tenha gritado e lacrimado, eu sabia que o nariz melhoraria.

O rifle de Sandra foi mais problemático do que o corpo. Eu não ia usar o portal como lata de lixo, e era o que pareceria se jogasse o rifle depois do corpo. Após alguma discussão, Jannalynn e Sam decidiram jogá-lo na floresta, no caminho de volta ao trailer de Sam, e acho que foi o que fizeram.

Fui deixada sozinha em casa, após dois dias verdadeiramente espantosos e horríveis. Horripelantemente espantosos? Espantosamente horríveis? Ambos.

Sentei na cozinha, com um livro aberto sobre a mesa diante de mim. O sol ainda iluminava o quintal, mas as sombras estavam se alongando. Pensei no cluviel dor, que não tive chance de usar no encontro do quintal. Devia carregá-lo comigo a cada minuto do dia? Perguntei-me se as coisas

cinzas atrás do sr. Cataliades já o tinham alcançado e me perguntei se sentiria tristeza caso aquilo tivesse acontecido. Imaginei se os vampiros conseguiram limpar o Fangtasia a tempo de abrir, e imaginei se telefonaria ao bar para descobrir. Haveria humanos lá para atender ao telefone: Mustapha Khan, talvez seu amigo Warren.

Perguntei-me se Eric já tinha conversado com Felipe sobre o desaparecimento do Regente da Louisiana. Perguntei-me se Eric escreveu para a Rainha de Oklahoma.

Talvez o telefone tocasse quando a escuridão caísse. Talvez não. Eu não conseguia decidir o que teria desejado.

O que eu queria era fazer algo completamente normal.

Caminhei com os pés descalços e um grande copo de chá gelado até a sala de estar. Hora de assistir alguns de meus episódios gravados de *Jeopardy!*

Criaturas Perigosas por duzentos, alguém?

* * * *